UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Sociologia

ADRIANA GARCÍA MARTÍNEZ

A CIMENTAÇÃO DA VIDA LABORAL DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Trabalhador na construção do Viaduto “El Molinito”, 2013.

Belo Horizonte
2019

ADRIANA GARCÍA MARTÍNEZ

A CIMENTAÇÃO DA VIDA LABORAL DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidades Federal De Minas Gerais, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos

Belo Horizonte
2019

301
G216c
2019

García-Martínez, Adriana.

A cimentação da vida laboral dos trabalhadores da construção civil [manuscrito] / Adriana García-Martínez. - 2019.

230 f. : il.

Orientadora: Yumi Garcia dos Santos .

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Sociologia – Teses. 2.Trabalhadores da construção - Teses. 3.Mercado de trabalho - Teses. 4.Construção civil - Teses. I. Santos, Yumi Garcia dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE TESE

ADRIANA GARCIA MARTINEZ

Aos 23 (vinte e três) dias do mês de abril de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado, intitulada: **"A CIMENTAÇÃO DA VIDA LABORAL DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL".** A banca foi composta pelos professores doutores **Yumi Garcia dos Santos** (Orientadora – DSO/UFMG), **Andréa Maria Silveira** (DSO/UFMG), **André Dumans Guedes** (Universidade Federal Fluminense - UFF), **Everaldo Batista da Costa** (Universidade de Brasília – UNB) e **Luciano Rodrigues Costa** (Universidade Federal de Viçosa - UFV).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X)
Reprovação da Tese ( )
Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.
Belo Horizonte, 23 de abril de 2019.

Profa. Dra. Yumi Garcia dos Santos (Orientador – DSO/UFMG)

Profa. Dra. Andréa Maria Silveira (DSO/UFMG)

Prof. Dr. André Dumans Guedes (Universidade Federal Fluminense - UFF)

Prof. Dr. Everaldo Batista da Costa (Universidade de Brasília – UNB)

Prof. Dr. Luciano Rodrigues Costa (Universidade Federal de Viçosa - UFV)

Agradecimentos

Começo por formalizar meu agradecimento ao Programa de Alianças para a Educação e Capacitação (PAEC) da Organização dos Estados Americanos (OEA), que em parceria com o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB) e a Universidade Federal de Minas Gerais brindaram a possibilidade para ter uma estadia acadêmica, e de vida, no Brasil. Mesmo que dirijo ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, por ter me recebido como aluna do doutorado.

Á Dra. Yumi Garcia dos Santos agradeço por ter acompanhado as diferentes etapas desta tese – primeiro, no Grupo de Metodologia Qualitativa, e, posteriormente, como orientadora – outorgando seu interesse, respeito e confiança a minha proposta, pelo intercâmbio de reflexões e por compartilhar sugestões úteis para o desenvolvimento desta pesquisa. Também dou meu agradecimento aos Drs. André Dumans Guedes, Everaldo Batista da Costa, Luciano Rodrigues Costa e à Dra. Andréa Maria Silveira por terem aceitado ser parte da banca de defesa, pois, o convite foi realizado com o conhecimento de sua qualidade profissional e crítica na pesquisa social, brindando importantes contribuições nesta tese.

Dou reconhecimento aos Drs. Dimitri Fazito e Joaquim Tomasi, pelas contribuições realizadas que ajudaram na reflexão e enriqueceram o desenvolvimento desta pesquisa. E à Dr. Ana Marcela Ardila Pinto pelo apoio outorgado no começo do doutorado.

Estou muito agradecida aos trabalhadores e às trabalhadoras da construção civil de Belo Horizonte e Cidade do México que com suas conversas, entrevistas e horários de almoço que compartilharam comigo me aproximaram a seu cotidiano, intercambiaram experiências e fizeram possível o desenvolvimento desta pesquisa. Também à Patrícia, Tuca, Olga, Valdez e Marcos por abrirem as portas da Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves e do Sindicato Marreta para intercambiar momentos que foram além do trabalho de campo e por compartilhar sua sede de justiça, digna de ser saciada; pelo que, também, desejo que seu projeto educativo consiga ter continuidade.

Um especial agradecimento para a Dra. Martha Chávez Torres, por seguir compartilhando seus conhecimentos e seu apoio, importantes no forjamento de minha trajetória profissional, assim como, sua força e alegria, que inspiram. Aos Drs. Armando Sánchez Albarrán, Francis Mestries Benquet e Jorge Mercado Mondragón por terem transmitido ensinamentos que até hoje são de grande importância para mim.

Sou grata com a vida por, nesta experiência, me ter permitido conhecer Camila, Caroline, Lidiane, Joice, Guilherme, Regis, Antônio, que me abraçaram em suas vidas e abriram as portas de suas casas; fazendo mais leve o doutorado, dando felicidade à minha estadia em Belo Horizonte e compartilhando suas lutas, pelo que os admiro e quero. Em especial dou um agradecimento a Camila e ao Regis por terem sido um importante suporte no final deste processo. A cada uma delas e deles dou reconhecimento pelos aportes, conversas, leituras e revisões que fizeram possível o desenvolvimento deste documento. Assim como este documento, também meu coração fica marcado por vocês...grata por serem minha comunidade.

Nesse mesmo sentido guardo os aprendizados, experiências e felizes momentos que foram possíveis de ter com Shirley, Rocio, Johana, Dani Jorge, Igor, Thiago e Gustavo, ao coincidir nas mesmas coordenadas desta grandiosa Latinoamérica.

Agradeço a Gina pelo seu apoio e por sua amizade, que foi fortalecida, ainda que com a distância. Ao Oscar por continuar sendo colega e amigo. A Javier pelo apoio brindado para entrar no canteiro de obra e me permitir aproximar a um espaço de sua vida que a amizade não tinha brindado até então. A Jesús e Andres por alentarem meus projetos e por saber que posso contar com eles. A todos por estarem presentes neste caminho, ainda que estando em outras latitudes das do México.

A mi familia doy gracias infinitas por siempre darme fuerza y soporte en cado uno de mis pasos. En especial a mis padres, Juan y Rosa María, que con su amor y lucha han otorgado mejores posibilidades para andar este mundo. A Mariana, Juan Carlos, Gabriel y Alejandro, que no dudan en apoyan mis proyectos, aun pareciéndoles demasiado aventureros; así como lo hacen Ana y Paola. Y a los retoños, María e Amellaly, por alegrar la vida. Para cada una y uno de ustedes amor y agradecimientos siempre.

Resumo

A cimentação compreende a etapa de construção dos alicerces que conformam a estrutura básica de uma edificação e este processo é tomado como uma analogia para analisar a consolidação da vida laboral dos trabalhadores da construção civil. Parte-se do contexto de mudanças no mundo do trabalho e nas cidades, o qual, desde os finais da década de 1970, inclui o desenvolvimento de novas formas do capitalismo contemporâneo - com a implementação de novos processos produtivos - e a modelagem da paisagem urbana correspondente a padrões globais. Estes processos trouxeram elementos que impactaram a indústria da construção civil e influíram, de maneira determinante, sobre o mercado de trabalho correspondente e sobre população empregada neste setor. Esta é formada por grupos sociais que historicamente têm enfrentado uma acumulação de desvantagens sociais e que, com o incremento do desemprego, a flexibilidade e a precariedade laboral, encontram na construção civil uma oportunidade de emprego. Todavia, têm de lidar com as especificidades do processo de construção e com velhas e novas práticas laborais para se manter no mercado de trabalho.

Como se “cimenta” a vida laboral dos trabalhadores da construção civil? É a pergunta que norteia esta pesquisa. Este processo social foi analisado a partir de um enfoque qualitativo e um recorte que considerou duas cidades da América Latina: Belo Horizonte e Cidade do México. Foram abordadas as trajetórias de trabalho de homens e mulheres empregados/as durante o período de trabalho de campo, realizado entre o segundo semestre do ano 2017 e o primeiro semestre do 2018. A interação com esta população ocorreu em uma escola e fora dos canteiros de obras onde foram realizadas conversas dirigidas e entrevistas que procuraram resgatar os relatos de vida de homens e mulheres de diferentes idades. A informação obtida permitiu identificar quatro tipos de trajetórias de trabalho associadas ao tempo e à experiência laboral de cada trabalhador/a na construção civil: contínuas, de recém ingresso, de reinserção e temporárias. Também mostrou que continua sendo a população masculina a que tem mais presença e permanência neste setor, o que justifica seu protagonismo nesta pesquisa, ainda que seja incluída a população feminina.

Analisando a inter-relação de mudanças, aspectos sociais, dinâmicas de trabalho e trajetórias de trabalho, conclui-se que os trabalhadores/as são os/as responsáveis de construir os alicerces/colunas que lhes permitem cimentar sua vida laboral. Assim, a aceitação, a procura, a adaptabilidade e a disponibilidade são as bases que contribuem para a manutenção no mercado de trabalho deste setor. Este processo mostra uma realidade que não se distancia do que atualmente se suscita no mundo do trabalho do capitalismo contemporâneo, mas que tem suas próprias particularidades pelas caraterísticas do processo produtivo e de contratação da mão de obra que tem da construção civil.

Palavras chave: Cimentação, Construção civil, Trabalhadores da construção civil, Trajetórias de trabalho, Cidade.

Resumen

La cimentación comprende la etapa de construcción de la estructura básica de una edificación y este proceso se toma como una analogía para analizar la consolidación de la vida laboral de los trabajadores de la construcción civil. Se parte del contexto de cambios en el mundo del trabajo y en las ciudades, que desde finales de la década de 1970 incluye el desarrollo de nuevas formas del capitalismo contemporáneo -con la implementación de nuevos procesos productivos- y el modelado del paisaje urbano correspondiente a patrones globales. Estos procesos trajeron elementos que impactaron la industria de la construcción civil e influenciaron, de manera determinante, sobre el mercado de trabajo correspondiente y sobre la población empleada en este sector. Ésta es formada por grupos sociales que históricamente han enfrentado una acumulación de desventajas sociales y que, con el incremento del desempleo, la flexibilidad y la precariedad laboral, encuentran en la construcción civil una oportunidad de empleo. Sin embargo, tienen que lidiar con las especificidades del proceso de construcción y con viejas y nuevas prácticas laborales para mantenerse en el mercado de trabajo.

¿Cómo se "cimienta" la vida laboral de los trabajadores de la construcción civil? Es la pregunta que orienta esta investigación. Este proceso social fue analizado a partir de un enfoque cualitativo y un recorte que consideró dos ciudades de América Latina: Belo Horizonte y Ciudad de México. Se abordaron las trayectorias de trabajo de hombres y mujeres empleados durante el período de trabajo de campo, realizado entre el segundo semestre del año 2017 y el primer semestre del 2018. La interacción con esta población ocurrió en una escuela y fuera de las obras donde se realizaron conversaciones dirigidas y entrevistas que buscaban rescatar los relatos de vida de hombres y mujeres de diferentes edades. La información obtenida permitió identificar cuatro tipos de trayectorias de trabajo asociadas al tiempo y a la experiencia laboral de cada trabajador/a en la construcción civil: continuas, de recién ingreso, de reinserción y temporales. También mostró que sigue siendo la población masculina la que tiene más presencia y permanencia en este sector, lo que justifica su protagonismo en esta investigación, aunque se incluya la población femenina.

Al analizar la interrelación de cambios, aspectos sociales, dinámicas de trabajo y trayectorias de trabajo, se concluye que los trabajadores/as son los responsables de construir las columnas que les permiten cimentar su vida laboral. Así, la aceptación, la procura, la adaptabilidad y la disponibilidad son las bases que contribuyen al mantenimiento en el mercado de trabajo de este sector. Este proceso muestra una realidad que no se aleja de lo que actualmente se suscita en el mundo del trabajo del capitalismo contemporáneo, pero que tiene sus propias particularidades por las características del proceso productivo y de contratación de la mano de obra que tiene de la construcción civil.

Palabras clave: Cimentación, Construcción civil, Trabajadores de la construcción, Trayectorias de trabajo, Ciudad.

Abstract

The foundation comprises the construction stage of the basic structure of a building and this process is taken as an analogy to analyze the consolidation of the working life of civil construction workers. It is part of the context of changes in the world of work and in cities, which since the end of the 1970s includes the development of new forms of contemporary capitalism -with the implementation of new production processes- and the new modeling of the corresponding urban landscape to global patterns. These processes brought elements that impacted the civil construction sector and influenced, in a decisive way, the corresponding labor market and the population employed in this sector. Social groups that historically have faced an accumulation of social disadvantages and that, with the increase of unemployment, flexibility and job precariousness, find in civil construction an employment opportunity form this. However, they have to deal with the specificities of the construction process and with old and new labor practices to stay in the labor market.

How is the work life of civil construction workers "grounded"? It is the question that guides this investigation. This social process was analyzed based on a qualitative approach and a cut that considered two Latin American cities: Belo Horizonte and Mexico City. The work trajectories of men and women employed during the field work period, carried out between the second semester of 2017 and the first semester of 2018, were addressed. The interaction with this population occurred in a school and outside the works where They conducted targeted conversations and interviews that sought to rescue the life stories of men and women of different ages. The information obtained allowed us to identify four types of work trajectories associated with the time and work experience of each worker in civil construction: continuous, new-entry, reintegration and temporary. It also showed that it is still the male population that has the most presence and permanence in this sector, which justifies its leading role in this research, although the female population is included.

When analyzing the interrelation of changes, social aspects, work dynamics and work trajectories, it is concluded that the workers are responsible for building the columns that allow them to build their working life. Thus, acceptance, demand, adaptability and availability are the bases that contribute to maintaining the labor market in this sector. This process shows a reality that does not depart from what is currently arising in the world of work of contemporary capitalism, but has its own peculiarities by the characteristics of the productive process and recruitment of labor that has civil construction.

Keywords: Foundation, Civil construction, Construction workers, Work trajectories, City.

Lista de Figuras

Figura 1. Belo horizonte e cidade do méxico na região latino-americana 53
Figura 2. Lugares nos que se realizou o trabalho de campo em Belo Horizonte 60
Figura 3. Projeto do fórum da justiça do trabalho 63
Figura 4. Fórum. Arquivo pessoal, 1/05/2017. 64
Figura 5. Continuidade da construção do Fórum. Arquivo pessoal, 17/11/2017. 65
Figura 6. Lugares nos que se realizou trabalho de campo na Cidade do México 75
Figura 7. Projeto de construção de Chapultepec Uno 84
Figura 8. Construção e trabalhadores no horário de almoço de Chapultepec Uno. Arquivo pessoal, fevereiro 2018 87
Figura 9. La obra, no. 3. Claudia Chapou 122
Figura 10. La obra, no. 2. Claudia Chapou 162
Figura 11. O construtor. Álvaro Apocalypse 178

Lista de Tabelas

Tabela 1. Pessoal ocupado por subsetor da construção civil no Brasil no ano 2016 44

Tabela 2. Pessoal ocupado por subsetor da construção civil no México no ano 2015 44

tabela 3. Contexto laboral de brasil e méxico do ano 2007 até o primeiro semestre de 2018 (em porcentagens) 105

Tabela 4. Características sociais e laborais dos/as trabalhadores/as da construção civil em Belo Horizonte 108

Tabela 6. Ano de ingresso na construção civil 135

Tabela 7. Tipo de trajetórias na construção civil 136

Tabela 8. Casos de trajetórias contínuas em Belo Horizonte 136

Tabela 9. Casos de trajetórias contínuas na Cidade do México 140

Tabela 10. Casos de trajetórias de reinserção em Belo Horizonte 146

Tabela 11. Casos de trajetórias de reinserção na Cidade do México 146

Tabela 12. Casos de trajetórias temporárias em Belo Horizonte 151

Tabela 14. Canteiro de obras mais importante para os trabalhadores de Belo Horizonte 157

Tabela 15. Canteiro de obras mais importante para os trabalhadores da Cidade do México 157

Tabela 16. Mudança percebidas pelos trabalhadores de Belo Horizonte 171

Tabela 17. Mudança percebidas pelos trabalhadores da Cidade do México 172

tabela 18. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias contínuas em Belo Horizonte 184

Tabela 19. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias contínuas na Cidade do México 185

Tabela 20. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias de recém ingresso na Cidade do México 186

Tabela 21. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias de reinserção em elo horizonte e na Cidade do México 186

Tabela 22. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias temporárias em Belo Horizonte e na Cidade do México 187

Tabela 23. Considerações sobre trabalhar na construção civil para trabalhadores com trajetórias contínuas 189

Tabela 24. Considerações sobre trabalhar na construção civil para trabalhadores com outro tipo de trajetórias 190

Tabela 25. Significado do canteiro de obras para trabalhadores com trajetórias contínuas 193

Tabela 26. Significado do canteiro de obras para trabalhadores com outros tipos de trajetórias 194

Tabela 27. Considerações dos trabalhadores de Belo Horizonte sobre terem que mudar de local 200

Tabela 28. Considerações dos trabalhadores da Cidade do México sobre terem que mudar de local 201

Tabela 29. Aprendizado mais importante a se ter, segundo os trabalhadores de Belo Horizonte 208

Tabela 30. Aprendizado mais importante a se ter, segundo os trabalhadores da Cidade do México 209

Sumário

Introdução 13

Como se cimenta a vida laboral dos trabalhadores da construção civil? 22

Metodologia 26

O trabalho de campo 30

Conteúdo e estrutura do documento 33

Capítulo 1. Canteiros de obras em duas cidades Latino-americanas: formas e funções em tempos globais 35

1.1. As cidades em tempos globais 36

1.2.O setor da construção civil 43

1.3. Belo Horizonte e Cidade do México: uma aproximação desde suas construções 53

1.3.1. Belo Horizonte 55

1.3.2. Cidade do México 71

1.4. Encontros e desencontros entre formas, funções e canteiros de obras em Belo Horizonte e na Cidade do México 89

Capítulo 2. Quem são os trabalhadores e as trabalhadoras da construção civil? Relação entre origem social e inserção no mercado de trabalho 92

2.1. Aspectos sociais que antecedem e acompanham a população dos trabalhadores da construção civil no contexto latino-americano 95

2.2. Origem social e inserção ao mercado de trabalho da população entrevistada em Belo Horizonte e na Cidade do México 107

2.2.1. Belo Horizonte 108

2.2.2. Cidade do México 111

2.3. A inserção da população entrevistada no setor da construção civil 122

Capitulo 3. Trajetórias de trabalho na construção civil 128

3.1. Considerações para a abordagem das trajetórias 130

3.2. As trajetórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da construção civil em Belo Horizonte e na Cidade do México 134

3.2.1 Eventos: sua durabilidade, dimensão espaço-temporal e efeitos 134

3.2.2. Trajetórias contínuas 136

3.2.3. Trajetórias de recém ingresso 144

3.2.4. Trajetórias de reinserção 146
3.2.5. Trajetórias temporárias como estratégia ao desemprego 151
3.2.6 O canteiro de obras mais importante 153
3.3. Ascender na estrutura laboral 162
3.4. Descer na estrutura laboral 167
3.5. Permanências 169
3.5.1. Mudanças da construção civil 171
3.5.2. Trajetórias em contexto de mudanças 175
Capítulo 4. A cimentação da vida laboral 178
4.1. *Batalhar para ter uma vida bacana*. Aceitação 183
4.1.1. Desdobramentos do trabalho na vida da população entrevistada 189
4.2. Tudo foi importante para mim: conhecimento, recomendação, amizade. Procura 196
4.3. Como el chiste es tener trabajo uno se aguanta. Adaptabilidade 200
4.4. O aprendizado mais importante para se manter no mercado de trabalho 207
Conclusões 212
Referências 218
Apêndice 228

Introdução

O papel que o trabalho tem na vida das pessoas de origem rural – crianças, jovens indígenas, trabalhadores/as agrícolas migrantes – assim como a influência da atividade laboral na sua espacialidade, cotidiano, experiência, agência e expectativas são temas que têm marcado minha trajetória acadêmica. Especialmente por reconhecer que o trabalho, faz com que as pessoas vivenciem em sua atividade mais que apenas a obtenção de um salário – já que, também, propicia uma forma de situar-se como sujeito social ante a família, a comunidade de origem e até mesmo como cidadão. Reconhecendo que esses grupos têm enfrentado uma série de desvantagem sociais históricas e que continuam se reproduzindo na sua inserção no mercado de trabalho e em seu habitar nas cidades para as quais se imigra. Ademais, quando se trata de trabalho temporário se gera uma relação complexa; de mobilidade espacial, estadias de trabalho, alojamentos provisórios, que propiciam novas desigualdades sociais, inclusive dentro do mesmo grupo de trabalhadores (GARCÍA, 2010; 2013; SÁNHEZ & GARCÍA, 2014; GARCÍA & GÓMEZ, 2016).

Essa série de situações expõem a complexidade da realidade social de determinados grupos e continuam sendo de meu interesse acadêmico; presentes ao pensar este tema de pesquisa, já que, de forma geral, levam a questionar como certos grupos sociais vivenciam o atual mundo do trabalho. São esses os mesmos questionamentos que me aproximam às leituras que sustentam que a execução de trabalho não se reduz à simples troca de salário, como indica Dubar (2005). Pois, envolve uma série de circunstâncias sociais que se entrelaçam, seja pela questão da condição social, da mobilidade espacial, da vida cotidiana e das expectativas, de uma forma de ingressar e viver a atividade de trabalho, como expõem Martins (2003, 2008), Lindón (2007), Guedes (2011), Chalhoub (2012), Castro (2013), Corbán (2014), entre outro/as.

Partindo do fato que o trabalho tem distintos balizamentos no corpo, na vida e no cotidiano das pessoas que o realiza, sua experiência com trabalhador/a é mais complexa quando se realizam atividades “precárias”. Ao indagar sobre a história social dos grupos que, geralmente, e ao longo do tempo, são empregados em esse tipo de atividades, que também se distinguem pelo seu caráter braçal – como se evidencia na agricultura intensiva, na mineração e na construção civil –, observa-se a relação

que há entre a origem social e as opções de emprego disponíveis para eles. Relação esta que na América Latina advém da época colonial, herdando, assim, limitadas "alternativas" com as quais esses grupos sociais buscam sustentar a família e, ainda, obter uma melhor condição social.

A partir desse contexto e ante o questionamento de como se gera a inserção no mercado de trabalho nas cidades nas quais os imigrantes rurais e moradores de periferias procuram emprego e, especificamente, no setor da construção civil, foram prerrogativas que se enriqueceram – ao voltar à cidade na qual cresci[1] – com o transitar cotidianamente por diversos lugares da Cidade do México, nos quais distintas construções em processo me permitiam ver diferentes grupos de trabalhadores/as[2]. Ambas as experiências levaram à decisão de indagar as trajetórias de trabalho da população que se emprega na construção civil, para, assim, analisar quais aspectos são os que "cimentam" a vida laboral dessas pessoas.

O tema de pesquisa se projetou para ser analisado em duas cidades da região Latino-americana, Belo Horizonte, Brasil, e Cidade do México, México. Escolha sustentada na centralidade que cada uma tem, em um amplo raio espacial, na oferta de empregos para pessoas de origem rural e da periferia urbana. Pessoas que fazem parte desses grupos sociais que nos quais as implicações de sua existência, conformação e relação que têm com a centralidade da cidade lhes limita em sua procura e obtenção de emprego. Também são duas cidades que, com sua magnitude, particularidades e proximidades, em relação aos seus processos urbanos, estão imersas em um contexto no qual os parâmetros da globalização influem na modificação de sua paisagem; como se evidencia na infraestrutura construída e na que está em construção, especialmente nos prédios destinados para moradia e para escritórios.

Ao circular por ambas as cidades, ainda na etapa do desenho do tema de pesquisa, foram observados distintos grupos de trabalhadores/as da construção civil realizando algumas das suas atividades de trabalho[3], sendo diferenciadas pela

[1] Depois de ter morado por quatro anos em cidades do interior do México, volto, no ano 2013, ao município Naucalpan de Juárez, que pertence ao Estado de México e faz parte da Zona Metropolitana da Cidade do México.
[2] O uso do termo trabalhadores e trabalhadores/as depende da presença de cada um na situação que está sendo abordada e das referências bibliográficas utilizadas em cada momento.
[3] Na continuidade da zona norte entre a Cidade do México e o Estado de México o predomínio de importantes construções começou a emergir nos primeiros anos da década de 2010, como shoppings

condição de gênero, de idade e pela etapa da edificação. Na Cidade do México, ver-lhes pelas ruas, no horário do almoço, e compartilhar o transporte público com alguns dos tantos trabalhadores da construção civil, permitira-me testemunhar algumas de suas conversas. Essa aproximação básica e o começar a dar atenção às situações de trabalho de amigos e, até mesmo voltar na história laboral do meu pai, me levaram a refletir sobre as condições de trabalho, sobre a temporalidade da contratação e sobre as dinâmicas de mobilidade espacial que se geram no emprego dessa indústria. Contudo, reconhecendo que seu trabalho, ainda cheio de estigmas, riscos e incertezas lhes dá mais que um salário – que geralmente é superior ao mínimo – ao lhes brindar a possibilidade de sair da situação de desemprego, de ter uma opção para fazer carreira e, até, de alcançar *êxito profissional* quando melhoram a condição de vida do núcleo familiar. Embora tudo isso seja cobrado com esforço, com desgaste físico e tendo que suportar condições precárias de trabalho e de moradia – neste último caso, quando se trabalha em outra cidade e/ou se tem que dormir no canteiro de obras, situação que também lhes demanda ter que conciliar, ao mesmo tempo, a vida laboral e cotidiana em um único espaço físico.

Outro aspecto significativo no México é o três de maio, no qual se comemora o dia da *Santa Cruz* e que passou a ser o festejo do dia do *albañil* (pedreiro), principal trabalhador que se encarrega da tarefa de construir. Nos canteiros de obras que estão nas fases de escavação ou edificação – que é quando há maior presença de pedreiros e ajudantes de alvenaria – se coloca uma cruz, que os próprios trabalhadores fazem, e estes são presenteados com alguma comida e, no melhor dos casos, tal como era antigamente, há ainda cerveja, música e até missa; pois se trata de um dia de festa para eles. Porém, atualmente isso vem mudando e as comemorações estão ficando mais simples e demandando também com que nesse dia os trabalhadores passem

e projetos imobiliários de médio e alto luxo, dependendo da proximidade com a cidade. Já mais no interior no município de Naucalpan, a edificação de um viaduto prometia beneficiar a mobilidade de seus habitantes. Duas construções em especial formaram parte da minha paisagem urbana cotidiana, *Shoping Toreo Parque Central* e o *Distribuidor Vial El Molinito;* e uma terceira, a construção da *Torre BBV Bancomer*, que observava com menos frequência, mas tentava dar seguimento por ser uma obra de grande impacto e pela sua localização – atualmente é um edifício de cinquenta andares, sendo uma das maiores edificações que se localiza na Avenida Reforma, mesma avenida onde se localiza a *Torre Mayor* que, em seu tempo, foi uma mega-construção identificada como o edifício mais alto da América Latina e é uma das mais importantes da cidade, na qual se concentram construções de edifícios de luxo e corporativos.

menos tempo nesse festejo do que passavam antes, e, portanto, trabalhem mais, como de costume, conforme alguns relatos.

Alguns dos aspectos observados na Cidade do México também foram identificados na cidade de Belo Horizonte, onde desde 2015 – ano em que cheguei no Brasil e nesta cidade, ao ser aceita como doutoranda no programa de pós-graduação de sociologia da UFMG – me mantive atenciosa por encontrar este contingente de trabalhadores[4]. No entanto, à primeira vista ressaltaram mais as diferenças entre o observado em uma e outra cidade; por exemplo: o uso de uniforme e a pouca presença de trabalhadores na rua no horário de almoço, que, por sua vez, resultava na falta de um comércio informal de comida, que, geralmente, surge no entorno das construções maiores, como seria o esperado na edificação do Hospital Metropolitano Célio de Castro e do prédio corporativo da empresa Localiza. O uso do uniforme me levou a concluir que este era um dos motivos pelos quais não observava no transporte público pessoas que evidenciassem, pela roupa e pelos sapatos, que trabalhassem na construção civil[5]. Também não testemunhava mais conversas sobre o tema – o que pode ser relacionado ao fato que eu estava começando a aprender a língua portuguesa e também porque minha própria mobilidade urbana se reduziu significativamente.

[4] No final de fevereiro de 2015 detectei a construção do Hospital Metropolitano Célio de Castro (no Barreiro), mas, as atividades estavam paradas e foi somente a partir do mês de abril que comecei a ver trabalhadores dando continuidade à construção do prédio, especificamente na colocação das vidraças e em outras atividades de acabamento. Outra construção que observei desde minha chegada à Belo Horizonte foi a sede corporativa da empresa Localiza, atualmente um edifício de 26 andares na torre principal, localizado na avenida Bernardo Vasconcelos, próximo à avenida Presidente Antônio Carlos. Uma particularidade desta obra foi que no ano 2016, durante a temporada de chuvas, uma área da obra foi coberta para, assim, permitir a continuidade da construção; com isso, porém, não era possível observar esse processo nem os trabalhadores realizando suas atividades, embora estes sempre permanecessem no interior da obra, inclusive durante o horário de almoço.

[5] No horário de almoço, especificamente, as ruas circunvizinhas à construção ficavam cheias de trabalhadores da obra em questão, seja em pé ou sentados, fazendo suas refeições. Também havia, nesses momentos, trabalhadores deitados, fumando cigarros, bebendo refrigerante, conversando ou apenas descansando um pouco antes de continuar a sua jornada de trabalho. Era fácil saber quem eram os trabalhadores de alguma construção próxima, devido às características de sua vestimenta de trabalho (não por terem uniforme, trata-se da roupa do dia a dia, porém, mais deteriorada, tal como os sapatos) e porque alguns usavam capacete. Todos tinham as roupas e os sapatos, assim como o rosto, o cabelo e as mãos, com evidências de poeira de cimento ou areia, e, reunidos em grupos, almoçavam no mesmo horário. Dependendo da etapa da construção o contingente de trabalhadores diminui, e aqueles que se mantêm na obra passam a ser menos percebidos no entorno da construção, porque geralmente estão concentrados no interior da obra, só sendo "visíveis" quando estão executando atividades como o acabamento da parte externa dos prédios. Essa dinâmica ficou evidente em fevereiro de 2015, quando o *Shoping Toreo Parque Central* foi inaugurado, ainda sem ser totalmente concluído. Nas outras duas obras referidas também acontecia a redução de trabalhadores ao final das construções.

Com o tempo reconheci que em ambas as cidades o ser trabalhador da construção civil, e, particularmente, pedreiro, desde o senso comum, tem uma série de conotações tanto positivas quanto negativas. No Brasil e no México aprecia-se que a figura desse trabalhador gera interesse por visualizar tanto esse contingente de trabalhadores quanto seu espaço de trabalho – o que tem sido inspiração para criar romances, documentários, músicas e pinturas que debatem essas conotações. Entre essas produções estão: *Los albañiles* de Vicente Leñero, *En el hoyo*, de Juan Carlos Rulfo, *Construção* de Chico Buarque, *Cidadã*o de Lúcio Barbosa; as quais dignificam e expõem as vivências de um ser social que enfrenta desvantagens, exploração, assim como visibilizam esses trabalhadores na edificação das cidades que hoje habitamos.

Essas primeiras aproximações me permitiram refletir sobre a constituição desses trabalhadores como sujeitos e grupo social na cidade e no mercado de trabalho. Já no que se refere às minhas observações do lugar de trabalho – o canteiro de obras – este se apresentava como um lugar fechado e difícil de acessar. Não só pelos cartazes que anunciavam a proibição de acesso de pessoas não autorizadas, como também pelas proteções se colocavam ao redor da edificação. No caso dessas proteções, estas têm a funcionalidade de evitar algum tipo de dano ou acidente a terceiros e a transeuntes, mas, acabam sendo muralhas que ocultam os trabalhadores/as e suas pesadas atividades e jornadas de trabalho, ainda mais quando se trabalha durante a noite. Essas muralhas e o ruído delatam uma nova construção, pois, em muitos casos, os trabalhadores/as só são visíveis quando a altura do edifício não permite mais lhes manter no anonimato, ou quando têm que fazer uma atividade fora dos limites do canteiro ou saem na rua no horário do almoço – como mais se observa no México.

Quanto aos aportes acadêmicos que têm se interessado por este contingente de trabalhadores, em uma revisão bibliográfica que abarca a produção realizada entre as décadas de 1970 a 2010, e priorizando os aportes latino-americanos, especialmente os do Brasil e do México, temos que:

- Predominam os estudos feitos na medicina, especialmente para o caso brasileiro, que se interessam por abordar os efeitos e as consequências na saúde humana ao se trabalhar na construção civil (SILVA e NUNES, 2013;

LUCCA e MENDES, 1993; ALVES, 1999; FILHO, 2011; LAZZARINI, 2012) – sendo a pesquisa de Borges e Martins (2004) uma a destacar.

- Na engenheira e na administração há estudos que se interessam pelo rendimento e pelo consumo da mão de obra (BOTERO, 2012); implementação de medidas que melhorem o setor e tenham impacto de formação na população dos trabalhadores (SEEWALD, 2004; DALCUL, 2007; VELOSO, et al., 2007; FERRAZ e AQUINO, 2013).
- Desde as ciências sociais os estudos realizados por Germidis (1974), Ferreira (1976), Coutinho (1980), Sousa (1983), González (s/d), Mauro (1986), Conolly (1988), Ribeiro (1992, 2008), Padilla (1992) e Bueno (1994), Cuevas (2004), Reis (2008) e Zirión (2013) abordam, principalmente, a relação entre a origem rural dos pedreiros, a migração do campo à cidade e o mercado de trabalho na construção civil. Estes mesmos estudos expõem as condições de trabalho neste setor; assim como as redes de colaboração, sistema de ofícios e o papel do mestre de pedreiro na antiguidade e a memória coletiva dos trabalhadores da construção.
- Nessa consulta detectou-se que também que existem outros temas transversais, como o tema da identidade étnica e da classe (VARGAS, 2005 e ÁGUILA, 2014), assim como sua participação em sindicatos, movimentos sociais e greves (SOUSA, 1983; NÓBREGA, 2006; DAMASCENO, 2013).
- Destaca-se nos estudos mais recentes a questão de gênero entre estes trabalhadores, seja pela abordagem da masculinidade e a percepção de risco no neste âmbito de trabalho (ÁGUILA, 2015) ou pela presença de mulheres no setor, que vem aumentando (SOUZA, 2011).

Ao mesmo tempo em que fazia a revisão bibliográfica e escrevia o projeto de pesquisa, procurei conversar com alguns homens que, nesse momento, ou estavam buscando emprego com carteira assinada ou estavam contratados ou eram trabalhadores autônomos no setor da construção. Também fui procurando lugares propícios para realizar o trabalho de campo[6], mas, ao começar a experimentar

[6] Especialmente na região Pampulha, onde um importante número de construções de futuros edifícios de apartamentos era comum nos bairros Liberdade, Jaraguá e Aeroporto. Neste último bairro se encontrava a construção de um Shopping, tendo na portaria – ainda de madeira como o resto da alta muralha que a circulava – um cartaz que anunciava não ter vagas de trabalho. Também era comum ver trabalhadores reunidos fora do Aeroporto Carlos Drummond de Andrade, esperando o ônibus que os transportaria para o Aeroporto Internacional Tancredo Neves, que estava em processo de expansão.

dificuldades para contatar o pessoal que me autorizasse o acesso aos canteiros de obras, decidi me aproximar a outros lugares que pudessem me aproximar à população de interesse[7]. Na Cidade do México contatei o pessoal da associação Construyendo y Creciendo[8] e em Belo Horizonte visitei a sede do Sindicato Marreta e a Escola Popular Orocílio Martins Gonçalvez (EPOMG)[9] – escola que teve que fechar suas portas no mês de maio de 2018 ante a falta de recursos econômicos para poder se manter em atividades, resultado da debilitação dos sindicatos pelas reformas implementadas pelo Estado brasileiro nos últimos três anos. Além disso, encontrei uma fonte de informação, nas redes sociais, que evidência diferentes aspectos do

Posteriormente, recorri a diferentes lugares no sul da cidade de Belo Horizonte e de Nova Lima, reportadas como lugares com importante atividade de edificação. Além de ter conversas informais com alguns trabalhadores no Bairro Renascença, na zona nordeste da cidade – notei que, diferente das construções acima referidas, nesta os trabalhadores não usavam uniforme, nem tinham os sapatos especiais de trabalho e até havia trabalhadores usando chinelos, sendo apenas o uso do capacete o que os protegia, como no caso de um ajudante com o qual consegui conversar brevemente. Esse prédio encontrava-se na fase inicial da construção, removendo a terra para começar a construir os cimentos do futuro edifício, que até hoje não foi erguido.

[7] Em duas obras do bairro Liberdade tentei ter contato com os trabalhadores. Na primeira obra, que era de um prédio de cinco andares, se encontravam quatro trabalhadores; ao pedir para falar com eles, foram relutantes e, ante a insistência, exerceram uma prática onde mostraram a hierarquia laboral, pois falaram ao ajudante para que ele conversasse comigo. O trabalhador se mostrou com pouca disponibilidade para falar, não deixou de fazer suas atividades, sendo que só no final da conversa fez uma pausa – situação que me gerou certo de desconforto. Além disso, entendi que eles estavam preocupados que o engenheiro chegasse e que eles tivessem algum problema. Nessa obra, dei conta que estavam trabalhadores contratados pela empresa e também um trabalhador autônomo, que era o encarregado da parte do gesso, que comentou que um irmão dele que trabalha para a empresa lhe dá as recomendações para ele ser contratado. Na segunda obra que tentei me aproximar era horário da saída do pessoal; por ser uma obra maior, de doze andares, as normas são mais restritas: havia anúncios que proibiam o aceso de pessoas que não fossem os trabalhadores. Tentei conversar com alguns trabalhadores, mas eles me diziam para chamar o encarregado da obra. Ao falar com o encarregado, ele me explicou que não poderia permitir meu acesso à obra, pois teria que falar com o engenheiro responsável, mas, me advertiu que um estudante já tinha tentado o mesmo, semanas antes, e foi negado seu acesso, justificando que era por questões de segurança. Esta construção estava projetada para ser um prédio de apartamentos de luxo no Bairro Liberdade.

[8] Atualmente, passou a ser uma instituição de assistência privada, denominada *Construyendo a México Crescemos.* Sua função é outorgar educação básica para os trabalhadores/as da construção civil, adaptando salas de aula ao interior do canteiro de obras. Porém, as condições delas e os horários, assim como o número de estudantes, dependerá das negociações que a instituição faça com as empresas construtoras.

[9] Oficialmente tem o nome de Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção de BH e Região, mas, comumente, é conhecido como Sindicato Marreta. Surgiu de um movimento de protesto que existiu em Belo Horizonte em 1979, e que, depois desse fato, se organizaram como sindicato independente. Tem relações com outras associações de luta social, como a Liga Operária e a Liga dos Camponeses Pobres, sendo que um dos motivos de tal associação é o fato desta ser a origem de muitos dos trabalhadores da construção; além de ter beneficiado a formação da EPOMG. Esta escola tinha um projeto educativo de alfabetização, educação fundamental e política sustentada em uma linha Maoísta, além de outorgar cursos de profissionalização na área da construção.

cotidiano dos trabalhadores da construção civil, como expõem os integrantes do grupo de Facebook chamado *Lo que callamos los albañiles*[10].

Dito disto – ver a mudança da paisagem urbana do meu espaço cotidiano – no qual uma antiga fábrica de têxtis passou a ser um shopping, modificando o comércio e consumo da população local, sendo as feiras, mercados e camelôs os que tinham esse protagonismo até finais do 2010; saber que, onde antes existia uma simples ponte que atravessa o sujo rio do Molinito, hoje, além da estrada se construiu um viaduto que agilizaria o deslocamento de uma das zonas mais populares do município de Naucalpan à Cidade do México; ver que na Avenida Paseo de la Reforma a nova edificação de um arranha-céu prometia ser o maior da América Latina – fez situar-me na escala de cidade; mas, também na periferia da mesma, pois ter crescido e voltar a ser habitante da zona metropolitana me demandava, como a muitos outros habitantes, longos deslocamentos para chegar em algum lugar da Cidade do México para obter algum serviço, seja estudar, trabalhar ou até para os momentos de lazer. Esses itinerários, cada vez mais complicados com a onda de construções que emergira na última década, me aproximaram a processos de construção e à população de trabalhadores dessa indústria. Uma vez em Belo Horizonte, continuei estando atenta ao que se apresentava nos meus recorridos cotidianos e tentando realizar algumas observações frequentes quando detectava uma construção, sempre que fora possível lhe dar seguimento.

Tudo isso também evidenciava que os projetos de construção muitas vezes acabam sendo imposições de agentes que, além de gerar lucro para uns, reforça as desigualdades sociais de grupos vulneráveis, dos quais saem homens e mulheres que vendem sua força de trabalho na construção civil. Além disso, identifiquei que existe

[10] Nas suas publicações destacam: (i) aspectos laborais: seja para exibir seus trabalhos – tanto em processo quanto finalizados – pedir orientações sobre custos de mão de obra e de processo de construção, pedir e ofertar trabalho em distintas zonas do México, mostrar a participação de mulheres fazendo atividades de alvenaria; (ii) momentos de entretenimento: compartilhando de *memes*, músicas, fotos de brincadeiras e momentos de socialização no interior do canteiro de obras, enviando mensagens para os colegas e reportando o lugar no qual se encontram trabalhando (alguns lugares mencionados fora do México foram Argentina, Bolívia, Chile e Uruguai). Nas publicações também se exibem vários comentários que indicam: (i) orgulho por serem trabalhadores da construção e pelos seus trabalhos – ou brincando com os trabalhos que foram mal feitos; (ii) mostram valorização pelas mulheres que formam parte da mão de obra da construção civil, sendo estimadas pelos homens quando mostram seus trabalhos – mas, chegando a receber comentários ofensivos ou machistas quando suas fotos são *selfies* fora do trabalho; (iii) também há brincadeiras e comentários sexistas e homofônicos.

uma ampla diversidade de canteiros de obras, dependendo do tipo de obra a se realizar – da sua função, do futuro proprietário ou de quem que é o responsável por esta – pois, por menos formal que seja, inclusive quando não há a presença de uma empresa, mais reflexos de informalidades se apresentam, como: ausência de contrato formal, do uso de uniforme, de capacete e demais equipamentos de segurança; uso do canteiro de obras para cozinhar, dormir e, até, para momentos de lazer. E, entre essa variedade de canteiros, proprietários e executantes, havia edificações que eram concluídas sem muita demora, enquanto outras ficavam paradas, sendo hoje edificações inconclusas.

E, em tudo isso, visualizar os trabalhadores da construção civil continuava sendo o principal interesse, refletindo sobre: a relação entre sua origem social e o trabalho que realizam, a experiência que vão acumulando em sua atividade, as estratégias que geram e as confrontações que experimentam para se manterem no mercado de trabalho da construção civil e o impacto de sua atividade e “profissão” em sua vida cotidiana; além de resgatar uma perspectiva sócio espacial desses processos.

Na estrutura laboral da construção civil a população de trabalhadores que interessa a esta pesquisa é conformada entre as atividades que vão desde ajudantes gerais até mestres de obras – passando pelo cargo de suboficial, oficial e encarregado – que realizam os diferentes ofícios da área da construção, especificamente no subsetor de edificações. Embora se reconheça que nesse contingente de trabalhadores existem atividades e hierarquias que os diferenciam, há também similitudes entre eles, associadas a uma origem e condição social, a vivenciar as mesmas dinâmicas laborais – ter diferentes formas de contratação, assumir a mobilidade laboral e espacial, aprender um ou vários ofícios e procurar ascender na escala laboral – e gerar estratégias para se manter no mercado de trabalho da construção civil. Motivos pelos quais não se selecionou um grupo especifico de trabalhadores, como comumente se tem feito nas pesquisas consultadas, nas quais os ajudantes e os pedreiros são os mais referidos.

Como se cimenta a vida laboral dos trabalhadores da construção civil?

Lo más importante de una casa son los cimientos,
pues, sí éstos se quiebran toda la casa se viene abajo…

Desde criança ouvi meu pai falar isso, especialmente quando alguma mistura entre ter tempo, força e poupança lhe permitiam escavar o terreno ou construir a estrutura principal na qual edificaria a casa própria; ou quando, ao construir outro andar, o fazia com confiança ao dizer que “los cimientos resisten, no hay peligro de que la casa se venga abajo”. Mesmas falas que usa quando é contratado para realizar um processo similar de construção – ainda que hoje não seja mais ele quem executa essas etapas do trabalho em sua totalidade, tanto pelo desgaste de sua força física quanto pelo reconhecimento que obteve como mestre de obras e que lhe permite contratar alguns trabalhadores para essas tarefas – ou quando usa algum argumento parecido para advertir que não é conveniente continuar com a edificação.

A lembrança dessas falas ajudou a concretizar este tema de pesquisa, ao fazer uma analogia da edificação de uma casa – a qual se deseja sólida e segura - com a vida laboral de quem trabalha na construção civil; ramo no qual a falta de empregabilidade contínua desafia a manutenção no mercado de trabalho, além de demandar adaptação a diferentes dinâmicas de contratação e condições laborais no interior dos canteiros de obras. Assim, o questionar: *Quais são os alicerces que permitem aos/às trabalhadores/as desta indústria cimentar sua vida laboral?* Foi esse questionamento que permitiu nortear esta pesquisa, ao considerar que esta população é a encarregada de construir a estrutura básica que pode dar estabilidade às suas próprias trajetórias de trabalho. Foi detectado que a *aceitação*, a *procura*, a *adaptabilidade* e a *disponibilidade* são os alicerces que permitem aos trabalhadores/as cimentar sua vida laboral; sendo diferente a consolidação dependendo do tipo de trajetória laboral desempenhada neste setor – as quais, foram identificadas e classificadas enquanto *contínua*, de *recém ingresso*, de *reinserção* e *temporária* –, embora sejam os homens com maior experiência de trabalho neste setor os que têm um maior fortalecimento do que eles consideram ser as bases de sua vida laboral. Situação que justifica priorizar o referente masculino nesta pesquisa, embora também seja reconhecida a presença das mulheres neste processo.

Prosseguindo com as analogias, se a cimentação depende das características do terreno e da carga que tem que ser suportada[11], temos que a vida laboral na construção civil se compõe por distintas etapas, assim: as cidades representam o terreno no qual se vai construir um novo projeto; enquanto a fase de escavação é a inserção no setor; o processo de edificação é a constituição da trajetória de trabalho; já os acabamentos representam as vivências e interiorizações que as pessoas têm de sua atividade. Em conjunto, estas fases mostram a dificuldade ou a possibilidade de consolidar a permanência laboral na construção civil, especificamente pelas características do setor e do contexto laboral atual.

Partindo dessas fases, o terreno e a etapa de escavação remetem à escala da cidade, na qual, pela sua centralidade no desenvolvimento dos processos modernos, concentração de serviços e as diferentes fontes de emprego, representa um lugar de esperança, especialmente para os *expulsados de llano en llamas*, ou seja, para os "desplazados, despojados de lo material, lo social y lo subjetivo" (CARRETERO e LEÓN, 2009). Entre eles, encontram-se os migrantes rurais que chegam neste espaço com a expectativa de mudar suas condições de vida na procura por trabalho; embora tenham de se confrontar com opções de emprego limitadas, tendo que realizar atividades que demandam força física, de menor reconhecimento social e maior precariedade, como as relacionadas ao setor da construção civil, especialmente as da área da alvenaria.

Já no que tange à construção civil, esta tem-se fortalecido através de um tipo de grupos sociais que conformam sua mão de obra, principalmente dos migrantes rurais, que se caracteriza tanto por sua experiência nas atividades agrícolas quanto por uma limitada trajetória escolar, como reportam Germidis (1974), Ferreira (1976), Sousa (1983), González (s/d), Mauro (1986), Conolly (1988), Padilla (1992), Bueno (1994), Cuevas (2004) e Reis (2008). Recentemente autores como Vargas (2005), Larralde (2011), Costa L (2013), Zirión (2013), Águila (2014) expõem a continuidade desse perfil nos atuais trabalhadores da construção civil, mas, fazem menção às novas modalidades de mobilidade espacial, como a internacional, a circular e a temporal. Também se reconhecem novos grupos de pessoas que estão procurando uma opção de trabalho neste setor, como é o caso dos moradores da periferia, das

[11] Disponível em: <https://conceitos.com/cimentacao/> Acesso em: 18 mar. 2018.

mulheres (SOUZA G, 2011) e dos jovens (SEIXAS, 2016) e que têm mais estudos que os antigos trabalhadores. Esta situação evidencia que, mais que mudanças no perfil do trabalhador da construção civil, estão se inserindo neste mercado de trabalho pessoas que se encontram em uma situação socialmente desfavorável, com limitadas oportunidades de emprego e que vêm na construção civil uma “opção viável”.

A construção civil, para autores como a Germidis (1974), Ferreira (1976), Mauro (1986), Conolly (1988) e Bueno (1994), tem um papel importante no desenvolvimento econômico e urbano, ao menos, nos países da América Latina; e também contribui na geração de empregos. Todavia, é um setor suscetível às mudanças climáticas, políticas e econômicas (GERMIDIS, 1974) e que vem mudando sua relação com o governo, já que desde a década de 1990 há maior participação do investimento privado que do público nas distintas obras de infraestrutura e moradia (PADILLA, 1992; FIX, 2007). Ele se apresenta como um parâmetro do crescimento ou de recessão econômica de um país, situações que influem em seu mercado de trabalho, mas, ainda assim, continua sendo um setor no qual se espera encontrar uma vaga de emprego; especialmente para os que enfrentam limitada oferta de empregos e que têm que desgastar intensivamente sua força de trabalho.

A construção civil se distingue por ser um setor que chega a explorar de sobremaneira a sua mão de obra. Não espanta, portanto, que o índice de trabalho escravo que aqui se gera é dos maiores (junto com a agroindústria e a mineração), assim como é o número de acidentes e de mortes suscitadas nos canteiros de obras, segundo os informes da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Estas situações estão relacionadas com as informalidades na contratação da mão de obra, a falta de fiscalização em todos os canteiros de obra e a desvalorização dos sujeitos sociais que aí se empregam.

Contemporaneamente, a construção civil passa por um processo de modernização a fim de acompanhar os parâmetros mundiais de produção e de oferta de serviços de qualidade. No entanto, nem todas as empresas construtoras e empreiteiros se regem por eles; situação que faz com que a população trabalhadora fique pressionada a se adequar a velhas e novas formas de contratação e de dinâmicas de trabalho e à temporalidade da empregabilidade, além de continuar sendo responsável por aceitar os riscos e quaisquer impactos na saúde que o trabalho lhe provoque. Assim, as particularidades da indústria da construção – tanto as

indicadas, quanto a característica de que nela o produto fica fixo enquanto a força de trabalho se desloca junto aos processos de produção para realizar uma nova edificação – se conjugam e se fortalecem com as novas formas impostas pela globalização econômica no mundo do trabalho, com o predomínio da flexibilidade laboral e o incremento dos riscos a se enfrentar (BECK, 2006).

Outra especificidade da construção civil - e que está em transformação - é o aprendizado da atividade mediante o sistema de ofícios, forma em que o trabalhador/a adquiri o conhecimento do processo de construção na prática e tem a possibilidade de ascender na estrutura laboral. Frente à modernização do setor, esta modalidade de profissionalização é gradualmente substituída pela qualificação certificada da mão de obra; processo que se complementa com a introdução dos novos modelos produtivos, implementados em outras indústrias – mais especificamente aqueles relacionados com o modelo do taylorismo (BUENO, 1994) e à incorporação das normas ISO 9001 (Organização Internacional para a Padronização, em português), que se relacionam com formas que o mercado mundial de serviços avalia como competitivas (COSTA L, 2013).

Este panorama se mostra desafiador para os trabalhadores que se formam na prática e que se apoiam nas relações sociais – entre colegas e parentes – para se inserir e se manter no mercado de trabalho, tal como tradicionalmente funcionava, conforme indica Bueno (1994). Além de enfrentar a flutuação nas vagas de emprego, o trabalhador do setor testemunha o aumento de requisitos - antes não existentes - para contratação, como saber ler, escrever ou ter ensino médio e procurar uma vaga de trabalho mediante apresentação de curriculum. Mesmo diante deste novo contexto, não há garantia de melhorias nas condições laborais e nem de estabilidade no mercado de trabalho, pois a flexibilidade laboral que invade o mundo do trabalho “formaliza” as distintas formas de contratação e de emprego na construção civil (analisadas por Costa L, 2013). Assim, velhas e novas formas de contratação se misturam com outras práticas legais/ilegais, formais/informais, tradicionais/modernas (ambiguidades observadas por Bueno, 1994; Costa L, 2013 e Zirión, 2013) influenciam na permanência laboral desta população de trabalhadores; além de ter que enfrentar a temporalidade da contratação.

Para Zirión (2013), a temporalidade pela qual os trabalhadores são requeridos gera a "mobilidade da mão de obra" e, como consequência, há "poca visualización del sujeto" (p. 237). Partindo do fato de que o trabalhador da construção civil não é indispensável do início ao fim de uma construção, recorrentemente terão que procurar um novo espaço de trabalho e, às vezes, com diferentes formas de contratação. Assim, os trabalhadores da construção civil "deben estar abiertos a los cambios, asumir los riesgos y peligros físicos dentro del trabajo y tomar decisiones en la negociación del contrato para quedarse en una construcción o para buscar trabajo en otro lugar", portanto, "un trabajador de la construcción debe ser flexible, adaptable y conformable" (Ibid., p. 255-256).

Ante esta dinâmica, percebe-se que o contexto laboral na construção civil está permeado por precariedades e incertezas que os trabalhadores/as têm que enfrentar para continuar a edificação de sua vida laboral. Portanto, as interiorizações, atitudes que têm com respeito ao trabalho que realizam, assim como sua acumulação de experiência – enquanto processo acumulativo de conhecimentos e de vivências – são os acabamentos que lhes permitem lidar com a temporalidade da contratação, prevenir riscos, fazer uma rede de contatos que pode ajudar a não ficarem desempregados. Seu esforço e ser reconhecido como "bom trabalhador", ou seja, "um profissional", é determinante para se manter no mercado de trabalho, até ter trajetórias "estáveis" que brindam a continuidade no âmbito profissional e uma melhora na vida laboral e familiar; embora essa conotação não tenha a ver necessariamente com ter passado por um curso e ter um certificado que lhe outorgue a qualificação. Assim, esta pesquisa expõe as particularidades de uma população trabalhadora que tem sido impactada pelas mudanças no mundo do trabalho.

Metodologia

Este processo social foi analisado a partir de um enfoque qualitativo e um recorte que considerou duas cidades da América Latina: Belo Horizonte e Cidade do México; cidades que, apesar de suas inúmeras particularidades, estão passando por uma modelagem da paisagem urbana, associada a dinâmicas suscitadas no contexto global. Estes novos desenhos urbanos correspondem, por um lado, às formas e funções que se associam a processo e estruturas de uma determinada época histórica, segundo a proposta de Milton Santos (1977, 1997) e se conjuntam com as

mudanças no mundo trabalho (analisadas por Antunes, 1998, 2009) que tem impactado o setor da construção civil e seu mercado de trabalho. Mudanças que começam a se fazer presentes desde os finais da década de 1970, uma temporalidade que, considerando a população entrevistada, coincide com o ingresso dos trabalhadores mais velhos neste setor; pelo que esta pesquisa tem como referência esse recorte temporal, que une o contexto macrossocial com as trajetórias aqui analisadas.

Os aportes de Bertaux (2005) e Dubar (2005) ofereceram um guia metodológico para a pesquisa, já que ambos os autores têm interesse pelo estudo das trajetórias de trabalho e recorrem a elas para abordar temas relacionados ao mundo do trabalho. Inclui-se, entre as suas análises sociológicas, a variável tempo, especialmente o tempo diacrônico, e o aspecto de *situação,* que se relacionam à existência de um contexto e a uma categoria que reflete a condição ou características da população de estudo.

> A dimensão *diacrônica* que permite capturar la lógica de la acción en su desarrollo biográfico, y la configuración de las relaciones sociales en su desarrollo histórico (reproducción y dinámica de transformación). La perspectiva etnosociológica lleva a orientar los relatos de vida hacia la forma de *relatos de prácticas en situación,* en los que prevalece la idea de que a través de los usos se pueden comenzar a comprender los *contextos sociales* en cuyo seno han nacido y a los que contribuyen a reproducir o a transformar (BERTAUX, 2005, p.11).

Particularmente para Bertaux, a localização espaço-temporal não só se limita ao tema de uma pesquisa, mas também inclui ao pesquisador em campo, já que a perspectiva etno-sociológica permite:

> estudiar un fragmento particular de la realidad socialhistórica, un *objeto social*; comprender cómo funciona y cómo se transforma, haciendo hincapié en las configuraciones de las relaciones sociales, los mecanismos, los procesos, la lógica de acción que le caracteriza […] E fortalece la elaboración de un tipo de investigación empírica basada en el trabajo de campo, inspirado en la tradición etnográfica por sus técnicas de observación, pero que construye sus objetivos por referencia a ciertas problemáticas sociológicas (Ibid., p. 10, 15).

A perspectiva etno-sociológica é uma proposta que fornece à sociologia um campo de compreensão mais amplo, consolidando uma forma de se aproximar dos fenômenos sociais, de fazer pesquisa e de contribuir na análise sociológica, além de

permitir o diálogo com outras propostas teóricas e metodológicas. Sua proposta ajuda a entender o processo no qual se conjuntam as relações, os processos sociais estruturais, as práticas recorrentes que remetem às lógicas de ação dos atores existentes em um fragmento particular da realidade, ou seja, em um tempo concreto e – também poderíamos incluir - em um espaço. Para o autor, é importante fazer um recorte da ampla realidade que caracteriza as sociedades; e uma forma de fazê-lo é considerar a existência da diferenciação e especialização dos setores de atividade. Sendo assim, o autor vê na sociologia do trabalho uma forma para se situar em uma área ou particularidade da realidade social. Por conseguinte, para Bertaux, na sociedade atual, a perspectiva etno-sociológica permite observar no *mundo social* uma atividade especifica ou uma *categoria de situação*, nas quais estão agrupadas um conjunto de pessoas que se encontram em uma determinada situação social, por exemplo, em um tipo ou condição de trabalho.

Em continuidade com a questão do tempo, para Bertaux (2005), esta dimensão é transcendental ao ser abordada no relato de vida e no estudo das trajetórias, porque na dimensão temporal diacrônica "los acontecimentos sobresalientes se han sucedido en el tiempo y que, por lo tanto, existen entre ellos relaciones prévios e posteriores" (Ibid., p. 79). Ademais, o autor sugere que para *reconstruir a estrutura diacrônica* do relato é necessário recorrer à sucessão temporal de acontecimentos, pelas relações de antes/depois, apoiando-se na cronologia na hora da análise. Assim, as duas escalas temporais, que são o *tempo histórico coletivo* e *o tempo biográfico* - tempo diacrônico e tempo cronológico - são paralelas que dialogam entre si, pois "o tempo histórico é um tempo vivo, é também o tempo do cambio social" (Ibid., p. 85); paralelas que, apoiando-se na imaginação sociológica[12], permitem uma *análise compreensiva* das trajetórias.

A análise compreensiva, para Bertaux (2005), implica a incorporação da categoria de situação, o tempo diacrônico e o terceiro nível de significação, que é um nível intermediário entre os níveis que remetem à estrutura e ao ator. Para o autor, existem três níveis de significado, sendo que os dois mais comuns de serem abordados ficam organizados da seguinte forma: "la mayoría de los trabajos teóricos

[12] "Es decir, crearse una representación (primero mental y después discursiva) de las relaciones y procesos que han dado origen a los fenómenos de los que hablan los testigos, casi siempre de forma alusiva" (BERTAUX, 2005; p. 91).

contemporáneos se construyen entorno a una misma discusión fundamental entre sistema y actor (es) (Touraine, Crozier), campo y *habitus* (Bourdieu), o *structure vs agency* (Giddens) ” (p. 95). Mas existe um terceiro que funciona como um nível intermediário, que é o das relações intersubjetivas firmes e duradouras, que se estabelecem entre as pessoas vinculadas entre si pelas relações que elas mesmas reconstroem ao longo de seu itinerário (ou trajetória) de vida. Portanto, a relação que existe entre os três níveis é de tal imbricação que “todo lo que modifique de forma sensible al menos uno de esos tres estados constituye un hecho y, de manera recíproca, todo echo en el itinerario biográfico modifica al menos uno de esos tres estados” (Ibid., p. 96).

A partir destes aportes, esta pesquisa busca a análise de um processo social que se relaciona com a constituição das trajetórias profissionais que mostram como determinados grupos sociais vivenciam o mundo do trabalho. Vislumbra-se, segundo a herança sociológica de Berger e Luckmann (1986), a relação indivíduo-sociedade, que se dá por meio de “correspondências entre a realidade objetiva (mundo social) e a realidade subjetiva (identidade pessoal)”. Dubar (2005, 2012) retoma estes aportes em seu enfoque de estudo das trajetórias das profissões, esclarecendo que o termo profissão, na perspectiva da sociologia do trabalho francesa, inclui as diferentes atividades de trabalho como ocupações, ofícios e mesmo profissões.

Com essas bases metodológicas e o reconhecimento de elementos que outros autores/as têm retomado para estudar trajetórias de trabalho, se entende que estas são: (i) Para Blanco (2006), uma linha de vida ou carreira que pode cambiar ou variar em direção, grão e proporção; sendo assim, o caminho percorrido pela pessoa ao longo de toda sua vida pode abranger uma variedade de âmbitos e domínios interdependentes (trabalho, escolaridade, vida reprodutiva, migração, etc.); (ii) segundo Sennett (2009), um canal das atividades econômicas de uma pessoa durante sua vida, embora possa ser afetada pelo capitalismo flexível ao abolir as regras passadas e impor novos controles no meio do trabalho; (iii) enquanto Furtado (2015) define a trajetória como um conjunto de posições compostas de uma marca temporal e uma coordenada espacial, que correspondem aos lugares e períodos de tempo nos quais as pessoas se situam em forma cronológica. Que, ademais, têm uma variedade de inserções ou ausências que podem provocar afetações no curso da trajetória, expressadas em uma série de mobilidades influenciada por distintos fatores, segundo

Castels (1997), Saravi (2006), Mora e Oliveira (2009) e Gomes e Pessanha (2010). Portanto, para a abordagem das trajetórias se consideram uma série de elementos que guiam a reconstrução das trajetórias da população entrevistada, sendo eles: origem social; eventos, durabilidade e efeitos; permanências; dimensão espaço-temporal; processos micro e macrossociais; fronteiras sociais e simbólicas. Em conjunto, estes elementos permitem chegar ao ponto central desta pesquisa.

Assim, no processo aqui investigado, configuram-se quatro momentos que remetem a um processo de edificação, como referido anteriormente, e que se reflete na estrutura deste documento, correspondendo: i) o cenário da pesquisa ii) as condições sociais que acompanham à determinados grupos em sua inserção ao mercado de trabalho e sua chegada na construção civil; iii) as trajetórias de trabalho da população nesse setor; iv) as imbricações do trabalho na dimensão profissional, pessoal e familiar na consolidação de sua vida laboral.

O trabalho de campo

Para chegar ao tema de interesse, foram abordadas as trajetórias de trabalho de homens e mulheres de diferentes idades que, durante o período de trabalho de campo, realizado entre o segundo semestre do ano 2017 e o primeiro semestre do 2018, se encontravam trabalhando no subsetor de edificações da construção civil. A interação com esta população ocorreu desde uma aproximação etno-sociológica, resgatando seus relatos de vida mediante um roteiro de entrevista semiestruturada (ver apêndice um). Bertaux (2005) propõe o relato de vida, que se trata de um tipo de narração que o entrevistado faz de sua vida, de um momento, de uma experiência ou de um tema especifico, conforme o pedido do entrevistador, sendo também um relato de práticas em situação e que contribui para a reconstrução de acontecimentos.

Com esses aportes, transitei por diferentes caminhos, em Belo Horizonte e na Cidade do México. A etapa de pesquisa foi antecedida por observações iniciais dos espaços do meu cotidiano e com aproximações a lugares e pessoas que permitiram entender a complexidade da realidade laboral e social da população de interesse e que permitiram me aproximar a ela - como foi na associação Construyendo y Creciendo, na Cidade do México, e no Sindicato Marreta e a EPOMG, em Belo Horizonte.

No ano 2017, depois de ter tentado, sem êxito, entrar em dois canteiros de obras localizados na região Pampulha, Belo Horizonte, considerei viável optar por outros espaços que me permitissem interagir com a população de interesse e realizar as entrevistas. A EPOMG foi um lugar que me permitiu participar em atividades e nas aulas – em que os alunos eram principalmente homens trabalhadores da construção civil – sendo ali onde foi possível começar a realizar as entrevistas. Posteriormente, me aproximei ao canteiro de obras no qual se está edificando o Fórum do Tribunal de Justiça no centro da cidade; no mês de novembro, comecei a visitar este lugar e a fazer entrevistas e que retomei até o mês de maio do ano 2018 ao ter programada a viagem para trabalho de campo na Cidade do México como um intervalo. Também se realizaram entrevistas em um prédio em remodelação no bairro da Graça e com um trabalhador autônomo, aluno no CEFET.

Em dezembro de 2017, iniciei percorrendo alguns lugares da Cidade do México para procurar onde teria a possibilidade de realizar as entrevistas com a população de interesse, algo que realizei de janeiro a março do 2018. Neste caso, tive a possibilidade de entrar em dois canteiros de obras com diferenças entre eles – Romero 114 e Parque México – e conclui as entrevistas contatando aos trabalhadores/as na rua durante seu horário de almoço, na construção do prédio Chapultepec Uno, como também fiz em Belo Horizonte com os trabalhadores do Fórum; sendo a opção mais viável para realizar o trabalho de campo nesses canteiros, conseguindo interagir um pouco mais com tal população, principalmente na cidade mexicana.

Optar por contatar os trabalhadores fora dos canteiros de obras e nas ruas próximas a esses canteiros, como aconteceu em ambas cidades, foi a alternativa encontrada ao não poder entrar em todos os canteiros de obras, além de que em ambas as cidades fui comunicada pelos próprios trabalhadores que eles estariam mais disponíveis para conversar no horário do almoço que no final da jornada laboral, quando se apressam para ir embora e, em geral, para enfrentar um bom tempo de deslocamento até suas casas.

Substituir o ingresso aos canteiros de obras por outros espaços, a fim de contatar aos trabalhadores, ofereceu-me outras possibilidades de conhecer e entender seu mundo laboral, desde o mais básico, como o vocabulário próprio da atividade, até as concepções que eles têm de sua realidade. Também trouxe a

possibilidade de conversar melhor com eles, já que a disponibilidade e possibilidade de tirarem um tempo de seu horário de trabalho para participar da entrevista eram limitadas. Isso ficou claro ao comparar as entrevistas que realizei em canteiros de obra na Cidade do México – que foram mais apressadas – com aquelas que realizei na EPOMG em Belo Horizonte, por exemplo.

Conversar no horário do almoço e na rua foi algo muito enriquecedor para o trabalho de campo, pois consegui me aproximar das vivências cotidianas dessa população de trabalhadores, especialmente no caso mexicano e na interação que tive com as mulheres. Na experiência brasileira, algumas entrevistas foram realizadas no entorno do canteiro de obras, nas quais os trabalhadores foram menos abertos a serem entrevistados, o que acredito ter a ver com a proximidade do espaço laboral e, em consequência, dos olhos de seus superiores. Em geral, todos os aspectos do trabalho de campo já indicados influíram na durabilidade da entrevista e nos argumentos de alguns entrevistados/as.

Assim, cada lugar frequentado e observado dependeu das possibilidades alcançadas em cada fase do trabalho de campo, mas sempre buscando ter o contato com a população que estivera imersa no mercado de trabalho do subsetor da construção de edificações e que tivesse um vínculo contratual com uma empresa ou empreiteiro. No entanto, os caminhos alternativos para a realização do trabalho de campo outorgaram um repertório de informações que aproximaram ao mundo laboral e social dos trabalhadores da construção civil nas duas cidades onde se realizou a pesquisa; sem ter, todavia, a pretensão que os dados aqui apresentados sejam representativos da população desses trabalhadores em ambos os países. Além de reconhecer que as condições nas quais foram realizadas as entrevistas, a disposição de cada participante e o que decidiram expor, influíram no conteúdo das mesmas.

Também se pode considerar que algum aspeto da distância de gênero, social e/ou cultural possa ter influído no desenvolvimento do trabalho de campo e na interação com a população trabalhadora. Transitar por espaços em que predominava a presença masculina não inviabilizou o processo de pesquisa e, na maioria deles, sempre fui tratada com respeito. As interações com a população trabalhadora nunca passaram do tema relacionado à pesquisa, mas, frequentemente, eu era convocada a fazer um intercâmbio entre minhas observações sobre o Brasil e o México, de

maneira a comparar o contexto da construção civil nos dois países. Em Chapultepec Uno, pela quantidade de trabalhadores/as, pelas minhas constantes visitas e por interromper os horários de almoço, eu era muito mais observada do que em outros espaços – sendo alguns desses olhares algo incômodos. Também era mais incitada a conversar, pelo grupo de mulheres trabalhadoras que mais frequentava, sobre as relações familiares e de gênero, que lhes atingia diretamente. Ser estrangeira no Brasil e estar de passagem pelo México morando em outro país, além de ser uma estudante de doutorado com bolsa, são fatores que me distanciavam dos/as trabalhadores/as com quem interagia para um propósito de pesquisa. No entanto, ter experiência em trabalho com grupos sociais empobrecidos, e, sobretudo, compartilhar vivências e condições sociais similares – por ser filha de um trabalhador da construção, moradora de periferia e entender a linguagem coloquial da Cidade do México – enfraquecia as barreiras que minha outra condição podia colocar. Contudo, posso concluir que o período do trabalho de campo foi muito enriquecedor, outorgou diversos aprendizados e me aproximou a um espaço novo de pesquisa - a cidade, já que minhas experiências anteriores tinham se desenvolvido no espaço rural.

Conteúdo e estrutura do documento

Ao longo desta introdução, foram dadas algumas indicações sobre o conteúdo a seguir, desenvolvido em quatro capítulos. Para esclarecer a construção deste documento, no capítulo um, se apresenta o cenário em que estão imersos os lugares nos quais se deu o contato com a população entrevistada, partindo de Belo Horizonte e da Cidade do México como duas cidades latino-americanas imersas nos padrões de globalização. Embora tenham uma diferente integração à rede de cidades globais, as duas passam por processos semelhantes. Sua paisagem modela-se de acordo com os novos modelos de construção, impactada pelas demandas do capital financeiro e do mercado imobiliário, no qual o setor da construção civil tem um papel importante e que compreende um processo que se materializa na presença dos diferentes canteiros de obras em cada cidade. Depois de apresentar os lugares e canteiros de obras nos quais se realizou o trabalho de campo, indaga-se, no capítulo dois, a relação entre a origem social e o trabalho na construção civil, no contexto latino-americano e particularizando esse processo na população entrevistada. Posteriormente, no capítulo três, são expostas as trajetórias laborais que os entrevistados/as

desenvolvem no setor da construção civil, abordando desde a sua inserção até o momento em que foram contatados/as. Finalmente, no capítulo quatro, discute-se como é que se cimenta a vida laboral dos trabalhadores/as participantes nesta pesquisa.

Capítulo 1. Canteiros de obras em duas cidades Latino-americanas: formas e funções em tempos globais

Vieja ciudad de hierro
de cemento y de gente sin descanso
si algún día tu historia tiene algún remanso
dejarías de ser ciudad…

(Vieja ciudad de Hierro, Rockdrigo González)

Este capítulo apresenta um cenário no qual a população entrevistada se encontrava trabalhando entre os anos de 2017 e 2018, na cidade de Belo Horizonte e na Cidade do México: os canteiros de obras. Mas, antes de chegar a esses lugares, parte-se da escala de cidade e refere-se o papel que a construção civil tem na transformação da paisagem urbana no contexto global; no qual o protagonismo da cidade vai ao encontro com uma nova paisagem urbana; na qual a indústria da construção civil tem um papel relevante na edificação dos novos arquétipos de cidades e, portanto, na geração de empregos. Começar por essa relação tem o propósito de visualizar as dinâmicas associadas à edificação em ambas as cidades e a existência de diversos canteiros de obras nos quais se empregam homens e mulheres. Cabe sinalizar que, mesmo que existam modelos urbanos e de construção globais, nem todos os canteiros de obras emergem sob as demandas da competitividade internacional; mas, apresentam similitudes, sendo lugares onde se realiza a atividade de construir em troca de um salário, se aprende/desenvolve um oficio e se suscitam as dinâmicas laborais próprias do setor da construção.

Para abordar esta inter-relação de processos, lugares e dinâmicas de produção, o capítulo começa tratando da cidade global e dos padrões que este modelo leva para outras cidades, como aqueles relacionados à modificação da paisagem urbana, evidentes tanto Belo Horizonte quanto na Cidade do México, ainda que sejam duas cidades com história e dimensões diferentes. Para essa tarefa, se retomam aportes da sociologia urbana e da geografia, particularmente de Sassen e Milton Santos. Em seguida, expõem-se aspectos do setor da construção civil – indústria que está passado por mudanças de modernização para apresentar-se como um setor que atua em concordância com os modelos mundiais de produção e serviços, o qual impacta no seu contingente de trabalhadores/as. Posteriormente, especifica-se alguns lugares nos quais trabalhou a população entrevistada e os processos de construção

que destacaram em determinadas zonas das duas cidades. Por fim, particulariza-se os lugares nos quais se teve contato com a população entrevistada, expondo algumas de suas características, assim como as dinâmicas de trabalho dos canteiros de obras, as quais foram detectadas desde minha imersão como pesquisadora em trabalho de campo.

1.1. As cidades em tempos globais

Nos países latino-americanos, a cidade chega a ser visualizada em oposição ao campo, embora ambos os espaços sejam resultado de um *único processo histórico,* de herança colonial, em que o desenvolvimento de uma zona (a cidade) implica o subdesenvolvimento de outra (o campo); mas, trata-se de um processo que tem dado passagem à constituição de *uma só sociedade global.* A atual sociedade reproduz condições herdadas da época colonial, pelo que, ainda hoje, os imigrantes rurais continuam sendo mão de obra barata nas cidades, que contribuem no "progresso das áreas modernas urbanas e industriais de América Latina" e mantendo na mesma condição as *áreas atrasadas, arcaicas e tradicionais* (STAVENHAGEN, 2014, p. 160-162). Desse processo não só surge a força de trabalho da construção civil, mas também se desenham os rumos que segue esta indústria para sua modernização, formas de produção e localização.

Enquanto a indústria automotriz e têxtil se movem para a periferia, permanece na cidade a parte da gestão, administração, controle e serviços, o que mostra uma divisão do trabalho internacional e nacional. O uso da terra em determinadas zonas na cidade, para o capital financeiro e o incremento da especulação imobiliária, envolve um processo de urbanização específica e situada que influência na construção civil, por ter um papel importante na contribuição para que o espaço seja uma mercadoria e se torne um negócio, como mencionado por Carlos (2005). As mudanças geradas na paisagem urbana emergem novas implicações sociais, porque, como observou Capel (1975), a paisagem urbana é produzida pelo homem que está envolvido em processos de produção, mas também tem um status social, classe e cultura, o que influencia a ser heterogêneo, embora a homogeneização do espaço comece a imperar com os processos globais.

Para Santos (1997), a cidade, sobretudo a grande cidade, é o fenômeno mais representativo da união do tempo e do espaço. Embora ambas sejam categorias de análise, “o espaço é, em todos os tempos, o resultado do casamento indissolúvel entre sistemas de objetos e sistemas de ações” (p.81). De acordo com esse raciocínio, o produto da construção civil – suas edificações – representa esse casamento de sistemas, na medida em que produz a cidade enquanto estrutura física e paisagem, articulando uma gama de atores. A cidade é, portanto, um produto do trabalho humano e produtora de relações de trabalho, como bem expressa Nieto (2005) quando diz que a cidade:

> es mucho más que el escenario de la sociedad; la ciudad encarna la unidad narrativa, contextual y analítica que contiene el hecho social total; es el espacio donde la vida individual de los trabajadores cobra sentido. La ciudad y los distintos espacios urbanos sintetizan y metaforizan no solo a los Estados nacionales, sino a la sociedad industrial de la que son contemporáneos. La ciudad claramente sostiene al trabajo y al conjunto de las relaciones sociales de las que éste resultado. En esta perspectiva, el mejor producto del trabajo humano es la propia ciudad (p. 97).

A cidade, como unidade narrativa e produto do trabalho, tem conotações específicas na era global e não só enquanto tamanho, uso de tecnologia, concentração de novas funções, empresas e mercados e infraestrutura física; mas também pela conformação de uma nova paisagem urbana, pois há edificações cada vez mais imponentes que marcam a nova era e a hierarquia entre as cidades. Esses aspectos são expostos por Sassen (1998) e tem se tornado evidente nas principais cidades de países de América Latina, especialmente na Argentina, no Brasil e no México. Deste modo, Sassen ressalta a importância de ver a infraestrutura material como um elemento fundamental na implementação das dinâmicas globais.

As cidades com destacada infraestrutura se consolidam como lugares estratégicos para a mobilidade do capital e para a articulação de diferentes áreas geográficas. As cidades globais se distinguem por ser: (i) pontos de comando na organização da economia mundial; (ii) lugares e mercados fundamentais para as indústrias de destaque do atual período, isto é, as finanças e os serviços especializados destinados às empresas; (iii) lugares de produção fundamentais para essas indústrias, incluindo a produção de inovações (SASSEN, 1998, p. 16-17). Segundo a autora, essas funções não são exclusivas das grandes cidades, já que

também são realizadas em escalas geográficas menores, como em regiões transnacionais e subnacionais, onde o importante não é a dimensão, mas sim a integração às hierarquias globais e regionais das cidades, tentando sair do território periférico excluído dos grandes processos econômicos. Além disso, as cidades entram em uma competição para:

- Obter acesso a mercados cada vez mais globais, tendo em vista recursos e atividades que vão dos investimentos estrangeiros, matrizes e instituições internacionais ao turismo e às convenções.
- Desenvolver uma infraestrutura avançada para se posicionar como: lugares-chaves para os serviços avançados e para as telecomunicações necessárias à implementação e ao gerenciamento das operações econômicas globais.
- Concentrar as matrizes das empresas, sobretudo daquelas que operam em mais de um país e, assim, se constituir locais de produção pós-industrial para as principais indústrias desse período, para o setor financeiro e os serviços especializados (Ibid., p. 35-36).

Essas dinâmicas globais, identificadas por Sassen em Buenos Aires, Cidade do México e São Paulo, a partir de 1991, também estão sendo implementadas em Belo Horizonte. Assim como as outras capitais, Belo Horizonte tem se desenvolvido com significativo privilégio ao setor de serviços e deixando na periferia espacial e produtiva outros setores econômicos (mais especificamente aqueles ligados à indústria automotriz, à mineração e à agricultura) e cuja localização, como aponta a autora, é de importância secundária para as empresas prestadoras de serviços que atuam em nível global, embora estes setores sejam os que mantêm e fomentam a demanda da produção de serviços.

Ademais, Belo Horizonte foi recentemente sede de megaeventos internacionais que deixaram um impacto visível no espaço urbano: a Copa Mundial de Futebol, em 2014, e as Olimpíadas, no ano de 2016. Com esses eventos mundiais, cidades como Rio de Janeiro e Belo Horizonte passaram por transformações em suas infraestruturas de mobilidade e tiveram uma intensificação na construção de edifícios a fim de cobrir às necessidades dos visitantes, assim como beneficiaram o desenvolvimento dos eventos. Em tudo isso existe pessoas que com sua força de trabalho tornaram possível cumprir os interesses de agentes internacionais. Aspectos que expõem,

segundo Sassen, que a globalização pode ser encarada como um processo que envolve múltiplas economias e culturas relativas ao trabalho. Assim,

> Focalizar o *trabalho* que está por detrás das funções de comando, a produção no complexo das finanças e a prestação de serviços e os mercados tem o efeito de incorporar os recursos materiais subjacentes à globalização e toda a infraestrutura de empregos e de trabalhadores que não são vistos como pertencentes ao setor corporativo da economia: secretarias e faxineiros, caminhoneiros, que entregam *software*, a variedade de técnicos e de empregados que trabalham em concertos e todos os empregos que têm que ver com a manutenção, pintura e reforma das construções onde aqueles setores se localizam (SASSEN, 1998, p.157-158).

Outro ponto que merece ser salientado diz respeito à dinâmica imobiliária, que também tem gerado modificações no espaço e na acessibilidade dos habitantes à própria cidade. Como analisa Fix (2007) na cidade de São Paulo, os novos projetos, infraestruturas e edificação que emergem para atender aos interesses da globalização financeira atuam centralmente na produção das desigualdades sociais. A nova etapa urbana e os modelos de cidade global impactam, em distintos graus, diferentes grupos sociais, como tem sido mais bem estudado por Castells (2009) e Harvey (2005), e levantam o questionamento sobre a própria temática da cidadania e do direito à cidade, pensado na proposta de Lefebvre (1991).

Essa compreensão tem impulsionado movimentos sociais que reivindicam a participação de diferentes agentes na defesa da governabilidade e governança e da autonomia dos atores locais. Neste sentido, vale salientar a Alianza Euro Latinomericana de Cooperación entre Ciudades, projeto em que tanto a cidade de Belo Horizonte quanto a Cidade do México participam. Este tem por objetivo pedir aos "líderes globais" o reconhecimento da autonomia dos governos locais, outorgando-lhes "um lugar na mesa global" para que também possam ser "tomadores de decisões na agenda mundial". Procura, assim, "a melhoria do sistema global de governança através da internacionalização dos governos locais e regionais, a fim de fazer frente aos desafios e às oportunidades de um mundo cada vez mais urbano" [13].

A iniciativa desse projeto internacional deixa ver que são os agentes externos os que têm maior peso no que se gera nas cidades, tendo influência em distintas decisões que se executam nestes espaços – como se pode vislumbrar se observamos

[13] Disponível em: <https://proyectoallas.net/> Acesso em: 24 out. 2018.

as atuais *formas e funções* das cidades, as quais correspondem a *processos* e *estruturas* desta época. Estas quatro categorias – forma, função, estrutura e processo – estão presentes com determinada particularidade na cidade, mas também em outros espaços que, em conjunto, integram à sociedade global (SANTOS M, 1997, p. 31). Considera-se que são as formas e funções as que evidenciam as particularidades e mudanças de uma sociedade em espaço e tempo, pois, como argumenta Santos (1977), estas refletem as dinâmicas do capitalismo, a globalização, assim como a história dos lugares e dos grupos humanos que os habitam, transitam e/ou usam, se expressam no espaço a partir das formas; além de mostrar hierarquias urbanas e tipo de cidades – globais, intermédias, patrimoniais, entre outras. Deste modo, as formas podem ser compreendidas como ferramentas do capital, pois estão associadas às condições históricas e são o resultado da ação humana, observando-se em:

- Implementação de novas formas
- Substituição de funções já existentes por outras mais funcionais
- Execução de projetos de planejamento aparentemente isolados, mas que, contudo, visam ao mesmo alvo: acelerar a modernização capitalista (Ibid., 1977, p. 32-33).

Essas mesmas dinâmicas também agem na modelagem da paisagem das cidades para que estas possam corresponder às demandas globais da economia financeira e aos estilos de vida urbana atual. Assim, novas edificações surgem, como se suscita com a construção de prédios coorporativos, edifícios de luxo projetados para um tipo de utilidade e clientela, já que “construção de projetos de arranha-céus e de obras públicas de grande escala, por exemplo, implica um grande investimento nas cidades” (SANTOS M, 1977). Nesse sentido, as edificações e construções, como formas, são expressões de processos, de estruturas, de presença e ausência de agentes, do tipo de investimento e tecnologia utilizada, de relações de trabalho, do propósito e destino de uso da obra realizada, portanto, que têm como finalidade funções específicas.

Santos argumenta que a nova forma chega junto com um *conteúdo importado,* associado a um modo de produção específico a uma formação socioeconômica e que introduz novos relacionamentos e dependências. Isso significa que, embora as cidades tenham seus próprios processos históricos e aspectos sócio-demográficos,

políticos, econômicos, geográficos, entre outros, que marcam sua constituição específica como lugar, também compartilham processos urbanos que, em diferentes escalas, reproduzem o que se suscita na ordem global. São essas tendências – entendidas como formas e funções, segundo a proposta de Santos M (1977, 1997, 2008), presentes em Belo Horizonte, a quarta cidade mais importante do Brasil, e na Cidade do México, capital do México, que é considerada uma cidade global – as que permitem fazer com que esses dois lugares tenham se tornado o contexto sócio espacial desta pesquisa.

Parte-se do pressuposto que as cidades globais são modelos urbanos ideais que influem para que outras cidades tentem se incluir nessa rede e, para isso, implementem uma série de mudanças, entre elas: o incentivo ao setor dos serviços; modificação de sua infraestrutura para garantir uma mobilidade eficaz de pessoas, de produtos e de informação; a construção de espaços funcionais para a nova ordem global, como coorporativos e edifícios de luxo. Assim, as duas cidades de referência, como outras tantas no mundo, vão mudando sua paisagem continuamente, pois:

> Atualizar-se é sinônimo de adotar os componentes que fazem uma determinada fração do território o *locus* de atividades de produção e de troca de alto nível e por isso consideradas mundiais. Esses lugares são espaços hegemônicos, onde se instalam as forças que regulam a ação em outros lugares (SANTOS M, 1997, p. 32-33).

Nesse sentido, as edificações e os diversos canteiros de obras, tanto concentrados quanto fragmentados no território, dependendo do tipo e destino da obra, são elementos palpáveis que expõem as transformações pelas quais estão passando as cidades. Lugares que são resultado e processo de produção do setor da construção civil, cujo papel no desenvolvimento das cidades não é só econômico, mas também responsável por efetuar as mudanças físicas da paisagem. Para realizar as demandas de construção em concordância aos novos tempos, esta indústria também vem se adaptando aos padrões que se apresentam como os mais competitivos nos processos de produção – os quais, mesmo que sejam incorporados de forma forçada, implementam novas técnicas, materiais e demandam novos perfis na mão de obra a ser contratada, especialmente para aquelas destinadas a agentes financeiros internacionais, como os corporativos.

Vale ressaltar que, não apenas a nova infraestrutura das cidades é uma expressão dessas dinâmicas surgidas da relação das quatro categorias antes mencionadas, já que também os setores econômicos e seus processos de produção são impactados pelas mesmas e se adaptam aos conteúdos importados. Por exemplo, a construção civil em países como Brasil e México, importa novos padrões no processo de construção, nos quais se pode salientar o atrelamento às normas ISO (Organização Internacional para a Padronização, em português), com o tipo de investimento que na atualidade impera nesse setor, e com a criação de novas demandas de contratação de mão de obra, como aponta Costa L (2013) – aspectos que refletem as mudanças pelas que a construção civil também está passando.

Portanto, com o passar do tempo e de acordo com as dinâmicas de cada etapa, esta mesma indústria tem modificado a relação que tem com o Estado, o que impactou os tipos de construções realizadas e os destinatários das mesmas. Por exemplo, com o Estado de Bem-estar social, a construção civil ganhou maior investimento público e a construção de moradias para trabalhadores e setores populares era o objetivo; com o Neoliberalismo e a nova ordem mundial, a construção civil passa a ter maior investimento privado e o Estado diminui sua participação na construção de infraestrutura e moradia para grupos sociais menos privilegiados (FERREIRA, 1974; PADILLA, 1992; FIX, 2001). Essas substituições mostram como o Estado permite que o mercado e “os fluxos hegemônicos corram livremente, destruindo e subordinando os demais fluxos”, já que “dada a competitividade mundial, as normas globais, induzidas por organismos supranacionais e pelo mercado, tendem a configurar as outras” (SANTOS M, 1997, p.55).

Em geral, as mudanças, desde a perspectiva de Santos M (2008), correspondem a uma nova “combinação de formas espaciais e de técnicas”, que se distinguem em cada momento histórico, seguem seus modos de produção e sua formação social. As novas formas modificam as estruturas e outras propriedades do espaço, outorgando-lhe, assim, uma cidade a partir da sua “função da forma espacial”. Portanto, “o movimento do espaço, isto é, sua evolução, é ao mesmo tempo um efeito e uma condição do movimento de uma sociedade global” levando a entender que as cidades “são formações sócio-espaciais” (p.31).

Particularizar esse processo no setor da construção civil, priorizando o que se suscita no subsetor de edificações, nos leva a analisar como um tipo de projeto

envolverá um grupo de atores presentes e ausentes, assim como dinâmicas de um mercado de trabalho especifico, nos aproximando aos trabalhadores/as da construção civil. Para estes, a dinâmica laboral depende e se distingue pelo tipo de projeto, funcionalidade e destinatário da construção, pela quantidade do investimento e pelo lugar no qual a construção ficará localizada. Também se relaciona com tipo de empresa construtora que realizará a edificação, com as dinâmicas de subcontratação de empresas menores e terceirizadas, pelo perfil da mão de obra e pelas formas de contratação e condições de trabalho.

Em cada lugar construído e em construção, se observam essas características e interações, o que justifica o interesse de destacar, neste capítulo, a relação entre *cidade-construção civil-trabalho*, três categorias que se combinam segundo processos e escalas. Nesta tripla relação, a cidade é entendida como um espaço constituído pela centralidade, o moderno, as oportunidades de desenvolvimento, o movimento e a fluidez – qualidades que vão se atualizando conforme os novos tempos, que sempre chegam com outras demandas e modificações.

Santos considera que a "cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também". Mas, enquanto as cidades no contexto global representam o *tempo rápido,* os trabalhadores da construção civil representam o *tempo lento*, uma vez que são *pobres, homens comuns, homens "lentos"*. Todavia, "acabam por ser mais velozes na descoberta do mundo", e, assim como os imigrantes e os destinados a realizar atividades que implicam um alto desgaste físico e risco, têm uma força que lhes caracteriza, *a força dos lentos*. (SANTOS M, 1997, p.83). No caso dos trabalhadores da construção civil, sua força, sua descoberta da cidade e sua trajetória laboral no setor, também vão se adaptando às novas mudanças desta indústria, tanto em seus processos produtivos, quanto nas novas formas de investimento, gestão e geração de empregos, como será indicado ao longo deste documento.

1.2. O setor da construção civil

A construção civil é um setor que tem favorecido o desenvolvimento nacional por sua contribuição na economia e na geração de empregos e por seu papel no processo de urbanização, na criação de infraestrutura e na modelagem da paisagem das cidades. Esta indústria se conforma por três grandes segmentos: a) a construção

de edifícios, que inclui empresas de edificação e imobiliárias; b) as obras de infraestrutura, tais como: transporte, energia elétrica, telecomunicações, saneamento e obras de urbanização; c) serviços especializados para a construção, que envolvem o preparo do terreno, a instalação elétrica e hidráulica, acabamentos, entre outros serviços ofertados por empresas especializadas. Destes segmentos, o primeiro é o que tem mais participação na geração de empregos e de produção, enquanto no terceiro setor a terceirização de serviços o sustenta atualmente, como indica a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC, 2014) e como se pode observar nas seguintes tabelas.

Tabela 1. Pessoal ocupado por subsetor da construção civil no Brasil no ano 2016

Variáveis	Construção de edifícios	Obras de infraestrutura	Construção de rodovias, ferrovias, obras urbanas e obras de arte	Obras de infraestrutura para energia elétrica, telecomunicações, água, esgoto e transporte por duto	Serviços especializados para construção	Demolição e preparação do terreno	Instalações elétricas, hidráulicas e outras instalações em construções	Obras de acabamento
Número de empresas ativas	23 804	6 918	2 920	1 732	26 031	2 988	8 371	5 718
Pessoal ocupado em 31/12	704 818	534 713	202 150	214 344	562 685	70 338	213 596	101 801

Fonte: Pesquisa Anual da Indústria da Construção (PAIC), 2016[14].

Tabela 2. Pessoal ocupado por subsetor da construção civil no México no ano 2015

Pessoal ocupado 2014	Total Setor 23: Construção	Subsetor 236: Edificações	Subsetor 237: Construção de obras de engenheira civil	Subsetor 238: Trabalhos especializados para a construção
Total	683 203	339 920	238 257	105 026
Homens	607 742	300 246	216 189	91 307
Mulheres	75 461	39 674	22 068	13 719

Fonte: Elaboração própria com dados da Encuesta Anual de Empresas Constructoras, 2015[15].

Quanto a evolução deste setor – resgatando o aporte de Ferreira (1976) – a construção passou por uma evolução que vai do período colonial, de 1500 a 1850, incrementando-se no período da expansão cafeeira, de 1850 a 1920, e fortalecendo-

[14] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://ibge.gov.br/>

[15] Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/>

se no período industrial que surge desde 1920. Regionalmente, é no século XX, na América Latina, e no período do Estado de Bem-Estar Social, que se destaca a relação da construção civil com o desenvolvimento de países como Argentina, Brasil, Equador e México, por exemplo (Gonzalez (s/d); Ferreira, 1976; Germidis, 1974; e Mauro (1986) Conolly, 1988; Padilla, 1992 e Bueno, 1994, Haidar, 2010).

O protagonismo da construção civil no desenvolvimento de países da América Latina está associado à geração de empregos na construção de moradias e infraestrutura urbana nas principais cidades, favorecido pela intervenção do governo. Ao gerar políticas que beneficiaram o subsetor de edificações e programas que tinham medidas de intervenção, o governo buscou atuar sobre:

> a) necessidades de criação de uma infraestrutura que permita ao País a continuidade de seu processo de desenvolvimento;
> b) necessidade de criação de moradias para atender à crescente população urbana,
> c) necessidade de criação de empregos para a significativa parcela da população urbana que não possui qualificação professional (FERREIRA, 1976, p. 37).

Situação similar aconteceu no México, por ser o governo quem incentiva o projeto institucional de construção de moradia para operários. Assim, o Estado foi o principal promotor e auspiciou a indústria da construção, mas tendo “uma posição de observar o processo e o desenvolvimento dessa atividade”, em especial na forma de produzir casas na Cidade do México, onde se “articula o formal e o informal na construção civil” (BUENO, 1994, p. 11). Este último aspecto representa uma das ambivalências que vão constituir esta indústria e vão estar presentes nos diferentes processos de articulação entre os fatores da produção, a estrutura laboral, as condições laborais e a organização sindical dos trabalhadores, como ressalta a autora.

Ainda que a absorção da mão de obra disponível tenha sido utilizada para construir moradias de baixo custo destinadas para a população trabalhadora, gerou-se um círculo vicioso por priorizar a suposta vantagem do “custo mais baixo” (FERREIRA, 1976, p. 65). Esse círculo desfavorável para o desenvolvimento da construção civil não foi um processo particular do Brasil, pois o mesmo caso se apresentava para o México, como também indicou Ferreira (1976) em sua pesquisa. Conolly (1988) aponta que, para o caso mexicano, a construção civil no período da

década de 1980 estava nas mãos dos mexicanos e concentrada em poucas empresas. Mas, por ser uma década de pouca produtividade em que não existiam técnicas de produção mecanizadas, se mantiveram inclementes as condições laborais, pois, o uso intensivo da força do trabalhador substituía a pouca tecnologia usada no setor.

Embora a participação do Estado tivesse um papel importante no fortalecimento industrial da construção civil durante o período intervencionista, com a inserção do modelo neoliberal, o cenário foi mudando. A participação estatal começou a ser substituída pelo setor privado (PADILLA, 1992; FIX, 2007); com isso, foram aparecendo o setor informal e de autoconstrução, no final da década de 1980, como foi o caso mexicano (PADILLA, 1992). Atualmente, no processo produtivo desta indústria também se apresentaram novos modelos com a finalidade de moderniza-la e incrementar a produtividade da mesma, situação que está demandando melhorar o rendimento e o consumo da mão de obra (BOTERO, 2012).

A formação e a qualificação dos trabalhadores, assim como a implementação de recursos informáticos, marca a nova etapa da construção civil (CATTANI, 2007), que também inclui: implementação de programas de treinamento em segurança para os trabalhadores (SEEWALD, 2007), estratégias de prevenção de acidentes (DALCUL, 2007), validação de programas de alimentação para os trabalhadores (VELOSO, 2007) e instauração de sanitários nos canteiros de obra para prevenção de doenças aos trabalhadores (FERRA, 2010). Embora existam medidas que beneficiam a população de trabalhadores, a finalidade principal é melhorar a produtividade da indústria, sendo estas estratégias de competência das empresas para se manter no mercado, especialmente as que tentam cumprir com as normas ISO 9001.

No entanto, a construção civil tem uma diversidade de particularidades que a distingue de outras indústrias; ainda que venha incorporado modelos de outras indústrias para melhorar a produtividade. O modelo taylorista e, mais recentemente, a incorporação da Normas ISO 9001, são duas medidas que se introduziram no processo produtivo da construção civil, mesmo que apresentando dificuldades para ter um seguimento exato desses padrões, conforme apontam Bueno (1994) e Costa L (2013). Assim, o suposto é que essas medidas influam para que a construção civil nos países em vias de desenvolvimento deixe de situar entre as fronteiras do que se

chamam “sector capitalista” e “sector tradicional” (GERMIDIS 1974). Por exemplo, para o caso do Brasil, as empresas que tentam atuar por via a regulamentação estabelecida pelo Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP H) que promove novos modelos de organização e tecnologia para poder estar no nível de competição de empresas europeias e dos Estados Unidos, segundo os argumentos de Mello e Amorim (2009).

Também se procura controlar a “instabilidad de la actividad”, que repercute na empregabilidade, ao depender de “el cambio político y económico, de las variaciones climáticas estacionales, de la migración temporal de la fuerza de trabajo, de las fluctuaciones de las actividades de construcción de un período presidencial a otro, además de la participación de inversiones privadas” (GERMIDIS, 1974, p.105, 107). Essas causas da instabilidade da construção civil são tendências que até a atualidade se mantêm, tanto no México como em outros países. No Brasil, por exemplo, as mudanças de partido no governo tiveram influências na participação que a construção civil teve com o Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), indicado por autores como Silva e Nunes (2013) e Jardim (2015).

Embora compreender as particularidades da construção civil seja uma tentativa de entender o porquê se trata de uma indústria que não se encaixa totalmente nos modelos produtivos que ao longo do século XX se foram consolidando, Panaia (2004) afirma que o setor da construção se particulariza por ter um processo de industrialização inconclusa. Tal situação torna-se evidente quando se observa que o modelo de produção taylorista, como novo padrão de industrialização, não conseguiu se incorporar em sua totalidade.

Bueno (1994) supôs que o modelo taylorista na construção civil, ao ser implementado, afetaria as relações étnicas e a organização do trabalho com base no sistema de ofícios; reduzindo a autonomia dos trabalhadores e seus conhecimentos no processo de construção e uso dos materiais. Porém, a proposta de Taylor na construção civil, enquanto foi exitosa em outras indústrias, sua inclusão foi mais lenta neste ramo, por ter mais implicações para superar os processos “artesanais” que nele existem. Essa transformação, para ocorrer em sua totalidade, retiraria a autonomia dos trabalhadores para desenvolver certas atividades difíceis de mecanizar. Além disso, teria que dar conta de práticas que se debatem entre a formalidade e

informalidade, o legal e ilegal – práticas que até então são tidas como simbióticas, como pontua a autora.

O sistema de ofícios oferece aos trabalhadores ampla autonomia profissional, mas gera dúvidas da sua eficiência por ser “um sistema que é discutido em comparação a teoria de Taylor, baseada em “pretender estandardizar las formas de trabajo para controlar los ritmos y movimentos de los trabajadores” (BUENO, 1994, p. 20). Assim, neste âmbito produtivo, estandardizar e tornar eficientes os movimentos físicos do trabalhador tinham como objetivo superar os aspectos que na prática cotidiana influíam nesse processo. Ainda que no âmbito da construção civil, onde mesmo Taylor fez observações e tentou implementar sua proposta, a autora destaca a dificuldade de executar o modelo taylorista.

A respeito disso, Costa L (2013) argumenta que a construção civil tem problemas em adaptar-se ao modelo de produção taylorista, porque é um setor onde domina certa liberdade de ação, tem pouca regulamentação por parte do Estado e predominam as estratégias para burlar a legislação. Essas situações são mais evidentes nos países em vias de desenvolvimento, onde existe instabilidade e descontinuidade do processo produtivo, assim como pela variabilidade e pela flexibilidade que caracterizam o setor, gerando, portanto, uma intensa mobilidade da força de trabalho. E, também nestes países, as empresas construtoras, com seus distintos graus de tecnicização, estão tentando alcançar uma produção mais qualificada, com a projeção de se modernizar. Portanto, a construção civil não se sustenta em uma atividade artesanal e nem em uma indústria racionalizada, se comparada aos demais setores industriais.

Ainda de acordo com Costa L (2013), a construção civil é associada a uma manufatura moderna, a um “modo original de industrialização” por sua especificidade enquanto “encontra-se relacionada aos projetos, aos cálculos, à localização, ao tipo de terreno, ao processo de trabalho e, essencialmente, ao ambiente contingente e circunstancial que permeia a interação entre o trabalhador e o seu trabalho”, além de existir um modo particular de gestão da mão de obra caracterizado pela flexibilidade e pelas “resistências” à taylorização (Id. p.31). Ademais, considera que:

> O subsetor Construção Habitacional é marcado por uma variabilidade interna e externa. Interna: a grande heterogeneidade entre as etapas do processo produtivo, ou seja: quantidade de trabalho requerido, diversidade de materiais e de componentes processados, e utilização

> diversificada de mão de obra com a participação de várias qualificações. Externa: a forte diversificação do produto moradia, de acordo com as singularidades de cada projeto, ou seja, caraterísticas técnicas do processo produtivo (fundações, estruturas, acabamento e revestimento) e suas implicações na construção (materiais, componentes, instrumentos de trabalho e qualificação dos trabalhadores) definidos a partir da instalação de cada canteiro de obra em particular (FARA, 1992, *apud,* COSTA L, 2013, p. 32).

No intento de modernizar os processos na construção civil, são incorporadas normas de certificação de qualidade, como as ISO 9001, um conjunto de normas padronizadas que propõem resguardar as regras de segurança e de confiabilidade em produtos e serviços, respaldando a excelência do produto colocado no mercado (COSTA L, 2013). No entanto, cumprir com os “modelos de qualidade” implica padronizar o processo de trabalho, o que na construção civil se tornou um desafio até mesmo para os trabalhadores. Isso porque, ao diminuir a capacidade de gerar estratégias e conhecimentos que o trabalhador adquire na sua formação, há impacto nas relações entre os trabalhadores por impor uma nova lógica de relações mais burocratizadas e de controle (Ibid.).

A falta de qualificação do trabalhador da construção civil vem gerando um maior estigma sobre as capacidades e os conhecimentos que ele possui e se fomenta a percepção que as problemáticas que enfrenta a indústria para se modernizar são causadas pelo trabalhador, como ainda hoje se alude. Nos argumentos expostos pela CBIC se advoga por contratar a mão de obra qualificada e com maior instrução formal, porque esse tipo de trabalhador:

> está mais bem preparado para desempenhar sua função no canteiro de obras, absorver as normas técnicas do setor, participar de programas de treinamento e se adequar às novas tecnologias e processos produtivos. Portanto, o avanço da educação formal dos profissionais da construção tenderia propiciar elevação da produtividade do trabalho, e mais que isso, da produtividade total do setor (CBIC, 2014, p. 20).

Dessa forma, o aprendizado tradicional é desvalorizado em sua funcionalidade, afetando o sistema de ofícios que sustentou por muito tempo a construção civil e que anteriormente possibilitou o ingresso laboral de uma população imigrante e com baixa escolaridade que estava à procura de trabalho. População essa que, diante de suas condições sociais, tinha a possibilidade de aprender um ofício e de se formar na

prática, como forma de melhorar a condição de vida pessoal e familiar. No entanto, esta forma de aprendizagem deixa de ser uma opção porque esse sistema de ofícios se contrapõe aos parâmetros do sistema capitalista, porque se trata de um meio de conhecimentos sobre uma atividade específica e hierarquizada que o trabalhador adquire, o qual está associado a quem o faz, a um conhecimento e a um status historicamente determinado, parafraseando Nieto (1988, *apud* em BUENO, 1994). A aquisição de conhecimentos na prática obedece a um processo no qual o aprendiz é capacitado por seus superiores e pelo mestre da obra, o que justifica a diferenciação salarial que cada um adquire, conforme aponta Conolly (1988). Porém, com a demanda da qualificação se desvaloriza o conhecimento adquirido na prática, bem como a autonomia e criatividade do trabalhador no sistema de ofícios – como vai ser discutido também por Bueno (1994) e Glavam (2003).

Mas, as novas formas que procuram o desenvolvimento da indústria, ainda tendo um maior investimento em maquinaria, não deixam de fazer uso do trabalho intensivo, como era comum no século XX (FERREIRA, 1976) – acabam sendo cobranças para o trabalhador e não contemplam os diretos trabalhistas na sua totalidade. Se por um lado a indústria da construção tem como propósito superar os aspectos tradicionais que a particularizam, por outro, não supera as ambiguidades que são reportadas em pesquisas como as de Bueno (1994), Cockell e Perticarran (2010), Costa L (2013) e Zirión (2013). Para estes autores, a construção civil vai se caracterizar por manter uma série de práticas informais que se combinam com as formais, assim como as legais e ilegais. Práticas que estão imersas nas distintas dinâmicas desta indústria, que vão propiciar instabilidade no setor e relações não institucionalizadas, tais como aquelas que envolvem os diferentes agentes involucrados nos processos de contratação e uso da força produtiva, dada a flexibilização laboral que incide sobre as condições de trabalho – aspectos que mostram os buracos, convenientes para empresas construtoras e empreiteiros, na modernização da indústria da construção civil.

No setor da construção, podemos apreciar as três dimensões que se destacam no contexto da flexibilidade do trabalho – como também se apresentam em outros setores econômicos – mencionadas por Humphrey (1993): a) que corresponde ao escopo da organização da empresa, flexibilizando os aspectos organizacionais e produtivos; b) o modo como é utilizada a mão de obra; c) lida com políticas de emprego

internas e externas – na primeira a flexibilidade modifica esquemas salariais, dependendo da produtividade, ajustando horários de trabalho e a capacidade de contratar e demitir trabalhadores de acordo com as necessidades imediatas de produção, enquanto aos aspectos externos, um exemplo é o uso de empreiteiros para cuidar do desempenho de algumas tarefas e outras formas atípicas de emprego (*apund* CONTRERAS, 2000).

A informalidade na contratação, a consolidação da flexibilidade laboral e a precariedade do trabalho na construção civil, mantêm uma dupla funcionalidade no setor, porque de imediato podem beneficiar aos trabalhadores, ao serem contratados sem muito trâmite e, às vezes, sem contrato por escrito, mas, em longo prazo e até durante o período de contratação, podem enfrentar as consequências da informalidade e ilegalidade do acordo laboral feito. Por exemplo, Cockell e Perticarran (2010) analisam como os *contratos de boca* influem na instabilidade laboral que enfrenta a mão de obra do setor. Enquanto Costa L (2013) reporta que a existência de mais trabalhadores por conta própria e subcontratados é a forma que o empresário encontrou para minimizar os riscos da gestão sobre os operários e consiste ainda em uma estratégia de redução de custos, demonstrando que a subcontratação é funcional para a Construção Civil e, assim, não se procuram estratégias que diminuíam a rotatividade e mobilidade laboral, próprias do setor.

Ademais, por um lado, a continuidade de acidentes, riscos no trabalho e afetações na saúde pelas atividades realizadas e o ambiente de poeira e ruído continuam sendo significativos (LUCCA e MENDES, 1993; ALVES, 1999; BORGES e MARTINS, 2004; LAZZARINI, 2012; SILVA e NUNES, 2013). E, por outro lado, a participação dos trabalhadores em sindicatos vem diminuindo, sendo que neste setor não destacam as grandes mobilizações. Pela relação entre sindicato-patrão-Estado nesta indústria o papel do sindicato, como representante dos trabalhadores, tem sido pouco eficiente, além de entre os trabalhadores existir pouco interesse de se filiar aos sindicatos – situação que também pode estar associada ao desconhecimento que têm da existência dessa agência, segundo Germidis (1974). Conolly (1988) reporta que a pouca afiliação e consciência sindical que os trabalhadores da construção possuíam era devido ao desconhecimento, influenciado pelo baixo nível educacional e pela pouca experiência do trabalhador como assalariado; assim como pelo caráter cíclico

da produção, o que gera pouca permanência dos trabalhadores e eventualidade no emprego – argumentado que esta situação é algo frequente no resto do mundo.

Embora Gonzalez (s/d) detecta que os trabalhadores têm aspirações sindicalistas e de luta, considerando seus argumentos de crítica quando refletem sobre sua condição frente às relações de exploração e na crítica aos governantes e agentes políticos que demonstram, falta vontade para mudar essa condição. Nesse sentido, as pesquisas de Sousa (1983) e de Nóbrega (2006), assim como a experiência de greve pelos trabalhadores de Belo Horizonte em 1979, mostram que foi nessa década que surgiram mobilizações de trabalhadores da construção civil para reivindicar seus direitos, como aconteceu em alguns países de América Latina (Brasil, Equador e México).

As pesquisas de Germidis (1974), Sousa (1983) e Nóbrega (2006), e o reconhecimento que se tem do Sindicato Marreta, evidenciam o lado político dos trabalhadores, tema mais bem analisado por Damasceno (2013). Referindo-se às formas de se organizar, seja em sindicatos ou movimentos sociais, e sua participação nos mesmos, é possível observar a relação que existe entre três atores entrelaçados: o Estado, as empresas e os trabalhadores, sendo o referencial de classe o que vai permear as relações e as formas de agir de cada um. Relações estas que no novo contexto produtivo se desvanecem, como se percebe no estudo de Costa L (2013), quem ressignifica mais o papel das redes sociais do que a condição de classe, por exemplo. Quanto ao aporte de Haidar (2010), analisa que as demandas de qualificação nos trabalhadores da construção civil estão associadas à arte *do governo neoliberal*, que obriga a esta população se adaptar para poder ser concebida como competentes no novo contexto laboral.

A cidade e a construção civil se encontram entrelaçadas e formam o contexto no qual o grupo social de interesse reproduz sua vida cotidiana e laboral. Em ambos os espaços há demanda de atualização, de serviço para grupos e funções hegemônicas às que os trabalhadores/as da construção civil vão ter que se adaptar para se manter no mercado de trabalho; mas, sem deixar para trás seus conhecimentos e sua experiência adquirida ao longo do tempo em que trabalham no setor e na cidade. Portanto, vislumbrar alguns processos da construção em Belo Horizonte e na Cidade do México, referidos pelos entrevistados, permitem ver seu

transitar nestas cidades e a configuração das mesmas, além de identificar o tipo de canteiros de obras que na atualidade existe e onde foi contatada a população de interesse.

1.3. Belo Horizonte e Cidade do México: uma aproximação desde suas construções

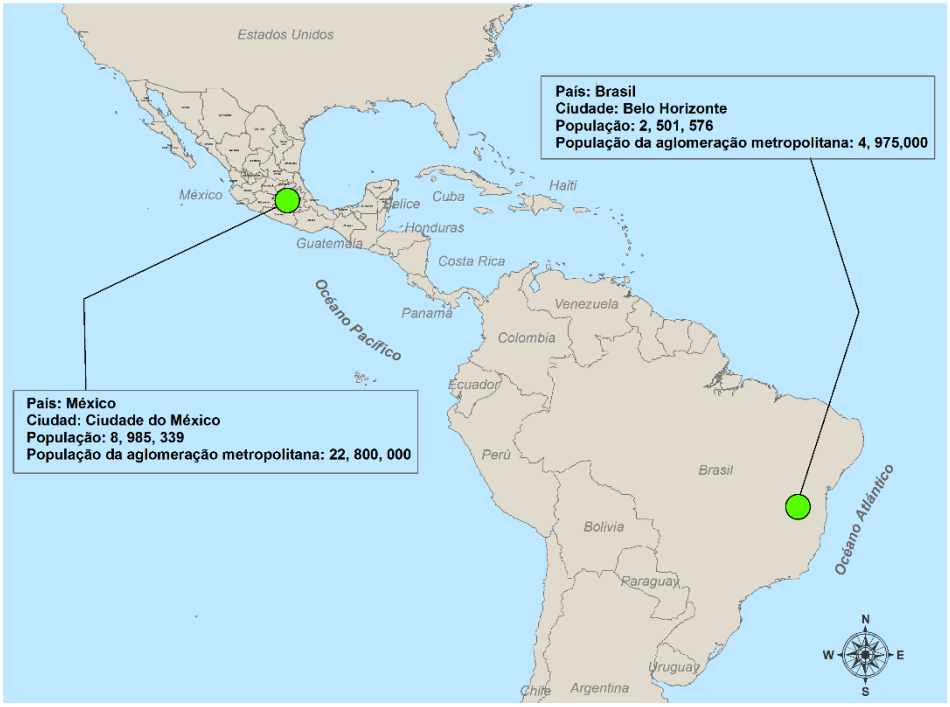

Figura 1. Belo Horizonte e Cidade do México na Região Latino-americana[16]

As duas cidades, nas quais se realizou a pesquisa têm se conformado em torno de suas histórias próprias. Belo Horizonte foi uma cidade desenhada e planejada para ser a nova capital do estado de Minas Gerais no final do século XIX, representando tanto "um passo" rumo à modernidade no recente contexto republicano brasileiro, como a "superação" do passado escravista ao substituir a capital anterior, Ouro Preto, num estado sustentado pela mineração (VILELA, 2006). A Cidade do México, desde sua história antiga, tem se mantido como o espaço central de poder e de desenvolvimento social e urbano pelos distintos grupos que têm se estabelecido nela. Contudo, como muitas outras cidades, são espaços que representam, em diferente escala, a centralidade, o moderno e a oportunidade de desenvolvimento. Por conseguinte, continuam sendo polos de atração para imigrantes, moradores da

[16] Elaboração própria.

periferia e das proximidades; grupos sociais que buscam nas cidades a possibilidade de melhorar suas condições de vida, já que nelas se concentram os serviços e maiores opções de emprego, desde os mais sofisticados até os mais precários. Ainda assim cada cidade tenha sua própria história urbana, que se reflexa na:

> História das atividades que na cidade se realizam; do emprego, das classes, da divisão do trabalho e do seu inverso, a cooperação; e uma história que não é bastante feita: a história da socialização na cidade e a história da socialização pela cidade. E, entre as histórias da cidade, haveria a história dos transportes, a história da propriedade, da especulação, da habitação, do urbanismo, da centralidade (SANTOS, 1997, p.69,70).

Continuamente, vemos que nas cidades emergem *formas novas*, as quais são "criadas para responder a necessidades renovadas, tornam-se mais exclusivas, mais rígidas materialmente e funcionalmente, tanto de seu ponto de vista da sua construção quanto da sua localização" (SANTOS, 1997, p.74). Motivo pelo qual ao transitar pelas ruas de ambas as cidades, e principalmente nas zonas mais elitizadas onde se concentram os serviços de maior custo, é visível a identificação de padrões de edificações similares e as constantes intervenções em ruas, avenidas e aeroportos para agilizar a mobilidade dos seus habitantes e visitantes. Desde as particularidades de cada cidade, a distribuição do espaço e suas construções, finalizadas e em processo, se relacionam com os processos urbanos globais, visíveis na arquitetura, nas atividades que aí se realizam e pela população que ocupa e habita cada zona. Como coloca Santos,

> O meio ambiente construído é um retrato da diversidade das classes sociais, das diferenças de renda e dos modelos culturais [...]. As grandes cidades do Terceiro Mundo são, por um lado rígidas na sua vocação internacional e, por outro, são dotadas de flexibilidade, graças a um meio ambiente construído que permite a atuação de todos tipos de capital, e, desse modo, admite a presença de todos tipos de trabalho (Ibid., p. 79).

Quando se observam esses elementos nas áreas das cidades que são destinadas para a elite econômica e social, destaca-se a existência de um urbanismo de melhoramento e embelezamento, que para Pereira e Campos (2009) se fundamenta em um tipo de *higienismo* que "cede lugar à estratégia de utilização da imagem da cidade reunificada como vantagem competitiva na atração de fluxos

globais dos capitais" (RIBEIRO L, 2004, p. 18). Formas que, por sua vez, são articuladas por um "marketing urbano" (COSTA E., 2014), que fomenta o turismo, o setor serviços e a entrada do capital financeiro, tornando-se uma estratégia para que estas cidades possam-se integrar na rede de cidades globais. Para Costa E (2014), trata-se de uma retroalimentação do universal e do particular para se fazer presente no singular – ou seja, em cada cidade – e que também media em sua conformação as duas categorias maiores.

A abordagem sobre Belo Horizonte e a Cidade do México apresenta-se, assim, nessa relação tripla: no reconhecimento dos fenômenos globais que as aproximam de outras cidades enquanto aspecto do universal; sua localização enquanto países da região Latino-americana, que as particulariza; além de sua história e características próprias, que as fazem singulares. A particularidade de cada cidade pode ser analisada por diferentes aspectos e, neste caso, são priorizadas a construção e remodelação da sua paisagem urbana, exemplificando esse processo com o tipo de construções que foram referidas pela população entrevistada, que outorgaram dados de um período de desenvolvimento urbano que vai de 1970 a 2018. Adiantando que a paisagem urbana de ambas as cidades se mantém em constante construção, mas, especialmente, destinada para "o uso e abuso de algumas classes" já que "se recriam os lugares para novas atividades que ressignificam os territórios e as paisagens com as finanças" (COSTA E, 2014; p. 253) – gerando uma nova espacialidade da economia, algo que se observa em maior medida na Cidade do México, mas, que não está totalmente ausente de Belo Horizonte.

1.3.1. Belo Horizonte

A nova capital de Minas Gerais, que "nasceu destinada a ser uma cidade moderna" (PEREIRA e CAMPOS, 2009, p. 52), inaugurada em 1897, extrapolou desde muito cedo os limites previstos em seu projeto inicial, que era de ser uma cidade com áreas funcionais dentro dos limites da Av. do Contorno e com setores agrícolas nas adjacências externas a esta via que circulava o perímetro urbano. A planificação originária não previu espaços para a residência da mão de obra empregada em sua fundação, desse modo, os arredores da cidade foram ocupados de maneira informal por diferentes trabalhadores e setores populares, sendo que nas primeiras décadas de do século XX o projeto inicial foi alterado.

O movimento de expansão, que se apresenta desde a sua fundação, desenvolve-se ao longo de todo o século XX, de modo que a ampliação das bordas da cidade acontece de tal modo que Belo Horizonte figura, atualmente, como a terceira zona metropolitana ou aglomeração urbana do Brasil[17]. Neste processo, a área original da cidade passa por uma intensificação de sua ocupação pelas camadas médias e pelo setor de serviços. Em seu antigo Centro, reconhece-se, hoje, o *hipercentro* (VILELA, 2006), caracterizado pelo adensamento de serviços públicos e privados, pela concentração de pontos nodais no sistema de transporte para toda a cidade e região metropolitana e por projetos de requalificação que, a partir dos anos 2000, buscaram controlar o uso do espaço pelo comércio informal.

No entanto, este crescimento acontece de maneira descontínua no espaço. Belo Horizonte não tinha ainda, na década de 1970, deixado completamente para trás seu passado rural. Com a cidade crescendo para além do que lhe fora projetado, as zonas que ainda tinham o caráter de fazendas se apresentaram enquanto lugares aptos para o investimento e para a especulação imobiliária, transformando-se em novos bairros nobres; oferecendo oportunidade para que as empresas construtoras trasladassem seus contingentes de trabalhadores para edificar inovadores projetos de residências, escolas, shoppings e infraestrutura viária.

Nas regiões que conformam Belo Horizonte para além de seus limites originários (externo ao perímetro da Av. do Contorno) se propagam distintos projetos imobiliários relacionados com a verticalização dos prédios. É ao sul da cidade, em particular, onde nas últimas duas décadas se teve uma acelerada ocupação de empreendimentos imobiliários focados nos segmentos de renda alta e média. Enquanto o eixo norte, por sua vez, mantém desde os anos oitenta ações para “conter várias áreas ‘desocupadas’, convenientes à implementação de projetos industriais e de polos turísticos e/ou de desenvolvimento econômico”, nas quais há maior investimento estadual (PEREIRA e CAMPOS, 2009, p. 52). E ambas as regiões, assim como outras, foram conectadas pela construção da Linha Verde – empreendimento de obra civil de alto impacto, surgido no ano de 2005, que marcou uma nova dinâmica de mobilidade urbana, desde o centro da cidade até ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves (Ibid.).

[17] Disponível em: <https://www.citypopulation.de/world/Agglomerations.html> Acesso em: 22 fev. 2019

As trajetórias apresentadas pelos interlocutores desta pesquisa se conectam com a história da cidade. A Linha Verde foi a única construção de grande porte que foi reportada pelos entrevistados e é a mais recente, cronologicamente, a ser referida; ao passo que as outras construções mencionadas nas entrevistas estão situadas no subsetor de edificações e em projetos destinados para os setores com maiores privilégios. Entre os lugares mais reportados pelos trabalhadores sobre onde desenvolveram suas atividades laborais se destacam as regiões Norte, Oeste e Pampulha, além de alguns municípios que são parte da Zona Metropolitana de Belo Horizonte. Espaços, estes, que passaram por uma mudança no uso da terra, de fazendas para bairros elitizados, depois da segunda metade do século XX.

Destacando cronologicamente algumas das construções que aparecem nos relatos dos entrevistados, uma das regiões referidas é a Pampulha, cuja ocupação se inicia com um projeto urbano moderno na década de 1940, de iniciativa do prefeito Juscelino Kubitscheck, desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Destacada por ser um "polo com atrações turísticas, culturais e de lazer", a região abrange cerca de quarenta bairros ao norte da cidade e é considerada uma "região moderna de grande destaque em Belo Horizonte"[18], sendo conectada pelas vias mais importantes da cidade (como Av. Joaquim Carlos e Av. Cristiano Machado, que se conectam com a Linha Verde), além de ser sede do Aeroporto Pampulha (Carlos Drummond de Andrade) e da Universidade FRogelio al de Minas Gerais (UFMG).

O bairro Planalto, localizado na Região Norte de Belo Horizonte, originou-se no começo da década de 1950 e é considerado como um dos melhores para viver por sua "ampla estrutura comercial e de serviços e proximidade com a Lagoa da Pampulha", incentivos que o tornam valorizado para a classe média alta da cidade[19].

Na região oeste de Belo Horizonte, está localizado o bairro Buritis, também um bairro de classe média alta, "com crescimento recorde, o Buritis já foi o bairro da América Latina que mais cresceu, com crescimento médio populacional de mais de 27% ao ano". Sua expansão tem a ver com sua oferta de comércio, serviços e unidades habitacionais. É considerado um bairro jovem, pois na década de 1960 a

[18] Disponível em: <https://www.lopes.com.br/blog/conheca-seu-bairro/pampulha-belo-horizonte/> Acesso em: 21 dez. 2018

[19] Lugarcerto. ESTADO DE MINAS. Disponível em: <https://estadodeminas.lugarcerto.com.br/app/noticia/noticias/2015/03/16/interna_noticias,48660/bairro-planalto-na-regiao-norte-de-bh-se-firma-como-um-dos-melhores.shtml> Acesso em: 21 dez. 2018

zona ainda era uma fazenda, sendo loteada na seguinte década e, em 1980, as construções no bairro começam com um condomínio fechado. “Em 1987, chegou a ser considerado o maior canteiro de obras da capital. E, pouco de mais de 10 anos, a paisagem se transformou e centenas de empreendimentos se instalaram”. No início, só era permitida a construção de residenciais unifamiliares e horizontais, mas, em 1992, a prefeitura permitiu a construção de residências multifamiliares, propiciando um *boom* imobiliário no bairro[20]. O processo de edificação neste bairro se mantém com importante destaque, comportando diversos canteiros de obras nos quais se empregaram, nas últimas três décadas, e ainda se empregam os trabalhadores entrevistados.

No que se refere aos lugares mencionados pertencentes à Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), estão os municípios de Nova Lima, Lagoa Santa e Contagem. O primeiro tem-se destacado por abrigar construções de luxo destinadas à classe alta e média, que expande sua ocupação da região Sul de Belo horizonte. Algo um tanto similar acontece ao norte da cidade de Belo Horizonte, no município de Lagoa Santa, que conta com importantes pontos turísticos. Já, no caso de Contagem a situação é diferente. Neste município há mais concentração do setor industrial, que não emprega todos os habitantes, de modo que uma parcela significativa se desloca para trabalhar e obter diferentes serviços na cidade de Belo Horizonte. Em relação aos outros dois municípios, o desenvolvimento urbano de Contagem é mais precário, sendo que ainda no ano 2015 eram realizados grandes trabalhos de saneamento.

As regiões, bairros e municípios mencionados, assim como as regiões em que se encontravam trabalhando os interlocutores no período da pesquisa (as regiões Centro-sul e Nordeste), em sua maioria estão conectadas pela Linha Verde, o principal eixo articulador do Vetor Norte da RMBH. É um projeto impulsionado pelo governo de Minas Gerais desde maio de 2005, que:

> Reúne um conjunto de obras viárias que conecta o centro da capital diretamente ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves (AITN). Seu esquema privilegia a velocidade, agiliza o acesso e a fluidez do trânsito, reduzindo o tempo gasto nos percursos, além de gerar novas vocações e vitalidades. O projeto também pretende incluir a capital mineira, de maneira competitiva, na economia de fluxos de capitais, de

[20] Disponível em: <https://blog.benvenuto.com.br/descobrindo-belo-horizonte-conheca-o-bairro-buritis/> Acesso em: 21 dez. 2018.

> mercadorias e de informações em escala mundial, de maneira a realça-la na hierarquia global de cidades, para atração de capitais estrangeiros, de matrizes de importantes instituições internacionais, bem como feiras, convenções e turistas" (PEREIRA e CAMPOS, 2009, p. 53).

Tendo como objetivo principal ligar as classes altas e médias com a Cidade Administrativa e com o aeroporto, a Linha Verde acaba por ser a principal via de acesso para muitos setores populares, que moram nos bairros e nas cidades localizadas ao norte de Belo Horizonte, mas trabalham na zona central e sul da cidade – mas, são as primeiras classes, principalmente, as que chegam até ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, fazendo uso deles para se deslocar para fora da cidade.

Nesta cidade existe um agente imerso no setor da construção civil no estado de Minas Gerais, o Sindicato Marreta, formado depois da greve dos trabalhadores deste setor em Belo Horizonte, no ano de 1979, e se denominando como um sindicato independentemente de partidos políticos e destinado para trabalhadores, já que neste setor existem alguns sindicatos que são formados por empresas construtoras. Localiza-se no bairro Lagoinha e é próximo ao bairro Pedreira Prado Lopes – historicamente habitado por imigrantes que se dedicaram a trabalhar na construção. No interior da sede do sindicato há alguns cartazes e fotos que expõem as situações de moradia dos trabalhadores no interior das obras, os acidentes que acontecem e as mobilizações que têm sido feitas na busca por melhorias das condições de trabalho. Dentre outras atividades sindicais que realizam, existe a visita às obras que tem o objetivo de verificar se respeitam os direitos dos trabalhadores e se contam com as medidas de segurança necessárias. A esse respeito, um representante do sindicato alegou (em visita realizada no dia 16/09/2016) que nesse momento estavam tendo problemas com uma empresa francesa que não estava respeitando os direitos dos trabalhadores. Também expôs que ainda existem construções nas quais se alojam os trabalhadores e que nesses casos as empresas têm que disponibilizar colchões e fogões para os trabalhadores, mas que nem por isso deixam de serem alojamentos com condições muito precárias.

As contribuições do representante do sindicato expõem que há diversidade de canteiros de obras na cidade e o compromisso das empresas construtoras com seus trabalhadores também é diverso; aspectos que não se percebem no seguimento na

construção de prédios que caracterizam o modelo urbano de Belo Horizonte. Uma aproximação a essa diversidade de canteiros de obras, dinâmicas de trabalho e espaços que nesta cidade há para os trabalhadores da construção se aprecia com os lugares nos quais fora contatada a população entrevistada.

1.3.1.1. Espaços nos quais foi realizado o trabalho de campo em Belo Horizonte

No período de coleta de dados, entre 2017 e 2018, os entrevistados/as se encontravam trabalhando em quatro das regiões cidade: Centro-sul, Nordeste, Oeste e Pampulha. O trabalho de campo foi realizado na EPOMG, na Remodelação e Adaptação do Tribunal, no Bairro da Graça e no CEFET, além de ter assistido a algumas atividades do Sindicato Marreta. Em seguida, se apresenta o percurso dessa etapa da pesquisa.

Figura 2. Lugares nos que se realizou o trabalho de campo em Belo Horizonte[21]

- Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves (EPOMG)

Os trabalhadores contatados na EPOMG se dividem entre os que passam mais tempo na escola e têm/tiveram uma relação com o Sindicato Marreta e aqueles que

[21] Elaboração própria com informação de google.maps.com.

só assistiram ao curso de Leitura de Projetos Arquitetônicos, ofertado no primeiro semestre do 2017. O primeiro grupo de trabalhadores tenta obter a trajetória escolar que na idade formal não conseguiram, já haviam feito algum curso de especialização na área da construção civil – como Leitura de Projetos Arquitetônicos e Mestre de Obras – e, em diferentes medidas, tinham um envolvimento no ativismo político com sua participação no Sindicato Marreta. Ao longo do ano de 2017, observei que entre esses trabalhadores alguns se envolveram nas atividades que o Sindicato Marreta e a EMPOG realizaram em conjunto com a Liga Operária e a Liga dos Camponeses Pobres, tais como: (i) a semana do trabalhador, acontecida entre 24 e 27 de Abril (na qual se abordaram temas como segurança no trabalho, terceirização e reforma trabalhista, tiraram dúvidas sobre a aposentadoria dos trabalhadores e ensinaram técnicas para melhorar a expressão oral); (ii) passeata no ato da Greve Geral no dia 28 de Abril; (iii) Ato comemorativo do dia 1º de Maio, realizado na Escola Municipal Belo Horizonte, ocasião na qual também estava acontecendo o Fórum Nacional de Estudantes de Pedagogia e em conjunto realizaram um ato de resistência em ocasião do dia e protestando pela perda de direitos laborais, que também está atingindo os trabalhadores da construção civil.

Com maior presença na EPOMG, realizei outras observações, além das antes mencionadas, em diferentes atividades de protesto e em seminários, que fui registrando em forma de notas de campo – sendo a maioria delas relacionadas com a conjuntura política do Brasil, associadas à Reforma Trabalhista e à Reforma Previdenciária que anunciam afetações para a população de interesse, especificamente com seu direto à aposentadoria. Também acompanhei as aulas da disciplina de História do Brasil e de Leitura de Projetos Arquitetônicos, tendo a vantagem de conhecer um pouco mais sobre o perfil dos trabalhadores que frequentam a EPOMG, e, sobretudo, suas opiniões e vivências sobre sua realidade social e laboral. Ser ouvinte nas aulas me aproximou dos entendimentos que estes trabalhadores têm do contexto social atual e de seu mundo de trabalho.

Participar das aulas de Leitura de Projetos também me ajudou a entender mais de perto alguns aspetos da construção civil, enquanto à atividade propriamente dita, suas novas formas, materiais e maquinaria que usam; além ser um espaço onde compartilhavam anedotas e cotidianidades do canteiro de obras e contrastavam o aprendizado prático com os conhecimentos que estavam adquirindo no curso. Entre

os trabalhadores que só assistiam à EPOMG para realizar este curso havia um entusiasmo por obter algum certificado que legitimaria sua qualificação para as atividades que realizava e, assim, obter o reconhecimento de “profissional”. Contudo, a maioria não conseguiu concluir o curso, ainda que fosse gratuito: dos dezoito alunos de idades diversas que se inscreveram, apenas cinco o finalizaram.

De maio a novembro de 2017 foram realizadas as entrevistas na EPOMG com estudantes da modalidade tradicional (Joaquim e Jorge), com ex-alunos que frequentam a escola (Sr. Cosme e Anastácio) e com os que assistiram apenas ao curso de leitura de projetos (Raimundo e Manoel), obtendo um total de seis entrevistas neste lugar. Com o passar do tempo fui percebendo como o número de alunos regulares foi diminuindo, situação que é associada aos períodos em que os trabalhadores ficam desempregados e não têm mais possibilidade de continuar assistindo à EPOMG. Também foi notório que as refeições que se preparavam para os assistentes foram ficando mais simples, até chegar ao ponto de ter só café. Além disso, o prédio onde estava a escola foi colocado à venda – já que era propriedade do Sindicato Marreta e este começou a ter menos recursos para seguir cobrindo as contas da escola e de outras atividades sindicais –; assim, no mês outubro a EPOMG fechou suas atividades.

- Fórum

Durante o período de campo, um canteiro de obras no centro da cidade chamou minha atenção por ser um projeto de destaque, por ter um alto número de trabalhadores, e porque se mostrou possível de ser acessado. Trata-se da Adaptação e Reforma do Fórum da Justiça do Trabalho Belo Horizonte, que pertence ao Tribunal Regional do Trabalho (TRT), um complexo que abrange diferentes prédios existentes, entre eles, o que funcionava como a Escola de Engenheira da UFMG, e que tem ao todo cerca de 50 mil m², localizado entre as avenidas dos Andradas e do Contorno e ruas Espírito Santo, Bahia e Guaicurus[22]. A empresa encarregada da obra é C & P ARQUITETURA[23], empresa brasileira fundada desde 1999 e que, por sua vez,

[22] Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/licença-permite-implantação-de-nova-sede-do-fórum-da-justiça-no-centro-1.924832> Acesso em: 24 maio 2018
[23] Disponível em: <https://www.cparquitetura.com.br/> Acesso em: 23 maio 2017

subcontratou a empresa CONATA[24], de origem mineira e fundada em 1996. Tem-se, abaixo, o projeto esperado para as obras no Fórum:

Figura 3 Projeto do Fórum da Justiça do Trabalho[25]

Durante o ano 2017, a construção de Fórum contava com um prédio separado do canteiro para uso exclusivo enquanto escritório, almoxarifado e refeitório; uma edificação que, em meses anteriores, eu tinha percebido como um prédio vazio e no qual só observava alguns grafites de resistência de mulheres e que aludiam a Olga Benário[26]. Em conversa com um vigilante de uns dos prédios a serem integrados ao futuro Fórum, fui informada que no local onde funcionava o escritório houve uma ocupação de mulheres que durou quatro meses e que foi o mesmo Tribunal de Justiça do Trabalho, em parceria com a prefeitura de Belo Horizonte, quem deu a ordem de "desocupação pacífica", sendo a prefeitura quem enviou um caminhão de coleta de

[24] Disponível em: <http://www.conata.com.br/empresa.html> Acesso em: 23 maio 2018
[25] Jornal O Tempo, 24/05/2018
[26] Olga Benário "foi uma revolucionária alemã que teve grande destaque no Partido Comunista da Alemanha e da União Soviética. Após receber uma missão desse partido de Moscou, ela veio ao Brasil junto de Luís Carlos Prestes e participou da **Intentona Comunista** de 1935. Como consequência, Olga foi presa e deportada para a Alemanha, onde morreu na câmara de gás em 1942". Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/vida-olga-benario-prestes.htm> Acesso em: 06 mar. 2019.

lixo para “limpar” o que tinham dentro, pois, as pessoas que ocuparam “fizeram muita destruição”, associando essa situação ao fato de que elas estavam “relacionadas com o PT e o MST” (Eulier, 20/11/2017), a fim de que a construtora pudesse utilizar o espaço - informação que também consta em reportagem jornalística[27].

Durante os meses de junho a outubro do ano 2017, eu frequentemente caminhava perto do canteiro de obras, em diferentes horários da jornada laboral de segunda a sexta-feira – formalmente estabelecida de 07h00min as 17h00min – e também nos fins de semana e em outros horários; observando, assim, a presença de alguns trabalhadores realizando suas atividades no prédio que em se construía a futura garagem. O mesmo aconteceu nos dias em que, em Belo Horizonte e em várias cidades brasileiras, foram realizadas greves gerais e os trabalhadores desse canteiro não paralisaram.

Figura 4. Fórum. Arquivo pessoal, 1/05/2017.

Por muitas vezes, busquei observar aquilo que se podia ser visto do canteiro de obras a partir da rua, onde algumas atividades foram identificadas, tais como:

[27] Nota sobre desalojamento. Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2016/03/mulheres-ocupam-predio-para-pedir-construcao-de-abrigo-feminino-em-bh.html> Acesso em: 24 maio 2018.

colocar e ampliar a parede de madeira que circula o canteiro de obras; trabalhadores carregando para o interior do canteiro materiais que eram trazidos por caminhões de carga, como areia e ladrilho; em algumas ocasiões, observei alguns trabalhadores com idade mais avançada e mulheres fazendo um tipo de limpeza dos resíduos do material que ficavam na rua.

Figura 5. Continuidade da construção do Fórum. Arquivo pessoal, 17/11/2017.

A portaria do canteiro de obras comumente se mantinha fechada nos horários de almoço e de saída, quando havia trabalhadores na rua; nestes momentos, um porteiro vigiava a entrada. Já no prédio usado como escritório, geralmente a portaria encontrava-se aberta e com um porteiro sempre atento ao lado da rua. Ambos os porteiros usavam um capacete de cor marrom e um uniforme azul, o primeiro se

observava mais velho que o segundo, e, ademais, passava mais tempo sentando numa cadeira de plástico que colocava fora do canteiro de obras.

No mês de novembro de 2017, até que as chuvas o permitiram, realizei visitas ao entorno do canteiro de obras, ficando por algum tempo no ponto de ônibus que fica em frente ao futuro Fórum, período em que a construção do prédio destinado a ser a garagem estava por ser concluída. Comecei por conversar com pessoas que tinham algum conhecimento ou contato com a obra, procurando a forma de contatar algum trabalhador de cargo superior que me permitisse acessar o canteiro. Não tendo sucesso nesta empreitada, optei por me aproximar dos trabalhadores que ficavam descansando na rua durante seu horário de almoço.

No dia treze de dezembro, antes do meio-dia, na entrada do canteiro de obras estava um homem com uniforme azul e capacete marrom, que estava atento à entrada e saída de homens, principalmente; ao passo que algumas mulheres com capacetes brancos e que usavam, em sua totalidade, calças jeans e camiseta de manga longa aparentemente limpas e levavam cadernos nas suas mãos, transitavam entre o canteiro de obras e o prédio usado de escritório. Alguns minutos antes das 12h00min saíram do canteiro de obras primeiro os trabalhadores/as que não usavam uniforme, seguidos por aqueles que usavam o uniforme azul, também distintos pela cor do capacete que traziam sobre a cabeça ou carregavam nas mãos. Predominavam os que usavam o capacete de cor verde, mas havia também alguns com capacete de cor marrom, branca, cinza e vermelha[28]. Todos saíam do prédio em construção e se dirigiam ao prédio da frente e poucos se dirigiam a restaurantes e lanchonetes do entorno. Depois de cerca de vinte a trinta minutos após a abertura do portão, os trabalhadores começavam a sair novamente, alguns ficavam sentados em pequenos grupos fora e em frente ao prédio. Durante esse tempo, conversavam, cochilavam, fumavam ou usavam o celular. Perto das 13h00min, os trabalhadores entram

[28] A cor do capacete é uma forma de distinguir os trabalhadores o inteiro do canteiro de obras, cada uma refere a uma atividade e posto que o trabalhador/a realiza e tem. Assim: a cor branca e cinza identifica a engenheiros, técnicos, mestres de obras, encarregados e estagiários; a verde é destinada para ajudantes e operários; a azul para pedreiros; o vermelho para bombeiros e carpinteiros de forma; a laranja identifica eletricistas; o marrom carpinteiros e visitantes; estes últimos também podem usar a cor amarela; e a preto é usada por operadores de maquinas e técnicos em segurança. Segundo iCONSTRUINDO. Disponível em: <https://www.iconstruindo.com.br/significado-das-cores-dos-capacetes-na-construcao-civil/> Acesso em: 26 dez. 2018.

novamente no edifício, mas saem quase imediatamente para retornar ao canteiro de obras, alguns trazendo ferramentas nas mãos, outros colocando o capacete.

Dinâmica similar acontece as 17h00min, mas nesse horário os trabalhadores saem do canteiro de obras com o capacete, o uniforme e ferramentas, entram no outro prédio e saem com o rosto e mãos limpas, vestidos com sua roupa do dia a dia e com suas respectivas mochilas nas costas, caminhando apressadamente em diferentes direções[29]. Foi em um desses momentos do horário de saída que me aproximei de um trabalhador, o qual vi sair do prédio usado como escritório; ele era estagiário de Engenheira Civil, o qual me informou que no momento eram empregados aproximadamente duzentos trabalhadores naquela obra.

O vigilante do prédio, antes mencionado, onde trabalhadores de mais alto escalão da obra estacionavam seus carros, foi quem me sugeriu contatar a um dos engenheiros da obra, especialmente ao que ele considerava ser muito atencioso – mas ao qual não consegui encontrar no escritório nas vezes em que o procurei. O mesmo vigilante, que parecia simpatizar com a empresa que comanda o projeto de construção, me contou que *"a vantagem dessa empresa é que ela pega muita pessoa que está cumprindo pena, porque assim, cada dia de trabalho reduz um dia da sentença"*, achando que a empresa fazia, assim, um trabalho social que merecia reconhecimento. Em outra ocasião, deu entender que o processo de construção ia de devagar, argumentando *"eu vou aposentar e ainda não vai estar pronta (a construção) vou ter que vir visitar"*. No que diz respeito ao avanço desta construção, com o passar do tempo começou a ter menos trabalhadores depois de concluir a construção da garagem e de um prédio e de passar para as atividades de remodelação dos prédios mais antigos. No final do ano 2018 e nos primeiros meses de 2019 as muralhas de madeira continuam cercando o futuro Fórum, mas, não há mais trabalhadores já que o processo de construção e remodelação ficou parado.

Nas minhas aproximações ao prédio usado com escritório, refeitório e outras atividades, o porteiro me falou que no horário de almoço não havia quem poderia me receber, que os funcionários de escalão superior não ficavam nesse prédio e que tinham horários diversos, sendo improvável contatá-los ali às sextas-feiras – situação que foi constatada ao falar com um dos encarregados, que argumentou não poder me

[29] Observações do dia 16/11/2017, registradas em caderno de campo.

ajudar sem autorização do engenheiro responsável. Quando falei do meu interesse em conversar com os trabalhadores de mais baixo escalão, ele me deu a dica de ir no horário do almoço para aproveitar que os trabalhadores ficam descansando fora do prédio, e me advertiu que "*depois do horário de trabalho ninguém quer ficar mais tempo, todos querem ir embora correndo para suas casas*" (Bruno, 16/11/2017).

Portanto, foi no horário do almoço que entrevistei Carlos e Bruno. O primeiro foi contatado enquanto descansava na rua depois de almoçar, sentado com um grupo de mais de três homens. Eu me sentei ao lado dele na rua e começamos a conversar – embora se mostrando um pouco distante para falar – mas, nos outros dias que lhe vi, não se mostrava muito aberto para devolver um diálogo. Com Bruno, programei a entrevista para o dia seguinte, às 12h30min. Ele me fez passar para o lado de dentro da entrada do prédio e me deu uma cadeira para me sentar. Quase ao finalizar a entrevista, por causa do horário do almoço, vi passar três mulheres e lhe pedi para me apresentar a elas – uma vez que queria fazer entrevistas com mulheres também – mas ele me disse que não as conhecia, que elas não falavam com ninguém, mas sabia que elas estavam cumprindo pena e que a empresa as contratava quando estavam por finalizar seu processo.

De dezembro de 2017 a março de 2018, realizei trabalho de campo no México, motivo pelo qual tive que suspender as visitas ao Fórum – que retomei no mês de maio. Comecei novamente com percursos aleatórios e procurando a Bruno, que além de ser o porteiro do escritório foi quem se mostrou mais acessível para conversar. No entanto, a portaria se mantinha sempre fechada e, embora no horário do almoço visse um ou dois trabalhadores sentados fora do prédio (18/05/2018), não se apresentava a mesma dinâmica de antes. Do mesmo modo, o prédio que era usado como garagem estava fechado e não estava mais o vigilante e comecei a observar que, do canteiro de obras, saiam carros no horário do almoço, uma vez que o estacionamento do Fórum tinha sido concluído.

Em junho consegui realizar outras entrevistas. Primeiro com o Romário, suboficial de obras, que perto do horário do almoço colocava uma cadeira fora do canteiro de obras e ficava sentado conversando com os quatro trabalhadores que saiam do canteiro nesse horário. Foi ele quem me informou que, naquele momento, o processo de construção estava devagar, que a maioria dos trabalhadores foram enviados para outras obras e que no canteiro de obras foram adaptados os espaços

que, antes, ficavam no prédio da frente, como o escritório dos engenheiros. Posteriormente, entrevistei a Julia, a única mulher que, naquele momento, estava trabalhando no Fórum. Ela cumpria pena em meio aberto e era contratada pela empresa para fazer limpeza no interior do canteiro de obras. Finalmente, entrevistei Tito, oficial de obra.

No mês de junho de 2018, conclui o trabalho de campo neste lugar, obtendo um total de cinco entrevistas. Embora não tenha sido possível entrar no canteiro de obras, as entrevistas e observações realizadas neste canteiro de obras trouxeram muitos elementos para a compreensão da construção e da dinâmica de contratação e subcontratação entre empresas e empregados; assim como perceber a estrutura laboral hierarquizada, refletida na cor do capacete e no tipo de roupa usada pelos trabalhadores e na segmentação das atividades realizadas a depender dessa hierarquia e por fatores de idade e gênero.

- Bairro Graça

No Bairro Graça, uma obra de remodelação de um conjunto de três casas também foi acessada a fim de observar as dinâmicas de trabalho, onde tive a possibilidade de conversar continuamente com os trabalhadores aí presentes. Ante a dificuldade de ter contato com outros trabalhadores em construções de maior porte, aproveitei essa oportunidade para concluir o trabalho de campo em Belo Horizonte.

Neste caso, as atividades de reforma que os trabalhadores realizavam eram variadas, incluindo principalmente tarefas de alvenaria e pintura, mas, também, algumas de hidráulica e eletricidade. Quatro trabalhadores eram os encarregados de realizar o trabalho demandado por uma imobiliária, tendo uma estadia no prédio de março a junho de 2018. O senhor Gustavo é quem fazia os acordos com a imobiliária e quem ocupava o papel de mestre de obras, estando presente apenas nos horários em que era possível sair de um outro trabalho formal no qual ele estava. Assim, seu papel era principalmente supervisar os trabalhos feitos, em sua maioria, pelo seu filho Roni e pelo ajudante Baiano, e orientar as tarefas que requeriam maior conhecimento para serem realizadas. Às vezes Roni levava também um ajudante mais jovem, de aproximadamente dezoito anos, e que, assim como o Baiano, era chamado quando precisavam concluir alguma tarefa o mais rápido possível. A presença destes

ajudantes no local era, portanto, esporádica, e Baiano, inclusive, alternava o trabalho na construção com a atividade de mecânico, sua principal ocupação.

Embora a proposta inicial da pesquisa fosse entrevistar trabalhadores que estivessem empregados por alguma empresa ou empreiteiro, reconheci que estes trabalhadores viviam uma dinâmica similar à dos trabalhadores com os quais tive contato no canteiro de obras do Parque México (na Cidade do México), especialmente com o grupo dos carpinteiros. Ademais, a figura do empreiteiro é ocupada, no caso dos trabalhadores do Bairro da Graça, pelo funcionário da imobiliária, que mobiliza sua mão de obra para a reforma de diferentes imóveis, em contratos de curta duração. Assim, este grupo de trabalhadores era contratado para atividades diversas de construção, pintura, bombeiro, eletricidade e alvenaria, a qual compreende sua atividade principal e que lhes permite trabalhar como autônomos em outros lugares da Grande Belo Horizonte. Para realizar seus trabalhos, não usam nenhum tipo de proteção e muito menos uniforme, sendo que, por vezes, Roni chegava para trabalhar de chinelos. Por ter maior presença no prédio e por serem os pedreiros responsáveis pela reforma, o senhor Fernando e Roni foram os entrevistados.

Outro espaço visitado, mas, de forma breve, foi o Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET). Na busca por entrevistar mulheres que trabalhassem na construção civil, aproveitei o contato que fiz com o professor Tomasi, que participa do Programa de Estudos e Engenharia, Sociedade e Tecnologia (PROGEST), o qual oferece cursos de formação profissional para pessoas que trabalham na área da construção civil e conta com a participação algumas mulheres. O objetivo do programa é “incorporar à significativa perspicácia de trabalho dos candidatos um pouco da teoria e do dinamismo administrativo dos canteiros de obras”, a partir de três cursos: Gestão de Obras, Instalações Elétricas Prediais e Desenho Técnico[30].

No dia 29/06/2018 visitei o CEFET para encontrar com o professor Tomasi para, além de conversar sobre o tema de pesquisa, conhecer sobre o programa e ver a possibilidade de entrevistar alguma mulher que fora aluna do programa. No entanto, fui informada por um dos colaboradores do programa que a única mulher que, naquele momento, fazia um dos cursos, não tinha vínculo laboral na área da construção civil e

[30] Disponível em: <http://www.progest.net.br/> Acesso em: 2 jul. 2018

só estava como aluna. O perfil geral dos alunos do programa era, segundo o professor, composto por homens com faixa etária de 35 a 50 anos, casados, com ensino fundamental completo e alguns com ensino médio, com vínculo laboral com alguma empresa construtora ou trabalhando como autônomos.

Os sábados são os dias em que acontecem as aulas. No dia 30/06/2018, assisti a uma aula do curso de Instalação Elétrica, onde a turma era efetivamente composta apenas por homens. Ao perguntar se conheciam alguma mulher que trabalhasse na construção civil, responderam que aquelas que conheciam faziam curso na área de segurança do trabalho, mas sem ter vínculo de emprego. Também perguntei se algum deles trabalhava no Fórum ou na empresa CONATA, com a intenção de entrevistar alguma pessoa sem expandir demais o campo de pesquisa, mas nenhum estava nessa situação. Finalmente, para aproveitar minha presença no lugar, pedi para o colaborador do programa permissão para entrevistar algum trabalhador, sendo que ele indicou o Otávio, um trabalhador autônomo.

1.3.2. Cidade do México

A Cidade do México é uma das três cidades globais de América Latina, ocupando o segundo lugar entre São Paulo e Buenos Aires, e figurando, como aponta Sassen (1998), como a maior mega-urbe da região[31]. Este último processo tem sido influenciado pela constante chegada de migrantes, que se estabelecem nos limites da cidade diante dos custos que implicam morar na mesma. A constituição desta megalópole também é resultado de seu protagonismo na escala nacional, bem como da ocupação urbana que se deu em áreas onde, anteriormente, se instalavam indústrias – especialmente nos municípios pertences ao Estado do México, contínuos ao limite da zona norte da cidade. Seu crescimento tem influído para a implementação de viadutos, linhas de metrôs e sistemas de transporte que favoreçam a mobilidade de seus habitantes, mas é sua constituição como cidade global que tem liderado as maiores modificações em sua paisagem; ainda que eventos naturais como os terremotos de 1985 e de 2017 demandaram ações de construção com novas técnicas

[31] Disponível em: <https://www.citypopulation.de/world/Agglomerations.html> Acesso em:23 fev. 2019

de edificação e segurança e remodelação para reformar a cidade, como ainda se presencia hoje.

Considerando as construções nas quais participaram os trabalhadores entrevistados, como apresentado para o contexto de Belo Horizonte, pode-se identificar como algumas zonas da Cidade do México foram se desenvolvendo ao longo do tempo, ao passo que certos bairros, mais antigos, mantêm sua importância até a atualidade. Em geral, essas construções se encontram nos dias de hoje nas denominadas *alcaldías*[32] que concentram o poder político, econômico e cultural, conformando os bairros mais elitizados da cidade e com maior centralidade, que têm maior protagonismo na Cidade do México. Parnreiter (2002) considera que essa a cidade se define por cinco alcaldías: Gabriel Hidalgo, Benito Juarez, Cuauhtemoc, Coyoacan e Alvaro Obregon, já que formam um novo centro, onde as atividades de infraestrutura exigidas pela globalização estão concentradas – área onde os edifícios mais ostentosos são construídos. As três primeiras alcaldías são mais importantes porque contêm as atividades econômicas/ financeiras, especialmente em lugares como a Avenida Paseo de la Reforma, Avenida Juarez, Santa Fe, Polanco, Insurgentes Sur e Periférico Sur.

É importante reconhecer que nas últimas décadas o processo de urbanização da Cidade do México está sendo projetado para estar de acordo com as demandas do capital financeiro. Parnreiter (2002) observa que a Cidade do México, como uma cidade global, forma um novo centro urbano que responde a processos de globalização e pode servir como mais um nó na economia global e é funcional para ele. A presença de empresas internacionais de serviços e coorporativos estão concentrados na Cidade do México, já que as empresas com capital estrangeiro preferem esse lugar para estabelecer suas relações com o mercado mundial (Ibid.).

Partindo, de forma cronológica, da informação apresentada pelos entrevistados, tem-se que o primeiro lugar em que alguns destes trabalharam foi Tacubaya, especialmente os de idade mais avançada. Desde a época pré-colombiana, Tacubaya foi um importante assentamento urbano, destacado por sua atividade comercial. Posteriormente, foi se conformando como uma zona de moradia

[32] Divisão territorial próxima à de município, que é de recente uso ao ter mudado a categoria da Cidade do México de Distrito Federal al a ser um estado mais, no 2017; assim o antigo nome de *delegación* passo a ser nomeado de *alcaldía*.

de migrantes oriundos de outros estados do país, gerando um aumento demográfico. Na metade do século XX propiciou o desenvolvimento urbano e a construção de infraestrutura rodoviária. Em 1970, a região é integrada ao sistema de transporte de metrô, conectado hoje por três linhas. Desta forma, a zona ocidental da Cidade do México ficou conectada com outras áreas do território da cidade, o que mais uma vez contribuiu para o aumento da construção de moradias. Hoje em dia, Tacubaya mantém-se relevante por ser um lugar de passagem para se chegar a Santa Fe, importante zona que se conformou como um distrito financeiro que, a partir de 1990, foi valorizada para a construção de edifícios destinados à coorporativos, hotéis e aos negócios internacionais, o que não deixa de estar associado ao incremento da desigualdade social.

Em dezenove de setembro de 1985, a Cidade do México foi impactada por um forte terremoto, que derrubou um significativo número de edificações, demandando pela reconstrução da cidade; algo que beneficiou o setor da construção civil. O bairro identificado como Colonia Doctores foi um dos que passou por um processo de reconstrução, assim como o Centro Médico Nacional Siglo XXI, um dos mais importantes da cidade, que passou por uma série de modificações depois do terremoto (FAJARDO-ORTIZ, 2015). Já aos finais da década de 1980, surgiram outras construções por causa de diversos fatores diferentes ao do terremoto, como a construção do metrô El Rosario, que explicitou o processo de expansão urbana que se consolidava entre a zona norte da cidade e os limites do Estado de México e as ações para comunicar ambos os espaços.

Nessa direção, no município de Naucalpan de Juárez, desde a década de 1970, se conformaram bairros destinados as classes alta e média, antecedidos pelo projeto de Ciudad Satélite nos quais constantemente se realizava a construção para lazer e de shoppings para essa população (por exemplo, no bairro Echegaray foi construído o Club Casa Blanca). Continuando na direção norte da zona metropolitana, na década de 1990, também o bairro Valle Dorado foi tomando uma nova imagem com a construção de moradias, escolas e shoppings para uma população com recursos econômicos melhores que dos habitantes tradicionais e dos migrantes que se estabeleceram naquele local.

Esses lugares da zona metropolitana ao modificarem sua paisagem e incentivarem a ocupação da classe média via espaços para moradia e lazer, fomentaram a continuidade da imagem moderna que caracteriza as zonas centro e sul da Cidade México; por exemplo, com os Bairros Polanco, Chapultepec, San Angel e Ajusco. Estes bairros estão conectados pela grande Avenida Periférico, a mesma que liga vários municípios do Estado de México, pertencentes à zona metropolitana, à cidade; e que por sua demanda de uso, no começo da década do 2000, iniciou-se a construção de um segundo nível em alguns trechos dessa avenida. Junto com esse processo, surgiram mais edificações de luxo ao longo dessa estrada e próxima a ela, por exemplo, a construção da Torre Mayor na área central da cidade ou na zona sul da mesma. Esta última zona é uma das mais setorizadas da cidade, com serviços e moradias modernas, além das antigas mansões. Nela se concentra um importante número de edificações em construção, destinadas a serem futuros hospitais privados, shoppings e apartamentos, como se suscita na Avenida Picacho.

Entre as décadas de 2000 e 2010, há continuidade nas reformas para melhorar a imagem do centro histórico da Cidade do México e dos bairros próximos, especialmente naqueles que concentram escritórios, hotéis, shoppings e apartamentos de luxo. Uma medida para essa finalidade foi a instalação dos cabos de eletricidade e de telefone no subsolo, e de uma nova iluminação nos edifícios mais emblemáticos da cidade, como no Monumento a la Revolución. Esse tipo de reforma, assim como a derrubada de alguns edifícios e o começo de novas construções, continuam nessa zona com maior intensidade depois do terremoto do dezenove de setembro de 2017 que, similar ao de 1985, gerou grandes afetações na área central da cidade. No ano de 2018, esse tipo de atividades estava presente em diferentes ruas e avenidas, sendo grande parte da Cidade do México um canteiro de obras, o que às vezes não permitia diferenciar quais obras em processo eram relacionadas ao impacto do terremoto e quais surgiam dos contínuos projetos de edificação de apartamentos e coorporativos, como acontecia nas ruas de Polanco, onde se está projetando um novo corredor financeiro que pode superar o de Santa Fé, tendo o benefício de estar na área central da cidade e de ser ligado à Avenida Paseo de la Reforma e a Avenida Periférico, o que, a sua vez, influi para que as construções do limite do Estado do México, no município de Naucalpan, se incluam no novo corredor.

1.3.2.1. *Canteiros de obras nos quais se realizaram as entrevistas*

Ao chegar à Cidade do México, em dezembro do 2018, e percorrer distintos bairros, era notável que na paisagem da cidade destacava-se uma série de ruas e edifícios com danos em sua estrutura física e outros arruinados ou até derrubados, devido ao terremoto acontecido de 2017. Meus incursos pela cidade tinham como propósito procurar os canteiros de obras que me dariam a possibilidade de realizar o trabalho de campo, especialmente aqueles localizados nas zonas que tinham reconhecimento de seu destaque em projetos de edificação, localizadas no centro e no sul da Cidade do México. Efetivamente, abundavam diferentes construções e remodelações em prédios, lotes e avenidas, algumas delas correspondendo a projetos novos e outras de reparação dos efeitos do terremoto.

Figura 6. Lugares nos que se realizou trabalho de campo na Cidade do México[33]

O trabalho de campo se concretizou em três canteiros de obras, identificados como: Romero 114, Parque México e Chapultepec Uno; sendo o primeiro localizado no sul da Cidade do México e os dois últimos no centro da mesma. Chegar aos dois primeiros canteiros foi possível graças a um amigo e a um contato que tive, o que

[33] Elaboração própria, com informação de google.maps,com.

favoreceu a possibilidade de entrar no interior das obras; enquanto o último canteiro se apresentou como uma opção viável pela sua acessibilidade e por identificar que um alto número de trabalhadores e trabalhadoras passavam seu horário de almoço nas proximidades. Além disso, Chapultepec Uno representava o tipo de canteiro idealizado para a pesquisa por ser uma construção de alto impacto e tecnologia e por se localizar na Avenida Paseo de la Reforma, um dos lugares em que se encontram os edifícios mais modernos e altos do país e da América Latina, destinados a serem sedes de coorporativos internacionais, apartamentos e hotéis de luxo – edifícios que, em geral, deram uma nova imagem à paisagem urbana da Cidade do México, favorecendo sua funcionalidade enquanto cidade global. Os três projetos de edificação se diferenciam entre si, tanto pela dimensão da obra, quanto pelas redes de empreiteiros existentes e pelo número de trabalhadores; aspectos que incidem nas dinâmicas de contratação e de trabalho existentes em cada lugar, como se apresenta em seguida.

- Romero 114

No mês de janeiro, um amigo, que é oficial de bombeiro, estava trabalhando na obra de Romero 114, localizada ao sul da Cidade do México. Seu contato favoreceu meu ingresso ao canteiro sem ter que passar pelo pessoal da vigilância e da imobiliária, embora essa sorte não tenha durado mais de dois dias. Tratava-se da construção de um conjunto de 163 apartamentos e área de lazer[34], já em fase de acabamento no momento da visita, o que fazia com que a quantidade de empregados/as não excedesse 20 pessoas, sendo a maioria bombeiros e ajudantes de limpeza.

No dia 16/01/2018, cheguei pouco antes do horário do almoço, que vai das 13h00min às 14h00min, e caminhei um trajeto de quatro quarteirões na mesma rua Romero. Observei que existiam várias construções de apartamentos, variando o tamanho dos edifícios e os avanços das obras, além de ter um caminhão de material para a construção (areia) e um caminhão-máquina, que eram rodeados por trabalhadores que estavam consertando o asfalto da rua. Quanto mais se aproximava o horário do almoço, observei que começavam a transitar mais trabalhadores da construção na rua: saiam dos canteiros de obras para dirigir-se às *tortillerias* e

[34] Disponível em: <http://www.romero114.mx/> Acesso em: 03 mar. 2018.

mercearias localizadas perto de seus respectivos canteiros de obras, para comprar *tortillas* e refrigerantes (Coca-Cola, principalmente); mas também estavam os que compravam comida com a senhora que, sobre a rua, tinha várias panelas de grande tamanho com diversos *guisados*. Ademais, estavam os que se dirigiam aos camelôs de comida, aproveitando que era o dia de feira semanal – neste caso, eram mais mulheres trabalhadoras do que homens as que se dirigiam a esses pontos de venda de comida.

Foi na mercearia mais próxima a Romero 114 que encontrei ao Rasta – como é identificado meu amigo pelos seus colegas. Depois de nos cumprimentarmos, encontramos com dois de seus colegas, os quais tinham ido comprar *tortillas* e coca-cola. Caminhamos rumo ao canteiro de obras, onde me deixei dirigir pelo Rasta, quem me orientou a “passar direto”, sem falar com o pessoal da vigilância que se localizava no interior de um pequeno quarto fechado e com grandes vidros. Além disso, ele me sugeriu que, caso me perguntassem sobre a minha procedência, que eu falasse que ia da parte do empreiteiro deles, que é o *patrón* dos bombeiros dessa obra. Ingressei no canteiro sem ser questionada por ninguém e nos dirigimos à parte subterrânea do edifício.

Em um cantinho frio, um pouco escuro, com diversas ferramentas e outros materiais, encontravam-se mais dois trabalhadores. Os cinco, no total, tiraram de suas mochilas as marmitas que levavam de suas casas, arrumaram baldes para se sentar e me deram um também, nos acomodando em torno de uma mesa improvisada. Em um extremo da mesma, estavam diversos materiais de trabalho; no centro colocaram as *tortillas* e serviram em copos descartáveis o refrigerante, dando um para mim. Entre brincadeiras, começaram a almoçar e fui convidada para comer com eles. Aos poucos fomos conversando sobre o tema de interesse, além deles perguntarem sobre a situação laboral no Brasil, pois o Rasta já tinha lhes falado de minha visita e um pouco de mim.

Os cinco trabalhadores se diferenciavam por idade. Os que trabalham de *chalanes* (ajudantes), Lalo e o Bebé, eram os mais novos, um de vinte três anos e outro de dezoito anos. O Rasta, de trinta anos, e o Juan, de trinta e três anos, trabalham como oficiais de bombeiro; enquanto o Chuy, com mais de cinquenta anos, é reconhecido por eles como mestre de bombeiro. Quase ao final do horário de almoço chegou o *cabo*, um tipo supervisor contratado pelo mesmo empreiteiro, um homem de

aproximadamente quarenta anos. As roupas que ele vestia não demonstravam que trabalhava com material e atividades próprias da construção, além de não ter resíduos de poeira no seu corpo – como era evidente no grupo dos trabalhadores, que usavam calças velhas, blusas de frio desbotadas e botas de trabalho distintas entre eles. Fui apresentada para o cabo, mas ele não deu muita importância à minha presença e não fez nenhuma pergunta.

Durante o horário do almoço, o grupo de trabalhadores passou falando *chistes* (piadas) no começo, dinâmica que senti como um tipo ritual de passagem, pois os trabalhadores da construção civil no México têm a fama de ter uma grande habilidade para falar piadas, além de falas com conotação sexual – embora estas últimas não tenham sido expressas durante minha visita. Com o passar do horário de almoço, a conversa foi ficando mais séria, sendo Chuy e Juan os que mais mostraram interesse em conversar comigo: falavam de suas experiências, percepções e me faziam questionamentos sobre minha estadia no Brasil. Chuy era quem mais falava sobre as mudanças que ele tem percebido na construção civil e sobre a continuidade de práticas informais na contratação dos trabalhadores neste setor; enquanto Juan mencionava aspetos de sua estadia de trabalho no Estados Unidos e comparava as situações de trabalho que viveu com as que tem no México.

Às 14h00min, os cinco trabalhadores guardaram os recipientes de comida nas suas respectivas mochilas e se dirigiram ao espaço de trabalho. Rasta me falou para segui-lo e subimos ao primeiro andar, local onde comecei a observar os demais trabalhadores, assim como a presença de trabalhadoras que retomavam suas atividades na área de limpeza. Em geral, ao passar ao meu lado, ficavam me observando. Às vezes o Rasta falava que eu era do sindicato, que se quisessem, podiam falar sobre alguma situação laboral, mas todos acharam que era brincadeira e iam falando uma série de piadas conforme se encontravam entre trabalhadores, sem importar se eram homens ou mulheres.

Dentro do canteiro de obras, observei que a construção estava na fase de acabamento, pronta para ser concluída: com as estruturas de metal, portas externas e janelas pintadas, o elevador instalado, assim como as portas de vidro que separa uma secção de apartamentos das seguintes. Fiquei por mais de uma hora conversando e observando o que acontecia no canteiro de obras. Embora tendo uma visão limitada à área externa do primeiro setor de apartamentos e ao primeiro andar,

ainda conseguia escutar o ruído das atividades dos trabalhadores do andar de cima, assim como a música que estavam escutando – *cumbias,* principalmente.

Consegui observar que algumas mulheres e um homem saiam de um apartamento para entrar em outro, levando baldes com produtos e panos no seu interior, e Rasta me disse que era o pessoal que fazia as atividades de limpeza ao interior de cada apartamento; enquanto o grupo de bombeiros instalava diversos materiais nos futuros banheiros e cozinhas de cada apartamento. Fiquei próxima ao Rasta e ao Juan, que estavam instalando os boilers/aquecedores de água em cada departamento, enquanto Lalo e Bebê estavam colocando os *respiradores* fora de cada apartamento. Chuy, segundo me falaram, se dedicava a colocar o equipamento hidráulico do banheiro e da cozinha, pois ele estava em outro andar e trabalhando em companhia de outro trabalhador que estava perto dos sessenta anos.

Nesse lapso de tempo, observei uma mulher que parecia da área de vendas fazendo uma visita ao interior de um apartamento, acompanhada de um homem mais velho; também vi passar o pessoal da vigilância, identificados pelo uniforme que usavam; e, finalmente, vi chegar e transitar pela área o arquiteto. Ao chegar, ele foi cumprimentando de forma geral os trabalhadores e, no seu transitar pela obra, ficava observando as atividades que os trabalhadores realizavam, verificando o trabalho feito e comprovando a assistência. Ao chegar no Lalo, o arquiteto reclamou por ele ter faltado no dia anterior e por ter mentindo ao falar que estava em outro canteiro de obras – motivo pelo qual lhe descontaria o dia. Enquanto o arquiteto fazia a inspeção dos avanços, os trabalhadores/as continuavam suas atividades e alguns lhe falavam: *“saque el café, arqui”, “ora, arqui, saque las cocas”* e *“compre una coca grande y nos la repartimos”*; enquanto outros lhe comentavam sobre o material que lhes estava fazendo falta para continuar com suas atividades.

O arquiteto, durante seu percurso pelo canteiro de obras, escrevia continuamente num caderno. Ao passar ao meu lado só me olhou de forma rápida, não falou nem perguntou nada para ninguém, pois ignorou minha presença. E quando Rasta lhe falava *“ahora sí arqui, eh, ya llegó el sindicato ¿Cómo la ve?”*, o arquiteto só ria, assumindo que era brincadeira mesmo. Nesse momento decidi não me apresentar a ele, pois achei oportuno me apresentar com calma no dia seguinte. Pouco tempo depois fui embora, combinando voltar no seguinte dia, uma vez que

reconheci que alguns dos bombeiros estavam dispostos a conceder uma entrevista mais formal.

No seguinte dia (17/01/2018), voltei novamente no horário de almoço e me integrei ao grupo dos bombeiros. Desta vez, brincavam sobre quem seria o pai do bebê que estava esperando uma das trabalhadoras da obra; depois se falou sobre outra trabalhadora que se ausentou da obra sem falar nada para ninguém, mas um deles estava informado, pela mesma trabalhadora, que ela teria conseguido melhor opção de emprego. Essa situação possibilitou que conversassem sobre a importância de "*no quedar mal con quien los contrata y no dejar botado el trabajo"*, argumentos destacados por Chuy, que pensa que antes de ir embora de um trabalho se tem que cumprir com o acordado, pois isso é um tipo de "*carta de recomendação"* que o trabalhador tem.

Depois do horário do almoço fui, desta vez, ao segundo andar, com Rasta e Juan. Fiz a entrevista com este último trabalhador e, ao concluir, fiquei procurando Chuy, o qual me indicaria para eu subir ao quarto andar no momento em que tivesse tempo para ser entrevistado. Nesse lapso de tempo, chegou o arquiteto, me cumprimentou desta vez e continuou com a mesma dinâmica do dia anterior. Encontrei com Chuy e começamos a entrevista. Ao passar cerca de dez minutos, entrou o arquiteto e começou a falar com ele, que lhe foi mostrando o que ele e seu colega estavam fazendo.

Quando o arquiteto acabou de revisar o trabalho de Chuy, fui conversar com ele, me apresentei e lhe expliquei o motivo de minha presença no lugar; ele falou que estava percebendo que eu tomava tempo dos trabalhadores, além de dizer que teria conversado com o empreiteiro dos bombeiros para saber o que eu fazia ali. Além disso, censurou minha forma de ter entrado na obra, por não ter falado com ninguém, e me advertiu que se eu não quisesse que ele me reportasse ao pessoal de vigilância, eu deveria ir embora naquele momento. Pedi-lhe para que me deixasse concluir a entrevista, mas ele não concordou e saiu do apartamento. Chuy me sugeriu, no entanto, a não dar atenção ao que o arquiteto me disse e que continuasse com a entrevista; a qual foi concluída de modo a não demandar muito mais tempo, a fim de evitar problemas para ele e para o Rasta (o qual, embora eu não tivesse mencionado como interlocutor responsável por minha entrada no canteiro, foi identificado pelo

arquiteto deste modo – como fiquei sabendo depois). Assim, só obtive duas entrevistas nesse lugar, desistindo de retornar a este canteiro de obras.

- Parque México

Foi por meio de uma rede de amizades que me aproximei do Arquiteto Carlos, que após eu apresentar o tema da pesquisa, me permitiu lhe acompanhar em uma das obras que ele estava dirigindo. No dia 18/01/2018, às 09h00min, encontrei com o arquiteto no Parque México, que se localiza na zona central da Cidade do México. Eu não tinha ideia do tipo de obra que iria visitar, mas tinha o conhecimento de que essa zona é habitada por pessoas de classe média alta, além de que nas proximidades existem diversos edifícios onde se concentram os escritórios da cidade e que foi uma das zonas mais afetadas pelo terremoto de dezenove de setembro de 2018. Assim que comecei a conversar com o arquiteto, enquanto cruzávamos a avenida que separa o parque de um complexo de casas e apartamentos e entramos num edifico próximo, ele me especificou que nesse momento estavam fazendo obras de remodelação que tinham a ver com o prejuízo gerado pelo terremoto.

O edifício no qual entramos tinha cinco andares e seis apartamentos por andar, sendo que no primeiro andar, ao ingressar no edifício, já se percebia alguns danos que o terremoto havia causado. No segundo andar, entramos em um apartamento no qual o cheiro de pintura e tíner era muito forte, motivo pelo qual o arquiteto só cumprimentou os trabalhadores e nos dirigirmos ao quarto andar. Entramos em outro apartamento: nele eram realizados trabalhos de alvenaria, em um quarto colocava-se azulejo, em outro quarto e cozinha as paredes eram reformadas com gesso; a sala estava cheia de materiais de construção, especificamente gesso, azulejo e outros materiais que serviram para a colocação dos antes mencionados, imperando um ambiente cheio de poeira.

No interior do apartamento estavam quatro trabalhadores, um deles tinha o rosto, a exceção dos olhos, coberto com um a camiseta como forma de se proteger da poeira dos materiais usados, pois colocava gesso junto com outro trabalhador, enquanto colocava azulejo em um segundo quarto e mais um trabalhava na cozinha. O arquiteto falou para eles que eu iria fazer umas entrevistas e me disse que eu podia ficar à vontade. No entanto, ao me aproximar dos trabalhadores, eles titubearam em aceitar a participação nas entrevistas. O primeiro do qual me aproximei negou,

argumentando que precisava concluir o que estava fazendo se não a massa ficaria seca e seria uma perda de tempo e material.

Percebi que eles estavam trabalhando em um ritmo acelerado, porque tinham que finalizar os trabalhos naquela semana, como já havia me falado o arquiteto; deste modo, se eles não conseguissem ter os avanços necessários, ficariam trabalhando os últimos dias até de noite, sem receber pagamento extra – pois estavam contratados para realizar a atividade num lapso de tempo específico e por uma quantidade de dinheiro combinada entre o arquiteto e os trabalhadores.

O arquiteto, por considerar que o trabalhador que estava colocando azulejo na cozinha estava mais relaxado para ser entrevistado, lhe pediu para parar um pouco com suas atividades, e, assim, realizei a primeira entrevista nesse canteiro de obras. A partir dessa entrevista, com Benito, reconheci que os quatro trabalhadores ali presentes eram familiares e que um deles era quem negociava o orçamento da mão de obra com o arquiteto. Depois da entrevista fiquei esperando o arquiteto, pois ele ia de um apartamento a outro para supervisar os trabalhos, anotando num caderno o material que faltava, e, naquele momento, tinha saído do prédio. Durante esta espera, chegou um bombeiro que trabalha de forma independente e também estava esperando o arquiteto. Aproveitei para conversar com ele e soube que, em seu caso, o arquiteto não era seu empreiteiro, mas sim um cliente para quem trabalha quando lhe chama, segundo seu entendimento.

Posteriormente vi que um dos trabalhadores que estava mexendo com gesso estava descansando, por estar sentado na sala, em cima das caixas de azulejo. Começamos a conversar e ele aceitou me outorgar uma entrevista. Enquanto estava realizando a entrevista com o Gerardo, chegou o arquiteto e começaram a conversar entre eles sobre dinheiro, pois Gerardo pediu para que o arquiteto lhe deixasse dinheiro para o almoço, argumentando que estão passando muito tempo no trabalho, o que não lhes dava tempo de fazer almoço. Os quatro trabalhadores alugam um quarto no qual se alojam juntos, já que suas famílias, esposas e filhos, moram em sua cidade de origem, no Estado de México, com quem convivem nos finais de semana e nas temporadas de desemprego. O arquiteto não aceitou dar todo o dinheiro que o Gerardo lhe pediu, $1000,00, argumentando que não tinha essa quantidade, e que se tivesse ele não estaria trabalhando; falou que só tinha $50,00, mas lhe deu $500,00.

Posteriormente, fui com o arquiteto ao terceiro andar, e no apartamento que entramos estava o grupo dos carpinteiros. Eram três homens de diferentes idades, o mestre deles era o mais velho e era com quem se comunicava o arquiteto para ver os avanços do trabalho. Assim como com os pedreiros, os carpinteiros estavam sendo "lembrados" de que tinham até o fim de semana para concluir o trabalho, pois os habitantes dos apartamentos voltariam a morar neles. Neste apartamento havia móveis novos na sala, ainda com o plástico que os protegia, algumas ferramentas e pouco material para ser usado. O arquiteto saiu novamente do apartamento e comecei a entrevistar o mestre, o senhor Cristóbal, quem pediu para que os outros dois trabalhadores parassem com as atividades por causa do barulho que faziam com uma das ferramentas que estavam usando para colocar e detalhar o chão de madeira (situação que influiu para não me demorar muito na entrevista ao estar sabendo que tinham que concluir no tempo estabelecido). Por último, entrevistei Julio, que é o ajudante e o sobrinho no senhor Cristóbal – ele era quem desde o começo se mostrou mais crítico sobre a situação laboral que vivenciava.

O arquiteto foi embora pouco antes que eu pudesse concluir as entrevistas, me comunicando que tinha que supervisar outra obra ao sul da cidade e que eu poderia acompanha-lo até lá outro dia, mas isso não foi possível por causa de sua agenda. Ao finalizar a entrevista com Julio, saí do edifício e aproveitei para andar por aquela zona, caminhando em direção à estação do metrô Chapultepec. Observei uma série de afetações provocadas pelo terremoto, como prédios com gretas nas paredes e fachadas, algumas delas desprendidas da edificação, e fraturas no chão. Uma série de prédios rodeados de muralhas de madeira ou metal que evidenciavam a demolição de construções também se foi fazendo presente no trajeto; alguns deles tinham maquinaria de escavação e em poucos deles estavam começando as atividades de reconstrução.

Conforme chegava as 13h00min e me aproximava às construções localizadas no entorno do metrô Chapultepec, ia aumentando o número de trabalhadores que saia dos canteiros de obra para comprar *tortillas*, refrigerantes e alimentos nos diversos locais e camelôs que vendiam esses produtos. Ao chegar ao metrô Chapultepec, me aproximei à construção que já tinha captado meu interesse para tentar contatar aos trabalhadores que aí se empregam. Como já era horário de almoço, observei que um importante número de trabalhadores (aproximadamente cem) se sentavam nos

jardins, nos bancos e no chão da área onde se transita a pé na Avenida Paseo de la Reforma, em frente ao canteiro de obras – dinâmicas que considerei favoráveis para continuar nesse lugar o trabalho de campo.

- Chapultepec Uno

Foi em um desses percursos que eu fazia pelo centro da cidade e, especificamente, pela Avenida Paseo de la Reforma, um lugar que me interessava, que detectei a construção do prédio que leva por nome Chapultepec Uno e que tem como slogan “La entrada al corredor corporativo de Reforma”. Essa avenida é uma das mais importantes da Cidade do México, sendo historicamente ocupada pela elite política nacional e conectando diferentes bairros da cidade, assim como importantes lugares que são instâncias do governo e hotéis de luxo, além de ser sede de importantes coorporativos associados ao capital financeiro. Pelo aumento da presença desses últimos, a Avenida Reforma – como simplificam os habitantes da cidade – tem ganhado o apelido de ser *La joya de Latinoamérica*; portanto, por sua dimensão, tipo construtivo e acessibilidade de me aproximar à população de trabalhadores que ali era empregada, se tornou um lugar escolhido para o trabalho de campo. Chapultepec Uno se sustenta em um projeto de edificação moderna, destinado principalmente ao uso de escritório, mas também inclui a construção de um hotel e de apartamentos de luxo em seu interior, como se pode ver na imagem seguinte:

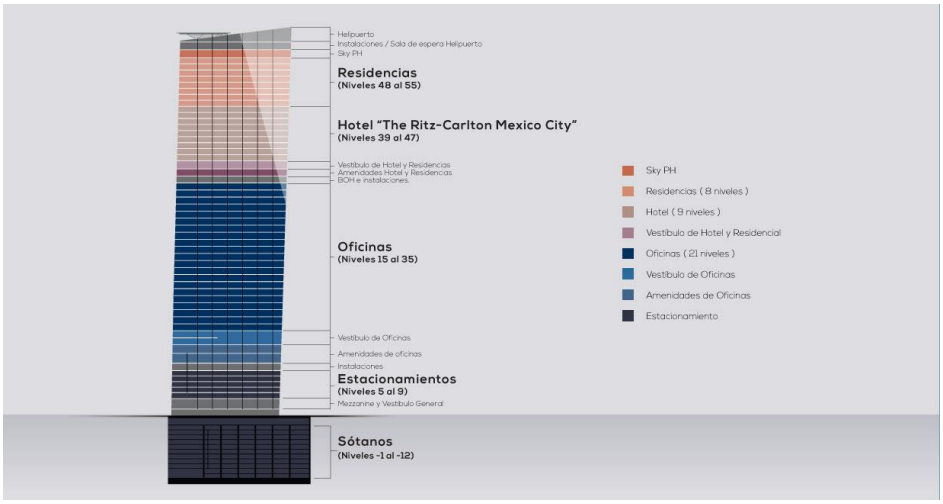

Figura 7. Projeto de construção de Chapultepec Uno[35]

[35] Disponível em: <http://chapultepecuno.mx/> Acesso em: 13 mar. 2018.

Na construção deste edifício, há “4 famílias” envolvidas em seu financiamento, mas, é a empresa BOVIS MÉXICO que gerencia a construção e, por sua vez, subcontrata empresas que se especializam em uma área específica da construção, que são:

- **Corey**, en estructuras metálicas.
- **Lomcci**, en estructura civil y albañilerías.
- **Vitrocanceles**, en fachada y plafones de cristal.
- **Isuc**, en instalación eléctrica, hidrosanitaria y PCI.
- **Cyvsa**, en aire acondicionado.
- **Logen**, en instalaciones especiales.
- **Kone**, en elevadores.
- **Wohr**, en estacionamiento robótico.
- **Entec**, en helipuerto y fachada.
- **HRC**, en tablaroca[36].

O prédio contava com uma entrada exclusiva para o pessoal, a qual tinha uma intensa vigilância privada na portaria, de modo que ao pedir informação para contatar alguém que permitisse meu ingresso no canteiro de obras eles só me orientaram a enviar um e-mail para a empresa encarregada da construção, do qual nunca tive retorno. No entanto, antes desta tentativa, já havia começado a conversar com alguns trabalhadores e trabalhadoras no horário de almoço, com quem tive contato de quinze de fevereiro a quinze de março de 2018, sempre no horário do almoço; mas, neste caso, havia três horários: de 13h00min as 14h00min, que era o horário principal, de 14h00min as 15h00min e de 15h00min as 16h00min, sendo este último o que menos trabalhadores saiam para almoçar. Os horários de almoço dependiam do horário de entrada e de saída que cada empresa estipulava para seus trabalhadores, assim como se a semana de trabalho ia de segunda a sábado ou de segunda a sexta – mas a maioria trabalhava da primeira forma.

Transitei por três espaços: a área que ocupavam na Avenida Paseo de la Reforma; a área onde se concentravam os vendedores de comida; e o pequeno parque – todos eles próximos num trajeto de uns cinco minutos entre cada lugar e o canteiro de obras. No começo do horário de almoço, os trabalhadores se aproximavam aos diferentes camelôs para comprar comida, água, refrigerantes e *tortillas* e comiam nos próprios estabelecimentos que tinham mesas e cadeiras para se sentarem. Geralmente, comiam em grupos, alguns em casais, homem e mulher, e,

[36] Disponível em: <https://digitalbricks.com.mx/2017/09/05/torre-chapultepec-uno-bovis-bim-cielo/> Acesso em: 23 maio 2018

em menor proporção, sozinhos, especificamente homens, pois as mulheres nunca estavam sozinhas. Ao terminar o almoço, tinha quem decidia cochilar ou conversar um pouco com os/as colegas, mas a grande maioria passava mexendo em seu celular, do lado de fora deitado ou sentado no parque ou na rua.

Quando comecei minhas vistas no entorno do canteiro de obras, a construção do edifício já estava avançada em sua estrutura: os 56 pisos já estavam construídos e estavam na etapa de colocação da estrutura de alumínio e dos vidros externos. No entanto, no interior, pelo comentário de uma trabalhadora da área de limpeza, só a parte estrutural estava concluída e, pelos cálculos de vários trabalhadores, ainda faltariam mais dois anos, aproximadamente, para finalizar a obra.

Uma vez identificada a obra, iniciei no mês de janeiro as visitas ao canteiro de obras em diferentes horários e, ao reconhecer que as 13h00min era o horário padronizado de almoço para os trabalhadores da construção, comecei a chegar mais recorrentemente nesse horário. Nas primeiras vezes, me sentava a observar as dinâmicas da população de trabalhadores durante o horário de almoço em que ocupavam a área do corredor para caminhar na Avenida Paseo de la Reforma, em frente ao canteiro de obras. Posteriormente, ao mudar o caminho para chegar até lá, observei que de um lado do edifício, passado a estrada, há uma pequena área verde, como um parque, que também era ocupado pelos trabalhadores dessa construção no horário de almoço.

Observei que havia um importante número de mulheres trabalhando nessa construção e que, em geral, a população de trabalhadores se diferenciava entre si por alguma identificação na roupa que usavam na parte superior do corpo. Alguns tinham um tipo de blusa com o nome da empresa nas costas, como era o caso dos contratados pela empresa Lomcci; outros usavam colete de material mais resistente, como os trabalhadores de Corey; e outros, coletes mais simples, como os empregados de Vitrocanceles – especialmente as mulheres, pois os homens não usavam esse tipo de vestimenta. De alguma forma, as empresas tentavam identificar seus trabalhadores/as, ainda que não dessem uniformes completos para eles/as. Sobre a vestimenta, na ausência de uniformes, alguns trabalhadores compravam blusas de trabalho dentro do canteiro de obras, feitas pelos próprios colegas; camisas de cor forte, que davam visibilidade, sendo uma forma de segurança e proteção que

eles procuram ter na atividade de trabalho (comunicação oral com soldador, 21/02/2018).

Figura 8. Construção e trabalhadores no horário de almoço de Chapultepec Uno. Arquivo pessoal, fevereiro 2018

Outra forma de identificação na população de trabalhadores, tanto da pertença empresarial quanto da hierarquia laboral, é a cor do capacete. Segundo a informação

de uma trabalhadora na área de instalação, o capacete de cor branco era usado pelos *cabos* e empreiteiros; a cor vermelha era para os da segurança e arquitetos; já as cores azul, amarelo, verde, cinza e marrom para os operários, em geral, sem diferenciar pela especialização da atividade, sendo que cada empresa utilizava um tipo de cor para distinguir seus trabalhadores (comunicação oral, 6/3/2018). Por exemplo, quem trabalhava para Vitrocanceles, usava colete e capacete amarelo; os de Lomocci eram de cor azul; e os de Isuc se identificam com a cor verde, mesmo que cada empresa fosse especializada em uma área da construção, seja na colocação de vidros e estrutura de alumínio, armamento da estrutura de metal e alvenaria.

Durante o mês de trabalho de campo nessa obra, houve vezes em que eu só ficava observando as dinâmicas dos trabalhadores e outras vezes nas quais interagia com eles. Primeiro me aproximava quando dava conta que tinham acabado de almoçar e, com o passar do tempo, especialmente com um grupo de mulheres com as quais mais conversava, comecei a chegar no momento que elas saiam para almoçar e ficava com elas todo esse tempo. Dependendo da disponibilidade de cada trabalhador/a, tínhamos conversas dirigidas ou se fazia a entrevista e esta era gravada, dependendo da autorização de cada pessoa.

No total, foram realizadas sete entrevistas individuais gravadas: uma delas com um imigrante originário do Haiti, Robert; outra na qual além do entrevistado, Emilio, outros dois homens e uma mulher chegaram a fazer comentários sobre o que eu perguntava; uma entrevista na qual participaram quatro mulheres (Sara, Luz, Maribel e Peliroja) e com as quais conversei mais em diversas ocasiões nas quais havia mais mulheres presentes, os outros entrevistados foram com Ricardo, Everardo e Rogelio; além de uma entrevista não gravada com Geovani. Além de conversas dirigidas com um grupo de cinco mulheres que trabalhavam na área de limpeza; conversa com uma mulher que trabalha como instaladora; conversa com dois trabalhadores originários de outros estados e que estavam morando no acampamento pago pela empresa; outra conversa com dois trabalhadores que faziam a atividade de soldadores; conversa com um trabalhador empregado como ajudante geral.

1.4. Encontros e desencontros entre formas, funções e canteiros de obras em Belo Horizonte e na Cidade do México

Em ambas as cidades se evidenciam como com o passar do tempo a conformação de novos bairros e a consolidação dos existentes para serem destinados aos setores de altos recursos econômicos é uma tendência que se fortalece nas últimas décadas. Na Cidade do México o fortalecimento de determinadas zonas para estabelecer corporativos e corredores de edificações destinadas ao capital financeiro vem aumentando. Também foi detectado que o investimento em infraestrutura para beneficiar a mobilidade dos cidadãos tem menos presença nas duas cidades, embora o objetivo fosse ter atenção nos canteiros de obras do subsetor de edificações. Em geral, as áreas construídas com determinada finalidade em cada cidade e os canteiros de obras visitados mostram, segundo Santos (1997): técnicas, empiricização do tempo, materialidade sobre a qual as sociedades humanas trabalham (p. 42); assim como a mesma materialidade do trabalho de quem se emprega na construção civil. Os bairros, avenidas e canteiros de obras evidenciam hegemonias, hierarquias, inclusões e exclusões, assim como produção e consumo; aspectos interligados que ajudam a "explicar, em cada lugar, a presença de certa combinação de tipos de infraestrutura", as quais dependem da produção, destino e circulação (Ibid., p. 65).

Ter feito esse percurso, a partir dos lugares em que a população entrevistada tem trabalhado, permitiu visualizar seu papel no desenvolvimento e a mudança de paisagem em ambas as cidades, sendo esta uma dentre outras populações de trabalhadores/as que são ignoradas das funções de comando nas cidades globais (aludindo a Sassen, 1998); atestando, assim, que a cidade é produto do trabalho humano, como argumentou Nieto (2005). Situar os diferentes lugares nos quais tem trabalhado os entrevistados mostra a mobilidade espacial que sua atividade lhes demanda e seu reconhecimento da cidade, por estarem situados no *tempo dos lentos* (retomando a Santos) – embora neste capítulo só tenham sido identificados alguns lugares de ambas as cidades, pois a maioria tem saído para trabalhar fora destas fronteiras, o que será exposto no capítulo três.

Conjuntar as novas formas e funções geradas nas cidades em tempos globais com o processo de modernização do setor da construção civil, indica como o último tem que se adaptar aos novos modelos de produção e às necessidades do mercado,

motivo pelo qual deixar para trás as formas tradicionais desta indústria é uma demanda entre as empresas que procuram a competitividade. Ambos os tipos de atualizações, por sua vez, impactam nos trabalhadores, em suas dinâmicas de trabalho e em sua formação no sistema de ofícios – ainda que o câmbio não se tenha gerado de forma generalizada, pois não todos os canteiros de obras se regem desde o modelo ideal, como foi apreciado nos diferentes lugares observados e nos quais se realizaram as entrevistas.

Particularizando os canteiros de obras visitados temos que Romero 114 é um espaço laboral que pode ser associado aos canteiros de obras, onde no momento das entrevistas estava empregada a maioria dos trabalhadores que frequentavam a EMPOG, sendo que a maioria deles estava trabalhando na edificação de prédios – embora na primeira construção não houvesse a presença de uma empresa como tal, mas sim de empreiteiros, e nos outros casos todos os trabalhadores estavam com um vínculo laboral com alguma empresa. Mas, todos os casos estão relacionados com a demanda da especulação imobiliária, ao ser a construção de apartamentos para as classes média e alta o que predominava.

Chapultepec Uno e o Fórum de Justiça possam se diferenciar pelo tamanho do prédio, tecnologia e outros aspetos da construção, assim como a quantidade de pessoal empregado; mas, têm em comum a presença de uma empresa principal que subcontrata as outras, o projeto da construção se insere nas demandas de qualificação e segurança, que incidem na forma de contratação e enquadramento do trabalhador nesses modelos ideais de construção.

As obras no Parque México e no Bairro Graça se tratavam de remodelações nas quais existe um empreiteiro e maiores aspetos de informalidade na contratação, os trabalhadores empregados não usavam nenhum tipo de segurança, proteção e uniforme, além de terem vínculos familiares entre eles – senso que no primeiro caso também se apresenta o fenômeno de mobilidade circular nos trabalhadores dedicados à alvenaria.

Quanto ao papel dos sindicatos, em Belo Horizonte, o Sindicato Marreta propaga uma linha de ação de luta, propondo fazer greves nos canteiros de obras, além de procurar que mais trabalhadores se sindicalizem – já que a maioria dos sindicalizados são maiores de 50 anos e poucos deles participam das atividades

realizadas pelo sindicato, especialmente, em passeatas e greves. Estas situações refletem a dificuldade de lutar pelos seus direitos, pois, representa um desafio muito grande para o trabalhador da construção, já que este corre o risco de ser demitido e de ficar “marcado”, o que pode impactar no momento em que vai procurar emprego em outra empresa construtora.

No caso mexicano, a presença sindical no setor da construção civil é menos apreciável: das distintas construções que foram reconhecidas nos diversos percursos feitos pela cidade, apenas duas apresentavam uma placa com o nome da *Confederación Regional Obrera Mexicana* (CROM) – formada em 1918 como herança do movimento de revolução de 1910 e que com o tempo foi perdendo força. Mas, nas conversas com trabalhadores/as, evidenciei que ninguém conhece algum sindicato ou pessoas envolvidas com sindicatos de forma direita, só têm conhecimentos deles por conversas com terceiros e tendo interiorizado que ser sindicalizado é uma escolha que pode afetar sua trajetória laboral.

Com este percurso foi apresentado como os canteiros de obras visitados, como outros que só foram observados e algumas edificações existentes, demonstram que “as infraestruturas criam restrições à organização espacial, à localização seletiva de capital, de instituições e de pessoas” (SANTOS, 1977, p. 42). Além desses canteiros, como a escala de cidade e a indústria da construção civil formam o cenário no qual a população entrevistada tem realizado e ainda realiza seu trabalho. Resgatou-se algumas de suas dinâmicas laborais, na medida em que cada lugar o permitiu, e se identificou a diversidade de canteiros de obras que, de uma forma ou de outra, estão imersos na modelagem da cidade e no setor da construção civil de cada cidade.

Capítulo 2. Quem são os trabalhadores e as trabalhadoras da construção civil? Relação entre origem social e inserção no mercado de trabalho

Comeu feijão com arroz
como se fosse um príncipe...

(Construção, Chico Buarque)

Neste capítulo indaga-se sobre a origem social e os aspectos familiares, educativos e geográficos que se relacionam com o começo da trajetória laboral e a chegada ao mercado de trabalho da construção civil de quem se emprega nesse setor; reconhecendo, também, a influência que tem as questões geracionais, de gênero e de raça/etnia nesse processo, ao acompanhar as histórias de vida e laborais dessa população. Parte-se da evidência de que os setores mais pobres da população, como o grupo do qual aqui se fala, têm uma inserção desigual no mercado de trabalho, já que seu acumulado de desvantagens sociais lhes acompanha e ficam destinados, num marco reduzido de escolhas, a realizar trabalhos braçais e precários.

Sua falta ou escassa trajetória escolar é um dos aspectos valorados como causa do tipo de inserção que se pode ter no mercado de trabalho, especificamente nas cidades, isto porque a sociedade tem dado uma função privilegiada à educação. Nos estudos sobre trajetórias, especificamente os que abordam o aspecto educativo ou laboral, se usa o nível de escolarização como a variável que tem implicação no transcurso da vida no mercado de trabalho (RIBEIRO, *et. al.* 2015; FURTADO, 2015). Entretanto, alguns autores antepõem o contexto social das pessoas como o aspecto que influi na continuidade escolar, inserção no mercado de trabalho e possibilidades de mobilidade social. Assim, Ferreti (1988), destaca que, o contexto socio-econômico-cultural das pessoas que conformam as classes subalternas influencia para que tenham trajetórias ocupacionais em atividades de baixa remuneração e Saravi (2006) vê que a condição socioeconômica familiar tem efeito no percurso educativo, sendo as de menor renda as que não conseguiam garantir a transição educacional.

As complicações na inserção e continuidade escolar são efeito das circunstâncias sociais associadas à pobreza, marginalização e desigualdade que vivem determinados grupos; além de estar propensos a enfrentar uma *acumulação de desvantagens sociais* que, nos casos mais severos, podem chegar até à exclusão social (ARRETCHE, 2015). Partindo desta última perspectiva é que se tem interesse

em indagar sobre a origem e os aspectos sociais que acompanham a população dos trabalhadores da construção civil, pois, estas têm a ver com sua inserção num âmbito de trabalho que, além do desgaste físico que demanda, se caracteriza pelas suas práticas de informalidade e ilegalidade (BUENO, 1994; ZIRIÓN, 2013).

Na realidade social de países da América Latina, como Brasil e México, existem grupos sociais, entre eles indígenas, negros e camponeses, que desde a época colonial foram postos no escalão mais baixo da estrutura social e acabaram sendo obrigados a se manterem assim. Nos termos de Saravi (2006), se acumulam novas desigualdades em contextos de profundas desvantagens estruturais e que se reproduzem ao longo de suas gerações; embora possam ter experimentado alguns avanços no acesso a serviços, como o educativo, mesmo que de forma limitada e de má qualidade, ainda enfrentam barreiras no momento de se inserir no mercado de trabalho urbano. Nas abordagens de Fernandes (1978), Martins (2003) e Stavenhagen (2014) pode se abranger como esse processo tem antecedentes históricos e se reproduz no decorrer do tempo.

Os aportes desses autores, que refletem as sociedades latino-americanas no século XX, mas, que tem vigência no presente século XXI – como argumentou Stavenhagen (2014) e como nós apreciamos no dia a dia –, expõem: a inserção marginal do negro na ordem social não escravocrata (FERNANDES, 1978); a conformação de *processos sociais, políticos e econômicos excludentes* (MARTINS, 2003, p. 14) que incluem de forma desvantajosa; a relação de dualidade entre o espaço e os grupos sociais da área rural com os das cidades, sendo dinâmicas que referem a um mesmo processo e ao funcionamento de *uma só sociedade global*, na qual se integra e fortalece a herança colonial (STAVENHAGEN 2014, p. 160-161).

Esses três autores compartilham, no geral, uma mesma corrente analítica que explica a inserção de determinados grupos sociais na sociedade capitalista, nas cidades e no mercado de trabalho urbano, que permite entender a conexão entre o passado histórico do grupo, da família o do indivíduo que hoje em dia se encontra trabalhando na construção civil. Pois, não é fortuito que vejamos nos distintos canteiros de obras de Belo Horizonte e da Cidade do México que na população de trabalhadores impera a cor negra na pele, os rasgos indígenas no corpo e outra língua na sua fala; sendo a mesma que despois de ser empregado/a como ajudante –

comumente nominados de *servente* ou *chalan*[37] – na melhor das sortes chegará a obter o cargo de mestre de obras, máximo escalão que poderá alcançar na estrutura laboral da construção civil ao carecer de estudos profissionais. Ainda assim, este setor se apresenta para muitas destas pessoas como um espaço no qual se pode ter melhor opção de emprego, comparado com a limitada oferta existente para elas nas cidades e lhes permite procurar melhores condições de vida. No entanto, também vamos encontrar *novos sujeitos sociais* que nas últimas décadas têm aderido às atividades da construção civil devido a não ter uma melhor opção de emprego, para sair do desemprego ou pelo salário que nesse setor se pode obter, como é o caso de mulheres e jovens, que também vivenciam particulares e históricas desvantagens sociais.

Por conseguinte, visibilizar este grupo social, nos aportes bibliográficos e, sobretudo, desde as informações outorgadas pelos/as trabalhadores/as entrevistados/as é o propósito deste capítulo; tendo por objetivo indagar a influência da origem social no começo da vida laboral desta população e sua inserção no mercado de trabalho da construção civil. A busca pelos primeiros aspectos da história de vida destas pessoas se faz em concordância com o ponto de partida que há nos estudos das trajetórias; pois estas, sejam de vida, de trabalho, educativas ou sociais, como engloba Dubar (2005), são um processo social que tem um ponto de partida e se conformam pela inter-relação de processos macro e micro sociais.

Para sua abordagem é relevante conhecer o contexto sociocultural, socioeconômico ou histórico, como referem Ferreti (1988), Castels (1997) e Reis (2008), respetivamente, para entender as trajetórias de cada grupo de interesse. Essas três formas de chamar o contexto do qual se parte brindam informações que situam as pessoas no mundo social do qual fazem parte; remetem à sua origem geográfica, coletiva e familiar, condições estas que orientam sua trajetória de vida. Além de mostrar como “a história dos homens passará a ser feita e contada em função de sua capacidade de lidar com o capitalismo como uma realidade interna” (FERNANDES, 1972, p. 12).

[37] Ter esse posto de trabalho representa falta de conhecimentos em alguma área da construção pelo que se lhes demanda se seu esforço físico e aceitação a acatar ordens; situações que lhes colocam em uma condição que de caráter servil, com bem analisa SANTOS P (2010).

2.1. Aspectos sociais que antecedem e acompanham a população dos trabalhadores da construção civil no contexto latino-americano

Sem aprofundar historicamente sobre o ofício de construir e de quem se dedicava a esse labor, é importante reconhecer que a existência de uma população que fazia essa tarefa tem acompanhado as sociedades nas suas diferentes épocas e contextos. Quem eram e que reconhecimento social tinham os construtores pode variar nas diferentes épocas, por exemplo, no caso das antigas cidades que hoje correspondem ao território do México e do Peru, ou no período colonial, no qual se conformaram os grêmios de pedreiros e de mestres de obras, que eram os encarregados das edificações das novas cidades no continente Americano da época (BONILLA, 1998; SILVA e NUNES, 2013). Ou, ainda, estão os habitantes do contexto rural, que a partir da autoconstrução erguem suas moradias, mas sendo uma atividade que se realiza com a colaboração do coletivo e alternando esta tarefa com os ciclos agrícolas (VALLE, 2016). Mesmos que levaram para os canteiros de obras da Cidade do México a comemoração da Santa Cruz no dia 3 de maio, ressignificando a importância do construir e sendo uma forma de reconhecimento do albañil/pedreiro e de petição de proteção.

A ressignificação que os trabalhadores da área da alvenaria fazem do seu ofício parece ser necessária quando são estes os que realizam as atividades mais pesadas e de maior risco no processo de edificação, além de que representam o grosso da mão de obra da construção civil, embora existam trabalhadores especializados em outras áreas. Situação que se pode ilustrar com a fala de Chuy: "*Hay mucho migrante en la construcción, en especial en la albañilería, que es el trabajo más pesado en la construcción"* (17/01/2018).

Este contingente, com seu pouco reconhecimento social e laboral, tem um papel importante no desenvolvimento urbano das cidades, mas, são pressionados a ocupar espaços periféricos na estrutura social e geográfica das mesmas, especialmente se tratando de trabalhadores imigrantes. Essa exclusão, no Brasil, se evidencia com a construção de Brasília e de Belo Horizonte, ambos projetos de cidades modernas que não contemplavam acolher uma população diferente da esperada – associadas à classe média, alta, ao setor de serviços e de governo. No entanto, os trabalhadores imigrantes e temporários, em Brasília, decidiram deixar de

morar em acampamento e começaram a ocupar alguma área periférica da nova cidade. Em Belo Horizonte, nos arredores do projeto da moderna cidade, onde se extraia material para a construção da mesma nas primeiras duas décadas de século XX, os mesmos trabalhadores conformaram o Bairro Pedreira Prado Lopez; que, posteriormente, vai ser identificado como a favela mais antiga de Belo Horizonte, além ser reconhecida como berço do samba da cidade. Hoje em dia é um bairro imerso no desenvolvimento urbano da cidade, tendo por um lado altos índices de pobreza e de criminalidade, mas, por outro, buscando se ressignificar a partir da ação política das pessoas negras que o habitam, tal como ocorre em outros bairros próximos, entre eles o Lagoinha.

Esses exemplos demostram que a exclusão que a população negra enfrenta desde sua nova etapa de “pessoas livres” não se remete apenas a sua inserção no mercado de trabalho (CHALHOUB, 2015), pois o negro ficou, como argumenta Fernandes (1978) “excluído como agente ou beneficiário do crescimento urbano” (p. 70). Na cidade, espaço que representava a liberdade, o negro acabou sendo condenado a “uma existência ambígua e marginal” (Ibid., p.20).

Em um lapso de tempo de um pouco mais de quarenta anos, partindo dos estudos realizados na década de 1970, se mantém uma linhagem entre origem social e quem trabalha na construção civil: ser homem, de origem camponesa, sem ou com poucos estudos e ter migrado com fins laborais para a cidade tem sido o perfil que predomina. Contudo, nas duas últimas décadas se observa novos perfis desses trabalhadores, entre eles jovens de origem urbana, com maior nível de escolaridade e mulheres – estes dois últimos grupos conformam um contingente de *novos sujeitos sociais* presentes no setor da construção.

Começando pela origem rural, que tradicionalmente predomina nos trabalhadores da construção civil, esta desencadeia uma série de desvantagens sociais por ser um espaço que, à exceção da agroindústria e megaprojetos que beneficiam as cidades, fica relegado aos projetos de desenvolvimento nacional. Seus habitantes sofrem a falta de serviços e de opções de emprego e, em consequência, a cidade se apresenta como lugar da “esperança” para mudar a situação de pobreza que se vive no campo. Assim, optar por emigrar é uma forma de enfrentar a falta de emprego nos lugares de origem, uma estratégia de sobrevivência ou para melhorias

das condições de vida familiar (CUEVAS, 2004; REIS, 2008; SÁNCHEZ e GARCÍA, 2014). Mas, ainda assim, vão continuar enfrentando desigualdades sociais, começando pelas zonas geográficas nas quais lhes vai ser possível morar e pelas opções de emprego às quais podem acessar.

Fernandes (1978), Martins (2003) e Stavenhagen (2014) argumentaram a desigual integração da população negra, indígena e camponesa nas cidades e no mercado de trabalho. Esses grupos são excluídos para, posteriormente, serem incluídos de outro modo, segundo as regras e a lógica da sociedade capitalista; sendo incorporados “através do trabalho precário, no trambique, no pequeno comércio, no setor de serviços mal pagos ou, até mesmo, exclusos, etc.” (MARTINS, 2003, p. 35-36). Além de ser parte da “população urbana marginal” que vai se integrar a estrutura de classes a partir do processo de mestiçagem nacional, ocupando as posições mais baixas; portanto, são os que vão morar nas favelas, nas *barriadas*, nos *ranchos* ou nas *colônias proletárias*, sendo parte dos contingentes pobres da cidade (STAVENHAGEN, 2014, p. 167-168), mas, ainda assim com a possibilidade de melhorar o passado rural, camponês e escravista.

Portanto, para esses imigrantes, procurar emprego na construção civil brinda a possibilidade de ter uma remuneração superior a qual poderiam obter no campo. Além de terem experiência com atividades braçais e pesadas, uma vez que realizavam atividades agrícolas desde muito jovens, assim, é sua força de trabalho e sua disponibilidade o que têm para ofertar no espaço urbano e que influi para procurar na construção civil uma opção de trabalho. Por isso, ainda hoje, para alguns destes trabalhadores a agricultura e a construção civil são muito parecidas, *“a mesma coisa”,* como indicou uns dos entrevistados (Manoel, 25/10/2017), pelo esforço físico que demandam. Ou se relacionam porque:

> Principalmente, não só em Belo Horizonte, mas, mas, aqui em todas as capitais brasileiras daqui do Sudeste, Rio, São Paulo, Belo Horizonte têm aquela centralidade, o centro, por assim dizer, o centro da construção civil. E geralmente a maioria do pessoal que atua neste setor são do campo, o que são pessoas saídas do campo, né. O setor do campo é um setor de baixa renda, que vem pra construção civil, isso aí principalmente é questão do país porque o Brasil continua sendo um país de regime semifeudal. Então há interesse para que as pessoas saiam do campo e venham a trabalhar na indústria, para ser exploradas, principalmente, na construção civil porque o que se requer é mão de obra barata. As pessoas que chegam do interior não têm educação, aí, chegam aqui e não sabem fazer nada, não sabem fazer

> outra coisa, nem estão preparadas para as atividades urbanas, aí chegam na construção civil (Anastácio, 23/05/2017).

Na América Latina, o desenvolvimento das cidades e os processos de urbanização gerados no século XX incidiram no protagonismo que teve a indústria da construção civil na geração de empregos. A mão de obra disponível para se inserir nesse setor foi principalmente a dos imigrantes rurais, que chegavam procurando emprego para melhorar as condições de vida experimentadas no lugar de origem. Especificamente durante o período do Estado de Bem-Estar social o setor foi impulsionado pelas políticas do governo para atuar sobre as necessidades de criação de infraestrutura urbana e de moradias para atender à crescente população urbana, como aconteceu na Argentina, no Brasil, no Equador e no México, segundo Germidis, 1974; Ferreira, 1976; Mauro, 1986; Conolly, 1988; Padilla, 1992; Bueno, 1994, Haidar, 2010 e Gonzalez s/d. Assim, o contingente de pessoas que foi recrutado para trabalhar na construção civil apresentava a vantagem do "custo mais baixo" (FERREIRA, 1976, p. 65) e do fato que fariam uso intensivo da sua força de trabalho para, assim, substituir a pouca tecnologia usada no setor (COUTINHO, 1980; CONOLLY, 1988).

No Brasil, os estudos de Ferreira (1976), Coutinho (1980), Sousa (1983), Ribeiro (1992, 2008) e Reis (2008), abordam a relação entre a imigração e o trabalho na construção civil; particularizando que a principal força de trabalho nas construções em Brasília e no Rio de Janeiro tem sido outorgada pelos imigrantes da região Nordeste do país e do norte do estado de Minas Gerais. Coutinho (1980) alude que o desequilíbrio das regiões no Brasil influi na imigração para a procura de trabalho, embora não se explicite outros aspectos sociodemográficos desses trabalhadores. Por exemplo, ao se falar que a maioria dos imigrantes é das regiões mais pobres do Brasil, se pode associar que existe um perfil associado a condição racial observada na população que se emprega na construção civil – maioritariamente negra.

No caso mexicano também se ressalta a condição imigratória dos trabalhadores da construção civil na Cidade do México, onde predomina uma origem camponesa e indígena, como se apresenta nas pesquisas de Germidis (1974), Conolly (1988), Bueno (1994), Larralde (2011) e Zirión (2013). Nos aportes desses/as autores/as destaca-se que para a população que experimentou a migração rural-

urbana a construção foi a opção de emprego mais disponível para se ingressar, as vezes pensada como a primeira oportunidade para começar a estabilidade na cidade e, posteriormente, procurar outras opções de emprego, no entanto, a maioria permanecia no setor (GERMIDIS, 1974). Isto porque essa indústria se caracteriza por ter grande capacidade de gerar emprego para os imigrantes e por ser “a porta de entrada ao mundo do trabalho assalariado na cidade” (PADILLA, 1992, p.14).

Ser empregado na construção civil é mais provável que em outro espaço laboral, já que se demandam poucos critérios de contratação, (PADILLA, 1992; BUENO, 1994, CUEVAS, 2004, COSTA 2013; ZIRION, 2013; ÁGUILA, 2014), ainda que hoje em dia algumas empresas construtoras peçam curriculum ou, no mínimo, que o provável contratado saiba ler e escrever (como mencionaram alguns entrevistados e se anuncia no grupo de Facebook *Lo que callamos los albañiles*). Ainda assim, sempre existem canteiros com menos exigências para contratar sua mão de obra, embora isso incida nas condições contratuais, laborais e até de remuneração que o trabalhador terá (segundo os argumentos dos entrevistados, como indicou uma das supervisoras da associação Construyendo y Creciendo, entrevistada no dia 20/02/216, e, também, foi exposto pelo representante do Sindicato Marreta, no dia 14/09/2016).

No entanto, a possibilidade de trabalhar na construção civil não se limita apenas aos que incursionaram na imigração rural-urbana e decidiram se estabelecer na cidade de forma definitiva. As pessoas que efetuam migrações temporárias, também encontram nesse setor uma vaga de trabalho (GERMIDIS, 1974; COUTINHO, 1980; MAURO, 1986; PADILLA, 1992; CUEVAS, 2004; LARRALDE, 2011 e GONZALEZ s/d). Para Mauro (1986) as migrações temporárias têm duas funções: por um lado são processos de circulação da força de trabalho, sendo uma estratégia capitalista para minimizar os gastos de reprodução dos assalariados; por outro, é uma estratégia para buscar a subsistência da unidade doméstica. Assim:

> El trabajo en el sector en la construcción detenta como una de las características principales el uso de fuerza de trabajo intensiva, rotativa y no calificada. La temporalidad de este trabajo y sin calificación se empatan a la perfección con la búsqueda de los migrantes temporales quienes encuentran en él una opción de trabajo conveniente por la facilidad de entrada y salida y porque los acepta con su total falta de educación (Ibid., p.17).

Para esses imigrantes transitivos o trabalho na construção civil é um meio para se inserir na estrutura produtiva e na vida urbana, embora sejam mantidos como um grupo marginal na cidade (GONZALEZ, s/d), ainda mais quando têm que morar nos canteiros de obras pelo tempo que são contratados, pois, ademais de viver em condições precárias, seu transitar na cidade é mínimo. No âmbito laboral, eles também podem ficar marginalizados caso não progridam entre serem contratados como ajudantes para outras funções de maior hierarquia, já que, se querem fazer carreira na construção civil, tanto a permanência quanto o transitar pela estrutura do sistema de ofícios deste setor será indispensável. Pois, o sistema de ofícios tem sustentado a construção civil e possibilitado o ingresso laboral da população imigrante com baixa escolaridade, sendo uma forma prática de aprendizagem que permite ao trabalhador adquirir novos conhecimentos, ascender na estrutura laboral e, assim, melhorar a condição de vida pessoal e familiar (BUENO, 1994). Como mesmo eles referem:

> Quem vem pra cá [Belo Horizonte] até nem tem muita oportunidade, não tem escolha, tem que trabalhar na construção ou então vai para um emprego desses de limpeza aí. A verdade é que não sabe fazer nada, ela [a pessoa] tem que aprender a fazer tudo. Então eu acho que para quem quer melhorar um pouco a melhor saída é a construção. Lá [na construção] ele vai aprender uma coisa e já aprendendo uma coisa ele vai começar a melhorar (Jorge, 03/05/2017).

Não obstante, os imigrantes temporários, trabalhadores da construção, vivenciam uma constante mobilidade espacial para alternar os tempos de emprego na construção civil com os da agricultura na localidade de origem, situação que é uma estratégia assumida para manter ambas as atividades (PADILLA, 1992; CUEVAS, 2004). Mesma situação se apresenta para os que optam por uma mobilidade circulatória – por exemplo, os habitantes dos estados vizinhos da Cidade do México – que trabalham durante a semana na cidade e voltam a cada fim de semana e em determinados períodos ao lugar de origem, mantendo, assim, a residência no lugar de origem e sua relação com a agricultura tradicional, o que lhes configura como *camponês-pedreiro,* expõe Larralde (2011).

Essa configuração do *binômio camponês-trabalhador da construção* também foi observada por Bueno (1994) e continua existindo entre as pessoas que na atualidade se inserem na construção civil e não se desvinculam na sua totalidade da

vida rural, como expôs Larralde. Essa construção dual não fica intacta e sem efeitos na pessoa, pois, com o passar do tempo, os trabalhadores de origem indígena ou rural vão incorporando uma nova concepção do trabalho e perdendo sua *mentalidade camponesa* (GERMIDIS, 1974), incorporando, a partir de sua integração ao mercado de trabalho, *a racionalização econômica* no seu novo âmbito de vida (ÁGUILA 2014). Sua inclusão no mercado de trabalho urbano e a imigração definitiva incidem numa *transição de classe*, de minifundistas à proletários (GONZALEZ, s/d).

Além dessa corrente classista de análise das mudanças de experiência de vida e de mentalidade pelas quais transitam alguns dos trabalhadores da construção civil, há outra forma analítica de abordagem, que tem a ver com o processo de socialização. Para Coutinho (1980), os imigrantes que chegam nas cidades passam por uma socialização urbana e mudam seu comportamento para se adaptarem ao novo meio. Nos termos de Berger e Luckmann (1986) o que se suscita é uma segunda socialização, e terá a ver, também, com a nova formação relacionada ao trabalho e construção de uma identidade profissional (DUBAR, 2005, 2012).

As mudanças que experimentam os trabalhadores da construção civil geram novas interiorizações e adaptabilidades ao novo lugar de residência, de trabalho e às suas dinâmicas, entre elas a contínua mobilidade espacial. As distintas modalidades de mobilidade espacial que efetuam os trabalhadores da construção civil, uma vez empregados, transpassa diferentes fronteiras, como as metropolitanas e regionais, mencionadas por (CUEVAS, 2004, MENDES, 2008, MORAIS e SOUZA JUNIOR 2011 e ZIRIÓN, 2013). Pois, seus deslocamentos estão relacionados com os projetos de construção que tem o empregador que lhes contrata, como será evidenciado no seguinte capítulo.

Entre as pessoas que imigram a procura de melhorar as condições de vida e laborais, também estão os que optam pela imigração internacional. Nos países onde esses imigrantes procuram uma “melhor vida” ou buscam “o sonho americano” vão ter poucas opções de emprego, ainda mais se tratando de pessoas que estão em uma condição ilegal, tendo maior possibilidade de serem empregados na agricultura intensiva e na construção civil. Tendo sorte caso não passem por situações de *escravidão moderna*, devido ao fato de se tratarem de dois dos setores nos quais se reportam mais casos desse tipo de realidade e que imigrantes rurais e internacionais

são os mais suscetíveis de experimentar como é reportado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Em países como Estados Unidos, Canadá e alguns da Europa, por exemplo, a construção civil se favorece dos imigrantes originários dos países “em vias de desenvolvimento” para se abastecer de mão de obra; tanto que implementam programas de trabalho temporário nesse setor. Mendoza et. al., (2000), Goodrum (2005) e Botello (2012) falam dos casos dos latino-americanos que vão trabalhar nos Estados Unidos; Costa L (2013), por sua vez, faz referência sobre a acessibilidade ao mercado de trabalho na construção civil da França que tem os imigrantes originários de alguns países da África, de brasileiros e de portugueses. Esses estudos mostram algumas das dificuldades que os imigrantes têm para se manterem contratados, além de estarem mais expostos à exploração, aos riscos de acidentes e mortes, especialmente se estão numa condição ilegal.

Também entre os países “em vias de desenvolvimento” se reproduz as mesmas dinâmicas, como acontece na Argentina, no Brasil e no México, que têm apresentado melhorias nos níveis de desenvolvimento se comparados com outros países da América Latina. No que se refere ao sul do continente americano, Silva (2002) aponta que nas obras da construção relacionadas aos projetos do Mercosul há uma alta taxa de trabalhadores imigrantes, que se arriscam mais para não perderem o emprego. Particularmente, na Argentina autores como Vargas (2005) e Águila (2014) expõem como para os paraguaios e os bolivianos, especialmente de origem indígena, trabalhar na construção civil nesse país é uma atividade que lhes caracteriza.

No Brasil, com o crescimento econômico experimentado no começo do século XXI, se sabe que imigrantes dos países vizinhos, de alguns países de África e do Haiti se encontram trabalhando na construção civil, passando por condições de exploração (Repórter Brasil, 20 de outubro 2016). No caso do México esse mesmo fenômeno ocorre devido a outros fatores, tais como: melhores opções de emprego e de vida, se comparadas com as existentes na região da América Central; por ser um lugar de passagem para os imigrantes que desejam chegar nos Estados Unidos e que, devido à dificuldade que experimentam na sua rota migratória, acabam optando por permanecer no país. Os imigrantes, em geral, na sua procura por emprego se deparam com os setores mais precários e informais, já que estes não demandam deles os documentos que respaldam sua estadia legal no país, como no caso da

agricultura intensiva e da construção civil. Nesse cenário, atualmente há uma particularidade que vem acontecendo entre os haitianos e os procedentes do continente africano que chegaram no Brasil e, posteriormente, estão procurando ingressar nos Estados Unidos, mas que, pela dificuldade que existe de entrar nesse país, têm ficado na fronteira norte do México; além daqueles que foram do Brasil para o Chile com expectativas de obter um emprego (informação exposta no jornal *La Jornada*[38] e referido por uma das trabalhadoras do Centro Zanmi, 24/10/2017).

A condição de imigrante – seja ela temporária, circular ou definitiva, rural-urbana ou internacional e, até mesmo de refugiado – tornou-se uma condição social que acompanha muitos dos trabalhadores da construção civil. Essa condição evidencia a existência de uma origem social, que historicamente lhes tem colocado em desvantagem social, por ser camponês, indígena, negro que, embora não sejam abordadas explicitamente nos estudos antes referidos – com exceção de Bueno (1994), Vargas (2005) e Águila (2014) –, dão pistas sobre essa relação. Em consequência disso, compartilham situações de vida mais ou menos similares, associadas à pobreza; portanto, imigrar é uma alternativa para procurar o que não se tem no lugar de origem, como emprego ou melhor salário. Contudo, o imigrante leva consigo as carências de serviços com as quais viveu até antes de incursionar na saída, por exemplo os baixos níveis de escolaridade que, por sua vez, influenciam ou justificam as opções laborais disponíveis para esta população nas cidades.

> A maioria não tem preparação, infelizmente, não tem escolaridade. O governo nunca atende [referendou-se ao serviço de educação no espaço rural] e antigamente era pior (Joaquim, 04/05/2017).
>
> Cuando tienes pocos estudios tienes que entrarle a la construcción sí quieres ganar un poquito más (Juan, 17/01/2018).

Contar com nenhum ou pouco estudo, especialmente se tratando dos trabalhadores de décadas anteriores, era a tendência entre essa população, o que tem mudado gradualmente. Nas pesquisas mais atuais no Brasil se reporta que o nível de escolaridade dos trabalhadores está principalmente situado no ensino fundamental incompleto e é seguido pelos que tem ensino médio incompleto, isto para os trabalhadores imigrantes em Roraima (MORAIS e SOUZA J., 2011). Já que, Seixas,

[38] La Jornada. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx>

et al. (2016), detectou que na cidade de Belém há mais trabalhadores com ensino médio, talvez relacionado ao fato de que a maioria deles está numa faixa etária que vai dos 23 aos 34 anos e não são imigrantes; sendo uma tendência nacional, que também se apresenta, segundo o estudo do autor. No México, Cuevas (2004) e Zirión (2013) evidenciaram que predominam os trabalhadores que têm cursado até o ensino fundamental, mas, também há maior presença de trabalhadores com ensino médio que nas décadas anteriores.

Ter uma população de trabalhadores mais escolarizada do que antigamente pode ter relação com a falta de emprego que enfrentam em outras atividades e, consequentemente, recorrem à construção civil como uma alternativa imediata. Além que na atualidade o setor esteja demandando profissionalização dos trabalhadores, via cursos que lhes certifiquem nas distintas áreas do processo de construção, nem todos passam por esse processo. Pelo contrário, podem não passar pela exigência de ter o ensino fundamental concluído, mas, lhes será demandado ter conhecimentos básicos de lecto-escritura e matemáticas.

2.1.1. *Novos sujeitos sociais* no mercado de trabalho da construção civil

A presença de novos perfis na população dos trabalhadores da construção civil se evidencia nas últimas décadas, entre eles estão os jovens que moram nos centros e periferias urbanas, os que tiveram acesso ao ensino médio ou à universidade e mulheres trabalhando neste setor, ainda que a maioria delas sejam contratadas para as atividades de limpeza. Tais grupos, ao se confrontarem com um contexto laboral permeado pela flexibilidade, pela precariedade, pelos baixos salários e pelo aumento do desemprego (ver tabela três), veem na construção civil uma opção de trabalho. Segundo os dados de Ernst e Sarabia (2015), no Brasil por cada trabalho criado na construção civil são gerados 4,38 trabalhos na economia geral; efeito que se multiplica ao 2,35 no México (p. 28).

As mulheres têm sido um desses grupos que estão trocando o espaço de trabalho tradicionalmente designado para as mulheres de baixos recursos, como o emprego doméstico, pelo canteiro de obras; assim, com sua inserção no mercado de trabalho da construção civil, procuram resolver a falta de emprego melhor remunerado (SOUZA, 2011).

Tabela 3. Contexto laboral de Brasil e México do ano 2007 até o primeiro semestre de 2018 (Em porcentagens)

Taxas anuais médias de desemprego urbano:

País	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017[a]	2017[a]	2018[a]
Brasil	9,3	7,9	8,1	6,7	6,0	8,2	8,0	7,8	9,3	13,0	14,5	14,9	14,7
México	4,0	4,3	5,9	5,9	5,6	5,4	5,4	5,3	4,7	4,3	3,8	3,7	3,5

Taxas anuais médias de emprego urbano:

País	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017[a]	2017[a]	2018[a]
Brasil	51,6	52,5	52,1	53,2	53,7	57,9	58,3	57,9	57,0	55,4	55.3	54,8	55,1
México	58,9	58,7	57,5	57,2	57,5	58,3	57,6	57,9	58,2	58,2	58,2	58,2	58,5

Taxas anuais médias de participação urbana:

País	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017[a]	2017[a]	2018[a]
Brasil	56,9	57,0	56,7	57,1	57,1	63,1	63,4	62,8	62,8	63,7	64,6	64,5	64,6
México	61,4	61,3	61,1	60,8	61,0	61,0	61,6	60,9	60,8	60,8	60,5	60,4	60,7

Fonte: Elaboração própria com dados da CEPAL, 2018.

Em alguns canteiros de obras a população de trabalhadores é mais diversa do que tradicionalmente era, especialmente em obras grandes nas quais participam importantes empresas construtoras, como foi observado na obra do Fórum em Belo Horizonte e na de Chapultepec Uno na Cidade do México. Portanto, ao se evidenciar que o perfil dos trabalhadores da construção civil não se limita mais a ser homem, imigrante, camponês, indígena, negro e com mínimos estudos, pelo que é importante reconhecer os novos sujeitos sociais que atualmente são parte do mercado de trabalho desse setor.

O termo *novos sujeitos sociais* se toma de Lara (1991), que se interessa por visualizar as mulheres e a população infantil presentes no mercado de trabalho da agroindústria, no qual se aludia só à presença de homens e não visibilizavam as crianças e as mulheres; um tanto similar é o que acontece na construção civil, embora a porcentagem de trabalhadores seja muito mais alta que o de trabalhadoras. Mas, como advoga Lara, também há que se considerar que o trabalhador não está definido apenas pela sua condição de classe, nem pela sua condição de camponês e de imigrante, como seria o caso dos trabalhadores da construção civil, já que os aspectos geracionais e de gênero também permeiam a população trabalhadora e que são importantes de se reconhecer no grupo social de interesse.

Retomar a ideia de sujeitos sociais para pensar os trabalhadores/as da construção civil nos permite vê-los além de sua condição de mão de obra para um setor produtivo que se beneficia com as características sociais que lhes acompanham, compreendendo que há diferenças entre essa população. Ao reconhecer a presença da população jovem de origem urbana e feminina na construção civil é perceptível que os primeiros, quando se trata de homens, passaram pelo processo de aprendizado tradicional e com mais possibilidades de ir escalando a estrutura laboral própria da construção civil, situação que será distinta para as mulheres. Ademais, enquanto para os primeiros será sua inexperiência de vida e laboral, assim como as referências tradicionais de masculinidade que permeiam sua sociabilidade com os colegas no âmbito de trabalho, para as mulheres será a condição de gênero que se impõe e marca sua sociabilidade e trânsito no trabalho ao interior dos canteiros de obras. Situações que foram expostas nas conversas do grupo de bombeiros, no canteiro de Romero 114 e pelas trabalhadoras de Chapultepec Uno[39].

Desde que a construção civil abriu as portas de ingresso para as mulheres – assim como outros setores, entre eles a agroindústria – tem-se a finalidade de incrementar a produtividade com o menor custo possível. Estas são contratadas principalmente para realizar atividade de limpeza, “limpeza fina”, como falaram alguns trabalhadores, justificando essa ação pela dedicação e pelo cuidado que as mulheres têm para realizar certas atividades, como é comum. Mas, detrás desses argumentos se justificam as distintas formas de usar a força de trabalho dos homens e das mulheres; os primeiros realizam as atividades próprias do levantamento da edificação, que dão mais frutos ao processo produtivo do que a limpeza, assim, destinam às mulheres as tarefas dos toques finais e aproveitam que estas podem ser menos retribuídas, como foi constatado na construção de Chapultepec Uno, ao ter uma importante presença de mulheres contratadas como ajudantes. Já no caso de Julia,

[39] Chapultepec Uno, mesmo sendo um canteiro no qual a regulação da conduta era muito controlada, principalmente a dos homens, que podiam chegar a ser demitidos e até denunciados ao Ministério Público em caso de assédio contra uma mulher, ainda assim não impedia que as trabalhadoras se sentissem invadidas pelos olhares dos colegas (como expressou Marivel , 6/03/2018), fazendo com que estas tivessem que cuidar de sua conduta e de seus movimentos corporais como uma forma de não dar permissão a uma aproximação por parte deles. Embora este caso seja uma boa ilustração das condições da mulher nesse ambiente de trabalho, ele traz como consequência uma novidade que é a existência de grupos de trabalhadoras que têm decidido organizar-se para confrontar as situações de desvantagem às quais estão expostas. Exemplo disso é a existência de sindicatos autônomos conformados por mulheres na Bolívia e no México[39], sendo uma medida que as ajudam a não serem molestadas pelos colegas e chefes e também a terem os mesmos salários que os homens.

seu ingresso no canteiro do Fórum está intermediado por um programa de emprego para detentas, e, assim como ela, outras três passaram por essa edificação para realizar a limpeza do lugar, conforme ia avançando a obra.

Contudo, também existem os casos das mulheres que passam de ajudantes a realizar algum oficio próprio da construção e conseguem ser contratadas e reconhecidas como meio-oficiais ou oficiais em outros canteiros de obras, embora sejam em menor escala. E é na área de segurança do trabalho onde as mulheres estão procurando ser empregadas, talvez por ser uma atividade que implica menor força de trabalho e seja mais “limpa” que as outras, além de existir, em Belo Horizonte, cursos técnicos para essa atividade que são outorgados por instâncias de educação tecnológica como no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Estes casos expõem o projeto de fazer carreira em melhores condições dentro da construção civil e se distanciam de ser apenas uma saída de emergência às situações de pobreza e de desemprego vivenciadas por muitas mulheres, como expõe Souza (2011).

Também, a presença de trabalhadores mais velhos no Brasil aumentou desde o 2004, pois, segundo Silva e Nunes (2013), com a melhora da economia, a construção civil tem sido uma alternativa ao desemprego para velhos, aposentados experientes e estrangeiros, contratados pelo aquecimento do setor favorecido por programas de construção gerados pelo governo da época. No caso mexicano a presença deste tipo de população nos canteiros de obras está mais associada à falta de aposentadoria, pois esta é um direito que poucos trabalhadores da construção civil obtêm.

2.2. Origem social e inserção ao mercado de trabalho da população entrevistada em Belo Horizonte e na Cidade do México

Nesta seção se particulariza a origem e aspectos sociais que acompanham os/as trabalhadores/as entrevistados/as em Belo Horizonte e na Cidade do México, com a finalidade de relacionar essa informação com sua inserção no mercado de trabalho, especificamente na construção civil. Os dados são apresentados desde uma abordagem geracional, ou seja, partindo do trabalhador/a mais velho ao mais novo, o que permite evidenciar as permanências e mudanças que há nessa população; assim como identificar os processos macrossociais que tiveram impacto na sua inserção no mercado de trabalho.

2.2.1. Belo Horizonte

Nesta cidade, considerando a informação outorgada pelo Sindicato Marreta e, especialmente, pela Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves (EPOMG), ainda predomina um importante contingente de trabalhadores da construção civil que vieram do interior do estado de Minas Gerais, seguidos pelos originários do estado de Bahia. A coordenadora da EPOMG indicou que o perfil dos trabalhadores que chegam a participar do serviço educativo era, principalmente, formado por imigrantes rurais que saíram de seus lugares de origem à procura de trabalho e, também, por serem expulsos por fazendeiros. A maioria desses trabalhadores moram na periferia da zona metropolitana de Belo Horizonte e se encontram em uma faixa etária que vai dos quarenta aos sessenta anos. Não há nenhuma mulher trabalhadora da construção estudando, mas falaram que das poucas sobre as quais tem informação se dedicam à fase da limpeza na etapa dos acabamentos (Patrícia, 21/09/2016). O panorama que se obteve sobre a população com a qual se conversou e se realizaram entrevistas é apresentado a seguir.

Tabela 4. Características sociais e laborais dos/as trabalhadores/as da construção civil em Belo Horizonte

Nome, idade e lugar de origem	**Aspectos familiares, escolares e laborais**	**Ocupação atual e lugar de contato**
Eder 64 anos Moçambique	Os pais decidiram imigrar de Moçambique para o Brasil quando ele tinha oito anos. Ensino fundamental incompleto, começando a estudar na EMPOG. Armador de circo viajando por diferentes estados do Brasil. Em BH se incorpora ao trabalho na construção civil.	Pedreiro aposentado, membro ativo no Sindicato Marreta
Sr. Cosme 62 anos Maranhão	Família, com ausência do pai, do interior do estado. Ele morou desde criança na cidade com uma tia. Ensino fundamental incompleto e foi estudante da EPOMG. Ajudante de marceneiro. Ainda jovem saiu do Maranhão dirigindo-se a Brasília para trabalhar na construção civil, dando continuidade a essa atividade ao se instalar em BH.	Pedreiro EPOMG
Romário 61 anos Bahia	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. No lugar de origem e desde muito novo trabalhava na roça. Saiu da Bahia aos dezoito anos, indo para São Paulo, onde trabalhou como cobrador de ônibus, em uma empresa gráfica e no comércio. Posteriormente viajou para Minas Gerais, empregando-se na metalurgia e ao se instalar em Belo Horizonte se incorporou na construção civil.	Pedreiro Fórum
Baiano 60 anos Bahia	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Se instalou em Belo Horizonte trabalhando na mecânica, atividade que alterna com a de ajudante de pedreiro.	Ajudante de pedreiro Bairro da Graça

Joaquim 59 anos Interior de Minas Gerais	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Começou a estudar na EPOMG e está cursando o fundamental. O primeiro trabalho foi na roça, depois foi trabalhar como ajudante de pedreiro, mesma atividade que fez ao chegar em Belo Horizonte. Foi para o interior de Goiás e trabalhou em uma fazenda, mas realizando atividades de alvenaria. Posteriormente viajou para Brasília para trabalhar na construção civil e voltou para BH.	Encarregado de obra EPOMG
Luiz 56 anos Bahia	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Em Belo Horizonte começou a trabalhar na construção civil	Bombeiro independente Bairro Renascença
Raimundo 52 anos Virgolândia, MG	Família camponesa que migrou para BH quando ele era novo. Ensino médio. Quando adolescente e já morando em BH foi ajudante de pedreiro. Enquanto estudava trabalhou como *office boy* e posteriormente em um escritório. De 1982 a 1985 foi trabalhar em São Paulo em atividades de escritório, que continuou realizando em BH até ficar desempregado. Procura na construção civil uma oportunidade de emprego, sendo contratado como ajudante na área de saneamento, posteriormente como ajudante de almoxarife e de pedreiro.	Ajudante de pedreiro EPOMG
Jorge 49 anos Braúnas, MG	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto, começando a estudar quando adulto, na década de 1980. Estudante da EPOMG, cursando a oitava série. O primeiro trabalho que realizou foi na roça, posteriormente era reformador de cadeiras. Ao chegar em BH se incorpora a trabalhar na construção civil, depois de não conseguir trabalho como motorista ou cobrador de ônibus.	Mestre de obras EPOMG
Fernando 48 anos Moeda, MG	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Desde sua chegada a BH trabalha na construção civil, primeiro com carteira assinada, posteriormente como autônomo, além de estar empregado na área de limpeza (concursado).	Pedreiro independente e Trabalhador Bairro da Graça
Anastácio 44 anos Almenera, MG	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto, estudante da EPOMG. Quando novo trabalhava na roça, aos dezessete anos decidiu imigrar para BH sendo convidado para trabalhar na construção civil.	Pedreiro EPOMG
Otávio 44 anos BH	Pais de BH, mãe trabalhadora doméstica e lavadeira, pai trabalhador da construção, foi motorista e pedreiro autônomo. Ensino fundamental completo. Foi ajudante e motorista numa empresa de gelo, trabalhador de escritório, administrativo, em distintas empresas e em canteiros de obras e taxista. Incursionou como pintor autônomo, além de realizar tarefas básicas de eletricidade.	Pintor autônomo CEFET
Bruno 39 anos Venda Nova, BH	Família de BH, o pai trabalhava na construção civil de *servente*. Ensino fundamental incompleto. Sendo criança ajudava na renda familiar vendendo sorvetes, já como adolescente começou a trabalhar de ajudante de padaria, atividade que tem realizado em distintos momentos da sua vida. Também foi ajudante de cozinheiro, ajudante de mecânica, ajudante de pedreiro, vendedor de cachorro	Porteiro de canteiro de obras Fórum

	quente, garçom e vigilante em espaços para eventos, até que foi contratado como pedreiro e passou a ser porteiro na construção.	
Manoel 34 anos Tumiritinga, MG	A família trabalha na agricultura/camponesa. Ensino médio. Foi trabalhador em fazenda no lugar de origem. Ao chegar em BH for contratado para cuidar de um sítio, depois como ajudante de pedreiro. Foi ajudante de loja de material de construção, voltou a ser ajudante de pedreiro e procurou ser contratado como pedreiro com carteira assinada.	Pedreiro EPOMG
Tito 32 anos BH	Família de BH, pai lavava carros e mãe é trabalhadora doméstica. Ensino fundamental incompleto. Antes de cumprir os dezoito anos era vendedor de seguros e procurou na construção civil ser contratado com carteira assinada, sendo empregado, primeiro, como ajudante de pedreiro.	Pedreiro Fórum
Julia 32 anos BH	A família mora em Ribeirão da Neves, a mãe é trabalhadora doméstica e o pai pedreiro. Saiu da escola, só sabe escrever seu nome. Falou que não teve experiências de trabalho anteriormente, pois era moradora de rua. Posteriormente foi presa, agora ao estar por concluir a condenação foi incluída em um programa que lhe permite trabalhar, sendo empregada como ajudante de limpeza no setor da construção civil.	Ajudante na área de limpeza na construção Fórum
Carlos 30 anos Interior de São Paulo	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Antes de imigrar trabalhava na agricultura. Ao chegar em BH se incorporou na construção civil na área da alvenaria.	Armador Fórum
Roni 22 anos BH	Pais do interior de MG que imigraram para BH, o pai trabalha na área da limpeza pública e na construção civil. Ensino médio incompleto. Por ser filho de pedreiro (do Fernando) começou sendo ajudante do pai, posteriormente, ao deixar de estudar, dedicou-se a trabalhar na área da construção e como autônomo, na companhia de seu pai.	Pedreiro Bairro da Graça
Gabi 22 anos BH	Pais de BH. Ensino fundamental completo e curso de Técnico em Segurança do Trabalho no SENAI. Por ter feito o curso na área de segurança do trabalho realizou um estágio num canteiro de obras, mas, posterior a isso não tem conseguido ser contratada na construção civil para se desenvolver como técnica.	Assistente na EPOMG
Paulo 19 anos Interior de Minas Gerais	Família que trabalhava na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Trabalhar na agricultura foi uma atividade que realizou desde criança até adolescente, nesta última etapa também foi ajudante de pedreiro. Ao chegar em BH não conseguia ser contratado na construção civil com carteira assinada, assim, optou por procurar trabalho em outras atividades relacionadas com o comércio, mas, esperando encontrar uma vaga de pedreiro formal.	Ajudante em churrascaria

Fonte: Elaboração própria com informação das entrevistas[40].

[40] Esta tabela e as que se apresentam no resto do documento se sustentam na informação outorgada pelos/as entrevistados/as.

2.2.2. Cidade do México

Nesta cidade o reconhecimento dos/as trabalhadores/as da construção civil se foi fazendo desde meu cotidiano: comecei por me interessar nas situações que experimentavam amigos que trabalham neste setor e pelo meu entorno imediato, localizado na zona metropolitana da Cidade do México, o qual passou de um lugar de periferia para um mais próximo à cidade devido ao crescimento urbano, onde a presença de imigrantes do interior do país é abundante e muitos deles trabalham na construção civil.

Uma primeira aproximação para conhecer a população de interesse foi por meio dos relatos de trabalhadores que alternavam as atividades agrícolas no lugar de origem com o trabalho na construção civil na Cidade do México e na zona metropolitana da mesma. Eles evidenciavam que, enquanto o trabalho na construção civil lhes permitia ter um dinheiro, voltar ao lugar de origem era uma estratégia para passar as temporadas de desemprego até que contatavam um empreiteiro que oferecera melhores condições de trabalho e estadia. Seus relatos também indicavam que o lugar de residência e suas famílias continuavam no interior e que eles alugavam algum quarto com mais “paisanos” (conterrâneos) ou familiares nos municípios do Estado de México, pertencentes à zona metropolitana da Cidade do México.

Posteriormente, à procura de informação concreta sobre os trabalhadores/as da construção civil, contatei a uma funcionária da associação *Construyendo y Creciendo, A.C.* para realizar uma entrevista; no que diz respeito à população de trabalhadores, se obteve a seguinte informação: (i) uma importante porcentagem da mão de obra que chega a trabalhar na Cidade de México é de origem indígena, alguns deles não sabem ler e/ou não falam espanhol, o que limita seu deslocamento na cidade – população que majoritariamente é originária de estados como Veracruz, Chiapas, Puebla, em geral da zona sul do país, onde se localizam os estados mais pobres; (ii) ainda existem mestres de obras que atuam como intermediários laborais, pois vão às suas comunidades de origem ou em outras que conhecem para buscar trabalhadores; (iii) nos canteiros de obra a faixa etária dos trabalhadores vai dos quatorze aos setenta anos; (iv) há uma presença majoritária de homens, cerca de 80% sobre 20% de mulheres, no entanto, elas estão se integrando a diferentes atividades da indústria (5/02/2016).

No cotidiano de alguns trabalhadores no canteiro de obras a presença de diferentes perfis de trabalhadores são percebidos por eles, seja pela inserção de pessoas de origem centro americana, de mulheres nos últimos anos ou pelo aumento de estudantes que procuram um emprego de forma temporária, além de se manter o perfil tradicional.

> Generalmente en las obras muy grandes tienen muchas personas que vienen de provincia, de hecho, la mayoría, muchos no hablan ni siquiera español, se entienden, pues, a señas, y, obviamente, hablan entre ellos una lengua clave. Me di cuenta que muchas personas vienen del Estado de México, como del área periférica de la Ciudad de México, a trabajar, porque en los lugares de origen eran campesinos o se dedicaban a lo que podían, no, desgraciadamente, no, no, no pueden sobrevivir en los lugares de origen (Julio, 18/01/2018)
>
> La mayoría son de pueblo y andan buscando empleo (Ricardo, 21/02/2018)

Na etapa de trabalho de campo na Cidade do México abordei trabalhadores/as em três canteiros de obras: Romero 114, Parque México e Chapultepec Uno. Neste último canteiro de obras, pela quantidade de trabalhadores/as e pelas dinâmicas que tinham de comer na rua tive a possibilidade de conversar com uma maior quantidade, tanto em um formato mais informal, mas que brindaram algumas pistas de sua condição social e de trabalho na construção, quanto formal, por meio das entrevistas.

Entre a primeira população estava um grupo de cinco mulheres que trabalhavam na fase da limpeza, todas elas originárias do município de Chimalhuacán, Estado de México, que é caraterizado pelos altos índices de pobreza, violência e nos quais se acentua uma importante população imigrante dos estados do sul do país. Elas, com uma faixa etária entre os quarenta e cinquenta anos, estavam experimentando trabalhar pela primeira vez na construção civil. Também conversei com dois soldadores, um deles trabalhou nos Estados Unidos e estava com o projeto de ir para o Canadá para trabalhar na construção civil. Além de um grupo formado por uma mulher sub-oficial, seu filho-oficial e um colega deles mais velho sub-oficial, que trabalhavam na colocação de vidros e alumínio. Ainda mantive conversas com Manchado, que estava contratado como ajudante geral e que tinha experiência como pedreiro, sendo assim contratado em obras de outros estados do país, especificamente na região norte e para pessoas ligadas ao narcotráfico, motivo pelo qual não quis dar uma entrevista formal. Algumas das vivências e reflexões destas

pessoas serão expostas em outro momento, já que não outorgaram informação suficiente para ser integrados no seguinte quadro.

Tabela 5. Características sociais e laborais dos trabalhadores/as da construção civil na Cidade do México

Nome, idade e lugar de origem	**Aspectos familiares, escolares e laborais**	**Ocupação atual e lugar de contato**
Gabriel 61 anos Michoacán	O pai era da CDMX[41], trabalhava de pedreiro na construção de barragens e hidroelétricas, a mãe era do interior do Edoméx[42]. Ensino fundamental incompleto. Trabalhador em barragens, vendedor de material e bombeiro trabalhando em zonas residenciais da CDMX. Aos 30 anos foi para os EUA, onde trabalhou de ajudante de bombeiro, jardineiro e no tráfico, última atividade e que gerou sua expulsão desse país. Quase depois de trinta anos volta para o México, se estabilizando na zona do porto, no estado Michoacán, começando a trabalhar como bombeiro, depois, pelo seu conhecimento de inglês, é contratado por um empresário grego para realizar atividades de escritório, focadas para a exportação de produtos. Após dois anos é contratado como armador na CDMX.	Armador Chapultepec Uno
Luz 57 anos Edoméx	Os pais, eram comerciantes informais/camelôs, moravam no Edoméx. Ensino fundamental incompleto. Aos nove anos começou a trabalhar lavando fraldas e louças. Quando jovem se deslocava para a CDMX para trabalhar em fábricas de ajudante na construção civil e como trabalhadora doméstica. Já casada e morando no município de Chimalhuacán, Edoméx, se emprega como ajudante de cozinha e em *tortillería*s, além de vender produtos por catálogo, atividade que mantem até hoje. Volta a trabalhar como ajudante na construção civil na CDMX.	Ajudante na construção Chapultepec Uno
Chuy 54 anos CDMX	Os pais eram do interior do país, de origem camponesa e que imigraram para a CDMX, mas não conheceu seu pai. Ensino fundamental incompleto. Aos dezesseis anos foi empregado como ajudante de pintura, com um pintor autônomo. Depois foi trabalhar de ajudante de pedreiro numa empresa construtora, em pouco tempo passou a ser ajudante de bombeiro e se especializou nesta área.	Mestre de Bombeiro Romero 114
Cristóbal 52 anos CDMX	Os pais eram do interior do país e de origem camponesa, ao imigrar para a CDMX o pai se especializou como carpinteiro autônomo. Ensino fundamental completo. O primeiro trabalho foi de ajudante de camelô, passou a ser ajudante de carpinteiro, primeiro com o pai e depois em uma empresa.	Mestre de Carpinteiro Parque México
Sara 42 anos Edoméx	Ensino fundamental completo Desde criança era empregada em atividades domésticas, posteriormente trabalhou de ajudante em *tortillerías* e em cozinhas. Tem trabalhado por mais tempo de costureira e	Polidora Chapultepec Uno

[41] Siglas usadas para se referir à Cidade do México
[42] Forma de se referir ao Estado de México, um dos 32 estados do México.

	passou a incursionar na construção civil, sendo contratada com ajudante geral.	
Robert 40 anos Haiti	Os pais são originários e moram no Haiti. O pai é taxista e comerciante, a mãe é cheff de cozinha. Tem dois irmãos morando no México, eles que fizeram o convite político/diplomático para poder ingressar no país. Ensino médio. A atividade dele no Haiti era de eletricista. Ao chegar no México é recomendado para trabalhar de ajudante geral no aeroporto da CDMX. Incursiona na venda de produtos Herbalife, ao ser roubado vai procurar trabalho na construção civil, sendo contratado como ajudante de pedreiro e, posteriormente, na instalação de estrutura hidráulica.	Ajudante em instalação de estrutura hidráulica Chapultepec Uno
Gerardo 35 anos Edoméx	A família trabalha na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Desde criança trabalhava nas atividades agrícolas, junto com sua família. Sendo ainda menor de idade vai para a CDMX para trabalhar na construção civil, começando como ajudante de pedreiro.	Pedreiro Parque México
Emilio 35 anos CDMX	Mãe originaria da CDMX, trabalhadora do sistema de saúde para trabalhadores. Ensino fundamental completo. Foi ajudante em loja de móveis para banheiros, ajudante de pedreiro, operador de máquina em supermercado. Trabalhar na construção civil tem sido uma opção para não ficar desempregado, aceitando trabalhar em distintos estados do país.	Ajudante geral na construção civil Chapultepec Uno
Rogelio 34 anos CDMX	Pais da CDMX, o pai é carpinteiro. Ensino fundamental completo. Desde novo era ajudante de carpinteiro, trabalhando com o pai e depois em uma empresa. Procura na construção civil ser empregado como carpinteiro, mas é contratado como colocador de alumínio.	Colocador de alumínio Chapultepec Uno
Juan 33 anos CDMX	Pai da Cidade do México, pedreiro, e mãe do interior do Edoméx. Ensino fundamental completo. Começou trabalhando como ajudante de pedreiro ainda adolescente e passou a ser colega de trabalho de seu pai. Depois virou ajudante de bombeiro. Emigra para os EUA, onde vai ser contratado, principalmente, para trabalhar com placa de gesso. Ao voltar ao México começa, novamente, como ajudante de pedreiro, é contratado como pedreiro na pavimentação de estradas no interior do Edoméx. Se instala na CDMX e volta a trabalhar de bombeiro.	Bombeiro Romero 114
Julio 33 anos CDMX	Pais da CDMX, mãe é empregada de escritório. Estudante de filosofia. Tem trabalhado de garçom, ajudante de mudança e porteiro. Na construção civil tem sido contratado como ajudante de bombeiro, de pedreiro e de carpinteiro, neste último caso sendo ajudante do tio.	Ajudante de carpinteiro Parque México
Maribel 32 anos Edoméx	Pais do Edoméx. Ensino fundamental completo. Ajudante em comércio, cozinhas e restaurantes e empregada na área de limpeza de escritórios na CDMX. Começa a trabalhar na construção civil como ajudante geral.	Ajudante geral na construção civil Chapultepec Uno
Rasta 30 anos CDMX	Mãe da CDMX, é trabalhadora num escritório. Estudante de antropologia. Assistente em programas sociais na CDMX, camelô, vendendo artesanato. Na construção civil começa a trabalhar como ajudante de pedreiro e depois na área de bombeiro.	Bombeiro Romero 114

José 28 anos Veracruz	A família trabalha na agricultura/camponesa. Ensino fundamental completo. Sempre trabalhou na agricultura. Foi contratado por uma empresa construtora para trabalhar temporariamente na Cidade do México.	Ajudante de pedreiro Chapultepec Uno
Geovani 27 anos Edoméx	Pais do interior do país, o pai é pedreiro autônomo. Ensino fundamental incompleto. Começou a trabalhar como ajudante de pedreiro, primeiro com o pai e depois em empresas construtoras. Agora é oficial de pedreiro e é contratado como armador.	Pedreiro/Armador Chapultepec Uno
Pelirroja 27 anos Puebla	Família originaria de Puebla, o pai trabalhou como pedreiro, atualmente é comerciante. Tem dois irmãos que trabalham na construção civil na CDMX. Ensino médio concluído. Desde nova trabalhava como ajudante no comércio. Na CDMX se emprega na área de limpeza de escritório. Posteriormente é contratada como recepcionista num buffet de advogados e ao sair desse emprego procura na construção civil um novo espaço de trabalho.	Ajudante geral na construção civil Chapultepec Uno
Everardo 27 anos Edoméx	A mãe é do Edoméx, trabalha como costureira. Ensino fundamental completo. Aos quinze anos foi ajudante de eletricista, posteriormente virou camelô. Aos dezoito anos é contratado como ajudante na área da colocação de vidros e alumínio.	Oficial, colocador de vidros e alumínio Chapultepec Uno
Pati 26 anos CDMX	Pais da CDMX, pai empreiteiro na construção civil. Desenhista de moda O divórcio de seus pais influiu no começo de sua vida laboral. Começou a trabalhar para o pai como assistente de secretária. Posteriormente, foi para o canteiro de obras, trabalhando como ajudante, primeiro na instalação da rede contra incêndios e depois na área hidráulica.	Ajudante na instalação de rede hidráulica Chapultepec Uno
Benito 22 anos Edoméx	A família trabalha na agricultura/camponesa. Ensino fundamental incompleto. Desde criança trabalhava na roça. Na CDMX é empregado como ajudante de pedreiro, depois vai trabalhar numa mansão, sendo jardineiro e fazendo diversas atividades. Volta a trabalhar na construção civil.	Ajudante de pedreiro Parque México
Ricardo 18 anos Veracruz	A família trabalha na agricultura/camponesa. Ensino fundamental completo. Trabalhou desde criança na roça, ao sair do lugar de origem começa a trabalhar na construção civil, como ajudante de pedreiro e depois como carpinteiro.	Carpinteiro Chapultepec Uno

A informação apresentada sobre os/as trabalhadores/as entrevistados/as em ambas cidades proporciona elementos para discutir a relação que há entre sua origem social e as condições que influíram no começo de sua trajetória laboral, como são:

- Lugar de nascimento, de moradia familiar e de acessibilidade a serviços educativos
- Condição laboral dos pais
- Opções imediatas e acessíveis de emprego, trabalho infantil e trabalho sem carteira assinada

- Relações sociais que beneficiaram na inserção no mercado de trabalho

Esses aspectos, além de estarem inter-relacionados, se apresentam um tanto diferenciados dependendo se trata de pessoas de origem rural ou urbana, por faixa etária e por gênero. Sem fazer uma análise de causa-efeito, se tem o propósito de discutir como diferentes condições sociais impactaram com o começo da vida laboral da população entrevistada. Os empregos nos quais foram contratados/as, mais que escolhas, se apresentaram como possibilidades para melhorar suas condições de vida, salvo o caso do trabalho na agricultura que se apresentou como o único meio de subsistência familiar, influindo para procura de outro emprego. Assim, vislumbrar o que implicou para que a população entrevistada chegasse à construção civil se diferencia ao ser para uns casos sua primeira opção de emprego, para outros uma escolha entre as poucas possibilidades de trabalho a optar ou a única que se apresentou como medida para sair da situação de desemprego.

Para entrever o descrito acima partamos da origem geográfica da população entrevistada, em seguida vejamos como ela se associa com a pobreza, que incide na acessibilidade aos serviços educativos e com o início da vida laboral desde infantes, se for o caso. Posteriormente, se apresentam as opções laborais tidas, o motivo e forma de inserção na construção civil, situações que também refletem em como alguns entrevistados executam algum tipo de mobilidade espacial, como a imigração definitiva ou temporal, circular e deslocamentos metropolitanos foi necessário para se inserir e se manter no mercado de trabalho.

Partindo da população mais velha e de origem rural, a entrevistada em Belo Horizonte, temos que por ser capital de um dos maiores estados do Brasil e a terceira na região Sudeste tem se tornado um espaço de “oportunidades” para os imigrantes do interior do estado de Minas Gerais, assim como do estado da Bahia, principalmente, já que também há um entrevistado originário do estado de Maranhão. Como caso particular está o de Eder, que é nascido em Moçambique e na infância, junto com sua família, imigraram para o Brasil e se estabeleceram na Bahia.

Esses trabalhadores têm uma menor trajetória escolar, além de serem, com exceção de Romário, os que começaram seus estudos na EPOMG; só temos o caso do Raimundo, que estando nessa mesma faixa etária estudou o ensino médio, provavelmente por ter chegado a Belo Horizonte quando ainda era criança. Pois, como

eles mesmos mencionaram, o serviço educativo era carente quando eles estavam em idade escolar. Além disso, por terem morado no entorno rural predomina a experiência familiar com as atividades agrícolas, sendo onde começaram suas atividades laborais ainda crianças e só depois de emigrar que mudaram de âmbito de trabalho.

Já no grupo dos trabalhadores com menos de quarenta anos se apresentam mudanças com respeito à população anterior. Só é reportado um caso no qual se efetuou um tipo de migração regional e de caráter rural-urbano; enquanto que a maioria são nascidos em Belo Horizonte e em alguns municípios que conformam a zona metropolitana da cidade. Há presença de mulheres. Os pais dos membros deste grupo se dedicaram a atividades da construção civil, do comércio, do transporte e de serviços e, no caso das mães, as atividades que realizavam eram as relacionadas ao trabalho doméstico. Para os que começaram sua vida laboral desde criança o comércio e a participação nas atividades de alvenaria e nas realizadas pelas mães foram suas primeiras experiências.

No momento da entrevista, indistintamente de serem imigrantes ou não, a maioria mencionou que mora na Regional Barreiro, Regional Venda Nova e na zona metropolitana de Belo Horizonte, em lugares como: Contagem, Esmeraldas, Ribeirão das Neves, Santa Luzia e Vespasiano. Só dois trabalhadores reportaram morar em bairros mais próximos ao centro da cidade, Santa Efigênia e São Geraldo. Como caso particular, Julia, que foi moradora de rua e atualmente está cumprindo pena numa prisão em Belo Horizonte, sai para trabalhar todos os dias, opção que tem por estar em regime semiaberto.

Entre os/as entrevistados/as do México há mais mistura de aspectos sociais, o que não permite ver certas características similares por faixa etária, se comparados aos entrevistados no Brasil. Ser originário da zona rural ou urbana é uma característica que lhes diferencia, mas que a idade, além, a população rural vai se diferenciar pelo tipo de mobilidade que tem efetuado. Há maior presença de pessoas nascidas no Estado de México, talvez pela cercania que tem com a Cidade do México, a zona urbana desse estado faz fronteira com a cidade e vários de seus municípios são parte da zona metropolitana da mesma. Pelo tamanho do Estado de México, este possui uma importante extensão tanto urbana quanto rural. Dependendo da distância geográfica entre a localidade de origem do/da trabalhador/a e a Cidade do México, assim como, do projeto de vida, há casos nos quais se optou pela imigração definitiva

e outros efetuam deslocamentos circulares. É o caso dos originários do município de San Felipe del Progreso, que pela distância e pelo custo da passagem, a opção destes trabalhadores é efetuar um tipo de mobilidade circular, muito próximo ao referido por Larralde (2011), pois alugam apenas um quarto na Cidade do México aproveitando que são familiares entre si e a cada fim de semana vão para o lugar de origem.

Os municípios limítrofes, por exemplo Chimalhuacán, Nezahualcoyotl, Naucalpan de Juárez, Tlalnepantla e Romero Rubio são onde se estabelecem um importante número de imigrantes nacionais e também são, entre outros, os que albergam a população urbana da periferia; morar neles implica realizar demorados deslocamentos urbanos e metropolitanos, mas, permite acessar serviços e um mercado de trabalho mais amplo.

Por sua vez, os dois trabalhadores originários de Veracruz e o de Michoacán incursionaram na imigração temporal, pois chegaram na Cidade do México ao serem contratados para trabalhar na construção de Chapultepec Uno, o que, a princípio, é um projeto temporal. Estes três trabalhadores moram em apartamentos que compartilham com outros colegas, alugados pela empresa que os contratou. O apartamento do Gabriel fica muito próximo ao canteiro de obras, mas, o dos outros dois trabalhadores não. Todavia, ambos os lugares onde foram alugados os apartamentos ficam perto das rodoviárias e das estradas que se dirigem aos lugares de origem destes trabalhadores.

As pessoas que são ou moram no município de Chimalhuacán e de Nezahualcoyotl, assim como os originários da zona rural do Estado do México, têm menos estudos que os da zona urbana do estado, da Cidade do México e até dos que são de outros estados. As pessoas do interior do país e mais novas têm o ensino fundamental completo, o que não acontece com as mais velhas; enquanto as originárias da Cidade do México têm trajetórias escolares diversificadas, incluindo desde os que têm pouca escolaridade até os casos daqueles que têm nível universitário. E há apenas um caso de uma trabalhadora com ensino médio que é de outro estado, mas da capital, o que lhe permitiu ter esse acesso escolar.

Resgatando as atividades laborais dos pais temos que os originários do interior do país, assim como os da zona rural do Estado de México, são camponeses, se dedicando à agricultura familiar ou de subsistência. Já no caso da trabalhadora de

Puebla, dos originários da Cidade do México e da zona urbana do Estado de México, predominam as atividades relacionadas com a construção civil, como pedreiro e carpinteiro, além de comerciantes, se tratando dos pais. Enquanto para as mães é menos reportada a condição de trabalhadoras assalariadas; das que foram mencionadas há uma costureira e três que trabalham em atividades de escritório, originárias da Cidade do México, sendo as mães dos trabalhadores com estudos universitários e que não falaram da existência do pai.

Em geral, os entrevistados começaram sua vida laboral sendo inseridos nas mesmas atividades dos pais; o que se aplica para os casos relacionados à construção civil e às atividades agrícolas, sendo o comércio uma exceção desta reprodução da atividade paterna. Já as mulheres têm trabalhado em atividades domésticas, associadas ao papel tradicional de gênero, sendo a limpeza a tarefa que também fazem nos canteiros de obras.

Nota-se que o início da vida laboral da população entrevistada de ambas as cidades tem caraterísticas em comum, como ter começado por realizar atividades de trabalho associadas à agricultura, construção civil, domésticas e comércio, principalmente. Setores, por um lado, no qual se insere a trabalhar a população com menos recursos econômicos e educativos o que influi para que a maioria dos membros da família se integrem nas atividades econômicas; por outro lado, se destacam pelas práticas informais e ilegais que lhes caracterizam, permitindo e se beneficiando do trabalho infantil e escravo, especificamente nos três primeiros. Além do que, a agricultura (intensiva) e a construção civil são os que mais apresentam riscos de acidentes, danos à saúde e mortes, especialmente no último caso (OIT).

Os entrevistados/as, na sua maioria, experimentaram o trabalho infantil, embora este tem distintas arestas involucradas para serem abordados, é uma condição resultante da pobreza que vivenciam as famílias rurais e da periferia urbana. Por exemplo, Raimundo começou a trabalhar de servente de pedreiro desde muito novo porque o pai se acidentou, já estando em BH, e depois passou a trabalhar em bares para continuar ajudando a sua família e poder pagar seus estudos de ensino médio. Luz e Sara, pela sua conta, trabalhavam desde a idade dos oito e nove anos lavando roupa em troca de dinheiro. Assim, o trabalho antes da idade oficial:

> É uma história mais complicada porque a gente que é de família mais pobre tem que fazer de tudo, né, então antigamente não deixavam brincar muito, era trabalhar e trabalhar, desde pequeno tinha que trabalhar no serviço em casa (Otávio, 30/06/2018).

A medida que a população entrevistada teve a idade legal e uma maior necessidade econômica ou por projetos familiares e pessoais de se inserir no mercado de trabalho, teve que vislumbrar um projeto de vida no qual se aceita assumir a saída do lugar de origem e os deslocamentos geográficos em suas distintas modalidades à procura de uma melhor condição de vida que podia ser adquirida ao acessar a um emprego melhor remunerado. Assim, os nascidos no interior de Minas Gerais e em outros estados do Brasil deixaram de trabalhar nas atividades agrícolas e imigraram para as cidades, a maioria para começar a trabalhar na construção civil em Belo Horizonte e em Brasília. Já que:

> No campo a gente passava muita dificuldade, a gente trabalhava para fazendeiro, e fazendeiro também é... é muito explorador, aí a gente tinha muita dificuldade para sobreviver, é... então chega um ponto que a gente quer ficar livre... e aí a gente tem essa ilusão que a cidade é o lugar do paraíso, mas a verdade não é que a cidade seja, todo o contrário. Agricultura e construção civil é muito parecido, nas duas se vive muita exploração. Falei, vou sair porque aqui não vai dar nada, aí chegou um rapaz da região e me convidou a vir, que aqui era bom, que não sei o que, aí peguei e vim, vim direito para a construção civil e comecei a trabalhar de ajudante, servente de pedreiro (Anastácio, 23/05/2017).

Os que foram para São Paulo trabalharam como cobrador, em comércio e serviços, como foi o caso do Romário; enquanto o Raimundo trabalhou em escritório. Em outros casos, como o do senhor Cosme e o do Jorge que em cidades mais próximas a seus lugares de origem trabalharam, o primeiro, de ajudante de mercearia e, o segundo, reformando cadeiras, mas no momento de chegar às cidades maiores têm como opção laboral na construção civil. No caso do senhor Cosme ele foi direto para trabalhar nas obras de Brasília, também estão os casos de quem chegou a Belo Horizonte e além da construção civil procurou outro tipo de emprego, mas acabou voltando para a primeira atividade como o fez o Manoel, ou ainda o caso do Jorge:

> Tinha 17 anos ao chegar em BH, "O trabalho na roça não dava e vim para a cidade, queria ser motorista ou cobrador, aí, andei e andei e não consegui nada" (03/05/2017).

Entre os nascidos em Belo Horizonte, há mais casos em que seus primeiros trabalhos foram no setor de serviços, alguns no âmbito informal, especialmente os que trabalharam no comércio ou sem carteira assinada por serem menores de idade oficial para tê-la. Entre outras atividades que realizaram estão as de ajudante de padaria, de mecânico, garçonete, vigilante, porteiro, taxista, vendedor de seguros, operário em fábrica, atividades de escritório e motorista. Mas, o caso que melhor reflete a experiência de trabalhar desde muito novo e em atividades informais é o seguinte:

> Vendia sorvete na rua, salgadinhos pra eu ajudar minha família. Na época era muito difícil seguir estudando, família grande, né, pai com salário mínimo para nos sustentar, por isso que eu fiquei trabalhando mesmo, e assim, quando acabava um período, que trabalhava um período e não tinha mais serviço, mesmo aí eu procurava aquele serviço que tinha, sabe, aí eu tinha oportunidade de passar aprendendo aquilo para trabalhar (Bruno, 20/11/2017)

Para os/as entrevistados/as do México a inserção no mercado de trabalho não é muito distante do suscitado no Brasil, ao predominar as atividades relacionadas com a construção para as quais seus pais também se dedicaram. O caso de Gabriel é mais complexo, pois além de trabalhar nas barragens como seu pai, também foi ajudante de comércios, de bombeiro, mesma atividade que realizou nos Estados Unidos, mas passando mais tempo como jardineiro e no crime. Ao voltar para o México retoma as atividades de bombeiro, embora trabalhar em escritório na zona do porto do Michoacán tenha sido um trabalho diferente aos de antes realizados, e no momento da entrevista tinha dois meses trabalhado pela primeira vez, como ele informou, em uma empresa construtora e como armador, embora tivesse mais experiência como bombeiro.

Os dois trabalhadores originários de Veracruz saíram das atividades agrícolas para trabalhar na construção civil, sendo contratados de forma temporária. A diferença entre eles e os trabalhadores do Estado de México e da Cidade do México, ainda que sendo de diferentes idades e com pais que trabalharam na construção civil, foi no setor onde tiveram seu primeiro emprego, trabalhando para profissionais autónomos, ou como ajudante de camelô.

Já para Emilio, Julio e Rasta, suas experiências em diferentes atividades são mais diversas, especialmente para os dois primeiros, sendo o Emilio empregado de

loja e carregador em supermercados, ao passo que Julio trabalhou de garçom, ajudante de mudanças e porteiro. Rasta, pela sua parte, alternou entre a venda de artesanato com empregos em diferentes programas de assistência social próprios do governo da Cidade do México.

As mulheres, com exceção de Peliroja e de Pati, têm trabalhado em atividades relacionadas com o comércio de alimentos, de limpeza e como costureiras. No caso da Peliroja, ao chegar na Cidade do México começou trabalhado na área de limpeza de escritórios e depois passou a ser recepcionista; trabalho parecido realizou Pati antes de entrar na construção civil. Já Luz, além de ter trabalhado em atividades domésticas, venda de comida e em *tortillerias,* teve experiência de trabalho na construção civil desde jovem, mas, ao se casar saiu desse âmbito laboral, predominantemente masculino e retomo as atividades passadas.

2.3. A inserção da população entrevistada no setor da construção civil

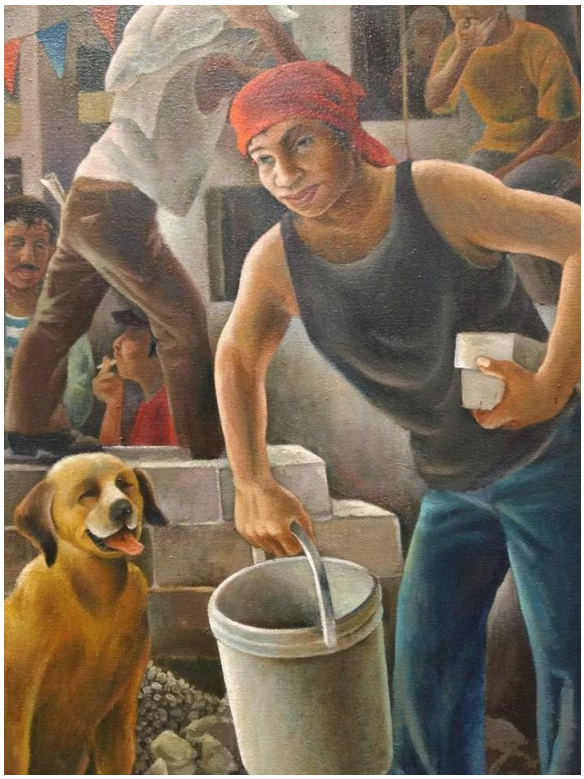

Figura 9. La obra, no. 3. Claudia Chapou

Pode-se constatar que nem todas as pessoas entrevistadas começaram sua vida laboral no setor da construção civil, mas, tenha sido ou não sua primeira opção de emprego remunerado, esta se apresentou como a mais viável no momento. Em

alguns casos a intermediação de algum familiar, conhecido ou empreiteiro foi chave para sua inserção no mercado de trabalho da construção, especialmente para os originários da zona rural, por exemplo:

> As pessoas que trabalham nessa área da construção civil [alvenaria], a maioria são humildes mesmo, pessoa que vem de baixo e a construção permite mudar essa condição humilde (Manoel, 25/10/2017).
>
> De adulto minha profissão é no canteiro, de pedreiro, aí, eu saí da roça e vim para a construção civil. Do Maranhão saía um ônibus que ia para Brasília, todos destinados para trabalhar na construção civil (Sr. Cosme, 13/11/2017).
>
> A gente sai no mundo para trabalhar e ganhar dinheiro. Se cê quer ganhar um dinheirinho tem que ser na construção civil (Romário, 05/06/2018).

Todavia, também temos casos diferenciados dos anteriores, nos quais outros fatores externos influíram para sua inserção na construção civil, especialmente por ter enfrentado situações de desemprego, como mencionado a seguir:

> Depois dos cinquenta [anos] aqui no Brasil, aqui em Minas Gerais não consegue [trabalho], nós não podemos esperar, eu não posso esperar. Depois dos cinquenta não tinha outra opção de trabalho e nem possibilidade de esperar. A gente não pode esperar. Pra nós que já está velho de idade o que aparece a gente pega. O importante é trabalhar. A maioria hoje não consegue um emprego bom, a causa desta crise política que se vive hoje (Raimundo, 11/05/2017).
>
> En México la educación no es muy importante, en especial las ciencias humanas, lo que afecta para conseguir trabajo en el área. En la construcción civil, ahora sí que, yo entre a trabajar ahí por opción de eliminación, ya, ya no había más (Julio, 18/01/2018).
>
> Para mí la construcción fue mi salvación ¡la neta! Pues no conseguía trabajo (Rasta, 9/03/2018).

Ou, em outros casos, por ser um meio para conseguir a aposentadoria, os direitos laborais e por ser a opção de obter um melhor salário:

> Ahora que tengo 60 años no acabalo mi cotización, no me puedo pensionar, es la razón por lo que estoy trabajando, para cotizar y acabalar, me conviene porque aproximadamente a los 65 acabalo mi pensión y cuando uno se pensiona a los 65 toca el 100% (Gabriel, 20/02/2018).
>
> Yo quería tener el seguro para un futuro, más que nada, juntar los puntos para mi casa, por eso vine me metí a la construcción (Everardo, 8,16/03/2018).

> Necesitamos el sueldo, más que nada, y eso nos motiva, no, de ganar 700 pesos semanales a ganar lo doble (Luz, 12/03/2018).
>
> Necesitamos trabajar y nos tenemos que adaptar al ambiente de la construcción. Yo trabajo aquí porque en otros trabajos es, te, pagan muy poco y la verdad no te conviene trabajar, este, 10 horas, 9 horas por $1000 pesos. Yo iba a entrar a trabajar de, en una cocina y eso fue lo que me ofrecieron...Y aquí, este, mi última opción fue venir a ver, y, sí me dieron el trabajo...$1400, por eso mismo nos motivamos a trabajar (Sara, 8/03/2018).
>
> De momento estoy aquí en la construcción, pero no tengo ningún problema, pero, mira, yo quiero hacer mi negocio. Pero la, la, vida tengo que hacer lo que me deje para vivir. A mí me gusta mucho trabajar. En Haití trabajaba mucho, en la mañana y en la noche, pero a mí me gusta mucho trabajar, pero si quieres tener una vida mejor tienes que trabajar, necesito trabajar sino no puedo tener una vida mejor. Yo quiero trabajar para estar mejor mañana (Robert, 8 e 12/03/2018).

Em conjunto, a construção civil, para os diferentes perfis da população entrevistada, foi uma alternativa de emprego com a qual puderam obter ou melhorar sua remuneração, começar uma carreira de trabalho, sair de uma situação de crise, como o desemprego e, surpreendentemente, acessar direitos laborais – já que em décadas anteriores este era um dos setores nos quais nem contrato formal de trabalho existia (GERMIDIS, 1974; FERREIRA, 1976; MAURO, 1986; CONOLLY, 1988). Assim, se a construção civil é reconhecida por ser para alguns grupos sociais a " porta de entrada ao mundo do trabalho assalariado na cidade" (PADILLA, 1992, p.14), para outros é a porta para se manterem empregados. Além disso, é um setor que se considera conveniente para trabalhar porque: (i) ganha-se mais do que nas fábricas e no campo; (ii) exigem menos requisitos para ingressar e a contratação é imediata; (iii) têm a vantagem de aprender as atividades próprias da construção civil e estas trarão benefício próprio, pois, depois de aprendê-las, podem se dedicar à autoconstrução e transmitir esse aprendizado entre gerações (CUEVAS, 2004).

Uma situação particular entre as mulheres, comparadas com os homens, é seu estado civil. Souza (2011) reporta que o estado civil que se destaca entre as trabalhadoras brasileiras é estarem separadas, divorciadas ou serem mães solteiras; sendo a última a mais reportada pelas entrevistadas, tanto por Julia quanto pelas mexicanas. Parece que esta última situação deriva de estar numa condição que influi para não ter que negociar com uma outra pessoa (homem) sua inserção em um espaço de trabalho onde predomina a presença masculina. No entanto, a pouca presença de mulheres na construção civil e destinadas a certas áreas do processo de

construção também está associada ao fato de ser um trabalho no qual se demanda muita força; motivo pelo qual fazer curso de segurança do trabalho tem sido uma opção para poder realizar outros tipos de atividades dentro do canteiro – mas isto só para as que têm a possibilidade de fazer um curso que as certifiquem – além disso, terão que procurar serem contratadas por empresas que se interessem por ter este tipo de profissional nos seus canteiros de obras.

Retomando o ponto de partida deste capítulo e das trajetórias, segundo Castels (1997), Dubar (2005), Saravi (2006), Mora e Oliveira (2009) e Gomes e Pesanha (2010), identifica-se que o processo no qual se dá o começo da vida laboral dos entrevistados/as está relacionado com sua origem social e que a continuidade de sua trajetória vai estar influenciada por ela; no entanto, se reconhece que existe uma variedade de âmbitos e domínios interdependentes que se conjugam, como: trabalho, escolaridade, vida reprodutiva, migração, etc. (BLANCO, 2006). Mas, dando centralidade à trajetória de trabalho, entendida como um canal das atividades econômicas de uma pessoa ao longo da vida, se pode apreciar também como as mudanças macrossociais a afetam (SENNETT, 2009), assim como as desigualdades estruturais (SARAVI, 2006).

O fato de serem pessoas de origem rural as que predominaram e continuam sendo parte do contingente dos trabalhadores da construção civil reflete a condição de atraso no qual se mantém o campo – fora dos enclaves agroindústrias – a pobreza, a falta de serviços e as poucas opções laborais influem na emigração de seus habitantes. Estes, ao chegarem nas cidades, têm que se estabelecer nelas de forma desigual, além de se depararem com poucas ofertas de emprego, sendo que, quando conseguem trabalho, este costuma ser dos mais precários e nos quais predomina o pagamento de salário mínimo. Situação similar se observa nos moradores de periferia, pois muitos deles são descendentes desses imigrantes rurais. Em ambos grupos suas acumulações de desvantagens sociais estão relacionadas com vivenciar diferentes desigualdades, como as privadas, locais e instituições (SARAVI, 2006), sejam elas, respectivamente, as que têm a ver com aquelas enfrentadas pelo núcleo familiar, as próprias do lugar de origem ou de onde se mora e as que têm a ver com seu reconhecimento como cidadãos – que, por sua vez, também vão estar associadas com seu acesso a serviços e mercado de trabalho. Além disso, a história de muitos/as é marcada pelo trabalho infantil, o que já diz muito de sua realidade social.

Essa realidade não é exclusiva dos trabalhadores/as da construção civil, basta caminhar pelas ruas das cidades e ver quem são as pessoas que estão trabalhando como comerciantes, policias, catadores de lixo, trabalhadoras domésticas e operários/as. Se deter a observar nas universidades, quem são os seguranças, jardineiros, faxineiras, as atendentes das cantinas e os pedreiros que estão trabalhando nas diferentes remodelações ou os que por temporadas estão construindo um edifício. Do mesmo modo, ver que os funcionários e os estudantes da EPOMG iam juntos pegar o ônibus que lhes levara para algum ponto da zona metropolitana de Belo Horizonte. É inevitável negar a existência de uma história, de uma condição social que lhes acompanha e que tem influenciado as opções de emprego que acessaram; que no melhor dos casos lhes tira da situação de indigência, por exemplo. Situação que foi referida por três trabalhadores de Belo Horizonte – Anastácio, Carlos e Joaquim – como sendo o evento mais trágico que pode acontecer na vida das pessoas, especialmente das que emigraram à procura de emprego e de melhores condições de vida.

Esses/as trabalhadores/as são parte dessa *classe-que-vive-do-trabalho* – categoria que além de incluir homens e mulheres reconhece a diversidade, heterogeneidade e complexidade dessa população (ANTUNES, 1998, p. 46) –, que descendem de famílias pobres e que têm experiências desde suas infâncias de serem batalhadores para obter uma renda; que, talvez diferem um pouco dos batalhadores visualizados no livro de Souza J (2012) – que se esforçam por manter seus salários e estilos de vida mais elevados mais associada a uma expectativa de classe média – o primeiro contingente luta por poder sustentar as demandas básicas para ter e dar para suas famílias uma vida digna. Em muitos grupos sociais, e mesmo dentro da população de trabalhadores da construção civil, garantir o alimento diário da família, investir na educação dos filhos, ter uma casa própria e até poder ter o direito da aposentadoria chega a ser um desafio, que nem sempre o emprego possibilita superar.

A construção civil, mesmo sendo um dos trabalhos que demanda maior desgaste de força física e, muitas vezes sendo a única alternativa, pode ser o meio para se evitar as situações mais precárias de vida. Entretanto, há situações nas quais este trabalho possibilita alcançar uma melhor condição de vida, inclusive podendo obter um aprendizado que é útil fora do lugar de trabalho – ainda que para “saborear

os benefícios” tem-se que percorrer um complexo itinerário. Homens e mulheres que ingressaram no mercado de trabalho da construção civil, levados/as por diferentes circunstâncias estruturais, vão, depois disso, ter um caminho laboral no qual têm que transitar para se manterem empregados/as e para tentarem ascender na estrutura laboral do setor. Esse percurso laboral se apresenta no capítulo seguinte.

Capitulo 3. Trajetórias de trabalho na construção civil

Neste capítulo se apresentam as trajetórias de trabalho da população entrevistada, abordando sua inserção e seu trânsito no mercado de trabalho da construção civil, até o trabalho que se realizava no momento da entrevista. Retomaram-se elementos que guiaram a reconstrução dessas trajetórias, tais como: eventos, durabilidade, efeitos e permanências, além de destacar a dimensão espaço-temporal de cada um deles. Também se refere a como as fronteiras sociais e os processos micro e macrossociais têm influenciado a constituição dessas trajetórias, embora estes elementos sejam destacados ao longo do documento.

A proposta para a reconstrução das trajetórias permite reconhecer os diferentes momentos que os/as trabalhadores/as têm passado no mercado de trabalho da construção civil, incluindo as mobilidades laborais e espaciais que têm experimentado, assim como os aprendizados e estratégias que implementam para se manter empregados/as. Nas diferentes trajetórias existentes entre a população entrevistada evidencia-se que nem sempre existe um curso linear, já que do ponto de partida ao ponto de intercessão (no momento da entrevista) existem desvios ou trilhas que alternaram o caminho suposto ou esperado, com o que diz respeito ao âmbito laboral.

As trajetórias apresentadas, mesmo individualizadas, mostram como esse grupo de trabalhadores se mantém em um mercado de trabalho que se inter-relaciona com as mudanças macrossociais, surgidas a partir de finais da década de 1970 e que se intensificam com o passar do tempo – sendo este o mesmo período no qual se deu a inserção dos trabalhadores mais velhos no setor da construção civil. Entre as mudanças mais significativas a se destacar estão: i) as relacionadas ao contexto político-econômico, ou seja, a conclusão do modelo de substituição de importações e o Estado de Bem-estar social com a instauração do modelo Neoliberal; ii) as que se geraram com os novos modelos de produção, impactando no mundo do trabalho; iii) as que surgiram com a conformação de novas cidades, cidades globais e a construção de modernas paisagens urbanas; iv) a demanda de modernização da construção civil, como uma forma de estar em concordância com os processos antes mencionados. Tudo isso em conjunto permite entender o processo social no qual se conformam as diferentes trajetórias da população entrevistada e como, nas últimas décadas, se foi diversificando o perfil da mão de obra da construção civil.

Nesse contexto, dois estudos sobre trajetórias dos trabalhadores da construção civil antecedem esta proposta, sendo eles os realizados por Bueno (1994), no México, e por Reis (2008), no Brasil, que, embora difiram no enfoque e na temporalidade, permitem conhecer duas formas de abordar as trajetórias desses trabalhadores nos dois países propostos para se realizar os estudos de caso desta pesquisa. Também demonstram como é um setor específico da população de ambos os países que emigra para vender sua força de trabalho para a construção civil, setor que com o investimento do Estado se encarregou de edificar moradias e até cidades, como foi o caso de Brasília. Essa relação, no contexto macrossocial da América Latina, estava em consonância com a tendência mundial, já que a industrialização substitutiva foi uma medida para programar o desenvolvimento dos países e permitiu o investiu em infraestrutura física e social, tendo como resultado:

> Altas tasas de crecimiento en varios países de América Latina, especialmente Brasil y México. La industria se convirtió en el motor de crecimiento económico. En suma, la sustitución de importaciones en América Latina parecía generar progreso técnico, producción sofisticada de bienes de consumo durable, pero al mismo tiempo desigualdades profundas entre empresas, entre personas, entre capital y trabajo (VAZQUEZ, 2017, p. 12-13).

Mas, essa etapa de "desenvolvimento" foi impactada em 1980 com o *Consenso de Washington*, o qual deu passo ao modelo Neoliberal (Ibid.), sua inserção na região propicio a conformação de um novo contexto macrossocial. Nessa mesma década também surgem transformações no mundo do trabalho relacionadas com "as formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política" que afetaram agudamente à *classe-que-vive-do-trabalho* (ANTUNES, 1998, p. 15).

Em geral, a América Latina foi impactada com as regras do Neoliberalismo e a construção civil teve que assumir as mudanças dos modelos produtivos, derivados da mudança do Fordismo-Taylorismo ao Toyotismo; os quais, neste setor, se apresentam de forma parcial e misturada, mas, tem fomentado uma nova forma de organização do trabalho, comandada pelo último modelo de produção. O toyotismo se caracteriza, em sua busca por melhorar a forma de produzir, o uso de um processo produtivo flexível, atendendo exigências mais individualizadas e com maior qualidade (Ibid.). Também os países da região passaram a adaptar-se às novas demandas da globalização econômica, que reforça a centralidade das grandes cidades a partir do

setor serviços e estilos de vida, o que demanda uma infraestrutura física específica, como foi exposto por Sassen (1998), Santos M (1977, 1997, 2007, 2008) e Fix (2007). Processos que geraram impactos nas condições laborais e nos direitos trabalhistas, agudizando a precarização da *classe-que-vive-do-trabalho*; as quais se apresentam com particularidades na população que se emprega na construção civil – embora o aspecto geracional dos trabalhadores/as que foram entrevistados/as e sua experiência na construção civil possam marcar diferenças entre eles/as e suas trajetórias laborais.

3.1. Considerações para a abordagem das trajetórias

A reconstrução dessas trajetórias se faz considerando uma série de elementos que permitem essa tarefa. Parte-se dos eventos, sua durabilidade e seus efeitos para analisar os impactos que eles geram no transcurso da vida laboral. Esses mesmos elementos também permitem identificar as coordenadas geográficas pelas quais os entrevistados/as transitaram até conseguir permanência, seja no setor, no ofício e/ou na cidade, se for o caso. Isto, em conjunto, evidencia a interação entre sujeito e grupo social que faz parte da mão de obra de um setor como a construção civil, morando nas cidades de Belo Horizonte e na Cidade do México, ou estando de passagem pelo tempo de duração do contrato de emprego, como se apresentou na última cidade. A população, em geral, tem sido afetada pelas fronteiras sociais e simbólicas, pela sua origem e pelos efeitos dos processos micro e macrossociais.

Os elementos que guiaram o estudo das trajetórias da população de interesse são:

- Eventos, durabilidade e efeitos: os eventos são entendidos como momentos específicos que geraram mudanças na vida dos indivíduos ou da população de interesse, como aludem Ferreti (1988), Reis (2008), Mora e Oliveira (2009) e Furtado (2015). Os eventos não são instantâneos, têm uma durabilidade e geram efeitos na continuidade da trajetória, ao modificar a direção da mesma – por exemplo, a mobilidade em sentido vertical ou horizontal (FERRETI, 1988), ou gerando transições de uma posição a outra que modificam o curso da trajetória, como indicam Sennett (2009), Saravi (2006) e Ribeiro et. al. (2015).

Em certos casos os eventos podem ter tamanho peso na trajetória que chegam a provocar a ruptura da mesma, como propõe Castels (1997).

- Permanências: são os períodos de estabilidade e regularidade que se apresentam nas trajetórias e que podem levar a situações de progresso, como indicam Ferreti (1988), Bueno (1994) e Reis (2008). Este elemento é indispensável para definir uma trajetória; embora em uma mesma trajetória existam diferentes escalas de permanências, por exemplo: o tempo que se tem trabalhando na construção civil, em um ofício, o que se passa em um mesmo canteiro de trabalho e até desempregado, assim como de estabilidade em uma cidade.
- Dimensão espaço-temporal: a trajetória também refere a um conjunto de coordenadas espaciais, que correspondem a lugares e períodos de tempo, nos quais as pessoas se situam de forma cronológica, segundo Reis (2008) e Furtado (2015). Está dimensão, mais que um indicador, permite entender que as trajetórias também se constituem espaço-temporalmente, vislumbrando as permanências e as coordenadas dos processos, as populações; permitindo observar as coordenadas habituais da vida cotidiana das pessoas, perspectiva que se encontra na proposta de Giddens (2006) e no enfoque de *espaços de vida*[43]. E evidencia a constituição de temporalidades, a cronologia e a perspectiva geracional, que também estão presentes nas trajetórias.
- Fronteiras sociais e simbólicas: este elemento permite retomar o ponto de partida da abordagem das trajetórias, a origem e os aspectos sociais que acompanham a população de interesse e têm ingerência na sua vida laboral; também alude à dimensão microssocial, às procuras individuas, embora estas tenham relação com o macro. Nesse cruzamento dos processos micro e macro encontramos fronteiras sociais e simbólicas, que são muralhas que influem no caminho das trajetórias e que as pessoas têm que aceitar ou ultrapassar para dar continuidade, ou não, às suas trajetórias, segundo Labache e Sain Martin (2008).

[43] Esta perspectiva é destacada por Gumuchian (1991), Di Meo (2000), García, 2013, Lindón (2007) e, no caso da última autora, ela indica que um trabalho precário, como uma prática cotidiana, gera uma espacialidade com conotações específicas, pois enquadra a totalidade da vida das pessoas e delimita sua ocupação no espaço geográfico. Portanto, este enfoque permite situar geográfica e socialmente as pessoas pela função que realizam (ROBETTE, 2012).

- Processos micro e macrossociais: na abordagem das trajetórias existem as propostas que privilegiam a dimensão microssocial, que permite observar aspectos da vida de indivíduos e de um grupo de pessoas (FERRETTI, 1988; GOMES e PESSANHA, 2010); enquanto outras partem dos fenômenos macrossociais para observar as mudanças sociais que influem nas trajetórias de grupos sociais (CASTELS, 1997; CARDOSO, et. al., 2006; PINGONI, 2006; SENNETT, 2009; RIBEIRO, et. al., 2015). Neste caso, a partir dos relatos de vida, se analisa como o micro e o macro se relacionam na conformação das trajetórias, mas, em um primeiro momento, se dá prioridade por reconhecer os processos macro, por estes gerarem impactos na população de interesse, já que no capítulo seguinte serão abordadas as interiorizações, percepções e reflexões que a população entrevistada tem do seu trabalho.

Esses elementos são um recurso metodológico para a abordagem das trajetórias, embora estes, ao estarem inter-relacionados, não se apresentam por separado, mas, guiam a reconstrução da unidade de análise, seja ela as trajetórias de trabalho. Situação que acontece em especial para os três últimos elementos, os quais se vêm apresentando ao longo do documento – o contexto macrossocial foi explicitado com maior ênfase no primeiro capítulo, enquanto o aspecto microssocial e as fronteiras sociais vão ser mais aprofundados no capítulo seguinte. Também é importante a se considerar que o setor da construção civil se caracteriza por ter um processo produtivo temporal, no qual o produto (a edificação) fica fixo, enquanto os meios de produção e a mão de obra se deslocam. Movimento que é determinado por: diferentes tipos de projetos, seguidos de agentes e objetivos; quantidade de investimento; condições políticas, econômicas, geográficas e até climáticas que, por sua vez, influem na mobilidade laboral e espacial da mão de obra.

A mobilidade e/ou rotatividade laboral tem sido referida nos estudos dos trabalhadores da construção, como o realizado por Bueno (1994) no seu estudo sobre trajetórias dessa população, destacando a importância de observar essa condição porque o contexto laboral desse trabalhadores está caracterizado pela descontinuidade no trabalho; portanto, “es común encontrar que en un mismo año un trabajador pueda contratarse com vários maestros, o bien que un maestro tenga al mismo tiempo proyectos com várias constructoras o clientes particulares” (p. 119).

Situação que tem sido identificada como rotatividade laboral por Reis (2008) e Seixas et al. (2010), que é problemática para o/a trabalhador/a por ser uma estratégia das empreiteiras para não ter vínculos com o trabalhador e que ao contratá-lo por períodos não maiores que cinco anos facilita a não responsabilização pelos diretos trabalhistas.

Nesta pesquisa, mais que falar de rotatividade, se usa a ideia de mobilidade laboral porque implica a temporalidade da contratação e alternância no posto de trabalho, que ainda se coadunam com deslocamentos espaciais por diversas escalas geográficas. Assim se pode destacar como se articula a mobilidade laboral com a mobilidade espacial, já que estas são características do trabalho na construção civil; embora exercer contínuos e diferentes itinerários ou não se deslocar possa aludir a formas de precarização laboral (LINDÓN, 2007). Também há projetos individuais, há estratégias de sobrevivência e/ou de empregabilidade (GARCÍA, 2013), pois a mobilidade espacial é útil até para ascender na estrutura laboral, já que o sistema de ofícios, a acumulação de conhecimentos adquiridos na prática, a rede de relações sociais e a experiência acumulada vão ser formas para superar a condição de ajudante e passar de meio oficial a oficial e de ser possível se tornar um encarregado ou, no melhor dos casos, mestre de obras.

Essa possibilidade de desenvolvimento profissional é, depois do salário, outro motivo que influi para se inserir e/ou se manter trabalhando na construção civil; embora esse trânsito nem sempre seja possível, pois os trabalhadores/as, na sua trajetória, se deparam com barreiras, rupturas e fronteiras que terão que enfrentar. Sendo que a mobilidade laboral, o desemprego, as mudanças na construção civil, o investimento e as demandas de construção afetam o mercado de trabalho neste setor; impactando negativamente a vida das pessoas que procuram na construção civil uma estabilidade laboral. Embora nem toda a população entrevistada tenha por objetivo se manter trabalhando nesse setor – há quem veja sua inserção no setor como uma alternativa emergente ao desemprego ou às poucas possibilidades de ter um emprego melhor remunerado –; ainda assim, do mesmo modo daqueles que têm a expectativa de fazer carreira, também procurarão estratégias para afrontar as situações que afetam suas trajetórias de trabalho e, o mais importante, evitar ou sair do desemprego, como será evidenciado em seguida, retomando os elementos indicados para abordar as trajetórias.

3.2. As trajetórias dos trabalhadores e das trabalhadoras da construção civil em Belo Horizonte e na Cidade do México

O itinerário laboral da população entrevistada começou com os primeiros trabalhos que realizaram desde a infância ou adolescência, sendo no mesmo setor da construção que alguns entrevistados tiveram suas primeiras experiências. As condições, formas e intenções de inserção no mercado de trabalho da construção civil compõem o primeiro evento que marca o começo das trajetórias neste setor. Posteriormente, se distinguem as trajetórias dependendo do tempo que cada entrevistado/a leva trabalhando no setor e se apresentam os eventos referentes a suas mobilidades, incluindo a dimensão espaço-temporal e os efeitos dos mesmos como rupturas e continuidades. Finalmente, se discute como se gera a permanência em um contexto laboral como o da construção civil.

3.2.1 Eventos: sua durabilidade, dimensão espaço-temporal e efeitos

3.2.1.1. *A inserção e trajetórias de trabalho na construção civil*

O ano de inserção na construção civil é uma referência sobre o contexto mundial, regional, do mercado que se tinha no setor e socioeconômico de cada país, Brasil e México, de cada cidade, Belo Horizonte e Cidade do México. Além disso, permite retomar os aspectos geracionais da população entrevistada – embora sua idade nem sempre esteja relacionada com o ano de ingresso na construção civil, especialmente para as mulheres, que ingressaram com idade mais tardia que os homens. Pelas datas indicadas há um período de quase cinco décadas, de 1970 até finais da década de 2010, no qual a população entrevistada teve seu ingresso na construção civil, em suas diferentes vertentes de contratação (ver tabela seis). Nessa temporalidade se suscitaram uma série de acontecimentos políticos, econômicos e sociais em diferentes escalas – mundiais, regionais, nacionais e locais – assim como nos modelos produtivos que têm mudado o panorama laboral e nos processos de construção e nas formas de edificar, considerando o campo de estudo.

Tabela 6. Ano de ingresso na construção civil

Década	**Belho Horizonte** **Ano e trabalhador/a**	**Cidade do México** **Ano e trabalhador/a**
1970	1974: Eder 1975: Senhor Cosme, Joaquim	
1980	1986: Romário 1988: Fernando 1989: Jorge	1981: Chuy 1982: Cristóbal
1990	1991: Anastácio	1991: Gerardo 1999: Juan
2000	2000: Tito 2006: Manoel 2007: Carlos 2008: Roni	2000: Rogelio 2006: Geovani 2009: Everardo
2010	2013: Raimundo (experiência previa) 2014: Bruno (experiência previa) 2015: Otávio (experiência previa) 2017: Gabi 2018: Julia	2013: Rasta e Benito 2015: Julio 2016: Ricardo 2017: Pati, Robert e Emilio (experiência previa) 2018: Sara, Maribel, Peliroja, Luz (experiência previa) e Gabriel (experiência previa)

Fonte: Elaboração própria

A inserção dos/as trabalhadores/as, em geral, se deu de forma muito similar – à exceção que a população mexicana começa na década de 1980. Já nas outras décadas, 1990 e 2000, a entrada dos entrevistados/as é mais parecida. Nesse lapso de tempo os trabalhadores têm configurado *trajetórias de trabalho contínuas* no setor da construção civil, sendo a mais duradora de 42 anos e a de menor tempo de nove anos, considerando a data da entrevista. Já na década de 2010 temos, nas duas cidades, população de mais recente ingresso, sendo mais diversa que a anterior – caracterizada por: os mais velhos, que têm em comum possuir experiência prévia no trabalho na construção civil, os que têm um nível mais alto de estudos, dois com estudos de licenciatura no caso mexicanos, assim como um imigrante internacional e mulheres – nela se apreciam dois tipos de trajetórias, *de recém ingresso e de reinserção*, além de ter os trabalhadores que veem sua estadia na construção civil como passageira, sendo somente uma estratégia para sair da situação de desemprego e tendo a expectativa de encontrar "um emprego", que serão identificadas com *temporárias.* As diferentes trajetórias ficam agrupadas como se apresenta na tabela seguinte.

Tabela 7. Tipo de trajetórias na construção civil

Tipo de estadias	**BH**	**CDMX**
Contínuas	Eder, Romário, Sr. Cosme, Joaquim Jorge, Anastácio, Manoel, Carlos, Tito, Roni	Cristóbal, Chuy, Gerardo, Juan, Geovani, Rogelio, Rasta, Everardo, Benito, Ricardo,
Recém ingresso	Julia	Robert, Pati, José, Sara, Maribel, Peliroja
De reinserção	Raimundo Otávio	Gabriel Luz
Temporárias, como estratégia ao desemprego	Bruno, Baiano	Emilio, Julio

Esse agrupamento das trajetórias que a população entrevistada tem experimentado em sua passagem pelos diferentes canteiros de obras referem outros eventos relacionados a mudanças de posto de trabalho, de canteiro de obras, de cidade para trabalhar, de empreiteiro e/ou empresa, assim como procurar seu próprio caminho e deixar de trabalhar com os pais quando assim se sucedeu – descrição que se faz em seguida.

3.2.2. Trajetórias contínuas

Neste agrupamento se descrevem as trajetórias dos trabalhadores que não se desligaram das atividades da construção ao longo de suas vidas – embora existam alguns que procuraram outras opções de emprego, de forma breve, estes voltaram para a construção civil e consolidaram suas carreiras de trabalho no setor.

Tabela 8. Casos de trajetórias contínuas em Belo Horizonte

Trabalhador/trabalhadora	**Trajetória de trabalho na construção civil**
Sr. Cosme Oficial de Pedreiro EPOMG	Em 1975, sai do Maranhão em um ônibus no qual todos os passageiros tinham como destino ir para Brasília trabalhar na construção civil. Começa como *servente* e em pouco tempo consegue ter carteira assinada. Faz uma estadia curta em Goiana, não sendo o que esperava. Em 1976 se dirige para BH. Ao chegar na rodoviária desta cidade encontra um conhecido de Brasília que o leva para o mesmo lugar onde ia trabalhar, ali continua trabalhando de *servente*. Em 1985 vai trabalhar por dois anos no Rio de Janeiro, onde argumentou que vivenciou muita exploração, gerada pelos seus colegas de maior cargo e pelo mestre de obras, além de não lhe permitir superar seu status de ajudante. Em uma ocasião onde se sentiu muito humilhado decidiu não fazer o trabalho que lhe pediam e afrontar a situação, achando que ser demitido seria o melhor para ele, "briguei com os caras, até que me mandaram ir embora". Volta para BH, trabalha em distintos bairros da cidade, em 1995 é contratado por uma empresa construtora, na qual vê a possibilidade de ascender. Ao não dar certo, sai da empresa, pois para ele já era importante ser contratado como oficial de pedreiro, expectativa que não alcança na seguinte empresa e volta para a

	primeira em 1997, que é quando consegue fichar de pedreiro e se mantem até hoje e sem ter ficado desempregado em vinte anos, mas, tendo que trabalhar em outras cidades, além de BH. Ao ser integrante do Sindicato Marreta e quando começaram a se agravar seus problemas de visão esta instancia negociou com a empresa para ele passar de dois a três dias por semana cumprindo sua jornada laboral no sindicato, até que passou a ter requisição direta do sindicato para trabalhar com eles.
Romário Oficial de pedreiro Fórum	Em 1986, com trinta anos de idade chega em BH, onde começa a trabalhar na construção civil, tendo sido contratado na maior parte da sua trajetória no setor como ajudante de pedreiro, sendo nos últimos anos que ocupa o cargo de meio oficial de pedreiro. Desde sua inserção na construção civil sempre tem trabalhado na mesma cidade, nos seus diferentes bairros; hoje em dia está esperando que se cumpra o tempo que lhe falta para se aposentar.
Joaquim Encarregado de obra EPOMG	"Eu comecei a fazer obra o dia três de novembro de 1975, tem 42 anos que estou no canteiro de obra". Se inicia como ajudante de pedreiro em 1977 é promovido como pedreiro ou oficial de alvenaria. Em 1979 foi promovido como encarregado de obra. Em 1987 viajou para o interior de Goiás, trabalhando em uma fazenda, porém, dando continuidade com as atividades de pedreiro. Em 1988 vai trabalhar em Brasília, cidade onde teve um acidente (machucando a cabeça) que lhe faz considerar voltar para BH. Em 1995 se reincorpora na construção civil em Belo Horizonte, trabalhando "em Buritis, Santa Efigênia, Mangabeiras dependendo para onde que tem ido o crescimento da cidade", voltando a ser oficial de pedreiro e posteriormente ascende a encarregado de obra, atividade que realiza até hoje na mesma cidade.
Jorge Mestre de obras EPOMG	Em Belo Horizonte começou a trabalhar na construção civil, desde o ano de 1989. Como servente de pedreiro passou os primeiros três meses sem ter carteira assinada; a obteve na construção da Universidade Milton Campos, em Nova Lima, onde foi contratado por um ano e meio. Posteriormente, teve trabalho como ajudante de carpintaria, mas saiu porque o pagamento não era bom. Voltou a trabalhar como servente, em 1994, e decidiu sair da empresa porque se sentia explorado. Em 1997 fez um curso de encarregado de obra e conseguiu trabalho com carteira assinada "aí a coisa começou a fluir". Trabalhou no aeroporto, mas "a coisa não estava legal" e decidir ir embora. Saiu uma oportunidade para ir ao Bairro Planalto de encarregado de obra, que aceitou, posteriormente, no ano 2007, vai trabalhar na região Pampulha, na construção de casas, como autônomo. Depois é contratado para trabalhar de encarregado de obra no Bairro Buritis, passando seis anos contratado pela mesma empresa. Sai de lá e volta para empresa anterior sendo demitido aos noves meses e vai trabalhar com *um gato*. É convidado, em 2014, para trabalhar numa empresa na qual já tinha experiência e continua nela na atualidade, "estava como encarregado, mas eu sentia a necessidade de ser mestre de obras", o que faz na atualidade. Para ele, seus anos de experiência na construção civil se resume assim: "em 1997 eu fui promovido, mas tem 28 anos que eu pulo".
Fernando Pedreiro independente Bairro da Graça	No ano de 1988 começa a trabalhar em BH de *servente* de pedreiro, com o passar do tempo foi ficando sem serviço e é contratado como ajudante geral na Copasa. Ao considerar que a construção civil não lhe assegurava uma estabilidade laboral nem com carteira assinada, nem com autônomo, fez concurso. Desde o ano 2007 trabalha na área de limpeza num hospital, mas se mantem, também, como pedreiro autônomo.
Anastácio Pedreiro EPOMG	Em 1991, com dezoito anos, um conhecido da cidade de origem lhe falou que "a construção civil era boa" e o convidou para viajar com ele a BH, onde começou a trabalhar de servente de pedreiro. Em pouco tempo passou a ser operador de máquina, por recomendação de um superior. Pelo ano de 1995 "me deram a oportunidade e comecei a trabalhar de pedreiro, e estou até hoje. Em 2003 foi prestar serviço lá na Bahia como pedreiro". Ao voltar para BH é contratado por uma empresa que tinha a

	licitação para construir bancos da Caixa Econômica FRogelio al, “aí fiquei trabalhando nos interiores, fazendo caixa, trabalhei em muitos interiores” por exemplo São Sebastião do Paraiso, Formigas, Passos, Oliveira, Governador Valadares, Juiz de Fora e outras cidades de Minas Gerais. Em 2014 foi contratado por outra empresa, “o negócio estava ruim e surgiu vaga para trabalhar fora e fui para São Paulo", voltei, aos quinze dias me mandaram para a região do Triângulo Mineiro, voltei para BH, depois de uns dias me mandaram para Rio de Janeiro, lá em Macaé, depois de novo para outras cidades de Minas, também fui para Porto Alegre e voltei para o interior de Minas”. Nesse período voltava a BH por poucos dias. Nas distintas cidades nas quais trabalhou, a empresa alugava casas para os trabalhadores, quartos de hotel e pousadas, o período era de quinze dias aproximadamente, para ficar em cada cidade. Saiu da empresa e foi contratado por outra que o mandou trabalhar no Rio de Janeiro, ficou La por cinco meses. Ao voltar para BH ficou desempregado, "mas continuo prestando serviço para eles, porém, como se fosse de empreiteiro", como se encontrava até o dia da entrevista.
Manoel Pedreiro EPOMG	No ano 2006, começa a trabalhar na construção civil em BH, contratado por um pedreiro autônomo como ajudante; se mantem assim por um ano. Depois vai trabalhar de ajudante numa loja de material de construção por seis meses, “Aí fiquei um pouco chateado com a rotina, porque fica muito parado, né? ”. Volta a trabalhar com o antigo pedreiro por mais oito meses. Vai trabalhar na pavimentação de ruas. Começa a trabalhar como pedreiro autônomo para concluir o trabalho do cunhado do pedreiro que ele trabalhava; que iria para os Estados Unidos trabalhar na construção civil, e para não deixar o trabalho sem concluir pede ao Manoel para finalizar e o empresta sua ferramenta. As mesmas clientes continuam o contratando por mais tempo e ele aceitou, “mas com medo de não poder fazer as coisas, mas aí comecei a trabalhar por minha conta" e continua de autônomo. Vai procurar trabalho com carteira assinada, consegue ser fichado como ajudante por dois meses. Retoma o trabalho como pedreiro autônomo. Retorna a trabalhar fichado numa empresa aceitando começar como ajudante, mas prefere ter carteira assinada e as vantagens que isso implica, ao sentir que ser independente lhe deixa sem previdência. Agora ele está fichado como pedreiro.
Tito Pedreiro Fórum	Tem catorze anos trabalhando na construção civil, com dezoito anos, cumpridos em 2004 o contratam como ajudante de pedreiro. Trabalhou treze anos na primeira empresa e agora é pedreiro. Sua experiência foi somente em BH.
Carlos Armador Fórum	Em 2007, ao completar os dezoito anos começou a trabalhar na construção civil. Ficou por dez anos na mesma empresa, tempo que passou de ajudante de pedreiro a oficial de pedreiro. Tem um ano na atual empresa, mesmo tempo que leva trabalhando no Fórum, onde realiza tarefas de armador. Ele tem trabalhado em BH e na zona metropolitana.
Roni Pedreiro independente Graça	Ele começou aos doze, treze anos ajudando seu pai. Primeiro tirando pedra na rua para poder colocar em uma piscina e depois na reforma de uma casa muito grande. Com o tempo, e já deixando a escola de lado, foi realizando mais atividades de alvenaria, mas sempre ajudando nos trabalhos que o pai realizava (trabalhador autônomo) Fora de BH já trabalhou em Moeda para cimentar um terreno, em companhia do pai, e durante as férias do mesmo trabalharam em Itabira, em Lagoa Santa na reforma de uma casa e em Contagem. Com dez anos de experiência, começa a se responsabilizar por realizar na sua totalidade os serviços que o pai arruma, além de realizar atividades de pintura, de bombeiro e eletricista, mas ele se reconhece como pedreiro.

Entre as trajetórias dos trabalhadores que permanecem na construção civil desde que entraram neste setor há algumas semelhanças e diferenças que se podem

distinguir por faixa etária e por ter experimentado processos de imigração ou não. Por exemplo, o Senhor Cosme e o Joaquim, depois de terem chegado em Belo Horizonte e já trabalhando na construção civil fazem novamente uma mobilidade espacial para irem para cidades maiores – Rio de Janeiro e Brasília – mas, voltam para Belo Horizonte. Ambos também enfrentaram em suas trajetórias situações de injustiça laboral que influenciaram para que se integrassem ao Sindicato Marreta. A diferença entre eles é que o Joaquim conseguiu ascender mais rápido e em um cargo mais alto que o senhor Cosme, ainda que tivessem quase o mesmo tempo de trabalho na construção civil. No caso de Romário, que passou trinta anos consecutivos trabalhando na construção civil com certa estabilidade, sem se deslocar de Belo Horizonte depois de ter se estabelecido aqui, este também não ascendeu muito na estrutura laboral. Estes três trabalhadores, por serem mais velhos, estão esperando concluir o tempo de atividade laboral requerido para conseguirem se aposentar; sendo os dois primeiros os que expressaram sua inconformidade por poderem ser prejudicados se a Reforma Previdenciária for aprovada.

Jorge tem experimentando uma ampla mobilidade laboral e aceitado as distintas formas de contratação que lhe foram apresentadas, inclusive trabalhou como autônomo nos momentos de desemprego; mas, ainda assim, conseguiu ascender na estrutura laboral, chegando a ser mestre de obras, e recuperou a estabilidade de trabalhar com carteira assinada. Ao contrário, Anastácio tem experimentado demasiada mobilidade espacial para se manter empregado, o que tem a ver com o projeto de construção que tinha a empresa que lhe contratava. Seguir sua mobilidade espacial demonstra a expansão do sistema de bancos em cidades menores de Minas Gerais, pelo banco Caixa Econômica Federal; porém, essa experiência apenas lhe bastou para ser oficial de pedreiro e não para se salvar de ser demitido, tendo que aceitar deixar de trabalhar com carteira assinada para ser um empregado terceirizado da mesma empresa que o demitiu.

Manoel, Tito e Carlos, além de se encontrarem na mesma faixa etária não têm saído de Belo Horizonte para manter-se empregados – embora o primeiro e o terceiro tenham experimentado a emigração para poder obter um emprego na cidade e deixar para trás as atividades agrícolas. O caso de Manoel é o mais particular dos três, já que quase no começo da sua vida laboral na cidade decide se empregar no comércio, embora seja em uma loja de produtos destinados à construção, o qual não foi por

muito tempo. Ao se reincorporar às atividades da construção civil experimentou diferentes formas de contratação, incursionou como trabalhador autônomo, tem se desenvolvido na área da alvenaria, chegando a fazer um curso de leitura de projetos arquitetônicos. Enquanto Tito e Carlos têm trajetórias mais parecidas no que diz respeito à permanência na mesma cidade, a estadias longas na primeira empresa e ao tempo de contratação na segunda empresa, que é a mesma que ambos trabalham, tendo o cargo de oficial, de pedreiro e de armador, respectivamente. Por estarem vivenciando certa estabilidade em sua vida laboral, os dois têm projeções de continuar trabalhando na construção civil.

Roni, ainda com pouca idade, tem adquirido diversos conhecimentos da construção civil, mas, sua trajetória é diferente dos outros, porque este trabalha de forma autônoma e ainda é orientado pelo pai (Fernando). Ele gosta do seu ofício, apesar de ser uma escolha que fez no momento em que deixou de estudar, influenciado por ter notas baixas; posteriormente incursionou na prática de futebol de forma profissional, mas, quando essa escola de futebol fecha ele volta à vida laboral na construção. Ele argumenta que só mudaria de profissão para ser motorista. O caso de Fernando também apresenta uma trajetória um tanto distinta das anteriores, ao passar de trabalhador com carteira assinada na construção civil para ser pedreiro autônomo e alternar esta atividade com o trabalho de limpeza, que adquiriu via concurso e lhe dá a segurança que o primeiro trabalho não lhe ofertou. Continuar como pedreiro autônomo e realizar atividades simples que têm a ver com outras áreas da construção – pintura, eletricidade e bombeiro – lhe permitem aumentar sua renda, embora seja este o trabalho que pretende deixar de realizar ante o desgaste físico que vivencia ao ter dois empregos.

Tabela 9. Casos de trajetórias contínuas na Cidade do México

Chuy Mestre de Bombeiro Romero 114	“Tengo 37 años en el ramo, desde 1981”. Cuando era chavo (adolescente) era ayudante de un pintor, pero una vez me regañaron y uno como chavo le vale gorro y me salí". Já com dezessete, dezoito anos vai para a construção aproveitando que "un cuate de la colonia me comenzó a jalar y ahí fue, hacia los detalles en la colonia Doctores". Trabalhou como ajudante na área de alvenaria entre 8, 9 anos. Com uma mulher que era mestre, do mesmo bairro que ele, começa a trabalhar de bombeiro; transitando pelas novas zonas residenciais no momento (El Rosario, Tacubaya, Echegaray). Vai para um projeto de construção de casas onde considera que “ahí me desenvolví bien, bien en la plomería y le agarré el modo y le seguí". Depois do terremoto de 1985, foi trabalhar na remodelação e ampliação do Hospital Siglo XXI, onde permaneceu por três anos, sendo ainda ajudante de bombeiro. No início da década de 1990 é contratado na construção do *Club Deportivo Casa Blanca* em Echegaray, aí foi onde virou oficial.

	Posteriormente saiu para outras cidades do país (Puerto Vallarta, Cancún, Cuernavaca, Acapulco y Villa Hermosa, por exemplo) nas que foi tendo diferentes experiências de trabalho que lhe possibilitaram ser contratado como mestres de bombeiro e como ainda se mantem, mas trabalhando para um empreiteiro em diferentes canteiros de obras na cidade do México.
Cristóbal Mestre de carpinteiro Parque México	Começa a trabalhar ajudando seu pai nas atividades de carpinteira, quando tinha dezesseis anos. Desde o ano 1982 se manteve trabalhando nessa área, fazendo moveis para cozinha e escritório, além de trabalhar na construção civil; onde foi ascendendo na estrutura laboral, até chegar a ser encarregado e, posteriormente, mestre de carpinteiro. Esse trajeto de profissionalização também influenciou para o deslocamento a trabalho em diferentes estados do país, mas só aceitando os empregos que a empresa pagava alimentação e hospedagem. Ele considera que sua especialização, nestes 36 anos de experiência profissional é a remodelação de interiores, sendo empregado de um arquiteto empreiteiro que o leva a diferentes canteiros de obras na Cidade do México. O Cristóbal, por sua vez, tem dois ajudantes contratados que seguem as tarefas que tenha que executar para o arquiteto.
Gerardo Mestre de pedreiro Parque México	Tem 21 anos trabalhando na construção civil, desde 1991. Começou aos quatorze anos, como ajudante de pedreiro na construção de casas em Valle Dorado, Edoméx. Aos dezessete anos é contratado como oficial de pedreiro. Tem trabalhado em distintos lugares da Cidade do México e na sua zona metropolitana, experiência que lhe tem permitido ascender como mestre de pedreiro, além de ser o chefe de seus familiares e se responsabilizar do trabalho da colocação de azulejo e outras atividades de alvenaria para as que o arquiteto-empreiteiro o contrata, transitando, assim, por diferentes zonas da Cidade do México e a zona metropolitana.
Rogelio Colocador de alumínio, armador Chapultepec Uno	"Toda mi vida fui carpintero", iniciou trabalhando na oficina de carpinteira do pai. Em 2010 vai trabalhar numa empresa de carpintaria, na qual aprende a cortar alumínio, o que lhe ajudou para trabalhar na construção civil como armador e colocador de alumínio. Com a atual empresa, contratado no 2016 vira colocador de alumínio tendo trabalhando numa obra em Polanco e depois começa a trabalhar em Chapultepec Uno.
Juan Bombeiro Romero 114	Aos quatorze anos começa a trabalhar com amigos da escola que já trabalhavam de ajudantes na construção civil e que lhe convidam; assim em 1999, ajudava a tirar o entulho de uma escola em construção, lhe pagavam $1300 a quinzena (ele considerou que era pouco dinheiro o que lhe pagavam). Nesse período o pai lhe questiona sobre “sí de verdade quería trabajar en la construcción”, ele ao lhe falar que sim com pouco tempo leva-o a trabalhar no mesmo lugar que ele estava, como ajudante, na Cidade do México “ahí entre en la construcción e empecé a conocer más del trabajo y con um mejor salario, pues de *chalan* es bien duro, hasta te sangra la mano”. Foi trabalhar numa zona residencial ao sul da cidade por cinco anos, depois foi para outra zona trabalhar na construção de departamentos, “ahí comencé a apreden la plomería y me gustó, además es más descansado que la albañilería”. Em 2007 vai para os EUA em companhia de seu tio, quem já tinha experiência de trabalhar lá na construção, fica dois anos, ainda estando indocumentado; nesse período trabalhou por nove meses na construção de casas, especificamente “en la tablaroca, la pasta y la pintura”. Despois é contratado na construção de um armazém na instalação da infraestrutura contra incêndios, “de ahí nos descansaron y me fui un rato para el campo, desyerbando, pero no aguante, son una chingas y pagan más barato”. Ás duas semanas retomou o trabalho na construção “de tablaroquero, sólo que ahí se necesita echarle mucho coco para trabajar...ahí ya me fui de capitan, como tenía un seguro chueco no tuve problema”. Ao ficar desempregado volta para o México, retoma o trabalho na tablaroca, mas não lhe pagavam o salário integral e procura outro emprego, passando a ser “albañil” novamente no ano 2010, mas “como no había mucho trabajo me fui para Atlacomulco ahí fui a trabajar haciendo banquetas, eran uns chingas pero me quede tres años

	allá". Volta para a Cidade do México, pois "un cuate me jala para ir a trabajar en el Autodromo Hermanos Rodriguez". Já em 2015 "vuelvo a trabajar en la plomería, que es lo que a mí me gusta, ya con el Teodulo [o empreitero] soy oficial de plomero".
Geovani Pedreiro, armador Chapultepec Uno	Com quinze anos de idade um amigo lhe convida para trabalhar na construção de um prédio, o dando como resultado "me gustó ganar dinero y dejé de estudiar para dedicarme a trabajar". Depois de três anos como ajudante de pedreiro virou oficial de pedreiro. Nos doze anos que tem de experiência trabalhando na construção civil só passou cinco meses trabalhando em outra cidade, Guadalajara, Jalisco, essa experiência influencia para a sua contratação na obra de Chapultepec Uno, que o contrataram como oficial de armador. Tem quatro anos trabalhando para a mesma empresa.
Everardo Colocador de vidros e alumínio] Chapultepec Uno	Seu primeiro trabalho na área da construção foi ajudante de eletricista numa construção próxima ao Monumento de la Revolución, na qual é empregado por quase dois anos. "Ya cumpliendo la mayoría de edad me metí a esta empresa [Vitrocanceles]" na qual passou de ajudante a meio oficial, além de ter tido estadias de trabalho no estado de Quintana Roo e nas cidades de Guadalajara e Acapulco. A empresa alugava casas, onde só colocava colchões e alguns móveis básicos.
Benito Ajudante de pedreiro Volta para a construção Parque México	Em 2013, com dezesseis anos viajou para trabalhar na Cidade do México com tios que já tinham experiência de trabalhar na construção civil e realizar uma mobilidade circular entre o lugar de origem e a cidade. Ele argumenta que "lo primero fue de chalan, del pueblo te traen para trabajar de chalan". Posteriormente vai trabalhar em uma residência, ao sair de lá volta para a construção civil sendo contratado por um dos tios, que se especializa na área da colocação de azulejos, mas ele ainda é empregado como ajudante.
Ricardo Carpinteiro Chapultepec Uno	Aos 16 anos vai trabalhar na Cidade do México, sendo ajudante de pedreiro na construção de apartamentos, ficando dois meses. O seguinte emprego o tem em Cidade Juárez, sendo ajudante de carpinteiro, mas por não ser maior de idade não consegue se manter empregado e volta par o lugar de origem. Ao cumprir os dezoito anos e obter sua identificação, retorna à Cidade do México e começa a trabalhar em Chapultepec Uno. Favorecido pelos contatos do irmão que também trabalha no mesmo canteiro de obras e a experiência que tinha, consegue em menos de três meses ser contratado como oficial de carpinteiro.

No México as trajetórias dos entrevistados são mais variadas devido ao tipo de mobilidade laboral e espacial que têm efetuado, às formas de contratação e ao tempo de estadia em cada posto de trabalho e em cada empresa, também diversificadas pela idade de cada trabalhador. Ainda assim, existem alguns casos nos quais há certas semelhanças que podem se agrupar; por exemplo, Chuy e Cristóbal, ambos da Cidade do México e da mesma faixa etária, começaram a trabalhar no início da década de 1980 e eram empregados em construções próprias da expansão urbana e residencial que se gerou no primeiro quadrante norte da zona metropolitana, além de terem trabalhado em outras cidades do país, as quais se destacam por serem destinos turísticos. Ambos passaram por diferentes formas de contratação, mas, predominando a relação laboral com empreiteiros, tal como estavam no momento da entrevista. A diferença entre eles é que Chuy incursionou em distintas áreas da construção, sendo

ajudante de pintor, pedreiro e bombeiro, se especializando neste último oficio até ser mestre; enquanto Cristóbal se manteve na área da carpintaria, começando como ajudante até virar mestre e subcontratar um oficial e um ajudante.

Rogelio tem uma trajetória um tanto parecida com a de Cristóbal, pois também começou a trabalhar como ajudante do pai na carpintaria, mas por ter procurado seu próprio emprego teve que mudar o material com qual trabalha, sendo esse conhecimento o que lhe permitiu ser contratado pela última empresa na qual está empregado. Ele considera que a carpintaria é o seu ofício e que esta é a base da atividade que realiza na atualidade e o que influencia para continuar nessa empresa. Rogelio não tem experiência de ter trabalhado em outros estados, nem tem desejo de fazê-lo.

Gerardo se particulariza dos demais por manter ao longo da sua carreia laboral a mobilidade circular, ao voltar a cada fim de semana ao lugar de origem (mudando essa dinâmica quando lhe solicitam a conclusão de um trabalho de forma urgente) o que tem influenciado para que se mantenha trabalhando só na Cidade do México e na zona metropolitana da mesma. Ele sempre se manteve na área da alvenaria, começando muito novo e tendo aos dezessete anos o reconhecimento de oficial de pedreiro – situação esta que evidencia as informalidades nas quais foi contratado, mas que lhe beneficiaram em sua trajetória laboral. Há alguns anos é mestre de pedreiro, especializado na colocação de azulejos, atividade para o qual foi contratado pelo arquiteto-empreiteiro com quem trabalhava há dois anos, além dele mesmo subcontratar seus familiares como empregados, como é o caso de Benito. Este último trabalhador fez uma pausa na sua trajetória na construção, indo trabalhar em uma mansão, mas, por não ser o que ele esperava, nem ter os benefícios econômicos que tinha trabalhando na área da alvenaria, volta a se empregar com o tio, Gerardo, reproduzindo a mesma mobilidade espacial que ele e adquirindo aprendizagem na colocação de azulejos; espera deixar para trás sua fase de ajudante, mas, dependerá das ofertas de emprego que o tio tinha e das oportunidades que lhe dê.

Juan é um trabalhador que com seus 33 anos já experimentou uma intensa mobilidade laboral e espacial. Começou como ajudante de pedreiro. Nos Estado Unidos da América, se especializou no trabalho com placa de gesso e ao voltar ao México transita por distintos lugares, até passar três anos na pequena cidade da mãe na qual trabalhou na construção de estradas. Volta à Cidade do México em procura

de uma estabilidade laboral em melhores condições, o que consegue quando começa a trabalhar na área de bombeiro e, especialmente, com o empreiteiro com quem está empregado.

Geovani e Everardo, da mesma idade, conseguiram se estabelecer na empresa na qual estavam contratados no momento da entrevista, aceitando ter estadias de trabalho em outras cidades do país, meio que lhes garante se manterem empregados. Cada um na sua diferente experiência tem conseguido superar a etapa de ajudantes, porém, o primeiro trabalhador alcançou o posto de oficial, enquanto o segundo se mantém como meio oficial, além de estarem empregados em áreas diferentes da construção. Já Ricardo, com dezoito anos de idade, está contratado como oficial de carpinteiro, deixando para trás sua etapa de ajudante de pedreiro e de carpinteiro. Em um período curto tem experimentado tanto a mobilidade laboral quanto espacial, saindo do lugar de origem pelos períodos que é contratado para trabalhar em outras cidades e voltando ao concluir cada obra.

3.2.3. Trajetórias de recém ingresso

As mulheres, com exceção de Luz, são as que pela primeira vez ingressaram no trabalho da construção civil, tanto em Belo Horizonte quanto na Cidade do México. Só no caso da Julia não foi propriamente uma escolha dela. Embora ela considere que está sendo uma boa experiência, gostaria de, ao sair da cadeia, trabalhar na área da limpeza em escritórios ou hospitais, descartando a construção civil – cabe indicar que esta foi a opção que lhe deram para se inserir no mundo laboral. Como a Julia, outras três mulheres cumprindo o final de sua sentença, trabalhavam no Fórum até pouco antes dela chegar, sendo que, nesse momento, ela era a única mulher no canteiro de obras, tendo ingressado em uma etapa no qual as atividades e a quantidade de empregados tinham diminuído significativamente, comparando com as visitas anteriores nessa construção. Este programa – de encaminhamento do presidiário/a ao mundo do trabalho para posteriormente ter maior opção para se inserir no mercado de trabalho – está se apresentando com muito êxito “pela nobreza de seu caráter/estratégia” em Belo Horizonte, ao menos para o caso dos presos em regime

semiaberto que são empregados nas atividades de reabilitação da Praça da Liberdade[44].

Na Cidade do México, o grupo de mulheres entrevistadas, iniciaram a pouco tempo o trabalho na construção civil. Maribel e Pelirroja estavam a quatro meses e Sara a dois meses trabalhando em Chapultepec Uno como ajudantes gerais, as três ingressaram na mesma empresa. Nesse tempo, Peliroja saiu dessa empresa para entrar em outra no mesmo canteiro de obras, na qual as mulheres se dedicavam apenas às atividades de limpeza – já que na primeira também realizavam tarefas de acabamentos, além de carregar alguns materiais quando a empresa era abastecida. No mês do março, Maribel foi transferida para outro canteiro de obra na mesma zona, mas ao ficar sem a companhia de suas amigas e sendo a única mulher no novo canteiro de obras se desmotivou para continuar trabalhando nessa empresa e nos dias seguintes já falava de outras opções de trabalho que estava começando a considerar; entre elas se empregar como vigilante, opção que era favorável por estar perto da sua casa, por ter auxilio alimentação e quase o mesmo salário que tinha na construção civil, mas, falava da parte negativa que era ter que trabalhar nos fins de semana. Além disso, argumentava que só continuaria no novo canteiro de obras se ascendesse à encarregada de almoxarife. Sara, por sua vez, começou a se dedicar às atividades de polimento, usando uma máquina própria para esse acabamento; ela falava que estava gostando de aprender novas coisas e que queria continuar trabalhando para saber fazer mais atividades próprias da construção e também estava disposta a ir a trabalhar em outros lugares do país, considerando que conseguia negociar essa mudança com o atual companheiro que tinha e por ter seus filhos adultos – caso que não era opção para Maribel por ter filhos menores de idade.

Pati tem um pouco mais de experiência na construção civil e em áreas que implicam menos esforço físico. No ano 2017 é empregada como assistente, ajudando na documentação da empresa de pequeno porte do seu pai, que é empreiteiro. Depois de seis meses, ao ser convidada por um amigo, decide ir a trabalhar no interior do canteiro de obras, sendo ajudante na instalação de condutos de segurança contra incêndios em um hospital de 4 andares na avenida Mariano Escobedo; obra que era

[44] JORNAL HOJE EM DIA. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/horizontes/presos-em-regime-semiaberto-participam-da-revitaliza%C3%A7%C3%A3o-da-pra%C3%A7a-da-liberdade-1.658326> Acesso em: 24 sep. 2018.

mais simples e que tinha menos exigências para trabalhar do que a de Chapultepec Uno, na qual está trabalhando como ajudante da instalação da rede hidráulica.

Já o caso de Robert, implica um processo de migração interacional e uma experiência prévia em outras áreas de trabalho. Em 2017 começa a trabalhar na construção civil no centro da Cidade do México como ajudante de pedreiro. No final do ano é contratado como ajudante de instalação de estrutura hidráulica por uma empresa subcontratada para realizar essa tarefa na construção de Chapultepec Uno.

3.2.4. Trajetórias de reinserção

Entre a população entrevistada estão os casos daqueles que na adolescência e na juventude trabalharam na construção, seja como ajudantes dos próprios pais ou de outros empreiteiros, e, conforme avançou sua vida, decidem procurar emprego em outros setores, mas, ao enfrentar o desemprego ou procurar a possibilidade de se aposentar, voltam para a construção civil.

Tabela 10. Casos de trajetórias de reinserção em Belo Horizonte

Raimundo *Servente* de pedreiro EPOMG	Na adolescia ajudava seu pai no trabalho da construção ao chegar em BH. No ano de 1985, despois de ficar desempregado do escritório onde trabalhava em São Paulo volta para BH e começa a trabalhar de *servente* de pedreiro, ficando desempregado após um ano e meio. Voltou a trabalhar em um escritório por vinte anos, depois ficou desempregado novamente. De 2013 a 2016 trabalhou na área de saneamento, em Contagem passando por duas empresas, sendo empregado como ajudante e ajudante de almoxarife, respectivamente. No mesmo ano de 2016 ingressou na construção civil sendo contratado como *servente,* até o dia da entrevista.
Otávio Pintor autônomo CEFET	Ainda adolescente ajudava o pai fazendo tarefas de alvenaria, especialmente na casa familiar, para construir o espaço propicio para que a mãe realizasse seu trabalho. Em 1993 trabalha para uma empresa de gelo. Em 2013 faz trabalho de escritório em distintas empresas, sendo uma delas uma construtora onde realizava tarefas de administração de obra, tipo levar pagamento, "você faz a parte burocrática, não põe a mão na massa, mas você tem que estar olhando o que o cara está fazendo, o que o servente está fazendo, o que o pedreiro está fazendo, enfim". "Não estava dando, né, aí foi que comecei a trabalhar por conta própria, pintura, reforma" no ano 2015.

Tabela 11. Casos de trajetórias de reinserção na Cidade do México

Gabriel Oficial de pedreiro/ Armador	Em diferentes etapas de sua vida ele tem trabalhado no setor da construção; quando jovem trabalhou na construção de barragens no interior do país. Teve uma estadia na Cidade do México, onde era ajudante de um senhor que vendia material de bombeiro e também faziam trabalhos relacionados em zonas residenciais e consultórios. Começa a trabalhar na

Chapultepec Uno	montagem de estrutura. Volta a trabalhar na indústria pesada, nos campos geotérmicos e hidroelétricas da Comisión FRogelio al de Electricidad (CFE). Emigra para os EU, onde passou trinta anos e realizou diferentes atividades, entre elas ser bombeiro nos EU. Ao ser expulso desses país volta para o México onde trabalha por sua conta de bombeiro. Volta para o lugar de origem e vira assistente de escritório de um grego na zona do porto do estado de Michoacán, trabalho que obteve por ter conhecimentos de inglês. É no 2018 que se emprega de forma temporária em uma construtora e ajudado pelo seu sobrinho para trabalhar na Cidade do México. “Es la primera vez que estoy trabajando en la construcción civil, porque solo había trabajado en la obra pesada y de autónomo. Ahora soy oficial de fierrero pero mi especialidad, mi especialidad es ser plomero".
Luz Ajudante Chapultepec Uno	“Hace muchos años que trabaje en la obra, cuando era joven y ahora de vieja tuve que regresar”. Depois de se casar deixa de trabalhar na construção civil e é até o ano 2018 que volta a trabalhar de ajudante geral, sendo contratada na área de acabados.

Esses quatro casos dão a impressão de serem muito diversos entre si – especialmente pela trajetória que cada um teve entre ter trabalhado pela primeira vez na construção civil até sua reincorporação no setor –, mas, têm em comum que enfrentaram a rupturas na sua anterior carreira laboral, embora cada um tenha sua particularidade. Estes quatro casos de reinserção na construção civil são interessantes porque mostram as diferentes formas de voltar a um campo de trabalho que antigamente tinham deixado como uma nova opção de emprego para o longo de sua vida. Um dado interessante é que para os mais velhos seu retorno na construção civil foi motivado pelo salário e pela segurança (no sentido dos direitos laborais) que vêm no setor, aceitando começar como ajudantes, realizar tarefas não especializadas e trabalho pesado. Apenas Otávio que opta pelo caminho de ser trabalhador autônomo, igual ao seu pai, tentando se especializar com curso e ferramentas para ser competente neste mercado de trabalho.

Raimundo se dedicou principalmente às atividades de escritório; reingressar à construção civil foi a opção que se apresentou para sair da situação de desemprego; trabalhar na área de saneamento foi a primeira opção de contratação que encontrou. Nesse trabalho tinha a expectativa de ascender a almoxarife, motivado por isso realizou um curso técnico, mas, fica desempregado novamente e por meio de uma recomendação de um conhecido dele é que consegue ser contratado na empresa construtora na qual estava trabalhando no momento da entrevista, sendo empregado como ajudante de alvenaria. Ele, por considerar que não terá outra opção de emprego fora da construção civil, devido a sua idade, gostaria de ascender na estrutura laboral,

faz cursos na área, embora reconheça que necessita de uma recomendação para consegui-lo.

Otávio, depois de ser ajudante do pai, não volta a ter contato com as atividades da construção. Sua reinserção começa “sem meter a mão na massa”, realizando atividades de escritório, e, quando retoma o trabalho na construção, o faz como autônomo, na área de pintura, além de começar a expandir seus trabalhos para as questões elétricas, fazendo um curso técnico – investimento que completa ao ir adquirindo mais ferramentas e equipe de segurança para expandir sua oferta laboral e se manter no mercado de trabalho de forma competente. Sendo autônomo, continua fazendo suas contribuições previdenciárias para, no futuro, poder se aposentar.

Os casos mexicanos apresentam mais diferenças tanto com os casos brasileiros quanto entre si, que também estão influenciadas pela questão de gênero e pela imigração internacional. Gabriel, tal como seu pai, começou trabalhando na construção de barragens e, posteriormente, em diferentes momentos da sua vida, trabalhou em distintos subsetores da construção passando por variadas formas de empregabilidade; mas, considera ter mais apropriação do ofício de bombeiro (que é complementado pelo conhecimento adquirido como jardineiro nos Estados Unidos de América), atividade que retoma por pouco tempo ao ser expulso desse país, pois logo é empregado em atividades de escritório. Posteriormente, consegue ser contratado por uma empresa construtora com a finalidade de obter o tempo necessário para poder se aposentar.

Luz, quando jovem, teve uma experiência mínima trabalhando na construção civil como ajudante, mas quando se casou deixou essa atividade e dedicou-se a trabalhar no setor de serviços, especialmente na área alimentação. Passou a maior parte de tempo trabalhando em *tortillerías*, até ter sua própria loja, mas, não conseguiu manter esse negócio e teve que fechar. Também vendia produtos por catálogo, mas, a renda não era suficiente para a manutenção própria, de seu esposo e de seus dois netos e, sabendo que dentre as possibilidades de emprego que teria só poderia ter um salário mínimo e com o risco de não contar com a forma de contratação formal que lhe beneficiara para cumprir os requisitos necessários para se aposentar; voltou à construção civil (apesar de suas filhas não terem concordado) pois esta lhe daria uma remuneração que lhe ajudaria a pagar suas dívidas e se manter empregada e poderia obter o tempo mínimo para poder se aposentar.

Nos casos de Gabriel e Luz há o mesmo propósito, o de poder se aposentar, que é uma das preocupações para a população trabalhadora, pois, ao longo de sua vida laboral careceu de contratação legal e de diretos trabalhistas – preocupação que é acentuada à medida que envelhecem. No entanto, terem procurado essa possibilidade na construção civil é surpreendente, particularmente no México, por ser um setor caracterizado por sua ausência de contrato formal e de cumprimento de direitos laborais, sendo a aposentadoria o direito que menos se consegue trabalhando no setor. Embora na atualidade exista essa possibilidade, dependendo se contaram com contrato e inscrição no sistema de seguridade social, esta pode ser manipulada e afetar o futuro da aposentadoria; por exemplo, empresas e empreiteiros registram os trabalhadores como ajudantes gerais que obtêm um salário mínimo, quando na realidade não seja assim, o que irá impactar no valor dos rendimentos quando se aposentarem – situação exposta por Chuy e pelos colegas de Emilio, que além disso indicaram:

> Las empresas no registran a uno en el seguro con lo que verdaderamente ganamos y cuando tienes un accidente o te despiden no te dan lo justo a lo que realmente ganamos (colega mais jóvem) [...] Nuestro problema es que no siempre podemos cotizar para jubilarnos, además no te dan utilidades, ni aguinaldo, no te pagan los días festivos, es como cualquier día normal. Y cuando te vas haciendo viejo te van haciendo a un lado (colega mais velho, 15/03/2018).

Como já se tem falado, as condições sociais desses grupos, o contexto macrossocial e a capacidade de empregabilidade da construção civil influenciaram para que as pessoas entrevistadas sejam parte da mão de obra deste setor, embora existe outro fator que influencia nessa dinâmica, que é a forma de entrada. Chegar nos canteiros de obra pedindo emprego é uma das formas menos comuns de contratação, enquanto o uso do curriculum é uma via que algumas empresas construtoras estão começando a utilizar, especialmente as maiores e nas quais se implementam as novas formas de produção associadas às normas ISO – embora a intermediação laboral continue sendo a forma mais conhecida, estratégica e garantida de obter emprego na construção civil.

Esse setor, tal como a agroindústria, tradicionalmente garante sua mão de obra via intermediários laborais, ofertando diferentes formas de ingresso e contratação aos novos trabalhadores, chegando a se beneficiar das práticas de ilegalidade e informalidades que se geram e distinguem à construção civil, influindo para que se

ofereça contrato formal ou não, com o qual podem ter a ausência de direitos trabalhistas. O intermediário laboral mais comum é o mestre de obras, que procura no seu lugar de origem, especialmente se é de origem rural, ou entre seus conhecidos trabalhadores necessários para a demanda de mão de obra do momento. Exemplo anterior o caso do senhor Cosme, ele expôs a chegada de agentes externos do estado do Maranhão para recrutar pessoas para trabalharem na cidade de Brasília, que se deslocam em ônibus de turismo. Ou, mais atualmente, Zirión (2013) fala de homens que esperam nas saídas das rodoviárias da Cidade do México, onde recrutam os recém-chegados que procuram um trabalho na cidade.

Também se reconhece a existência de empreiteiros que não necessariamente formam parte do contingente de trabalhadores ou, caso contrário, fazem algum tipo de atividade relacionada à supervisão. No caso dos trabalhadores autônomos, há quem subcontrata sua própria mão de obra para realizar os trabalhos encomendados. No Brasil, Costa L (2013) tem identificado melhor este processo, identificando a presença dos *gatos*. Entre os trabalhadores entrevistados que tiveram esta relação de empregabilidade estão: Manoel, que foi subcontratado por um pedreiro independente no começo de sua carreira; o Baiano, que trabalha com Fernando e Roni quando estes precisam concluir um trabalho com mais rapidez. Na Cidade do México, o grupo de bombeiros do canteiro Romero 114, identificavam seu empreiteiro como “el patrón” – sendo ele quem os contratava, lhes pagava, lhes indicava os canteiros nos quais deveriam se apresentar ou os “descansava”, além de se responsabilizar diante do arquiteto da obra pelos avanços e pela qualidade dos trabalhos que realizavam os bombeiros –; caso similar acontecia com os carpinteiros e pedreiros de Parque México, ao ser o mestre o contratado pelo arquiteto e ele, por sua vez, que sub empregava a outros trabalhadores.

Nessas dinâmicas de subcontratação as relações familiares, de amizades e de vizinhança também influem para conseguir emprego ou para ter uma recomendação que permita a possibilidade se ser contratado por um empreiteiro ou empresa. Pois, buscar trabalho por conta própria é a estratégia menos comum a se utilizar; quem procura diretamente nos canteiros de obras, geralmente, é porque não tem um conhecido que lhe recomende para que possa ser contratado; embora há quem faça desse jeito – o que é evidenciado quando existem placas nas portarias dos canteiros de obras anunciando que não há vagas, como foi observado na construção de um

centro comercial no bairro Jaraguá, Belo Horizonte. Os mesmos entrevistados constataram que a indicação de um conhecido é a estratégia mais utilizada para se inserir na construção civil e que quase ninguém vai diretamente a um canteiro de obras para buscar emprego por conta própria.

Atualmente, se apresenta outra forma de inserção na construção civil, que é via curriculum. Algumas empresas construtoras estão quebrando os parâmetros tradicionais para contar com a mão de obra que se precisa em cada construção com a demanda de curriculum; medida que está associada à modernização pela qual está passando o setor. Sendo essa a forma como Bruni, Sara e Luz foram contratadas, demorando, estas últimas, dois dias nesse processo.

3.2.5. Trajetórias temporárias como estratégia ao desemprego

Estas trajetórias referem às pessoas que em distintos momentos de sua vida têm procurado na construção civil uma opção de trabalho, especificamente quando enfrentam o desemprego e pensam sua passagem por esse setor como temporal, mantendo a expectativa de ter uma melhor opção laboral.

Tabela 12. Casos de trajetórias temporárias em Belo Horizonte

Bruno Porteiro Fórum	Trabalhar na construção civil tem sido uma das atividades que realizou de adolescente e de jovem como alternativa nas fases que ficou desempregado. Ele argumenta “comecei na obra agora, mas já tive experiência na área, esta é a quarta vez”. Desde o ano 2014 que trabalha regularmente na construção civil. "Aí eu comecei em Carite, tinha uma obra, comecei lá, a primeira ficha minha foi de servente (2014, fichado por um ano nove meses). Aí depois foi para Marco, sei lá, só que era de estrutura de ferro, ai trabalhei com eles lá, entrei como servente e sai como operador de máquina. Aí depois acabou a licitação da empresa, né, acabou emprego, aí depois eu fiquei uns quatro meses desempregado, aí comecei vender sanduiche na rua, em um carrinho de cachorro quente foi vender, aí nesse intervalo eu ia entregando curriculum, aí foi que eu entregue curriculum aqui na CONATA e eles me chamaram, e como tinha vaga de atendente eu fichei de atendente, aí eu fique dois meses e meio, mais ou menos, trabalhando de servente, e como tinha formação de porteiro (porque tinha trabalhado em eventos, festas, ficando na portaria, de vigilante) e pegando bico de segurança em salão aí eles me colocaram de porteiro...tem 8 meses que trabalho aqui".

Bruno, depois de exercer diferentes empregos e de ter trabalhado em diversas ocasiões na construção civil, a partir do 2014 teve uma experiência mais formal neste setor, tendo carteira assinada e sendo contratado por quase dois anos como ajudante

de alvenaria. Ao mudar de empresa, também muda de área e consegue ser operário de máquina; porém, logo fica desempregado e continua procurando trabalho na construção civil, entregando curriculum em distintas empresas construtoras. Já trabalhando na reforma do Fórum, ainda não tinha definido se se mantinha nesta área a longo prazo, pois, nesse momento achava conveniente o fato de ter passado das atividades da alvenaria para ser porteiro no edifício usado como escritório por parte da construtora. No entanto, considerava também procurar emprego novamente na área de preparação de alimentos por ser uma atividade que gosta de realizar.

Tabela 13. Casos de trajetórias temporárias na Cidade do México

Emilio Ajudante geral	No longo de sua vida teve experiências previas trabalhando como ajudante de pedreiro, tanto em construtora, quanto com pedreiros autónomos. Em 2017 ingressa novamente à construção civil, sendo contratado como ajudante geral na empresa encarregada da colocação de vidros e alumínio em Chapultepec Uno.
Julio Ajudante de carpinteiro	Em 2015 entra na construção civil, tendo trinta anos de idade, foi único lugar onde encontrou uma vaga de emprego. Primeiro é contratado como ajudante de bombeiro, depois passa para o subsetor da construção pesada, sendo ajudante de pedreiro na construção de uma ampliação da avenida Periférico Sul. Volta ao subsetor de edificações trabalhando uns meses e sai depois de dois meses. Por não ter encontrado um emprego relacionado com sua área de estudo (filosofia), pede emprego para seu tio (Cristóbal) e trabalha sete meses de ajudante de carpinteiro.

Julio, por ter trabalhado por curtas temporadas na construção civil, continua sendo empregado como ajudante, porém, mais do que se interessar por consolidar uma trajetória laboral no setor, a expectativa dele é procurar uma vaga como operador de máquina de transporte em uma cadeia de centros comerciais estrangeira, na qual tinha trabalhado anteriormente. Para ele, a causa de não ter estabilidade laboral é por ter passado temporadas nas quais o consumo de bebidas alcoólicas foi excessivo – o que lhe afetou para ter trabalhos estáveis – e, para não ficar por longos períodos desempregado, recorre ao setor da construção. Já para Julio, ter vivenciado o que ele chama de *desastre* e considerar que as ciências sociais não têm valor nessa sociedade, foram os fatores que contribuíram para não conseguir um emprego na sua área de formação, que está por concluir. Mas, ainda que ele vá acumulando conhecimento de diferentes atividades no setor da construção, tem a expectativa de mudar de emprego.

As diferentes trajetórias apresentadas se compõem de diversas estadias de trabalho em diferentes canteiros de obra, as quais se fazem mais complexas dependo

do tempo que o trabalhador/a leve trabalhando no setor da construção. A idade, os motivos e projeções de sua inserção nesse âmbito laboral, assim como o aprendizado e a preferência por um oficio especifico, a possibilidade de se manter trabalhando nele e de ascender na estrutura laboral são aspectos importantes que dão conta do caminho de cada trajetória; aspectos estes que se relacionam com dinâmicas laborais que distinguem a construção civil, como a intermediação de agentes laborais para a inserção de trabalhadores no mercado de trabalho. Também as recomendações são funcionais para ingressar e se manter no mercado de trabalho, para ascender na estrutura laboral e para evitar ou sair dos períodos de desemprego.

3.2.6. O canteiro de obras mais importante

Nas diferentes trajetórias antes expostas se aprecia aspectos sobre o desenvolvimento das atividades que a população entrevistada tem realizado durante suas diferentes estadias de trabalho, sendo cada uma destas um evento particular que se relaciona com um canteiro de obras especifico, com as particularidades da contratação e com as dinâmicas de trabalho que aí se geram. Portanto, é relevante destacar qual foi o canteiro de obras mais importante para os entrevistados – sendo uma pergunta que só foi feita para os trabalhadores com trajetórias contínuas pela sua experiência laboral. Mas, para isso, primeiramente se destaca alguns aportes bibliográficos sobre este lugar.

O canteiro de obras, embora seja o lugar de trabalho, foi um elemento escassamente abordado na bibliografia revisada, se limitando em evidenciar as relações hierarquizadas da estrutura laboral e as práticas de trabalho que aí existem. Temos que os canteiros de obra são parte de um mercado, de um modo de vida e das formas que o Estado se faz presente – ou ausente –, além de ser onde as relações se articulam de forma horizontal e vertical, segundo a pesquisa de Bueno (1994) ou ausente. Também, é importante reconhecer que, pelo processo de produção na construção civil e pelas características do produto final, há uma dinâmica contrária ao que acontece em outras indústrias, pois, neste caso, trabalhadores são os que se deslocam, assim como os processos de produção, enquanto o produto, a obra, fica fixa onde se realizou. Considerando como o processo de construçao influi nas práticas de trabalho, tem-se que o cotidiano de um canteiro de obras está marcado pela diversidade, pela especificidade e pelo conjunto, já que a maioria das tarefas são

realizadas por um grupo de pessoas que efetuam, ao mesmo tempo, tarefas diferentes; pois uma tarefa depende da realização de outras, sendo um *continuum* de ações (Ibid., p. 183).

Ante essas características e a outras dinâmicas, o canteiro de obras tem fortes implicações na vida de um trabalhador. Por exemplo, em um relato um trabalhador destacou que em cada construção ele deixava uma parte de si mesmo, uma parte que perde, especificando que *"cada obra era como uma hija, la ves nacer, crecer, desarrollarse y cuando llega la madurez se va para pertenecerle a outro"* (BUENO; 1994, p. 62). Além disso, o canteiro de obra, quando serve de espaço de alojamento para alguns trabalhadores, especialmente imigrantes, vira um lugar onde "criam-se extensões entre o trabalho e a vida privada" (BORGES e MARTINS; 2004, p. 319). Portanto, se pode apreciar que este lugar impacta em diferentes dimensões na vida dos trabalhadores.

O canteiro como lugar de trabalho é onde o trabalhador fica em risco pela atividade que desenvolve, além de ter que inovar as estratégias para afrontar os imprevistos. Por este motivo é que se valoriza a criatividade que os trabalhadores desenvolvem no interior do lugar de trabalho (Ibid.). A habilidade de criar e inovar, por parte do trabalhador, também vai ser destacada por Bueno (1994), Glavam (2003) e Costa L (2013). É aí que a criatividade do funcionário é indispensável, assim como a autonomia de criação do mesmo, especificamente quando não há rotinas de trabalho bem estabelecidas (COSTA L, 2013). Ainda,

> No canteiro, a força de trabalho não só produz, mas também se reproduz. O espaço é construído e reconstruído a partir das necessidades da produção. O espaço exprime um movimento cuja relação com as tarefas é tão estreita que só por observar sua dinâmica podemos 'adivinhar' as atividades que aí se desenrolam [...] a distribuição das atividades e indivíduos no espaço produtivo não segue os modelos rígidos e fixos que regem a divisão e a distribuição espacial dos operários em uma fábrica [...] a distribuição espacial das atividades e dos operários de construção, no espaço do canteiro, é submetida a múltiplas modificações em suas etapas [...] No canteiro de obras, o próprio espaço produtivo é ele mesmo um espaço em permanente processo de produção, sujeito a sucessivas modificações", o canteiro é produzido pelo próprio operário que aí trabalha, nele imbricando-se estreitamente espaço vital, processo de produção e produto final ou mercadoria (um bem imóvel) [...]A Construção Civil tem como traço fundamental a mudança permanente de seu espaço produtivo, ou seja, o seu espaço produtivo é basicamente dinâmico e mutável. O canteiro tem, assim, naquilo que virá a ser o seu produto final, a sua mercadoria (ou prédio), o próprio espaço de sua produção. Embora essa mercadoria –a habitação- circule dentro do mercado capitalista através de seus circuitos de financiamento, compra, venda, revenda etc., sua

> marca é constituir-se de uma 'imobilidade espacial', enquanto o processo de produção deste mesmo espaço é basicamente dinâmico (VALADARES; 1982*, apund* COSTA L, 2013; p. p.35).

Portanto, "o canteiro de obras é uma instalação provisória destinada a acolher um processo de trabalho de natureza igualmente provisória e assim a vida do trabalhador da Construção se constrói com base nessa relação com o provisório" (VIDAL; 1984, *apud* COSTA L; 2013, p. 39). Assim, olhar para o canteiro de obras permite entender mais os processos produtivos da indústria da construção e suas dinâmicas que, como mostra Costa (2013), são difíceis de regular e de incorporar à racionalização produtiva, que tenta padronizar os processos. Por outro lado, também permite dar conta do papel que o trabalhador tem, sendo um importante protagonista no levantamento da construção, pois seu papel criativo e de improvisação beneficiam o processo produtivo.

Outrossim, ao refletir sobre o cotidiano do trabalhador no canteiro, além das dinâmicas laborais, também existem práticas de sociabilidade, que contêm uma série de relações e interações sociais. Elas podem estar permeadas por questões identitárias, que estão imersas nas relações de trabalho. Por exemplo, no texto de Vargas (2005) se expõem as formas de interagir e desenvolver o trabalho entre bolivianos, paraguaios e argentinos nos canteiros de obra na Argentina. Nestes lugares não só se faz uso da força de trabalho, como também se reproduz a vida cotidiana dos trabalhadores, que está carregada pela questão identitária, étnica e nacional. Tais situações têm diferentes conotações quando os trabalhadores, além de trabalhar, também se alojam no espaço de trabalho.

Quando a vida do trabalhador transita no mesmo espaço onde se labora, suas relações e sua cotidianidade chegam a ser mais complexas – caso similar acontece para os que moram nos acampamentos destinados para os trabalhadores, em grandes obras de infraestrutura e urbanização. Ribeiro (1992, 2008) aborda as dinâmicas de vida e trabalho em dois acampamentos no Brasil, interessando-se em expor como se dão as relações de trabalho e as interações sociais entre os trabalhadores. Evidencia que essas relações estão permeadas pela questão da nacionalidade (1992) ou por ter que se manter no mercado de trabalho, procurando

demonstrar como as questões identitárias permeavam as relações de trabalho e a experiência de estar em Brasília (2008).

A construção de Brasília é uns dos processos que as pesquisas de Sousa (1983), Reis (2008) e Ribeiro (2008) se referem, observando a situação de trabalho e a vida nos acampamentos. No caso de Sousa (1983), também se evidencia um momento político de desenvolvimento e progresso do Brasil, com a construção dessa cidade, onde se conciliavam o lugar de trabalho e de moradia. Nessa extensão da vida laboral e da vida cotidiana para os trabalhadores, pelas condições de moradia, alimentação, rotina e acidentes no trabalho e relações entre os trabalhadores “cinco anos de trabalho viraram cinquenta anos” (Reis, 2008, p. 56) – ao contrário do que expressava o famoso jargão “cinquenta anos em cinco”, que marcou o referido período. Ainda nesse período de construção os trabalhadores experimentaram uma alta rotatividade do trabalho, gerada como estratégia das empreiteiras para não gerarem vínculos com os trabalhadores. Isso porque as empresas só possibilitavam que os trabalhadores ficassem por um ano na moradia, depois desse período podiam ser recontratados, mas, sem garantias de ter os mesmos direitos e estando em risco de não se manterem no mesmo posto de trabalho, além de passarem de mestres a serventes, por exemplo (Ibid., p. 65)

Frente às situações expostas é importante reconhecer que o canteiro de obras tem muito mais implicações na vida dos trabalhadores, que vão além da atividade laboral. O canteiro de obras tem uma dimensão socioespacial, ao qual nós podemos aproximar desde o conceito de lugar, por estar associado ao local e a uma escala tanto geográfica como social. Na abordagem dos *espaços de vida* o lugar é considerado o espaço onde os grupos sociais realizam suas práticas cotidianas, estabelecem suas relações e interações sociais, alude a um tipo de populaço que nele se encontra e são polos para detectar sua espacialidade; motivo pelo qual o lugar também é uma construção social: tem singularidade, dá identidade a quem nele está (NOGUE, s /d, p. 173 *apund* GARCÍA, 2013).

A correlação dos distintos enfoques de lugar particularizados no canteiro de obras, e deste como lugar de trabalho, são expostos quando os entrevistados falaram de uma experiência específica da sua vida laboral, seja ela o canteiro de obras que lhes pareceu o mais significativo no seu itinerário no setor da construção civil. Em suas falas pode se apreciar a importância e a continuidade do aprendizado na prática, tanto

para aprender um oficio, usar novos materiais e técnicas de construção quanto para as sociabilidades que ali se geram – que, em conjunto, influem para melhorar a condição laboral. Argumentos expressados nas tabelas quatorze e quinze.

Tabela 14. Canteiro de obras mais importante para os trabalhadores de Belo Horizonte

Trabalhador	Canteiro mais importante	Motivo
Senhor Cosme	Canteiro de obras em BH	"O que mais mudou minha vida foi, justamente, foi a última, com o que eu conheci o sindicato, aqui eu conheci meus direitos. Fiz boas amizades e com amizade você entende mais".
Joaquim	Construção de um prédio luxuoso em Nova Lima	“Passei sete anos em uma empresa que construiu um prédio com luxo demais, usando ouro maciço e sendo um apartamento por andar”.
Jorge	Trabalhar num prédio no que se construíram 23 condomínios em BH	"Foi muito cansativo, mas deu para aprender muito de obra, de projeto, eu aprendi muito...a gente aprende a se virar, a resolver, um engenheiro não pode fazer tudo. Aí aprendi a fazer obra grande. Você sente falta... ah...de estar marcando, de estar conferindo, de estar ali em cima da pessoa, de estar no movimento da, da gente, de não, aqui este não está legal, este aqui tem que melhorar, este não está bom, está certo, está errado, você sente falta dessas coisas".
Anastácio	Construção da Linha Verde, em BH	“Foi uma grande construção de viadutos, foi uma experiência que peguei na época, por ter sido uma obra pesada de grande porte e grande quantidade de gente também, muita gente. Um tem saudades do tipo da obra, das pessoas, da vida, tem um porquê. Na época eu estava começando aqui na escola, comecei a estudar aqui, estava estudando aqui. Foi nessa obra onde começou a fazer trabalho voluntário no Sindicato Marreta, ainda existindo o sindicato de construção pesada”.
Tito	Construção de uma escola em BH	“Ali foi onde ganhei o título de oficial de pedreiro”.
Roni	Edificação de uma casa em São Geraldo, BH.	“A casa que estamos fazendo com meu pai é a mais importante para mim. Pegamos o prédio sem nada e vamos construindo tudo. Além de ser para uma pessoa conhecida de seu bairro”.

Tabela 15. Canteiro de obras mais importante para os trabalhadores da Cidade do México

Trabalhador	Canteiro mais importante	Motivo
Chuy	Centro Médico, CDMX	“Ahí fue donde yo aprendí más, porque fue una obra grande y también tenía nuevos modelos de construcción que surgen después

		del terremoto de 1985, además se comienza a usar más más tecnología... Construcción grande es mejor para aprender, ahí aprendes de todo, hasta a ver la mafia que es la construcción. Pero también es donde hay más accidentes y muertes".
Sergio	Torre Mayor, CDMX	"Fue la primera obra grande en la que trabajé y cuando salí por primera de Puebla y vine a trabajar a la Ciudad de México".
Emilio	Canteiro, CDMX	"Aprendí sobre el sistema contra incendios".
Juan	Na sua estadia nos EUA	"Todos, todos, pues, porque como trabajas diferentes cosas, aquí son departamentos chicos y no son de *tablaroca*, allá eran departamentos grandes, pero eran de *tablaroca*, otros departamentos son de cerámica, otros de block ligero, en Palmas eran blocks de yeso. Y de albañil te das cuenta de todas las formas de trabajo que hay, tú hasta ves cucharas diferentes para hacer el trabajo, unas son como una palita, por eso te digo que todas, todas tienen un, para mí seria, tener un, una forma de hacer. Pero trabajar en los EUA fue un parte aguas para mí, en mi experiencia de trabajador, pues conocí nuevas técnicas de trabajo, a usar otras herramientas y materiales para trabajar".
Julio	Ampliação de uma avenida do Periférico Sur, CDMX	"En ese tipo de obras corres más riesgo, es más inseguro y molesto por el ruido de los carros"
Everardo	Centro Comercial Picacho, CDMX	"Ahí pase 7 meses, a pesar de no ser de las más altas, porque aquí [Chapultepec Uno] es la obra más alta donde he trabajado, fue donde comencé a dar mis primeros pasos ya como medio oficial".

Para aqueles que responderam a esta pergunta, os motivos pelos quais um canteiro de obras se faz significativo estão associados com aspectos que lhes levaram à: aquisição de conhecimentos; obter e desenvolver um novo cargo; mostrar suas capacidades como trabalhador. Aspectos estes que levam à mobilidade ascendente na estrutura laboral, que não implica somente o título do ofício ou cargo, mas também o reconhecimento como profissional pelos seus superiores e colegas.

A aquisição dos conhecimentos que lhes foram mais significativos está relacionada com o ter trabalhado em canteiros de obras nos quais a inovação do material, ferramenta e tecnologia era uma novidade para eles e que aprenderam a usá-los; e pela dimensão da obra, implicando um elevado número de trabalhadores empregados com os quais tinham que interagir. Além disso, o fato de ter a experiência de em morar em outra cidade, como foi o caso de Sergio – para quem ter uma estadia

na Cidade do México superou as demais experiências vivenciadas na construção da Torre Mayor, que no momento estava projetada como a mais alta da América Latina e destacada pela tecnologia usada em sua construção.

Esses conhecimentos adquiridos são de grande utilidade para poder obter um novo cargo de trabalho, assim como para desenvolver as atividades que ele demanda. Mostrar ter mais capacidades e se desenvolver de forma eficiente para os colegas e, principalmente, para os superiores, são características que correspondem a uma carta de apresentação para poder desenvolver o novo ofício e para continuar avançando na estrutura laboral. A isto se alia a capacidade de estabelecer sociabilidades e relações que lhe reconheçam com o novo cargo, com suas capacidades e até com ser capaz de sair livre dos riscos de trabalho; o que também é importante para se manter no mercado de trabalho e contribui para a conformação de trajetórias estáveis – aspectos que serão aprofundados no próximo item, por estarem mais relacionadas com a ascensão na estrutura laboral.

O ter experimentado situações de exploração também foi algo relevante de se considerar no que diz respeito à experiência. Sobre isto, as construções de maior tamanho e com mais uso de tecnologia foram aquelas apontadas como as que geraram maior impacto sobre os trabalhadores – e não apenas associado aos diferentes aprendizados que se ali obtêm, já que nessas obras se vivenciam mais riscos no dia a dia e há um maior número de acidentes. No entanto, foi uma tendência mais referida entre os trabalhadores mais velhos, pois, atualmente, as normas e práticas de segurança no trabalho são mais demandadas. Por exemplo, no canteiro de obras de Chapultepec Uno uma situação que foi expressada pelos entrevistados/as era o controle pelas ações que podiam evitar acidentes, além de argumentar que não tinham conhecimento da ocorrência de nenhum acidente, nem durante os dois terremotos que aconteceram no ano 2017.

Algumas dessas obras, especificamente em Belo Horizonte, foram espaços nos quais se fez presente o Sindicato Marreta. Alguns trabalhadores conheceram este sindicato durante sua estadia em algum canteiro[45] de obras no qual, ao ter experimentado uma situação desfavorável no que diz respeito aos seus direitos

[45] O Sindicato Marreta faz visitas a diferentes canteiros de obras para informar aos trabalhadores sobre suas funções, os da EPOMG e para promover que se afilem a seu contingente de sindicalizados.

laborais, procuraram o Sindicato Marreta – motivo pelo qual para o senhor Cosme a obra mais importante para ele foi aquela na qual teve essa experiência. Joaquim também argumentou que outra experiência importante para ele foi quando trabalhou em uma empresa que, ao morrer o dono, o demitiram e não pagaram o correspondente ao que lhe deviam porque a empresa declarou falência, situação que o levou a procurar e conhecer as leis trabalhistas e a se aproximar do sindicato. Estes dois trabalhadores estão ainda entre os mais participativos nas atividades do sindicato. E, no caso de Anastácio, foi sua experiência na construção de um viaduto relacionado com a construção da Linha Verde que motivou sua inserção no sindicato; contudo, sua participação no mesmo depende mais de sua estabilidade laboral. Além disso, estes trabalhadores também têm estudado na EPOMG.

No México, a ausência de um sindicato como um agente importante presente nos canteiros de obra, como acontece no Brasil, especificamente em Belo Horizonte, não quer dizer que ele não exista. No entanto, não tem a mesma forma de agir que o Sindicato Marreta, mesmo porque a experiência sindical tem suas próprias características em cada país que, conjuntados ao setor da construção civil, vão apresentar amplas diferenças. Contudo, é fato que os trabalhadores que falaram do tema na Cidade do México sabem da existência de alguns sindicatos e da base de sua função, apesar de não terem conhecido um agente sindical em suas estadias de trabalho, além de acreditar que quando estes se fazem presentes em uma construção é para negociar diretamente com o pessoal indicado para isso sem se preocupar em ter conversas com os trabalhadores – segundo as falas de Chuy, Rasta, Julio, e da colega de Emilio.

Nesse sentido, houve os que disseram ter tido uma experiência em algum canteiro de obras que levou o trabalhador a reconhecer seus diretos laborais e a procurar apoio, o que o aproximou do sindicato. Esses casos influíram também para acessar o serviço educativo do qual careceu enquanto criança e jovem, situação que se apresentou particularmente aos trabalhadores que frequentavam a EPOMG. Essas experiências expõem como situações de risco e injustiça, que são cotidianas na construção civil, podem ter efeitos na continuidade, ao gerar rupturas na trajetória do trabalhador, até mesmo de sua vida – sendo as rupturas outro evento importante de se destacar nas trajetórias.

Outra resposta obtida ao indagar sobre o canteiro de obras mais significativo na experiência da população entrevistada foi a de não ter nenhuma construção à qual dessem essa relevância, por considerarem que a dinâmica de trabalho é a mesma, pois para eles a rotina tem maior peso que uma experiência concreta. A fala de Manoel dá um exemplo disso: *"tudo o que eu faço em uma empresa faço nas outras, a única diferença que eu tenho de uma para outra é a parte de financiamento, o tamanho da obra e a quantidade de trabalhadores"* (25/10/2017). A fala de Gerardo reforça que*: "ni uno, he trabajado en muchos lugares y en todos es la misma cosa"* (18/01/2018).

Como caso particular, temos a referência que deu Manchado: para ele o canteiro mais significativo tem a ver com uma vivência diferente ao processo de construção e às dinâmicas mencionadas por outros trabalhadores. Para ele, o destaque foi ter ido trabalhar no estado de Sinaloa, ao norte do México, em uma mansão de propriedade de "*unos tipos que se dedican al negócio*, implicou *vivir um ambiente diferente"* (12/03/2018). Referia-se a ter trabalhado para uns narcotraficantes e relatou que quando os trabalhadores estavam sozinhos na casa aproveitavam do espaço para se divertir, fazer festas convidando mulheres da cidade, além de terem vivido um incidente ao serem confundidos com integrantes desse grupo criminoso. De resto, mencionou que uma estratégia do empreiteiro para que os trabalhadores não fossem embora do lugar era não lhes pagar o salário até o fim da reforma da casa, lhes dando apenas uma quantidade semanal para seus gastos cotidianos e para comprar cerveja, mas, cuidando para que não fosse o suficiente para fazerem uma poupança e poderem comprar a passagem de ônibus para voltar aos lugares de origem.

Em geral, esses canteiros de obra apresentam desafio, novidade, risco e aprendizado que assumiram, enfrentaram e superaram – motivos pelos quais os canteiros mencionados foram uma referência importante em sua trajetória na construção civil. Também são experiências próprias do trabalhar na construção civil e vivenciá-las ajuda em sua formação como trabalhador deste setor e na consolidação de adquirir e reproduzir um cargo especifico.

3.3. Ascender na estrutura laboral

Figura 10. La obra, no. 2. Claudia Chapou[46]

Outro dos eventos mais importantes na trajetória de trabalho é ascender na estrutura laboral – especialmente para os trabalhadores que têm trajetórias contínuas e para os que pretendem se manter empregados na construção civil. Ascender significa obter alguns benefícios por ter adquirido mais conhecimentos e reconhecimento de seu trabalho, como receber um salário melhor, realizar atividades menos pesadas e mais especializadas, assim como ter capacidade de comando. Essa mobilidade na estrutura laboral é favorável para a estabilidade econômica dos trabalhadores e de suas famílias, podendo significar de fato um progresso em sua mobilidade social - por exemplo, poder construir uma casa ou ampliar o número de quartos para o núcleo familiar ou até para os pais (como fez Joaquim e Chuy); pagar os estudos dos filhos/as; comprar um automóvel. Ascender é um processo antecedido por diferentes momentos, aprendizados e valorações que determinam a mobilidade

[46] Disponível em: <http://loscontemporaneos.com.mx/galeria/claudia-chapou/obras/la-obra-2.html> Acesso em: 14 fev. 2019.

na estrutura laboral e esse caminho implica conhecimento e tempo para adquiri-lo; mas, segui-lo não garante a ascensão na estrutura laboral para todas as pessoas.

Sobre a aquisição de conhecimentos, a construção civil tem se caracterizado por ser um setor no qual os trabalhadores/as aprendem o processo de construção na prática (BUENO, 1994; FERREIRA, 2012; COSTA, 2013; ZIRION; 2013; TOMASI, 2017), e, sobre suas experiências, argumentaram o seguinte:

> Eu acho que a prática é melhor que o curso, não vai adiantar, não vai adiantar você fazer curso e chegar na empresa. Quem está dentro da empresa? Quem tem experiência, quem vai ensinar você. As pessoas gostam de ensinar porque a pessoa vai passando a sabedoria no outro, cada um vai dando uma apostila, então faz isto, não então faz deste jeito, então a gente vai pegando na prática dos outros que já tavam dentro da empresa" (Romário, 5/06/2018).
>
> O trabalho de pedreiro é muito receptivo, a gente vai vendo lá, eu fui vendo lá, não tem dificuldade de aprender...peguei e saiu bem (Anastácio, 25/05/2017).
>
> Meu pai é curto e grosso. Aí ele explica, se entendeu, entendeu, se não entendeu tem que fazer. Todo o conhecimento que eu tenho no serviço de pedreiro e pintura foi com meu pai, de elétrico, o pouco que eu tenho de conhecimento foi com meu sogro e de bombeiro com meu padrinho. (Roni, 14/04/2018).
>
> Aquí aprendes y aprendes de todo, por ejemplo, si tú te vas con los electricistas aprendes de electricidad, si te vas con los tablaroqueros aprendes la tablaroca, puedes aprender de varias cosas y después hasta puedes practicarlo en tu casa (Martha, colega de Emilio, 15/03/2018).
>
> Todo uno lo va aprendiendo en el transcurso del camino, porque todos empezamos de chalanes y luego vas aprendiendo (Geovani, 15/02/2018).

Cada ofício tem um processo de aprendizado em etapas. Conforme vão desenvolvendo as atividades, pode-se ascender de ajudante a meio-oficial e deste a oficial e a mestre em uma área específica da construção – trajeto que muitos trabalhadores esperam passar. E, quando chegam a adquirir um conhecimento geral do processo de construção, tem-se a possibilidade de ser encarregado ou mestre de obra, meta idealizada por muitos. Todavia, ter o conhecimento não garante ascender na estrutura laboral, nem se manter empregado. Ao *fazer um bom serviço* ou *hacer bien el trabajo que piden* (como indicaram alguns trabalhadores) é indispensável ser reconhecido/ como um trabalhador/a eficiente por um superior, pois é ele quem pode

garantir a ascensão de posto de trabalho, além de contribuir para a manutenção no mercado de trabalho. A respeito disso, temos a fala do Romário:

> Eu, graças a Deus, eu nunca precisei de sair pedindo pra colega arrumar serviço pra mim não, porque um bom funcionário...se eu trabalhei com o encarregado e eu foi bom funcionário para ele, tenha certeza que, que, se ele soubesse que eu estou desempregado ele telefona, agora se a pessoa foi mal elemento dentro da empresa já não lhe chamam mais (5/06/2018).

No entanto, a amizade, a simpatia, as afinidades e até as relações de parentesco (caso existam) também influem nesse processo, como foi o caso de muitos, entre eles o de Raimundo, Manoel, Gabriel, Rogelio e Ricardo, tanto para serem contratados quanto para ascenderem na estrutura laboral. Assim, na construção civil se aprecia o que Demazière e Dubar (2006) argumentam sobre a importância do reconhecimento por parte de terceiros na conformação da identidade profissional e sua importância para se manter empregado; já que influem as relações que se estabelecem entre trabalhadores de diferentes status laborais no interior do canteiro de obras, como foi exposto por Raimundo:

> Para mudar de função depende muito de mim e também de meus superiores. Depende de mostrar, como te explico? Por exemplo, eu sei de trabalho administrativo, eu sei de trabalho de almoxarife, se a empresa vê o trabalho que eu sei fazer pode me chamar, entendeu. De outro caso não tem jeito, eu vou trabalhar de servente o tempo todo. Mudar de ajudante a oficial é demostrar que você tem interesse, se a pessoa falta ao serviço demais... depende muito de mim, se eu quero demostrar que eu sei fazer o serviço, que eu tenho interesse, porque há quem não tem interesse, eu tenho interesse, mas, o patrão vai julgar (11/05/17).

Segundo os argumentos da população entrevistada, identifica-se que seu processo de mobilidade na estrutura laboral se dá no mesmo canteiro de obras em que estão trabalhando ou no momento em que vão para outra construção ou empresa/empreiteiro. No primeiro caso, um superior é quem vai dar essa “oportunidade”; por exemplo:

> Passei a ser operador de máquina porque me esforcei mais e um cara, um engenheiro, da construção de lá achou a oportunidade e aí me colocou como operador de *quishi* [máquina para subir material] (Anastácio, 25/05/2017).

> Consegui mudar de trabalho porque o mestre da obra ficou conhecendo meu serviço, né, e pela minha formação que ele foi o que me escolheu como oficial, né (Bruno, 20/11/2017).
>
> Es de acuerdo a tu desempeño, no, si le echas muchas ganas y ven que tienes habilidad en los acabados, y, pues, van seleccionando a la gente, obviamente, que tengas manejo de personal, más que nada, que tengas un carácter ni muy fuerte y ni muy débil (Cristóbal, 18/01/2018).
>
> Cuando le caes bien a la gente te echa la mano. A los arquitectos, ahora sí que, sí les gusta como trabajo, ya ellos me jalaban para otros trabajos. Ya en los Estados Unidos los mejores puestos de trabajo se los daban a los gringos (Juan, 17/01/2018).
>
> Los ingenieros miran como trabajas y ellos te jalan o a veces tú le dices a algún superior:
> -échame la mano yo quiero ser oficial
> -pues, a ver qué puedo hacer.
> Y así. Pero con esa gente que me ha tocado trabajar son muy perfeccionistas, entonces tú trabajo tiene que ser así (Everardo, 16/03/2018).

No segundo caso, se suscita no momento de mudar de canteiro de obras, quando a empresa ou o empreiteiro lhes dá a possibilidade de ascender; ou, ainda, em casos em que procuram um novo empregador já lhe solicitando outro cargo. Para adquiri-lo, têm que demonstrar experiência ou capacidade para realizar as novas tarefas, que também implicam maior responsabilidade, segundo os seguintes argumentos:

> Ao começar a trabalhar fichado primeiro fui ajudante, depois eu falei para um supervisor que eu sabia fazer o trabalho de oficial e me testaram, depois dois meses já estava fazendo serviço de oficial, mas o teste dura seis meses para passar de ajudante a suboficial, e outros seis meses para ser oficial, profissional de pedreiro. Depois foi para outra empresa onde já fui trabalhar de oficial diretamente (Manoel, 25/10/2017).
>
> Entré a la empresa por anuncio en el periódico. Pedían tener conocimiento en el uso de herramienta de electricidad e disponibilidad para trabajar en las alturas. Al principio tenía miedo de las alturas, pero rápido me acostumbré y pude seguir trabajando como oficial (Everardo, 16/03/2018).

Em Belo Horizonte, ter carteira assinada e estar “fichado” em determinado cargo é uma forma de mostrar sua experiência formal – o que não é o caso do México, por nesse país não haver um documento similar, ou que não é outorgado para todos, dependendo da forma de contratação. Neste caso, a forma de comprovação da experiência profissional é substituída pelos meios informais: a fala e a demonstração

de suas capacidades. Assim, é preciso mostrar seus conhecimentos e capacidades, muitas vezes ficando à prova por determinado tempo para ganhar ou não o novo posto – apresentando-se este tipo de caso também no Brasil. Outra maneira de ascender acontece ao se manter empregado com a mesma empresa ou empreiteiro por um longo período, quando a mudança para uma nova construção traz a possibilidade de promoção de cargo. No entanto, nem todos ascendem com o mesmo prazo temporal. Os casos com mais anos trabalhando na construção civil, com carteira assinada e com menos mobilidade laboral, são o do senhor Cosme e de Romário. A respeito do primeiro trabalhador:

> Eu queria fichar de pedreiro, não queria ser servente mais, mas não tinha o apoio do encarregado. Trabalhava dois, três meses aí, me descansavam, depois seguia aí (Sr. Cosme, 13/11/17).

Sair da empresa e procurar um novo trabalho foi sua opção. Depois, pelo problema de visão que ele tem e por ser sindicalizado no Marreta, a própria empresa negociou com o sindicato para ele ficar liberado por dois dias da semana e poder se dedicar a realizar atividades sindicais; posteriormente, ele passou a ter requisição direita do sindicato para estar trabalhando com eles todos os dias da semana. Situação que tem influído na trajetória de trabalho do senhor Cosme, já que as consequências que a atividade da alvenaria gerou em sua saúde lhe levaram a deixar de realizar sua atividade e sair do canteiro de obras.

Caso contrário é o dos trabalhadores que ascendem muito rápido, como Ricardo, que com apenas dezoito anos já possui o posto de oficial de carpintaria. Embora ele tenha começado a trabalhar como ajudante de pedreiro aos dezesseis anos, Ricardo foi recomendado pelo seu irmão mais velho para obter aquele posto no momento de ser contratado pelo novo empreiteiro. Cabe mencionar que a funcionalidade dessas indicações depende também das necessidades de mão de obra que cada construção tenha nesse momento específico, e não apenas das relações de influência.

Fazer um curso de especialização qualificada e ter um certificado que comprove os conhecimentos do/a trabalhador/a, embora esteja se apresentando como uma demanda na construção civil, não é a opção tomada pela população entrevistada para ascender na estrutura laboral. Entre os sete trabalhadores

brasileiros que fizeram um curso, a motivação para fazê-lo se deu por ter sido uma oportunidade que foi apresentada para eles e pela qual não tiveram que pagar nada, como no caso dos que estudaram na EPOMG, mas sem obterem resultados no curto prazo. Dos três trabalhadores que estavam realizando algum curso de especialização no momento da entrevista (na EPOMG e no CEFET), todos aproveitavam a oportunidade sem ter a certeza sobre o impacto real na sua situação laboral, como era o caso de Raimundo. Enquanto Manoel tinha a expectativa de que uma arquiteta com quem conversara cumpriria o acordado de lhe dar a possibilidade de subir ao cargo de encarregado se comprovasse mediante um certificado sua qualificação paras as novas funções. Já o caso de Otávio era o que esperava benefícios a curto prazo, pois, ao efetuar os trabalhos de pintura para os quais era contratado, às vezes lhe pediam para realizar alguma função relacionada com a área de eletricidade, razão pela qual decidiu fazer esse curso nesta formação no CEFET. Sobre a experiência de Manoel:

> Se na época eu tivesse feito o curso de pedreiro lá, eu não precisava passar por ajudante, teria entrado como pedreiro, mas como eu não tinha nada... Curso e prática se complementam, por isso que eu preferi fazer curso, eu fiz o curso e foi como ter dado um passo mais adiante, mas eu já tinha experiência de comandar equipe, só que para comandar equipe já tinha que ser profissional para me manter, porque como a gente trabalha em empresa de grande porte ela não aceita, assim, erro, aí eu preferi fazer o curso, porque o curso vai te dar o documento, porque quando você tem o conhecimento ele vai dar uma ajuda muito grande. Na hora que a engenheira lá me pediu meu currículo para poder levar, viu o curso que eu fiz, então na hora de surgir uma oportunidade ela vai dar uma vaga melhor, aí eu posso pegar (25/10/2017).

3.4. Descer na estrutura laboral

Do lado oposto ao item anterior, descer na estrutura laboral é outra realidade que os trabalhadores da construção civil têm que enfrentar e que, em certas ocasiões, até lhes pode levar a rupturas em sua trajetória. Este evento está mais relacionado com a geração de empregos no setor e com capacidade de empregabilidade de empresas e empreiteiros com os quais trabalha a população entrevistada do que pela falta de qualificação.

Quando uma empresa construtora ou um empreiteiro conclui suas tarefas em um canteiro de obras, ou a edificação se finaliza, este é o momento em que a mão de

obra se desloca para iniciar um novo projeto. A interrupção da relação de trabalho pode ser aproveitada neste momento, seja por não serem considerados “bons elementos” ou porque a demanda de mão de obra é menor. Estas situações afetam alguns trabalhadores e eles as enfrentam, por vezes aceitando condições de trabalho não desejadas, como: ser contratado para um menor cargo em relação ao que já ocupado; aceitar formas de contratação mais precárias; incursionar no trabalho autônomo; ou mesmo enfrentar temporadas de desemprego – da qual tentará sair o mais rápido possível via as mesmas estratégias já mencionadas.

Também os riscos no trabalho e os acidentes ocasionados podem ter efeitos de ruptura na trajetória de quem os sofre. Além de vivencia-lo fisicamente, esse evento chega a afetar a estabilidade familiar e o impacto na vida do trabalhador dependerá da magnitude do acidente e da forma de contratação que tenha nesse momento. As famílias dos trabalhadores são afetadas, especialmente, quando eles não têm contrato formal, seguro médico, quando são migrantes e/ou não contam com conhecimentos ou apoio legal, jurídico ou sindical. De tal forma que os acidentes e o índice de mortes de trabalhadores neste setor são uma das denúncias em reportagens e pesquisas, pois é onde mais se evidenciam as injustiças que os trabalhadores têm que enfrentar.

Essa série de ilegalidades e informalidades se conjuntaram em um caso relatado por Rasta, acontecido em um canteiro de obras em Polanco, na Cidade do México, no qual um trabalhador migrante do interior do país, que estava empregado junto com seu filho, sem contrato, caiu do oitavo andar ao realizar uma atividade sem equipamento de segurança – acidente que provocou a morte do trabalhador. A resposta dos responsáveis da obra foi pedir para o restante dos trabalhadores, com exceção do filho, irem embora do canteiro de obras e só se apresentarem no dia seguinte. Nessa situação, a empresa encarregada da obra, assim como as empresas subcontratadas e os distintos empreiteiros, preferiram perder quase um dia de trabalho pago para ter liberdade suficiente de agir, sem testemunhas, sobre o que aconteceu posteriormente.

No caso da população entrevistada, os comentários sobre ter testemunhado um alto número de acidentes pelos diferentes canteiros de obras nos quais tem trabalhado foi frequente entre a maioria, e, especialmente, pelos trabalhadores mais velhos e pelos que trabalharam em construções muito grandes. Com exceção de

Joaquim, nenhum outro trabalhador/a relatou ter sofrido um acidente de gravidade em sua experiência de trabalho, embora todos disseram ter experimentado machucados e dores gerados pela atividade que realizam. A experiência de Joaquim aconteceu em 1988, ano em que estava trabalhando em Brasília, quando sofreu um acidente em que "*quebrei o crânio, entendeu, foi o dia 29 de setembro, aí enrolei tudo, aí eu comecei a preocupar, entendeu, eu tenho quatro filhas"*. Ao se recuperar ele voltou para Belo Horizonte e se reincorporou na construção civil, mas, começando de novo como oficial, fase que superou em pouco tempo e conseguiu fazer uma trajetória estável, chegando a recuperar o posto de encarregado de obra.

Outros aspectos que também influem para retroceder na estrutura laboral são: i) ter perdido sua rede de contatos que poderia lhe ajudar a ter um emprego ou posto de trabalho melhor (como aconteceu com Juan ao ter ido trabalhar nos Estados Unidos e, ao voltar, teve que trabalhar na pavimentação de estradas em um município de interior do Estado de México); ii) a perda natural da força de trabalho necessária para realizar as atividades, motivo pelo qual se torna comum que as pessoas mais velhas sejam contratadas como ajudantes; iii) ser mulher, já que nem todas as empresas estão abertas para contratar mulheres em áreas mais especializadas da construção. Estes dois últimos aspectos foram referidos pelos colegas de Emilio; o de maior idade argumentou que *"al final no vamos a tener nada, cuando se acabe nuestra fuerza nos van a mandar a la chingada"*; enquanto Martha comentou que já tentaram demiti-la, pois essa empresa não gosta de contratar mulheres na área de colocação de vidros, fazendo-o só para serviços de limpeza – entretanto, um de seus superiores lhe tem ajudado para se manter empregada, levando-a para as obras que a empresa lhe manda, embora não possa conseguir ser oficial e só se manter como suboficial.

3.5. Permanências

Em 1997 eu fui promovido, mas, tem 28 anos que eu pulo...

A fala de Jorge expõe muito bem a situação laboral que se tem na construção civil, pois, ainda que os trabalhadores/as tenham uma continuidade no setor e ascendam na estrutura laboral, sempre se mantêm em movimento. Enquanto no estudo das trajetórias, obter uma permanência significa um tipo de progresso – especificamente no campo das trajetórias de trabalho – na construção civil, a

permanência implica estar sempre pulando. E, mesmo nesta condição, inclui-se a tarefa de manter uma série de continuidades: no ofício, quando se opta por algum em especial, o que significa ir se atualizando no uso de novas ferramentas, máquinas, técnicas e gestão do trabalho; na empresa ou com o empreiteiro, se é de sua conveniência; procurando a melhor forma de contratação; na cidade de residência ou transitando em novos espaços, dependendo da sua escolha, idade ou situação familiar.

Os trabalhadores/as tentam conciliar os aspectos anteriores para se manterem empregados e permanecerem na construção civil, procurando as melhores condições laborais, até que possam se aposentar ou enquanto a força corporal lhes permita; trajeto no qual seu reconhecimento como um *bom trabalhador/a* e sua rede de relações sociais também serão funcionais. Todavia, permanecer ou buscar permanecer, é um interesse que se detecta especialmente nos trabalhadores/as com trajetórias contínuas, nos recém-chegados e nos de reinserção – embora para estes últimos e para Luz seja a única opção que têm – enquanto para os que argumentaram estar de passagem por esse setor, não se evidencia um desejo de permanecer.

Permanecer também implica pôr em jogo aprendizados e experiências, especialmente em um contexto de mudanças, tanto macrossociais quanto do próprio setor da construção civil; além de ter abertura para essas mudanças e saber mediar entre suas possibilidades e expectativas. Por exemplo, o mesmo Jorge, que experimentou diferentes formas de contratação e até incursionou como trabalhador autônomo, argumentou que para ele a melhor forma de ser contratado é:

> Com carteira assinada, senão você tem que estar cima da empresa, senão exploram, sai às quatro da manhã e chega às doze da noite, descalço, sem despensa para comer. Terceirizado, o dono paga o que quer ou não paga tudo o que se falou, empreitado não ganharia o que eu agora ganho e ficaria na correria (3/05/2017).

Também o mesmo trabalhador, sendo mestre de obras e tendo feito o curso de mestre de obras e de leitura de projetos arquitetônicos, considera que tem a necessidade de fazer um curso de informática, porque “na atualidade os projetos se realizam e revisam no computador”. Assim, ele demonstra que trabalhar na construção civil não é só estar em constante mobilidade laboral e espacial, é continuar

se atualizando, ou seja, não ficar parado e estar sempre em movimento, o que também é útil para evitar o desemprego.

No que diz respeito a essa última situação, no México foram mais evidentes os casos nos quais alguns trabalhadores tiveram que mudar de ofício por necessidade; sendo o caso de Rogelio, que ao passar por um período de desemprego teve que deixar de ser carpinteiro para começar a trabalhar com alumínio – ainda não gostando muito dessa mudança – pois teve que aproveitar a ajuda de um amigo que lhe recomendou; além de dar conta que na construção civil o alumínio estava substituindo a carpintaria e trabalhar com esse material oferecia mais possibilidades de emprego. Enquanto Rasta aproveitou um período em que ficou sem emprego para procurar trabalhar em outro ofício com um novo empreiteiro, quando, por considerar a alvenaria muito pesada, optou por aprender o ofício de bombeiro, menos desgastante fisicamente, já que, atualmente, se usam materiais mais leves e mais simples de manusear. Mudança que para o Chuy, mestre do Rasta, simplifica o ofício e desvaloriza atividade e quem a realiza, já que *"cualquiera ahora se vuelve maestro de plástico, pues sólo saben trabajar con plastico, con este material el trabajador sólo instala; cuando se trabajaba con cobre también había que saber soldar"*, assim essa mudança de material tirou a complexidade do ofício.

3.5.1. Mudanças da construção civil

As situações antes sinalizadas levam a vislumbrar as mudanças que, a partir da perspectiva dos trabalhadores, vêm acontecendo na construção civil. Segundo suas trajetórias no setor e suas experiências temos as seguintes colocações:

Tabela 16. Mudança percebidas pelos trabalhadores de Belo Horizonte

Sr. Cosme	"No 85 evoluiu, 85, 86, 87, 88, 89, 90, até 2012, 2013 tava bom, assim, depois, o governo tava...muita obra, tinha muita obra. 2016, tem menos obra e começou a reduzir o número de trabalhadores, porém, pedir curriculum e contratar a quem tem curso, vem sendo a estratégia para selecionar os empregados. Agora se tem menos operário".
Romário	"Mudou muita coisa, antigamente você não tinha um equipamento para cê usar e tinha que usar a roupa sua, não tinha café, não tinha vale transporte, hoje tem tudo. A partir do 82 que começou a mudar, foi o governo. Agora está meio complicado, né, está complicadíssimo porque tem muito trabalhador desempregado".
Joaquim	"Na construção civil mudou o tamanho dos prédios a construir, o material que se utiliza, há novas ferramentas. Antigamente era muito, muito difícil, antes do Sindicato Marreta o canteiro de obra era muito precário, não tinha nem água, entendeu, era um caos, tinha muito acidente, não tinha cesta básica, não tinha

	apoio de transporte, não tinha recurso, não tinha carteira, não tinha eeh FGTS [Fundo de Garantia do Tempo de Serviço], unicamente você tinha para pegar seu capacete; começo a mudar do noventa pra cá. No 81 se formou o sindicato, daí para cá tinha um grito forte 'agora a construção civil tem um sindicato', só que não permitiam, mas o Sindicato Marreta levou muito a sério, graças a deus, e, levou muito a sério, transformou as coisas, entendeu. Foi mudando tudo, totalmente, totalmente, através dessa mudança, que o sindicato fez, questionava empresa e levava na justiça. Mudou, mudou muito, muito, antigamente aqui em Belo Horizonte não tinha o tamanho dos prédios de agora, se usava outros materiais, agora tem mais facilidade, tem maquina, há modificação na ferramenta".
Raimundo	"Hoje está mais fiscalizado. Tem mais segurança e é bom, a empresa se não obrigar não muda. Agora as empresas construtoras exigem pelo menos ler e escrever, hoje quem pode trabalhar na altura é só quem fez um curso, quem não fez o curso não pode trabalhar, mesmo com a segurança. A construção civil na atualidade é mais segura, fruto de reivindicações dos trabalhadores e como resultado das greves, tenho certeza que isso influiu para as mudanças que há atualmente na construção civil".
Jorge	"A construção melhorou muito, sabe, quando comecei na construção cê não tinha refeitório, cê não tinha banheiro, tinha que abrir um buraco lá, não tinha uniforme, não tinha jeito nenhum. Você tinha que se virar, calçava chinelo, si tinha condições comprava sua botinha, você usava sua roupa, você se virava. Hoje não, as empresas tudo dão, dão maquina, dão refri, dão uniforme, dão passagem, antes nem passagem, antes cê pagava sua passajem, comprava tudo e se virava. Desde o 95 para cá que começou a melhorar, mas, ainda existe exploração, mas, antes tinha muito menor trabalhando, agora é mais supervisado que menores de idade não trabalhem na construção civil".
Anastácio	"No 95 que começou a mudar a tecnologia, colocaram elevador, que ajudo para o trabalhador. Agora mudou muito, antes era muito bagunçada, o trabalhador da construção sofria muito, não tinha onde beber água, banheiro, morreu muita gente em acidentes. Antes o trabalhador era mais combativo...há muita opressão. Melhorou muito, antigamente era muito bagunçado, os trabalhadores sofriam muito devido à questão da higienização, a pessoa não tinha um lugar onde almoçar, não tinha água que beber, tinha que beber água da torneira de lá, não tinha filtro, não tinha banheiro, até o mesmo lugar para fazer as necessidades fisiológicas era muito difícil, na época era muito difícil. E, ainda assim, uma outra coisa que a gente coloca aqui [nas reuniões do Sindicato Marreta], que infelizmente, a gente coloca na luta aqui é a questão da alimentação, porque a gente continua levando a marmita de casa, a gente luta aqui para conseguir a alimentação dos operários, né, a empresa tem que fornece para o trabalhador".

Tabela 17. Mudança percebidas pelos trabalhadores da Cidade do México

Gabriel	"Antes no se usaba la seguridad que se usa ahora".
Chuy	"Ahora se usa diferente material para trabajar. En las obras, especialmente en las mayores, se imparten cursos de seguridad y hay más vigilancia para que se usen los equipos, aunque no siempre hay suficientes o están en malas condiciones. Actualmente hay más mujeres en las obras, especialmente en el área de acabados finos, aunque cuando yo comencé en la plomería fue una mujer la que me enseñó el oficio, pero eso era muy raro antes".
Gerardo	"Los materiales van cambiando, siempre van saliendo más y más y más, tan sólo en un área de trabajo. Y te dan una idea de cómo trabajarlo y ya tú lo vas haciendo".
Emilio	"Antes era más fácil entrar a chambear, ahorita ya piden papeles, antes no pedían papeles, ahora ya te aseguran antes no te aseguraban. Además, la misma empresa te da cursos de seguridad, para trabajar en las alturas y para

	usar el equipo. Pero se vuelven repetitivos, siempre que se comienza una obra cada empresa te da el curso".
Juan	"Ahora existen mejores herramientas. Pero en México aún hace falta tener herramienta adecuada en las obras, comparando con los Estados Unidos. Hay más tecnología, pero no en todas las fases de la construcción. También en mi experiencia vi que en los Estados Unidos cuando se complicó la crisis [no 2008] afectó el trabajo en la construcción civil y los latinos, especialmente los mexicanos, fuimos substituidos por los gringos".
Geovani	"Tiene unos cinco años que veo que se están generando cambios, especialmente en la seguridad, además que uno como trabajador se cuida más, al menos yo no me arriesgo si no me dan el equipo de seguridad que necesito para trabajar. También hay mejores condiciones de trabajo, firmas contrato, te dan seguro, te pagan viáticos si te mandan a trabajar fuera, hay médico en la obra, bueno, en esta obra. Nos hacen estudios regularmente y eso es bueno porque así sabemos cómo estamos de salud".

Dependendo das trajetórias da população entrevistada, a experiências que têm com as mudanças no setor da construção civil vão variar. Mas, se aprecia que em ambas as cidades as mudanças percebidas pelos trabalhadores estão mais relacionadas com a nova tecnologia, maquinaria, ferramentas e matérias que atualmente são utilizadas. Tanto os trabalhadores novos quanto os velhos falaram do aumento da segurança nos canteiros de obras; mas, em Belo Horizonte, foram indicadas outras melhorias no interior dos canteiros de obras, que por um lado beneficiam aos trabalhadores e por outro lado também ajudam as empresas a se apresentar como mais competitivas. Essas melhorias são uma mistura do resultado da luta sindical que, posteriormente, foram implementadas pelas empresas que na atualidade são demandadas por outorgar serviços básicos no interior do canteiro de obras, favorecendo assim sua competitividade no mercado para realizar obras mais sofisticadas nas quais a fiscalização é mais exigente. No México, só as construções de grande porte têm alguns desses benefícios, como no caso de Chapultepec Uno, que tinha até consultório médico no interior; assim, outras parecidas chegam a aceitar instalar salas provisórias para oferecer aulas de alfabetização e educação básica para o contingente de trabalhadores/as do programa educativo da associação Construyendo y Creciendo.

Quanto ao uso de novos materiais, ter mais tecnologia nos processos de construção, aprender novas formas de trabalhar e ter serviços básicos e médicos no interior dos canteiros de obras depende do tipo projeto a se realizar, do investimento e da empresa ou empreiteiro responsável, como foi referido no capítulo um. Nesta mesma diversidade de canteiros de obras há e confluem distintas formas de

contratação da mão de obra, como contratação direita, subcontratação, por tarefa ou por dia, tema abordado por Costa L (2013); motivo pelo qual os trabalhadores têm se adaptado a algumas formas, empresas e/ou empreiteiros.

Em geral, a maioria procura as formas de contratação formais, especialmente em Belo Horizonte, ou as que lhes oferecem mais dinheiro, principalmente no caso mexicano; embora saibam que a média de tempo de contratação varia de dois a cinco anos, enquanto o tempo com empreiteiros dependerá do entendimento que exista entre ele e seus empregados/as. Esta temporalidade na contratação também influi na mobilidade espacial que a população trabalhadora tem, pelo que se deslocam por diversos lugares da cidade, da zona metropolitana e até entre estados.

No que se refere à mobilidade espacial fora da cidade de residência, especialmente para o caso mexicano, na atualidade os projetos de edificação para o fomento de zonas turísticas estão demandando mão de obra e são uma opção para que os trabalhadores continuem no mercado de trabalho; embora estes decidam se se deslocam ou não. Estar ou não abertos a esse tipo de mobilidade é uma escolha entre sua permanência na contratação com um agente específico e outros aspetos de sua vida a valorizar, como a relação familiar, ir ficando velho e/ou ter mais opções de empregabilidade na cidade de residência.

Nas trajetórias antes expostas, a maioria experimentou uma intensa mobilidade espacial nos primeiros anos de sua vida laboral – mesma condição se apresenta entre os que atualmente são mais jovens. Essa situação está relacionada por um lado com a procura da estabilidade no mercado laboral da construção civil e, por outro lado, com a oportunidade que essa demanda de mão de obra lhe dá para obter um salário melhor – pois se chega a pagar mais, além de se pagar a alimentação e o aluguel do lugar onde os trabalhadores moram. Além de ser para alguns uma forma de poder conhecer outros lugares, especialmente se há algum atrativo turístico, e até mesmo para ter um pouco de liberdade em sua vida; aspectos que em conjunto são parte da experiência de Everardo:

> Cuando he trabajado fuera de la ciudad aprovecho para conocer otros lugares, uno se siente más libre porque no estamos a los ojos de la familia o de la esposa, pues no nos están controlando la hora en que llegamos. Además, ir a trabajar a otro estado te da la ventaja de ganar más dinero, la empresa nos paga viáticos y podemos ahorrar algo de eso dinero cuando los compañeros deciden quedarse en la obra a dormir, sí la mayoría lo que quiere así se acepta. Buscamos un lugar

> de la obra para adaptar donde vamos a dormir y usamos cobijas para improvisar un tipo de cama. (16/03/2018).

No entanto, nem sempre têm a garantia de obter o salário e as condições de trabalho e de moradia prometidas, como vivenciou Rasta em seus diferentes deslocamentos pelo México; sendo uma de suas piores experiências ter ido trabalhar em Cancún por ter demasiada exigência no avanço do trabalho, não receber o salário acordado e ter que dormir em um apartamento onde papelões se faziam de cama. Essas condições, para ele, o faziam sentir como escravo, pois, além das condições às quais foi exposto, não conseguia juntar dinheiro suficiente para voltar à Cidade do México – quantia esta que incluía a passagem de ônibus e um dinheiro para se manter até ser novamente contratado por algum empreiteiro.

Entre os trabalhadores que deixaram de fazer essas incursões estão, principalmente, os mais velhos. Sua estabilidade laboral, a prioridade por estar perto de sua família e a idade influem para que eles permaneçam na cidade de residência, pois trabalhar em outras cidades implica maior esforço, pelo tipo de condições de trabalho e de moradia que se podem ter, e vontade de se aventurar. Nesses trabalhadores, se aprecia uma situação similar à que Guedes (2011) descreve quando seguir no trecho não é mais compatível com outras áreas da vida, como a vida familiar, o que leva a encerrar as andanças.

3.5.2. Trajetórias em contexto de mudanças

Em um período de pouco mais de quatro décadas, as mudanças acontecidas nos contextos macroeconômico e político - no mundo trabalho, nas cidades e na construção civil - têm sido assumidas pela *classe que vive do trabalho*, em geral, assim como pela população entrevistada, em particular. As distintas trajetórias dos/as trabalhadores/as da construção civil se conformam no transitar dessas mudanças e nas flutuações de emprego nas diferentes escalas mundiais, setores econômicos e na construção civil, em particular. Também, a população entrevistada vem desenvolvendo suas atividades entre dinâmicas de modernização e de instauração de novas formas de produção aplicadas no âmbito da construção, embora algumas das velhas práticas se mantenham – sejam elas aquelas mais convenientes para as empresas e empreiteiros.

O sistema de ofícios ainda continua sendo uma forma de aprendizado, de formação do trabalhador/a ao longo de sua vida laboral, como tem analisado Ferreira (2012), e de conformação da estrutura laboral do setor. Portanto, indiferentemente do tipo de trajetória, se mantém a regra de começar como ajudante; no caso dos homens, a maioria o faz na área da alvenaria, no caso das mulheres, na área de limpeza – mantendo assim a divisão sexual do trabalho que impera no setor. Para os primeiros, é no começo de cada obra o período no qual mais se contrata, por ser a etapa de escavação e da construção da estrutura fundante as que demandam mais força de trabalho. Assim, os trabalhadores buscam deixar de ser ajudante o mais rápido possível, pois além de obter outros benefícios, podem sair da condição de servilismo e exploração que essa condição lhes coloca – situação laboral analisada por dos Santos P (2010). Tanto que não é casual que ainda entre alguns entrevistados se use o termo *servente,* no Brasil, e *chalán*,no México; o primeiro é mais demonstrativo da situação laboral, enquanto o segundo é mais pensado para desvalorizar – aspectos relatados por alguns trabalhadores:

> O trabalho que faço hoje tem que segurar, não pode passar na frente dos encarregados porque tem aquela jerarquia, eu sei o que fazer, mas as vezes o encarregado tem que autoriza, eu tenho que esperar, entendeu. Também tem coisa que é mais importante de fazer, más tem que guardar o mandamento, mesmo eu reconheça que é mais importante de fazer isso aí porque, porque eu sei (Raimundo, 11/05/2017).

> Tienes que aprender el oficio, cuando eres chalan viendo al maestro aprendes, porque sí vas a seguir así, pues no, es una chinga para ti. Ya, ya cuando aprendes de albañil, y ya, hora sí. Pero si no aprendes a hacer bien el trabajo pues te van a correr (Benito, 18/01/2018).

Com a complexidade das construções que se tem na atualidade, novas especializações são geradas, além de fazer mais ampla a categoria de ajudante. Por exemplo, no canteiro de Chapultepec Uno se usa o termo de ajudante geral, muito parecido como se usa nas fábricas e no setor dos serviços, permitindo a mulheres e homens trabalharem em atividades diversas nas diferentes áreas da construção – como foi o caso das mulheres entrevistadas e de Manchado, quem até na sua convivência diária passava com as mulheres no horário do almoço. Esta categoria de ajudante geral pode dificultar aos trabalhadores/as a possibilidade de ascender na estrutura laboral da construção civil, pois realizam atividades diversificadas em menor lapso de tempo, o que não lhes permite conhecer cada área do processo de

construção. Além de se apresentar como uma estratégia de ganho para as empresas, pois os/as ajudantes são os/as que recebem o menor salário e que têm que estar dispostos a realizar o que lhes seja pedido. Assim, as novas formas de produzir na construção civil podem ser mais sofisticadas, mas sempre vêm acompanhadas com suas formas de exploração da mão de obra.

Falar de permanências nas trajetórias dos trabalhadores da construção, no que se refere à população entrevistada, implica considerar diferentes dimensões que a constituem e o contexto das mudanças acontecidas nas últimas quatro décadas. As permanências se compõem por diferentes temporalidades, como bem se pode observar nos trabalhadores com trajetórias contínuas, que correspondem ao tempo de aprendizado e continuidade de exercer um oficio, ao tempo de ser empregado por uma empresa ou empreiteiro, e ao tempo de permanecer em um canteiro de obras e em uma cidade específica ou de transitar por distintas. Manter continuidades nessas temporalidades, ou seja, continuar em mobilidade, é o que constituem as permanências, que se conjugam com subjetividades que trabalhadores/as têm de sua profissão, especialmente entre os que têm trajetórias contínuas e quem quer continuar empregado neste setor; tema a ser abordado no capítulo seguinte.

Capítulo 4. A cimentação da vida laboral

Figura 11. O construtor. Álvaro Apocalypse

Uma vez abordadas as trajetórias da população entrevistada, neste capítulo discute-se suas valorizações, reflexões e expectativas que são geradas a partir de suas vivências dentro e fora do canteiro de obras; sendo essas as mesmas características que estão associadas com escolhas e formas de agir ante a intenção de se manter no mercado de trabalho, mas, sobretudo, com o obter benefícios laborais, profissionais e, portanto, familiares. Esses aspectos permitem nos aproximar à dimensão microssocial dos trabalhadores/as e evidenciar algumas das fronteiras sociais e simbólicas que têm enfrentado ao longo de sua vida laboral – são os dois elementos que fazem parte da metodologia considerada para análise das trajetórias.

A dimensão microssocial a se discutir tenta mostrar o entrelaçamento que há entre diferentes escalas e dimensões que fazem parte da realidade da população entrevistada; de como a origem social influi para lhes manter em posições desvantajosas na cidade e nas estruturas produtivas, tendo que enfrentar difíceis consequências dos processos macrossociais surgidos nos últimos quarenta anos. Portanto, três orientações guiam a indagação que se tem da dimensão microssocial destes trabalhadores/as: i) a relação entre a origem social dos entrevistados/as e sua imbricação na cidade e no mercado de trabalho, retomando a perspectiva desenvolvida nos capítulos uno e dois, ii) a condição e experiência como trabalhadores/as da construção civil que incide em seu refletir e agir cotidiano, associados a uma situação e a um terceiro nível de significação, na perspectiva de Bertaux (2005) e a uma estruturação da vida social, laboral e espacial, retomando alguns argumentos do processo de estruturação de Giddens (2006); iii) os relatos dos entrevistados/as que consideraram que a *aceitação*, a *procura*, a *adaptabilidade* e a *disponibilidade* sãos os quatro alicerces que têm permitido a cimentação da vida laboral na construção civil.

Cabe mencionar que a dimensão microssocial ou subjetiva a se apresentar – a partir de percepções e valorações da população de interesse – não é uma constituição isolada, já que se mantém em correlação com a dimensão macrossocial, objetiva e social; essas imbricações têm sido evidenciadas por Nieto (1998) e Borges e Tamayo (2001). Para o primeiro autor “los universos simbólicos funcionan como una suerte de interface que media entre lo objetivo y lo subjetivo entre lo individual y lo social” (p. 121); assim:

> Para entender el significado del trabajo no sólo como una categoría objetiva de análisis, sino como proceso de elaboración subjetiva cargado de negatividad. Implica procesos de valoración simbólica construidos colectivamente e compartidos entre los sujetos por medio de los cuales se asignan, interpelan, modifican y transforman los valores asociados al trabajo. En este sentido, la significación subjetiva siempre es socialmente construida y no un atributo que psíquica e personalmente se porte, elabore e agote. Finalmente cabe señalar que el *ethos* laboral puede ser pensado como los estados mentales, imaginarios, ideológicos e morales que son resultado de la interiorización de distintas experiencias, genealogías y biografías laborales (Ibid. p. 128).

E, complementando o argumento anterior, Borges e Tamayo (2001) indicam que os significados do trabalho, como atributos valorativos, estão associados às marcas que se tem de sua inserção no mundo, além do que essa *cognição subjetiva e social* pode variar individualmente, mas, "simultaneamente apresenta aspectos socialmente compartilhados e associados com as condições históricas da sociedade" (BORGES, 1998*, apund*, BORGES e TAMAYO, 2001, p. 13). Portanto, a dimensão microssocial, que se tenta resgatar aqui, está associada às propostas dos autores antes mencionados.

Voltando às orientações antes sinalizadas, no que diz respeito à primeira, temos que: a origem social das pessoas que se empregam na construção civil – sejam as que pertençam ao perfil tradicional ou as que fazem parte dos novos sujeitos sociais – influíram em sua chegada, trajetória e "permanência" no mercado de trabalho do setor e na cidade (Belo Horizonte ou Cidade do México). Em ambos os espaços, na construção civil e na cidade, ao ser parte do contingente dos *lentos*, vivenciam, se "estabelecem" e pensam cada um deles a partir da temporalidade e da espacialidade do trabalho, segundo Nieto (1998); do mesmo modo ocorre com uma prática social, realizada por determinados grupos e classes sociais que significam o papel que têm o trabalho, sendo este um "elemento estructurador de la vida individual y social", já que "los seres humanos siguen constituyendo su ser social a través de relaciones sociales **en** y **con** el mundo laboral" (p. 122-123), como bem se evidencia nos/as trabalhadores/as da construção civil.

Quanto à segunda orientação: o refletir que a população de interesse tem sobre sua realidade, tal como suas formas de agir ao longo da trajetória laboral, estão associadas a um conjunto de experiências acumuladas como sujeito social – pertence a um grupo específico que tem vivenciado uma série de desvantagens sociais – e como trabalhador/a da construção civil. Nestes sujeitos sociais o trabalho tem um papel predominante, pois é o meio que lhes tem permitido melhorar a condição de vida própria e familiar e trabalhar na construção civil lhes permite obter o desenvolvimento profissional que a falta de uma trajetória escolar não permitiu. Ambos os aspectos também influem nas expectativas laborais e de vida que geram no atual contexto social; além de estarem permeados pela etapa de vida na qual se encontram e no cargo que exercem, assim como pelo seu papel de chefe/a de família. É de se reconhecer que, ser homem ou ser mulher, em um ambiente de trabalho

tradicionalmente masculino, leva a ter determinados valores sobre sua atividade e sobre os lugares onde se realiza; mas, nesta pesquisa, o tipo de trajetória que se tem na construção civil tem maior influência sobre os argumentos a se apresentar[47].

Esse refletir, atuar, interiorizar e ter novas perspectivas de vida também está relacionado com o que Giddens (2006) chama de *processo de reflexibilidade*, que está associado à ação humana, antecedida pelo registro reflexivo das práticas cotidianas em cenários de interação; nesse espaço e tempo se racionalizam as rotinas, a conduta humana e o fluir contínuo das atividades, considerando os aspectos sociais e físicos dos contextos nos quais os atores se situam e transitam. Esse processo tem diferentes níveis de consciência, que passam da consciência discursiva (habilidade de descrever e discutir as razões no comportamento e nas atividades) à consciência prática (habilidades e conhecimentos que os atores possuem e usam em seus comportamentos em diversas situações sociais) (ANDRADE, 1999, tradução própria); portanto, é de se esperar uma concordância entre o refletir e o atuar – não obstante, o peso das estruturas pode limitar a capacidade de agência dos atores.

Essas interiorizações também são parte de um terceiro nível de significado, conforme propõe Bertaux (2005), o qual não corresponde aos dois mais comuns, que é o do sistema e o do ator. Trata-se de um nível intermediário, que corresponde às relações intersubjetivas firmes e duradouras, que se estabelecem entre as pessoas vinculadas entre si pelas relações que elas mesmas reconstroem ao longo de seu itinerário (ou trajetória) de vida. Portanto, a relação que existe entre os três níveis é de tal imbricação que "todo lo que modifique de forma sensible al menos uno de esos tres estados constituye un hecho y, de manera recíproca, todo echo en el itinerario biográfico modifica al menos uno de esos tres estados" (Id., p. 96).

A partir dessas considerações resgatam-se as reflexões e valorações que a população entrevistada tem de sua atividade laboral e de como esta tem influenciado em sua vida, individual e familiar, ante seu esforço por alcançar "certa forma de honra social" (Sennet, 2009). Para isso integram-se as informações sobre: vantagens e

[47] Sem esquecer que continuam sendo os homens os que predominam nesse setor, tendência que se reproduz no número de entrevistados em cada cidade, também por serem eles os que têm trajetórias contínuas são os que responderam a todos os itens da entrevista, motivo pelo qual seus argumentos vão predominar neste capítulo e em geral na tese.

desvantagens de se trabalhar na construção civil, os impactos do seu trabalho em sua vida, o que significa o canteiro de obras, aspectos sobre o aprendizado e a presença ou ausência de um sindicato, além de se destacar o que eles/as consideraram como sendo o mais importante que um trabalhador/a da construção civil tenha que aprender para se manter empregado.

Avaliando suas trajetórias, vivências e a experiência de seu ser trabalhador/a da construção civil, se pondera que a cimentação de sua vida laboral se estrutura na procura contínua por se manter no mercado de trabalho e melhorar sua condição laboral, esperando que seja isso seja refletido em sua qualidade de vida e, especialmente, na do núcleo familiar. Portanto, os alicerces/colunas/pilares dessa cimentação estão construídos em torno de: *aceitação* (da sua atividade e do lugar do trabalho), *procura* (de contínua empregabilidade, de aprendizagem e de melhorar sua situação de vida), *adaptabilidade* (às mobilidades, às dinâmicas de trabalho) e *disponibilidade* (de seguir as mudanças geradas no setor). Esses aspectos, junto com o que eles/as consideram ser o aprendizado mais importante para que um trabalhador/a da construção civil se mantenha empregado, levam a evidenciar que este/a tem que assumir como sua a responsabilidade, o poder de continuar no mercado de trabalho desse setor.

A situação vivenciada pela população de interesse está influenciada pela realidade do atual mundo do trabalho, o qual impactou a *classe-que-vive-do-trabalho*, afetando sua *materialidade*, sua *subjetividade* e sua *forma de ser* (ANTUNES, 1998, p. 15). A construção civil tem suas próprias particularidades tanto em relação à produção quanto ao uso da mão de obra – que se mantém mesmo diante de um processo de modernização. Essa realidade também se associa aos impactos do capitalismo flexível nas trajetórias e no caráter das pessoas que têm que ser "adaptáveis a circunstâncias variáveis, mas não quebradas por elas" segundo a proposta de Sennet (2009, p.53), e, assim, manter a força que lhes caracteriza, *a força dos lentos*. Nesse contexto os trabalhadores/as da construção civil são os/as encarregados/as de cimentar sua vida laboral, entendendo este processo como a construção da estrutura básica para apoiar e dar estabilidade a cada tipo de edificação. A cimentação depende das características do terreno e da carga que tem que ser suportada. Os elementos que formam uma estrutura básica são conhecidos como alicerces, palavra que pode ser usada como metáfora para se referir aos

princípios e às ideias essenciais que formam uma realidade[48] – que, neste caso, é a da cimentação da vida laboral em um setor e em um contexto nos quais se têm suscitado importantes mudanças, que se sustenta nos alicerces a serem abordados em seguida.

4.1. *Batalhar para ter uma vida bacana*. Aceitação

A aceitação de sua atividade laboral e das dinâmicas da mesma implica esforço e um constante batalhar para obter os benefícios que o trabalhar na construção civil pode outorgar, como bem foi expresso por Jorge. Esta atitude, sustentada em valorações que sopesam o positivo e o negativo desse trabalho, é o começo da cimentação da vida laboral na construção civil para a população entrevistada; especificamente para os trabalhadores que têm trajetórias contínuas e para os/as que vêm neste setor uma melhor opção de emprego. Essa atitude de esforço "compensado" é um incentivo para superar a sensação de resignação de sua condição laboral, já que ao ter sido a "melhor" opção de trabalho que encontraram ou a que lhes "salvou" da situação de desemprego, têm desenvolvido um agrado pela atividade que realizam – destacando as benevolências e minimizando os abusos que enfrentam. Contudo, reconhecem as condições de exploração e desigualdades que vivenciam em seu cotidiano laboral e em vida social – o que é refletido em seus argumentos.

O trabalho na construção civil, além de ter escasso reconhecimento social, é delegado a um setor da população que, por sua condição social, fica destinado a realizar atividades braçais; ou para aqueles que tiveram uma ruptura em suas trajetórias de trabalho anteriores. Nestes casos há maior aceitação da atividade que se realiza a das dinâmicas próprias do trabalho na construção civil, embora estas sejam pesadas, sujas – característica do trabalho abordada por HUGHES (1958) – e de alto risco; mesmas características que podem ser menos questionadas quando se priorizam os aspectos positivos que brindam sua atividade, fazendo mais aceitável sua vida laboral. Tal mediação se encontra nos argumentos dos entrevistados/as sobre as vantagens e desvantagens que, para eles/as, há em trabalhar na construção civil, como se apresenta nas tabelas18-22; as mesmas que mantém a ordem do tipo de trajetórias referidas no capítulo três.

[48] Disponível em: <https://conceitos.com/cimentacao/> Acesso em: 18 mar. 2018

Tabela 18. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias contínuas em Belo Horizonte

Nome	Vantagens	Desvantagens
Romário	“Para mim tem muitas vantagens, uma, porque aí você está trabalhando, está ganhando seu dinheiro, está pegando experiência dentro da empresa, então tudo isso aí. Tem cesta básica, tem vale transporte, tem café da manhã”.	“Tem não, tem não”.
Joaquim	“A construção paga ao trabalhador o dia inteiro, pelas contribuições que o sindicato tem feito. Coisa que não tem nos outros trabalhos”.	“O salário é pouco, o salário na construção civil não é bom. Perigoso, a construção civil é perigosa. O que se diz: empresário não tem qualidade, não tem capacidades, quer chegar e se achar de grande chefe, então temos brigado para quebrar isso”.
Jorge	“Ah, construção civil você aprende muito, cê aprende muito, aprende com os outros, vendo. Construção civil é bem legal, viu. Eu vejo que as pessoas discriminam, riem. Igual, por exemplo, de 2006, 2007 contratou muita gente, muita mulher, cê vê que a gente critica as pessoas gostar. Antes as pessoas discriminavam, ah que peão de obra, que não sei o que, aí você vê que não tem nada disso. O que movimenta o país é a construção, quando a construção para também para tudo, aí não vende tinta, não vende aço, não vende mineração, não vende, não vende alumínio, não vende nada, não vende roupa, tudo o que você precisa está aí, vê”.	“Não sei. Você nunca acaba de concretar uma laje cinco horas da tarde, sempre se vai até a noite e as vezes os colegas não querem ficar mais. Você fica estressado demais porque tem que estar resolvendo tudo sozinho. Não tem quem lhe substituir e não pode participar na greve”.
Anastácio	“Nenhuma, porque, assim, você tem que trabalhar a vida inteira e fica do mesmo jeito, o que você trabalha dá só para sobreviver, até pode parecer trabalho forçado, levantar cedo, as condições de exploração continuam, só dá para sobreviver”.	“O setor da construção civil não é um setor onde você tem um serviço vitalício porque no máximo vai ter contrato por dois anos. Depois desse tempo dispensam todo mundo, transferem se tem mais construção ou mandam ir embora. Há acidentes, danos à saúde pelo trabalho. Pressão psicológica sofrida pelo trabalhador pelo medo de ser demitido. Há muita opressão”.
Manoel	“Construir minha casa de meu jeito. Eu queria desenhar ela e queria ter ela da minha forma e eu consegui aí, batalhando, porque peguei desde o chão, agora tiro uma parede, mexo como quero e para mim isso tem muito valor porque eu posso criar a minha forma, a minha maneira”.	“Trabalhar nas ordens dos outros, o tipo de gerenciamento da empresa, a diretoria, ela começa a pedir cotas então eles nunca deixam trabalhar sendo você, eles estão sempre te mudando, te colocam a fazer diferentes atividades, já muda. É

		forçado sair de uma coisa e pegar outra, tem que manter a calma".
Tito	"O salário é bom".	"A incerteza, não saber o que vai acontecer quando finaliza uma obra".
Carlos	"Tem sido bom para eu ter minha casa".	"Não ter certeza de ter trabalho contínuo".
Roni	"As coisas boas para mim é chegar numa e casa e ver alguma coisa que a pessoa não gosta na casa e reformar o negócio ou eu fazer as coisas que a pessoa tem vontade de mudar dela. É bem bacana porque no final das contas tu tá arrumando do jeito que a pessoa pensou, imaginou ou gostou para poder ter".	"A única desvantagem que eu vejo difícil é quando a gente calcula o preço pelo serviço, pensado nos dias que vai fazer o serviço, e a coisa não sai como a gente espera, dá prejuízo".

Tabela 19. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias contínuas na Cidade do México

Chuy	"Lo que se gana, eso es lo que nos motiva a trabajar en la construcción".	"Es pesado el trabajo e no hay garantía de jubilarse. En unos cuatro, cinco años voy a tener que buscar otro jale, no voy a aguantar más esta chamba".
Cristóbal	"Es tranquilo y bien pagado".	"Es pesado y muy riesgoso, es peligroso porque tienes riesgo de cortarte los dedos".
Gerardo	"Siempre puedes tener trabajo y, comparado con el campo, trabajas menos".	"Uno quisiera ganar más!"
Rogelio	"Que dan seguro y lo económico. Aprendes, aprendes no nomas de lo tuyo, sino de las demás áreas también".	"Es peligroso, tienes el riesgo de que te caiga algo encima o te caigas, aunque andes con cuidado".
Juan	"Este trabajo sí da, no me quejo de él, me ha enseñado y a tener mis cosas, hacer mí casa a mi modo. Me deja ahorrar, ahorrar tiempo y dinero, y puedo hacer alguna cosa que necesite mi casa".	"Que cuando no tienes mucho estudio te pagan poco. Aquí en la construcción por ejemplo yo, sino tuviera este oficio me contratarían para hacer limpieza".
Everardo	"Poder aprender de otras áreas".	"Lo peligroso, es muy peligroso".
Geovani	"Pagan bien, aprender y puedes hacer tu casa. También es un trabajo que me ayuda a tener buena condición física, sólo me tengo que alimentar bien y no voy a tener problemas de salud".	"Es peligroso y luego hay algunos jefes que te ponen en más riesgo cuando te piden hacer algún trabajo en la altura y no te dan el equipo de seguridad o, sí te lo dan, no sirve".
Benito	"La posibilidad de que si tú aprendes más, pues, puedes hacer otras cosas y cobrar más, tener más trabajo. Y hacer lo que sabes en tu casa".	"Ninguna, menos si lo comparo con el trabajo que tuve en la mansión".
Ricardo	"Que aprendes cosas y que haces varias cosas diferentes".	"Que hay mucho peligro, puede haber muchos accidentes".

Tabela 20. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias de recém ingresso na Cidade do México[49]

Nome	Vantagens	Desvantagens
Sara	"En la construcción se paga mejor, por eso se vuelve la opción para trabajar, además te dan seguro. En las tiendas se paga la mitad y a veces ni seguro dan. Lo bueno de la construcción es que es un trabajo muy movido y el día pasa rápido. A mí me gusta, estoy aprendiendo casas nuevas, yo estoy a gusto. Yo le veo futuro y es como yo luego le comento a mis compañeras: - es un aprender de todo porque puedes, si te mandan a otra obra ya no vas a errar, ya es más fácil".	"Que nos traen movidas. Te puedo decir que, eh, este, el jefe casi nos trae con el látigo".
Robert	"Pagan bien, con eso yo puedo pagar mis cuentas. También puedo aprender más, porque me gusta mucho la electricidad, me gusta la plomería, otra cosa que me gusta es como aire, aire acondicionado. No es solo es dinero, porque mira, yo aprendo muchas cosas aquí en el trabajo, porque también yo soy una persona inteligente".	"Es algo pesado, no mucho pesado, pero poquito sí porque hay que estar baje y sube, baje y sube".
Maribel	"Trabajar en la obra me permite aprender cosas nuevas. Además, veo el trabajo reflejado en el cuerpo, pues ya hasta enflaque, también tengo más agilidad y fuerza. Aunque acabo bien cansada y me quedan las marcas de los golpes [mostra as marcas das mãos]. Al trabajar aquí [em Chapultepec Uno] pude saber que estoy bien de salud, porque hay consultorio médico, nos hacen chequeo y exámenes periódicamente".	"Para mí, la distancia; tengo que despertar antes de las cinco da mañana y pasar dos horas en el micro y metro para llegar. No me queda tiempo para nada, para mí, pues cuando vuelvo tengo que hacer comida, lavar la ropa, limpiar la casa, dejar comida para mis hijos y para yo traer. El fin de semana es todo para hacer las cosas de la casa y pasar tiempo con mis hijos".

Tabela 21. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias de reinserção em Belo Horizonte e na Cidade do México

Nome	Vantagens	Desvantagens
Raimundo BH	"O ingresso, não tem muita exigência para ser contratado. Além disso não tem a mesma rotina que outros trabalhos".	"É pesado, no começo é bem pesado, já depois você se adapta".
Gabriel CDMX	"Para mí, que estoy aprendiendo cosas nuevas, es bueno; porque yo casi en la obra, ésta es obra civil y a mí me gusta la obra eléctrica o mecánica, ah, es más de cache. Pagan bien, pagan campamento y no está lejos".	"No le veo, yo le busco la forma positiva".

[49] Para este caso apresentam-se apenas os argumentos dos/as entrevistados/as mexicanos/as – já que pelo tempo de ingresso da Julia, com dois dias no canteiro de obras no momento da entrevista, estes itens não foram abordados.

Luz CDMX	“Este trabajo me da la posibilidad de cumplir el tiempo que me falta para jubilarme. En la obra es bajo el sueldo, pero tiene el seguro, es un derecho que tiene el trabajador y a la larga está bien. ‘Además, me permite guardar un poco de dinero para pagar mis deudas y talvez para poner un negocio”.	“La construcción es pesada, es un trabajo pesado para los trabajadores viejos como yo”.

Tabela 22. Concepções sobre a construção civil dos trabalhadores com trajetórias temporárias em Belo Horizonte e na Cidade do México

Otávio BH	“Dá satisfação pessoal, ver a satisfação do cliente é uma realização muito boa, para a pessoa. O que é uma dor de cabeça, para você é solução. O que eu sei ajuda na reforma da minha casa, agora vou fazer mudança da elétrica usando o padrão de normas que estou aprendendo no curso”.	“A única desvantagem que tem é quando a pessoa quer pagar barato e ela arruma uma pessoa que não é qualificada aí acaba o barato saindo caro, ele faz uma merda e depois a pessoa te chama para consertar”.
Bruno BH	“O aprendizado, né, aprende muita coisa, hoje em dia a gente, assim, todos nós estamos querendo construir uma casa para a gente, então quem trabalha na construção civil é a que tem mais possibilidade. Acho que adquire duas coisas, porque hoje a mão de obra é muita cara, né”.	“A desvantagem é o pagamento, né, porque o salário mínimo atual para a gente virou muito pouco, né”.
Emilio CDMX	“Te pagan mejor que en otras chambas y aprendes un poco de todo”.	“Aquí lo único malo es que no te dan utilidades, aguinaldo, no te pagan los días festivos, es como cualquier día normal. Además, no cotizamos para jubilarnos, ahí está mal”.
Julio CDMX	De cierta manera me da para vivir.	“Hay lugares en que el trabajo es muy pesado, inseguro, no te dan equipo para que te protejas. Hay obras en las que los trabajadores se quedan a dormir ahí mismo. Los traslados son muy pesados, te causan cansancio, stress, cansancio mental, mal humor, no. Es una calidad de vida mala y es cuando lo contrastas con las personas para las que trabajas y eso me causa ira, demasiado coraje”.

Em geral, as vantagens que consideram ter ao trabalhar na construção civil estão associadas ao econômico, ao acesso de aquisição constante de conhecimentos e à utilidade do aprendizado fora do canteiro de obras. Outros argumentos, além dos anteriores, estão associados com a realização da atividade que não recai na rotina, além de gerar benefícios físicos ao manter o corpo exercitado. No entanto, essas mesmas questões se apresentem como desvantagens para alguns trabalhadores/as,

já que sua idade, tipo de contratação e atividade que realiza influem em sua experiência de trabalho e nas suas concepções. Assim, do outro lado da moeda, evidenciam que o salário que ganham, ainda sendo maior que o mínimo, não compensa o esforço e o desgaste físico gerado pela atividade laboral que realizam, o estar em constante risco de sofrer um acidente, o ter que afrontar as informalidades do mercado de trabalho da construção civil, além das incertezas que vislumbram para seu futuro no que se refere à estabilidade laboral ou a obter aposentadoria – preocupação mais referida entre os trabalhadores mexicanos ao experimentarem maiores desvantagens no que diz respeito às formalidades dos veículos laborais que lá predominam, tendo menos garantias sobre seus direitos laborais.

As diferentes percepções que foram expostas dependem principalmente da trajetória que se tem na construção civil, embora a idade e a questão de gênero também tendem a influir. Os trabalhadores mais novos, assim como os mais velhos, tendem a ver aspectos mais positivos de se trabalhar nesse setor. Enquanto aparentemente os primeiros estão conhecendo esse ambiente de trabalho e ainda estão com mais expectativas dos ganhos que podem ter ao desenvolver um oficio, para os segundos ter obtido logros matérias que lhes permitiu melhorar as condições de vida familiar lhes confirma os benefícios que sua atividade laboral pode brindar. No que se refere à questão de gênero, as trabalhadoras, pelo tempo que têm na construção civil, valorizam em primeira instância o salário que recebem, embora estejam abertas a aprender as atividades que aí se realizam e a consolidar uma trajetória laboral neste setor; ainda que tenham que mediar com o papel de mães e com as tarefas domésticas – sendo Sara a única que expôs não ter de se preocupar em fazer comida, pois o companheiro dela é quem realiza esta tarefa, além de ter filhos adultos, o que diminui suas tarefas domésticas – aspectos que incidem na constituição de trajetórias de trabalho estáveis, como tem sido estudado por Santos Y (2008).

Por outro lado, quem enfrenta maior informalidade na sua contratação e tem um vínculo laboral com empreiteiros ou com construtoras de pequeno porte são os que enfrentam maiores desvantagens laborais, por estarem mais expostos à incerteza em sua continuidade de empregabilidade e vivenciando maior instabilidade que os que têm melhores formas de contratação. Esta dinâmica de incerteza, assim como a mobilidade laboral contínua, a insegurança do futuro e o risco do trabalhar na

construção civil –embora seja comum se machucar e experimentar cansaço – são alguns dos *rituais de sofrimento* a se vencer para se manterem ativos no mercado de trabalho (RODRIGUES, 2011) e obter os benefícios de trabalhar na construção civil. O confirmar sua aceitação por esse emprego, até vendo-o como uma escolha que lhes vai brindar ganhos, se consolida com as outras ingerências que o trabalho que realizam tem em sua vida.

4..1.1. Desdobramentos do trabalho na vida da população entrevistada

O trabalhar não se reduz somente à troca da força de trabalho por um salário, pois, como se vem expondo, o trabalho tem influências diversas na vida de quem o realiza e até em seu núcleo familiar. Para a população entrevistada, seu trabalho na construção civil e o desenvolver um oficio fornece distintos ganhos que vão além da remuneração econômica, como exposto em alguns relatos apresentados nas seguintes tabelas.

Tabela 23.Considerações sobre trabalhar na construção civil para trabalhadores com trajetórias contínuas

Sr. Cosme	“Quando eu passei a trabalhar na construção civil me adaptei melhor. Eu gosto da construção civil, do que fazemos, então a gente trabalha com atenção, porque se você não trabalha com atenção pode se acidentar...Olha, e ajuda, ajuda mesmo. Assim, eu fiz uma casa para minha família e foi isso”.
Romário	“Consegui tudo com a construção civil. Agora que vou aposentar vai ser bom, só comendo peixinho, tomando geladinha, oh vida!”.
Joaquim	“Eu gosto, eu gosto, pela qualidade que eu tenho de mão de obra.eu acho isso muito importante, porque, infelizmente, a gente vê muitas pessoas querendo construir e, talvez pelo custo da mão de obra, não constroem; eu me sinto orgulhoso, no meu caso eu vim da roça com pouco dinheiro. Me considero, graças a deus, um bom profissional, em qualidade, em conhecimento, esforço e reponsabilidade, é importante também. Eu acho que se eu houvesse optado por minha conta, por microempresa eu sairia muito bem porque eu tenho muito convite a trabalhar por conta própria, entendeu, e graças a deus tenho bastante oferta. E tenho 42 anos no canteiro de obras, que não é pouco tempo. Consegui fazer a casa da minha mãe, minha casa, estou fazendo a casa de minha tia, uma casa muito grande. Quem não está batendo é porque não levou a sério. Eu vim da roça aí mudei minha vida total. As filhas estudaram. Tenho dois carros”.
Jorge	“A coisa começou a fluir quando assinaram minha carteira, aí eu fui e comprei um lote, tinha comprado um lote, estava desejando, construí e mudei para lá. Se eu for comparar quando sai da roça pra cá eu melhorei muito, graças a deus, eu morei em favela, depois cumpri meu sonho de comprar um lote e construir uma casa para mim, e, assim, tinha aquele sonho de ter família, mas tinha que me estabilizar primeiro, tem gente que não. Pensei em me estabilizar, ser independente, quando você já tem onde morar cê já pode ser independente. Eu consegui comprar lote, consegui comprar carro, eu consegui construir, eu fiz um planejamento para ter menino, sabe, então para mim, graças a deus, foi bom. Porque o seguinte, o que a gente tem, você pensa em dar ao filho o que você não teve, então, assim eu

	consegui dar um carro para ele, e aí, graças a deus, vai indo. Você consegue se alimentar bem, tem ao menos aí em casa, o pessoal vive bem, tenta. Então acho que melhorou muito com o que você está fazendo, cê está batalhando para ter uma vida bacana, para ter uma vida legal, tem seu esforço para chegar até onde chegou".
Anastácio	"Infelizmente, na época só tinha duas opções, trabalhar na área dos transportes, mas, o que mais pega é trabalhar na construção civil, logo aí vai e aí fica. O único que a gente consegue é ter a casa".
Tito	"No começo me ajudou para ter carteira de trabalho e um salário seguro e era importante para mim porque estava por nascer meu primeiro filho, agora serve para manter minha família. Também posso pegar algum bico depois do trabalho e ter outro dinheiro a mais".
Carlos	"Trabalhar na construção civil foi uma boa escolha, por ter ajudado para conseguir ter a casa própria".
Manoel	"Minha ideia principal é me manter trabalhando na construção, mas, quero fazer curso para fazer porta, janela, portão e fazer uma empresa e vender na construção mesmo. Acho que tenho a oportunidade para vender porque tenho os contatos que precisa e já estou dentro da área".
Roni	"Pedreiro é a profissão que eu gosto. Eu tenho vontade de parar de trabalhar com meu pai, mas eu só sairia para poder mudar de profissão, que não tem nada a ver uma coisa com a outra. Só sairia de trabalhar com ele para poder mexer com carreto, caminhão, que é um sonho que eu tenho, fazer transporte de carga. Trabalharia para os outros até chegar a comparar o meu caminhão. Porque trabalhar em caminhão? Esse negócio, a mesma coisa que a obra, estar cada dia num lugar, não ficar preso o ano inteiro no mesmo ambiente e vendo as mesmas pessoas, e dá para viver tranquilo como na construção".
Chuy	"Ahora me ayuda para poder pagar los estudios de mis sobrinas, una ya está por terminar la carrera de psicología, pero también ya me dio para mejorar mi casa".
Cristóbal	"Este trabajo me ha dado lo poquito que tengo, me ha dado satisfacciones, bueno también preocupaciones, pero me ha dado para comer, para mis hijos y para mi esposa y para lo poquito que he hecho".
Juan	"Superación, porque vas ganando a aprendizaje".
Benito	"Es bonito porque aprendes a hacer todas las cosas para luego hacerlas en tu casa".
Ricardo	"Es una opción para continuar viviendo en la Ciudad de México, para poder hacer mi casa y para llegar a ser más que oficial, me gustaría llegar a ser más que oficial, un cabo, un jefe".

Tabela 24.Considerações sobre trabalhar na construção civil para trabalhadores com outro tipo de trajetórias

Raimundo	"Infelizmente, hoje tenho um salário menor, a gente já não poder fazer certas coisas que fazia antes, já não tem carro, hoje eu tenho que olhar mais os gastos de casa".
Otávio	"Eu aproveito meus conhecimentos na minha própria casa".
Bruno	"Para ter uma vida melhor tem que ganhar mais ou se desdobrar para trabalhar mais. Eu tenho minha casa, que eu mesmo construí, aí consegui uma coisa. Trabalhar na construção civil para mim foi bom demais, a melhor coisa. Eu tinha um amigo que era o rei do bairro, porque ele morava numa casa grandona, e eu queria ter uma casa assim e eu consegui ter minha casa".
Gabriel	"En este trabajo puedo cumplir el tiempo que me falta para jubilarme".
Luz	"Ayuda a tener una vida mejor para los que ya estamos viejos, por lo que ganamos y para jubilarnos, que es lo que uno va a tener en el futuro".

Sara	“El seguro, porque sí, yo siempre quise tener seguro porque, dios no lo quiera, me llego a poner enferma ¿a dónde voy ir a dar? Y, este, lo que se paga, porque luego uno paga demasiado en una clínica particular”.
Robert	“Hay que acostumbrar el cuerpo al trabajo pesado. Pero yo quiero aprender más del trabajo de plomero”.
Emilio	“Ayuda para hacer trabajo por fuera y en tu casa”.
Julio	“Me ha ayudado a, por ejemplo, a tener mayor claridad de la división social del país, no, y de la condición socioeconómica, no solamente de los trabajadores, sino también de los patrones, no. Porque es paradójico, no, personas que tiene mucho dinero son bastante avaras, aja, muy mezquinas, muy tacañas, quieren regatear un quinto, no, por favor ¿con lo que pagan de renta? “.

Os argumentos anteriores expõem uma série de aspectos sobre como sua atividade laboral influi em sua vida profissional e familiar, refletindo também em sua situação social. A maioria ressignifica o trabalho na construção civil como positivo, embora tenha sido única opção de emprego que tiveram. O fato de confirmar que a aquisição de conhecimentos, além de dar melhorias na condição laboral, é útil fora do canteiro de obras, lhes permite valorizar ainda mais o trabalho que realizam, sem que isso lhes leve a esquecer da parte negativa do mesmo. As situações de precariedade que vivenciam – risco, incerteza na continuidade de empregabilidade, desgaste físico e o fato de passar o dia todo no desenvolvimento de sua atividade, incluindo os deslocamentos – são compensadas com o que obtêm de sua atividade: salário, conhecimento, possibilidade de fazer bicos, construção da casa própria; possibilidade de aposentadoria; “ganhos” que brindam estabilidade na cidade, quando se é imigrante.

Essa superação individual e estabilidade econômica também é valorizada por beneficiar o grupo familiar – independentemente de estarem casados e terem filhos (que é o caso da maioria dos homens), de serem mães solteiras ou de serem solteiros (neste último caso sustentam gastos importante da família de descendência, como o fazem Manoel e Chuy). Na fala dos homens destaca-se mais o papel que assumem de ser chefes de família, o que evidencia questões de gênero que estão associadas a um tipo de masculinidade tradicional, na qual se valoriza o lugar do provedor, daquele que deve cuidar do bem-estar familiar e garantir a mobilidade social ascendente, especialmente ao ter conseguido sustentar o gasto dos estudos universitários dos filhos/as, nos trabalhadores mais velhos.

Particularmente, a construção da casa própria é uma conquista significativa, pois se obtém um patrimônio que materializa o esforço que demanda sua atividade

laboral, sendo um tipo de “recompensa” que permite dar estabilidade e segurança para a família. A possibilidade de ter uma casa própria se apresenta como o maior benefício alcançado por se trabalhar na construção civil, motivo pelo qual é valorizado esse emprego, já que fornece o conhecimento e os recursos necessários para essa edificação, que, ainda, pode ser feita conforme seus desejos e possibilidades. Além disso, gera satisfação pessoal ao demonstrar seu bom desempenho como construtor e como chefe de família, cumprindo assim as exigências sociais próprias desses papéis, já que, como argumentam Borges e Tamayo (2001), as esferas mais centrais da vida destes trabalhadores são a família e o trabalho.

Também é de reconhecer que edificar e ter a casa própria pode ser compreendido como a conquista de um “luxo” por uma classe trabalhadora que, como tantas outras, realiza atividades precárias, mas que se diferencia nesse ponto específico devido ao fato de ter conseguido construir sua casa – feito que, comumente, chega a ser um desafio até mesmo para setores da população que têm trabalhos menos precários e de maior reconhecimento social. Esse logro por parte daqueles que trabalham na construção civil é algo valorizado, principalmente quando relembram as diferentes situações vividas em anos anteriores e as comparam com sua realidade atual – o que contribui, inclusive, para a aceitação de que a atividade laboral na construção implica esforço, compromisso e “levar a sério”. Por essa via também adquirem autonomia, pensando a possibilidade de se tornar, de acordo com a concepção de Sennet (2009), *autores de suas próprias vidas*, pois, mesmo que continuem na parte inferior da escala social, obtêm respeito ante seus pares, familiares e vizinhos. Ademais, a obtenção desses logros também lhes fomenta expectativas em querer incursionar em empreendimentos empresariais associados ao mesmo setor; embora a possibilidade real de consegui-lo seja outra história.

Os diferentes desdobramentos do trabalhar na construção civil se reforçam com o que o lugar de trabalho, “o canteiro de obras”, significa para os trabalhadores/as entrevistados/as; pois, aí exercem uma função que lhes dá uma renda, além de ser um espaço de constante e intensa sociabilidade e até de socialização, importantes para se obter conhecimentos e se desenvolver como profissionais e ser reconhecido como uma categoria com uma identidade profissional. Portanto, falar do lugar de trabalho é de grande transcendência para ter uma aproximação à atividade laboral

que se realiza, às dinâmicas laborais e ao cotidiano de trabalho da população em questão, como se expõe nos seguintes argumentos.

Tabela 25.Significado do canteiro de obras para trabalhadores com trajetórias contínuas

Sr. Cosme	“Canteiro de obras para mim significa uma grande coisa, que é onde você vai desenrolar suas atividades, vai fazer suas atividades aí, juntamente com seus companheiros e é o que vai dar seu sustento, para você e sua família e assim sucessivamente”.
Romário	“Para mim é muita coisa porque é o lugar onde a gente trabalha e ganha o dinheiro dentro da empresa”.
Joaquim	“Eu considero o canteiro de obra, ou qualquer lugar que estiver, para mim é minha família, para mim qualquer operário aí é minha família, mas infelizmente nem toda pessoa é boa, tem tanto homicídio, tem tanto latrocínio que já te dá insegurança aquela pessoa. Dentro do canteiro de obra há muitas coisas, muitas, muitas; muita injusta, se viola o direito do trabalhador. Também tem muito operário difícil, desqualificado, de má qualidade, agressivo, tem operário que quer tirar o trabalho de outro, tem”.
Jorge	“Canteiro de obras hoje para mim é, então, toda minha vida está aí na obra, então seria, hum, hoje, hoje para mim o canteiro de obras depois de minha família é importante. Aí consigo me concentrar, consigo planejar coisas, eh, e, eu acho que para mim hoje seria isso”.
Anastácio	“O canteiro de obras para mim, eu na minha concepção o considero como se fosse uma prisão, uma prisão ali, que você chega no horário que você tem, sete horas, aí você fica ali preso, com os chefes de lado, então para mim é um lugar péssimo o canteiro de obras, péssimo”.
Manoel	“É onde eu faço meu trabalho desde que eu vim para cá e eu comecei na área da construção, então eu me aproprio do canteiro, eu tenho que conhecer cada canto, saber o que está no meu redor, o que eu posso usar, o que não posso usar, onde posso entrar onde não posso, tento conhecer tudo aí dentro, para que possa ficar um ambiente mais confortável para mim. Lá dentro, quando você chega, você conhece o ambiente que está, você se sente mais à vontade, né, até as pessoas que estão no seu redor elas se sentem bem porque vão ver que você sente apropriado e você acaba passando a ser bem produtivo. Vou te falar, quando você entra num canteiro de obras você já tem conhecimento, como se entrasse na sua casa, independente onde for, é qualquer um. Quando eu chegue na obra lá, eu tinha um conhecido só, depois de uma semana eu conhecia todo mundo lá, de um conhecido passei a conhecer todo mundo, comecei a brincar. Tenho dois meses lá e por causa de amizade parece que tenho dois anos já”.
Tito	“Um segundo lar, é aqui onde passamos mais tempo do dia, até mais que em nosso primeiro lar. É importante fazer amizade no canteiro de obras porque ajudam para ter uma boa convivência no trabalho, porque sempre se trabalha em coletivo e porque sempre vai encontrar colegas conhecidos em outros canteiros de obras. No canteiro de obras todos os trabalhadores têm apelidos e que quase nunca conhecem o nome do trabalhador e vamos para outros canteiros e sempre se fala pelo apelido”.
Chuy	“Mucho, porque es tu segunda casa y es mucho ¿cuántas horas nos aventamos aquí y cuántas horas nos aventamos en nuestra casa? Estamos más aquí y aquí convivimos más porque allá, en nuestra casa, llegas a dormir y ya, bañarte, cenar y a dormir y ya, y aquí no, aquí pasas todo el día y aquí hasta convives más”.
Cristóbal	“Es mi lugar de trabajo y me enfoco en eso”.
Gerardo	“Es donde tenemos que sacar el trabajo adelante e donde vamos hacer lo que sabemos para poder continuar adelante”.
Juan	“Es como si llegaras a una casa, pasas todo el día aquí, con tus compañeros, es como una segunda familia”.

Geovani	“La obra es como una gran casa, pues, ahí pasas más tiempo que la casa familiar, a tú familia sólo la ves de noche y a los hijos sólo el fin de semana, comúnmente”.
Benito	“Es nuestro trabajo, ahora sí que es llegar y hacer lo que tengamos que hacer”.
Ricardo	“Tipo una casa, pues como te ven joven también te cuidan, se vuelve un ambiente de familia”.

Tabela 26.Significado do canteiro de obras para trabalhadores com outros tipos de trajetórias

Raimundo	“Hoje, é a segunda casa, a gente passa a maior parte do tempo dentro do canteiro de obra, eu chego ao serviço seis horas da manhã e saio cinco e meia, cinco e quinze, faço duas horas para chegar em casa, chego em casa sete horas, sete e meia, nove vou dormir, quatro horas acordo. Então eu saio de noite e volto para casa de noite”.
Otávio	“A verdade ele é tudo, né, porque o local de trabalho ali é seu ambiente, seu meio de vida, seu ganha pão, né. Se você trabalhar errado cê também prejudica sua saúde, então tem que ter uma qualidade de vida ali não só seu local de trabalho, tem que saber se cuidar bem, segurança, alimentação, deve se alimentar bem; então o local de trabalho tem que ser bem cuidado, né, porque demanda muita coisa”.
Bruno	“Uma família, né, porque ali tem vários, né, como muitos que estão trabalhando com um objetivo e todos com seu objetivo de ganhar seu dia a dia para levar um dinheirinho para sua casa. E você vai lá e é passar no teste, né. Ser um cara bom de serviço, sabe, tudo o que te pedem pra fazer tá fazendo. Você se defender nessa selva, é uma selva, então cada um tem que defender o seu”.
Luz	“Para mí es todo, entras con, con la intención, con la ilusión de que, a lo mejor, a la semana vas a recibir un dinero”.
Sara	“Bueno, yo, pararme me cuesta mucho trabajo, entons ya casi voy a entrar y estoy casi dormida, pero ya una vez ya cambiándome como que se me cargan las pilas, y, o sea, me gusta trabajar, me gusta mi trabajo”.
Robert	“Esta obra [Chapultepec Uno] es muy grande, en Haití no tenemos así, solo llega hasta el piso 30, pero yo, me gusta mucho, me siento bien. Es la primera vez que estoy trabajando así, en la obra, en una obra muy grande, ese primer día que vine a trabajar estaba muy emocionado porque el edificio es muy alto. Comencé a hacer muchos amigos, siempre platicamos”.
Emilio	“Aquí, prácticamente, aquí estás más tiempo que en tu casa y tratamos de llevárnosla bien. La obra es la que nos da de comer y a cualquier obra que vayas es tu segundo hogar”.
Julio	“A mí, particularmente, me causa mucho coraje, considero que hay una desigualdad enorme, no, que es abismal. La actitud de ciertas personas, me molesta, son muy prepotentes [os clientes], nos pintan como lo más bajo de la escala social, te ven feo, te tratan mal. El ambiente es pesado, hay personas muy envidiosas, pero también hay otras que son muy, muy buenas personas. Es un lugar de explotación. Me da mucho coraje porque es muy grande la brecha que hay entre ricos y pobres y me da coraje porque no tienen idea de un dolor de rodilla por hacer este trabajo, no, y aún tiene una actitud bastante soberbia. *Es un lujo que*, ahora sí como diría López Obrador, *ofende a la pobreza”*.

O canteiro de obras, para os/as entrevistados/as nas duas cidades, não se reduz ao lugar de trabalho, onde somente se realiza as atividades laborais para adquirir o salário, embora essa relação seja importante para o sustento familiar. Nesse

espaço, como bem argumentaram Borges e Martins (2004), se cria um vínculo entre o trabalho e a vida privada, especialmente pelo tempo que se passa aí. As jornadas de trabalho que se conjuntam com o tempo que se passa entre o lugar de residência - canteiro de obras - lugar de residência, influem para se passar menos tempo com a família; mas, em contrapartida, a convivência que se tem no canteiro com os colegas de trabalho torna-o semelhante a um lar, sendo os colegas como se fossem a família – tornando pertinente essa comparação. O convívio entre colegas tem distintas funções, desde a aquisição de conhecimentos sobre o processo de construção, até para se manter empregado e para ascender na escala social.

No entanto, também é o lugar no qual se gera exploração, conflito e aprisionamento – sendo esta última sensação referida por Anastácio, que narra muito bem o que é estar dentro das muralhas que demarcam a fronteira entre o interior e o exterior de um canteiro de obras. No caso dos trabalhadores de Belo Horizonte, por contarem com refeitório no canteiro, estes passam pouco tempo fora do canteiro de obras durante o horário do almoço, se comparado ao México. No México é comum que os/as trabalhadores/as saiam para comprar alimentos e chegam a comer na rua, mesmo nos casos que se tem o refeitório – sendo essa prática também uma forma de distração, como era no caso do canteiro de Chapultepec Uno. Cabe ressaltar que o fato de haver refeitórios em alguns canteiros de obra não significa que nestes as condições do local de trabalho sejam adequadas, no entanto, nos canteiros que não possuem refeitório isso pode ser um indicativo de que a condição destes seja ainda mais precária.

Outra característica deste lugar de trabalho é que ele permite identificar a presença ou a ausência de atores envolvidos na indústria da construção civil (Estado, sindicato, etc.). Também é o local onde se coloca a mão de obra a produzir e se demarcam hierarquias laborais e sociais, em que os “patrões” de longe definem sua distinção e as fronteiras entre uns e outros, como se expressa nas falas de Romário, Joaquim e Julio. Pois, a atividade laboral está relacionada com condições sociais de determinados grupos, pelo que ao manter o “nós” e o “eles” se reforçam as fronteiras sociais hierarquizadas, espaciais e de gênero (LABACHE e SAIN MARTIN, 2008); que ainda repercutem dentro e fora do canteiro de obras.

O lugar de trabalho é um espaço complexo. Na construção civil, o canteiro de obras é onde se materializa a atividade que cada trabalhador/a realiza, se

estabelecem as relações de trabalho e se aprende o processo de construção. No seu interior também se sofrem os efeitos de um emprego pesado, perigoso e temporal – este último aspecto tem duas dimensões temporais, a da produção e a da jornada de trabalho. Ao ser concluída uma obra o produto final fica fixo, enquanto os meios de produção e a mão de obra se deslocam para outras coordenadas geográficas; situação que causa incerteza entre os trabalhadores/as, por estar em risco sua continuidade no emprego. As redes de parentesco, amizade e relações entre a população trabalhadora se consolidam pela sociabilidade que surge das jornadas de trabalho e por estarem trabalhando sempre em coletivo – sendo que estas são funcionais para contrapor os efeitos da temporalidade da contração e poderem se manter circulando no mercado de trabalho.

Sobre este alicerce, a aceitação, os prós e os contras que cada entrevistado/a tem sobre seu trabalho e sobre o lugar onde se realiza vão ser mediados dependendo da valorização que ele/a dê ao seu trabalho, do tipo de implicações e de benefícios que este tem gerado em sua vida e pelo interesse em continuar se empregando na construção civil. Reconhecem a desigualdade social, escassas oportunidades de emprego, o conflito entorno do encontro entre hierarquias, classes sociais e condições de trabalho e de vida que levam a partir do desenvolver sua atividade; no entanto, a partir da mesma atividade, e na maioria dos casos, se tem obtido algumas conquistas socais que hoje em dia são difíceis de alcançar, especialmente para grupos sociais que continuamente têm enfrentado diversas desvantagens estruturais.

4.2. Tudo foi importante para mim: conhecimento, recomendação, amizade. Procura

A apropriação do trabalho e de um ofício na construção civil, para que deem frutos, requer *levar a sério* sua atividade ou trabalho, segundo os argumentos dos entrevistados. Ato que implica conhecimento, aceitação do mando, apropriação do lugar e das dinâmicas do trabalho, fazer e manter relações sociais de apoio; ou seja, saber *ser bom um profissional*. Este termo é usado pelos entrevistados, especialmente em Belo Horizonte, seja por ter relação com o Sindicato Marreta – onde se defende o reconhecimento e dignificação da *categoria*, ou seja, de ser trabalhador da construção civil – ou por ter feito algum curso. Em ambos os países o termo é usado por quem está empregado por construtoras que se regem com uma nova gestão do trabalho,

outorgam cursos e equipamento de segurança – meios que também servem para fazer o trabalhador/a sentir que tem um tipo “reconhecimento e inclusão” que vai além de sua força de trabalho, sendo isto um *fenômeno profissional* que “reflete a transformação mais importante ocorrida no interior do sistema de emprego das sociedades modernas” (DUBAR, 2005, p. 171). Para os trabalhadores isso se relaciona com realizar adequadamente as atividades, o que lhes dá reconhecimento e a possibilidade de se manter empregado, como se expõe nas seguintes falas:

> De boca em boca, se cê faz um bom trabalho vão te indicando. Pela dica de algum parente, amigo, também por aplicativo, Facebook, Instagram, que eu uso, consigo trabalho (Otávio).
>
> As ajudas dos amigos, suas recomendações, são melhores que fazer curso, tem pessoas com cursos e estão desempregados (Bruno).
>
> Cuando le caes bien a la gente te echa la mano. A los arquitectos, ora sí que, les gusta como trabajo, ya ellos me jalaban para otros trabajos. En los Estados Unidos mi tío ya tenía conocidos, porque ya antes había trabajado allá, por eso fue fácil conseguir trabajo allá. Allá, si tú le caes bien al gabacho y te ve que trabajas, ahora sí que, te da trabajo, siempre y cuando no quedes mal. Al volver [a México] le hablé a un primo que es contratista, para ver si tenía trabajo de plomero, pues no me gusta mucho la albañilería, además tengo herramienta que compré en los Estados Unidos. Luego dejé la obra porque no me pagaba completo e me fui con otro, desde ese tiempo comencé a trabajar con el Teodulo y me acostumbré a trabajar con él (Juan).
>
> Echándole ganas, ir a, más que nada, echándole ganas, hacer bien tu trabajo y así te siguen contratando (Ricardo).

Independentemente dos parâmetros acima mencionados os entrevistados têm ressignificando o que é ser profissional na construção civil para os que se encontram na estrutura laboral que vai de oficial a mestre de obras, associado aos primeiros aspectos mencionados. Contudo, as referências que estes trabalhadores têm sobre o que é ser um bom profissional se debatam com a forma clássica de lhes ver, por: i) realizar atividades braçais e, geralmente, por carecer de estudos universitários e especializados na área da construção, o que faz com que arquitetos e engenheiros mantenham, assim, esse adjetivo neste setor – sendo um dos mais dependentes do fator humano (NAVARRO, 2008) – se reproduz a lógica que impera na sociedade, na qual quem é reconhecido como profissional é porque teve uma trajetória escolarizada que outorgou conhecimentos e sua aquisição se comprova via certificados; ii) a população de interesse tem efetuado atividade aprendidas e organizadas pelo sistema

de ofícios, o qual vem perdendo mérito ante o sistema de modernização setor; o que faz com que estratos com mais hierarquias e indústria, modelos de produção, ou seja, a organização do trabalho advogam para que os trabalhadores se profissionalizem via cursos de qualificação que certifiquem seus conhecimentos.

Valorizando aquilo que, para estes trabalhadores, é ser profissional, que se associa com conhecimentos, práticas e comportamentos, que bem se conjuntam com as formas herdadas do sistema de ofícios, é justo lhes reconhecer como tal, pois, têm construído um entendimento coletivo que essa condição implica. Além disso, na construção civil realizar um ofício não necessariamente se limita a uma *arte mecânica* "em que as mãos trabalham mais que a cabeça", nem a fazer "ocupações que exigem a força braçal e que se limita a determinado número de operações mecânicas" (DUBAR, 2005, p. 164-165); ao contrário, os ofícios, tal como as profissões (liberais) "participam do mesmo "modelo" de origem: as corporações – isto é, "corpos, confrarias e comunidades" no interior das quais os membros são "unidos por laços morais e por um respeito de regulamentações detalhadas de seus status"" (Ibid., p. 165). Assim, a dimensão social (sociabilidade, as interações e as relações), junto à identificação, são as que respaldam o que se entende por ser profissional para os entrevistados. Segundo seus argumentos:

> Eu, graças a deus, eu nunca precisei de sair pedindo pra colega arrumar serviço pra mim não, porque um bom funcionário, se eu trabalhei com o encarregado e eu fui bom funcionário para ele tenho certeza que, que, se ele soubesse que eu estou desempregado ele telefona, agora se a pessoa foi mal elemento dentro da empresa já não chamam mais (Romário, 05/06/2018).

> Na época [quando começou] tinha um mestre de pedreiro que era muito ruim e falava assim: se depender que de mim ajudar vocês, vocês vão morrer sem profissão. Assim que ele foi mandado embora eu consegui ser promovido .... Tem trabalhador de má qualidade [aludindo a uma questão de comportamento] é se é contratado e respaldado pelo mestre de obras aí o mestre também é de má qualidade, não tem responsabilidade por cuidar do pessoal que emprega. No meu caso [atualmente como encarregado] se eu sei que o cara é de má qualidade eu não ficho, eu tenho essa responsabilidade, ele pode dar um grande problema para depois você resolver. (Joaquim, 4/05/2017).

> Às vezes você conhece o engenheiro e vão começar uma obra, aí liga, aí pergunta:
> - Você tá trabalhando?
> -Não, tô desempregado, como tá aí?
> -Tá parado, tem interesse? (Jorge, 3/05/2017).

> A veces nos llaman o a veces llamamos. Es normal quedarse sin chamba dos meses, un mes, pero siempre hay alguien que te echa la mano para seguir trabajando (Gerardo, 18/01/2018).

Em conjunto, os aprendizados, as formas de realizar a atividade e as redes de apoio são úteis para se manter empregado e/ou evitar períodos longos de desemprego; pois, ficar “parado” é comum entre os trabalhadores da construção, mas, é um estado que tentam evitar devido à necessidade do sustento econômico. Nas ocasiões de desemprego “toca hacer chambitas” (Chuy), ou seja, bicos, mas, mesmo para isso, se precisa do conhecimento da tarefa para que seja contratado, além de saber fazer um orçamento e possuir as ferramentas necessárias; caso contrário, terá que aceitar ser empregado em condições mais desvantajosas do que as que tinham.

Assim, é relevante identificar que entre a população que se emprega na construção civil as redes sociais de apoio são funcionais para ingressar, ascender e se manter no mercado de trabalho. São essas redes que ajudam a manter de maneira efetiva suas trajetórias de trabalho, ao acionar seus contatos pessoais e micro-relações que lhes permitem continuar no mundo do trabalho (GUIMARAES et al., 2012). Portanto, na procura por continuidade do vínculo laboral, sua *carta de recomendação* é fazer as atividades com qualidade, pois é isso que garante para o empregador ou para quem o recomenda que aquele trabalhador/a sabe fazer as tarefas, reconhece e respeita as hierarquias e assume a responsabilidade que seu trabalho implica. Consolidar e não defraudar as redes de apoio que se tem no meio de trabalho, seja de familiares, amigos, superiores ou empreiteiros, é algo mais valorizado que os certificados de cursos, já que é mais funcional, segundo argumentos dos entrevistados.

O que implica “ser um bom trabalhador” na construção civil, de acordo com a perspectiva dos entrevistados, se interioriza e se executa para poder manter sua empregabilidade; conformando *zonas de cohesión social* que surgem da existência de “una fuerte correlación entre el lugar que se ocupa en la división social del trabajo y la participación en las redes de sociabilidad y en los sistemas de protección que “cubren” a un individuo ante los riesgos de la existencia” (CASTEL, 1997, p. 13). Também se pode associar a essa coesão social o papel da identificação e o reconhecimento dos pares, as quais para Dubar (2005, 2012) permitem abordar a identidade profissional, e esta, por sua vez, é funcional para se manter no mercado de trabalho. Nesse sentido, para Vargas (2005) a pertença a um grupo de origem e a uma nacionalidade, conforma certa identidade entre os trabalhadores imigrantes e favorece as redes de apoio e a empregabilidade.

A procura, como alicerce que ajuda a cimentar a vida laboral dos entrevistados, não se reduz a um aspecto da vida laboral dos mesmos, como foi evidenciado, mas ajuda a manter o propósito destes trabalhadores/as de obter melhores condições de trabalho. Isso também influi para que cuidem das redes de apoio e da confiança que uma boa reputação pode dar; que são os mesmos fatores que podem ajudar a obter ou a manter a carteira assinada, a formalidade do contrato – em geral, a garantir formas que lhes levem a ter ganhos ante as incertezas que o mercado de trabalho da construção civil tem.

4.3. Como el chiste es tener trabajo uno se aguanta[50]. Adaptabilidade

Outro suporte na vida laboral dos trabalhadores da construção é a adaptabilidade, que se refere a ter que aguentar algumas dinâmicas do trabalho para continuar empregado – entre elas a diversa mobilidade espacial, com foi mencionado por Chuy. Condição esta que adquire ante as dinâmicas e os ritmos do trabalho ou às novas formas de empregabilidade e de gestão do trabalho, às informalidades e ilegalidades que há no processo de contratação e, também, às diferentes mobilidades que há no seu mercado de trabalho – aspectos estes que têm sido referidos ao longo deste documento. Pelo interesse de resgatar a mobilidade espacial que se gera da atividade laboral na construção civil, é esta a situação que se destaca neste item, já que estas se conjuntam e impõem condições laborais que são parte do tipo de trabalho que se realiza, caracterizado pela flexibilidade de horários na jornada laboral, como foi analisado por Moreira (2012). A intensa mobilidade espacial que estes trabalhadores realizam reflete outras formas de espacialidade que sua vida cotidiana tem, porque as dinâmicas de sua atividade ultrapassam a imagem fixa do lugar de trabalho.

Tabela 27.Considerações dos trabalhadores de Belo Horizonte sobre terem que mudar de local

Sr. Cosme	“É bom e ruim. Mudar de canteiro é ruim demais, é fundação, fundação é pesado demais, você só está agarrado, é barro, muito barro, muita lama, é muita poeira. Ruim pela fundação, pelo deslocamento se é longe demais, se não tem ônibus direto”.
Romário	“É bom porque em todo lugar que cê vai cê vai pegando outra experiência de outro local de serviço”.
Jorge	“Eu não me preocupo não, eu sem problema nenhum, sempre achei normal. Um dia transferem aí, que o que o cara vai fazer? A empresa manda onde ela

[50] Fala que poderia se traduzir da seguinte forma: Como a questão é ter trabalho, a gente suporta.

	precisa, se é contratado por ela então te manda onde ela precisa. Às vezes está perto e a empresa te manda longe, eu vou sem problema nenhum".
Tito	"A gente passa uns 2 ou 3 anos num mesmo canteiro de obras, esse tempo dá para fazer rotina, mas é bom, eu nunca trabalhei em um lugar só, mas acho bom mudar de tempo em tempo de lugar, para mudar de ambiente".
Roni	"Pra mim está bom, eu não tenho problema nenhum, eu gosto, se eu pudesse trocar todo dia de lugar, até trocar de casa, trocava. Não sou muito de ficar parado no mesmo lugar não".
Bruno	"Você está com seu objetivo de ganhar o seu dia a dia. Cada obra onde você vai, cada lugar onde cê vai, vai fazer amizade, né, você encontra quem já trabalhou com você em outras obras".

Tabela 28.Considerações dos trabalhadores da Cidade do México sobre terem que mudar de local

Chuy	"A la vez bien y a la vez mal. Pero como el chiste es tener trabajo uno se aguanta a pasar más tiempo en el transporte, a pagar más pasaje".
Cristóbal	"A mí me parece muy bueno porque vas aprendiendo tanto en obras, como en departamentos y también me parece bueno porque no te estancas en un solo lugar".
Gerardo	"A donde hay trabajo uno va. El trabajo es así y uno trabaja de lo que le gusta, cada persona hace lo que le gusta más, unos están en esto, otros están en fábrica, además me gusta porque conozco más la ciudad".
Rogelio	"A mí me gusta porque me entretiene, no estoy en el mismo lado y no me quedo fastidiado de un solo lugar".
Juan	"No está bien, porque luego no sabes para dónde vas. Este, para nosotros, para mí, eh, si no está bien, porque, por ejemplo, nosotros estamos desde hace más de quince días aquí y allá, aquí y allá, nos mandaban para metro Eugenia, dos días allá, tres días aquí y así. Pero ahora sí que como dicen: donde este el trabajo nos tenemos que acostumbrar. Pero es mejor que una fábrica, porque ahí estás encerrado y siempre haces lo mismo, una actividad repetitiva".
Everardo	"Al principio si me, al principio si me caía, como que, como que se me hacía, este, un poco difícil. Porque de repente sales de un trabajo, llega una semana y hay que arreglar el perímetro y la próxima semana hay que presentarse en tal lado. Pues ya te estas quejando ¡chale, me mandaron a otro lugar de trabajo o me voy a quedar sin trabajo! Cambiar de lugar, cambia el horario, cambia el trayecto, pero estar en el mismo lugar también te aburre".
Benito	"El trabajo es así, cuando se acabe y si no hay trabajo con el arquitecto vamos a conseguir en otro lado, entons, a donde nos toque".
Colega de Emilio	"Al principio se te hace pesado porque, por decir, ahorita te acostumbras, por decir, estamos aquí cerca de Chapultepec, estamos cerca de la casa, no, si nos mandan a Picacho ya es pararse más temprano, que vas hacer lo mismo, pero es más lejos, es más retirado. Vayas donde vayas es tu mismo trabajo, no va cambiar de, de posición, lo que hagas es referencia a tu ramo, es lo mismo, la única diferencia es la distancia. Sólo te tienes que parar más temprano, tienes que salir más temprano de tu casa y vas a llegar más tarde".
Emilio	"Bueno yo, yo he estado en todo, en fábricas y en todo, y el trabajo es trabajo y yo no le veo, hay gente que sí no les gusta la fábrica por eso de estar en un sólo lugar pero para mí es trabajo y ganas feria ¿no?".
Julio	"Particularmente, a mí, eso sí, los trayectos se me hacen bastante pesados, por el tráfico, por, o sea, es cansado, me causa malestar emocional, cansancio vital".

Estas situações indicam que o/a trabalhador/a da construção civil tem que ter disposição para estar em constante movimento – o que por vezes é bom para quebrar a monotonia. Contudo, também demanda estar disposto a enfrentar questões como passar mais tempo no deslocamento e gastar mais dinheiro com as passagens, especialmente porque a maioria mora na zona metropolitana da cidade na qual reside, o que já faz mais denso seu deslocamento cotidiano. Entretanto, sua disponibilidade à mobilidade espacial é uma demanda a ser aceita para se manter empregado, pois não basta apenas gostar do seu trabalho, realizar as tarefas com boa qualidade ou manter uma rede de apoio: estar aberto a ir onde lhe mandem, onde há trabalho, afrontando os trajetos que isso demanda, é uma condição a mais do trabalho que se tem que assumir, enfrentar e ressignificar.

A mobilidade espacial também expõe o caráter social dos grupos que a efetuam (KAUFMANN, 2014), pois esta os diferencia, já que se executa à par das atividades econômicas que realizam, considerando o tema de pesquisa. Assim como os/as trabalhadores/as da construção civil, também as famílias que trabalham na agricultura intensiva, indo de campo em campo (GARCÍA, 2013), os motoristas de caminhões que transitam pelo território nacional para garantir a distribuição das mercadorias (CASTRO, 2013), ou os/as catadores/as de cartão que se deslocam na escala metropolitana de uma cidade (CORBÁN, 2014), contribuem, com sua atividade e mobilidade espacial, para a circulação do capital no atual contexto econômico.

A mobilidade espacial é um transcorrer, que integra lugares, experiências, escalas de espaço e de tempo (SODERSTROM, 2010) no qual consolidam parte de sua vida laboral, como bem pode ser observado no dia a dia e ao longo das trajetórias laborais dos trabalhadores da construção civil. Voltando ao capítulo, os lugares indicados onde os entrevistados trabalharam, embora tenham mencionado aqueles que foram os mais significativos para eles, evidenciavam seu transitar por diversos lugares da cidade, onde se mantém “la centralidad social y simbólica del trabajo” (NIETO, 1998, p.123). Sua presença limitada à sua condição de mão de obra, assim, ao concluir as edificações, lhe segue a exclusão desses espaços, mostrando que “la ciudad es construida, social y simbólicamente, con sus tiempos y sus espacios, en sus distancias, separaciones y oposiciones” (Ibid.).

Portanto, a mobilidade espacial que efetuam, por depender dos projetos de construção e da importância que o trabalho tem para esta população, gera uma especialidade particular na qual se conjunta trabalho e cidade; relação na qual “el orden urbano y el orden laboral – a la manera de dos ríos – son tributarios de una orden social que está fundado en la desigualdad y en la existencia de clases sociales” (Ibid., p.128). Assim, se gera nos trabalhadores da construção civil uma forma particular de viver e de transitar pela cidade, chegando a ter um importante reconhecimento da mesma, principalmente por ser parte do contingente dos *lentos,* segundo a perspectiva de Santos M (1997), o que lhes leva a ter uma maior concepção do espaço. Portanto, a mobilidade espacial, como parte do alicerce da adaptabilidade, sustenta uma dinâmica fundamental para se manter a continuidade laboral na construção civil.

4.4. Fazer as coisas bem certinhas e como lhe são pedidas. Disponibilidade

Autores como Bueno (1994) e Zirión (2013) têm indicado que os trabalhadores da construção civil são flexíveis, adaptáveis e disponíveis, características que lhes ajudam a manter-se no mercado de trabalho. São estas mesmas características que, neste caso, se englobam na condição de disponibilidade – condição presente no grupo dos trabalhadores entrevistados – a qual lhes permite adaptar-se às mudanças que vão se apresentando no setor da construção civil e no mundo do trabalho e, assim, atuar dentro das formas *certinhas*, segundo a fala de Tito, para não arriscar sua empregabilidade; além de:

> Tem que estar atualizado, tem que ser humilde, né, respeitar e tudo, mas tem que se atualizar, tem que se atualizar porque sempre está tendo nova ferramenta, tem que ter disposição, especialmente disposição porque é um trabalho muito pesado, um trabalho difícil, as vezes um trabalho que muito não gostam de fazer, trabalha porque precisa de dinheiro, então tem que gostar de tudo e tem que ser humilde, ser honesto no trabalho e o que vai fazer e fazer melhor (Otávio, 30/06/2018).

Gerar novas habilidades, conhecimentos, enquadrar-se às demandas empresariais e modificar o comportamento tradicional do trabalhador da construção civil – estereotipado na imagem do pedreiro/albañil e caracterizado por ser alcoólatra, desrespeitoso, irresponsável ou com demasiada “liberdade” em seus atos e

“autonomia” para realizar o trabalho – vem se transformando com as novas demandas do perfil de trabalhador/a que a construção deseja. A partir dos relatos da população entrevistada, sabe-se que, atualmente, o/a trabalhador/a da construção civil tem que ser “bom de serviço e bom de comportamento”, especialmente em edificações como a do Fórum e a de Chapultepec Uno; o que implica se manter em constante socialização no campo laboral, para ir se atualizando conforme o que hoje se requer para trabalhar em uma empresa construtora mais competente.

Contudo, a forma de aprendizado continua sendo na prática e no interior do canteiro de obras, especialmente no caso mexicano, onde nenhum entrevistado/a tem realizado cursos de qualificação – ao não ser pelos outorgados pelas mesmas empresas no começo de uma edificação ou no momento da contratação. Para a população entrevistada, há mais valorização do aprendizado na prática, porque essa tem sido a forma pela qual aprenderam a realizar suas atividades, fazendo com que considerem que um curso é apenas teoria e quem o ministra desconhece a realidade de como se efetua o processo de construção. Esta percepção, junto à falta de informação sobre os lugares nos quais se realizam os cursos de especializações, além da falta de tempo e de dinheiro, são aspectos que os trabalhadores mexicanos expuseram como motivos pelos quais não têm optado por fazer um curso. Ademais, entre essa população de trabalhadores é de seu conhecimento que a formação se gera dentro e fora do canteiro de obras e ao longo de sua vida laboral (FERREIRA, 2012); pois, a forma de adquirir os conhecimentos e a possibilidade de ascender na construção civil são motivos que lhes levaram a entrar neste setor, opção que supre a falta de instrução escolar avançada. No entanto, para os que fizeram cursos, a motivação foi a expectativa de se obter benefícios, por estar em conformidade às novas demandas e necessidades do mercado, que é a atual funcionalidade da escola, como refere Tomasi (2017).

Outro aspecto importante sobre a população entrevistada é a percepção que esta tem dos sindicatos – a mesma que infere em seu comportamento na obtenção ou não de algum tipo de proteção laboral. Para os trabalhadores sindicalizados, que foram minoria e só estão presentes no caso de Belo Horizonte, há valorização positiva do papel desempenhado pelo Sindicato Marreta; contudo, nem todos estiveram sempre presentes nos atos e nas reuniões que se programavam. Participar de movimentos grevistas, se já é algo complicado para os sindicalizados, para os

trabalhadores não sindicalizados é um ato que rechaçam devido às consequências que podem derivar de sua participação, como elucidam os seguintes trabalhadores:

> Olha, em primeiro lugar vou falar para você: o bobo é aquele que vai entrar no meio da corporação sindical e chega lá [e diz] “vamos parar e sair”. E eu acho que o bobo é aquele que cai nessa aí porque o sindicato ganha e o trabalhador na hora de, na hora que o sindicato vai embora a empresa [diz] “ah, você tava no meio deles fazendo, colocando os outros funcionários contra a empresa”, manda embora e o sindicato não põe você num lugar para trabalhar não (Romário, 5/06/2018).
>
> Hoje chegaram aí os do Sindicato Marreta, mas, só chegaram com seu papo furado de fazer greve e eu não estou nessa, é muito complicado para quem trabalha na construção civil parar (Carlos, 17/11/2017).
>
> Eu não gosto de sindicato, para mim não tem muito significado, só ficam atrapalhando, que a reforma trabalhista, eu não entro muito nesses detalhes. Eu não gosto do sindicato isso, sindicato aquilo, porque a gente não está calculando (Bruno, 20/11/2017).

As próximas duas falas expõem que, além de percepções negativas acerca do sindicato, também reconhecem que se tem que fazer uma avaliação sobre as consequências que podem ter ao não ser mobilizar por seus direitos. Valorações que se reforçam com os argumentos de outros trabalhadores:

> É bom que exista o sindicato, mas, é complicado fazer greve. O sindicato não segura o trabalhador das consequências, perder o pagamento do dia ou até o trabalho, ainda que a empresa ela tira a cota sindical (Manoel, 25/10/2017).
>
> Eu acho que o pessoal do sindicato tem razão no que eles falam para os trabalhadores, mas, eu não tenho sentado para pensar bem sobre a possibilidade de me sindicalizar (Tito, 11/06/2018).

Já para o caso mexicano, a falta de um sindicato para trabalhadores da construção civil contribui para que essa população não avalie a importância ou não de participar de um movimento que possa melhorar sua condição laboral. Ao contrário, ao verem outras experiências há descrédito em relação ao que, de fato, pode contribuir um sindicato para o bem-estar dos trabalhadores, já que as histórias de recebimento de suborno por parte dos empresários acompanham as percepções que a classe trabalhadora tem dos sindicatos, como se pode perceber a seguir:

> El sindicato no sirve para nada, además sólo se para en obras grandes para ir a negociar con los jefes, los trabajadores ni cuenta nos damos cuando llegan los del sindicato porque llegan identificándose con claves. El sindicato es una mafia". (Chuy, 17/01/2018).

> Yo en mi concepción, el sindicato no sirve pa´ nada porque esos güeyes mientras sigan pidiendo sus millones les vale gorro lo que les pase a los trabajadores ¿no? Aparte, lo que sí, que muchos de ellos son bastante ignorantes no pueden entender toda la burocracia que hay detrás de la tarea sindical". Con quien platican es con los patrones, aja, no sé cómo se arreglen entre ellos, pero ha de ser igual puro chanchullo, pues, porque nunca ves nada y se supone que están para protegerte, pero pues no, te tienes que aguantar muchas cosas (Julio, 18/01/2018).

Independentemente de estar sindicalizado ou não, a população entrevistada reflete sim sobre sua condição de ser trabalhador e cidadão de forma politizada, avaliando as relações de trabalho e as ações políticas dos governantes – ainda assim a maioria tem optado, um tanto pressionados, por não ter redes sindicais. Mas, isso não os coloca em uma condição de submissão total, pois, chegam a ter uma margem de ação, aproveitando os buracos que as estruturas do setor têm para implementar estratégias que lhes levem a obter melhores condições de trabalho, buscam ter capacidade de agência (pensando na proposta de Giddens, 2006) para procurar melhorar sua vida e a de suas famílias, pois, essa necessidade e desejo são o que lhes têm movimentado ao longo de sua vida.

No entanto, não se pode negar que, evidentemente, no atual contexto, sindicalizar-se é um risco que a maioria dos trabalhadores não quer enfrentar por saber que sua empregabilidade pode ser quebrantada, o que faz com que eles tenham que aceitar as pressões das empresas e dos empreiteiros. Ademais, essa “disponibilidade” a ter retirado seu direito de sindicalizar-se está relacionada com as pressões que a classe trabalhadora vivência no atual mundo do trabalho – como tem sido analisado por Antunes (1998), Castel (1997), Sennet (2009) e Braga (2012). Somado a isso, deve-se considerar o fato de que a ausência sindical tem caracterizado o setor da construção civil, especialmente na Cidade do México, já que em Belo Horizonte a existência do Sindicato Marreta, com suas possibilidades de ação, tem logrado alguns benefícios para os trabalhadores deste setor. A não luta pelos diretos trabalhistas se soma a outras formas do atual disciplinamento do trabalhador/a, sendo estas formas os meios para se controlar e conduzir a conduta, de modo a alcançar os resultados que quem emprega a mão de obra espera, como analisa Haidar (2010). A autora retoma a proposta de Foucault e expõe que a construção civil, em seu processo de modernização, tem adotado a *arte de governo*

neoliberal, implementando ideias, estratégias e tecnologias de domínio sustentadas nas relações de produção.

Neste alicerce, a adaptabilidade é uma negociação pela qual passa o trabalhador, já além de ter a apertura para se manter acorde as novas demandas de emprego, também está presente uma atitude de resignação e submissão para, assim, manter o emprego e, portanto, seu papel de provedor e chefe de família (BORGES e TAMAYO 2001). Atitude que se conjunta com suas formas de perceber e de enfrentar as condições de risco, insegurança, efeitos na saúde, exploração do corpo e subalternidade que gera sua atividade e que assumem por pertencer a um setor popular (Souza C, 2005) e para não defraudar o modelo clássico de masculinidade (Águila, 2014).

Essas formas de conceber o trabalho na construção civil e de atuar para ser um trabalhador com uma trajetória exitosa neste setor estão presentes nos quatro alicerces referidos – aceitação, procura, adaptabilidade e disponibilidade. Em conjunto, formam uma estrutura que, ao ficar cimentada, gera a base na qual os trabalhadores, e, possivelmente, as trabalhadoras, podem continuar a edificação de sua vida laboral. Esse processo prossegue ao colocar em prática os aprendizados que se tem adquirido ao longo das trajetórias neste campo laboral – os mesmos que reforçam os alicerces antes abordados.

4.5. O aprendizado mais importante para se manter no mercado de trabalho

Ao longo deste documento se tem mencionado as características do contexto espacial e laboral no qual está inserida a população entrevistada, situando-nos na indústria da construção civil. Esta, como outras, está permeada pelos processos produtivos que têm influenciado para que se propague a necessidade de modernização, se fortaleçam as formas da flexibilidade laboral e flutuem os índices de emprego e desemprego. As novas formas de contratação e a demanda de qualificação da mão de obra também propaga uma desvalorização das formas tracionais de ingresso e de aprendizado do ofício, que ao longo do tempo têm fortalecido à construção civil – embora ainda hoje sigam existindo. Neste panorama, o trabalhador fica pressionado a absorver velhas e novas práticas para garantir sua continuidade laboral na construção civil; portanto, é pertinente saber o que este contingente de

trabalhadores acredita ser o aprendizado mais importante que se deve ter. Motivo pelo qual foi perguntado o que era o mais importante que um trabalhador da construção civil tivesse que aprender para se manter empregado neste setor; obtendo as seguintes respostas.

Tabela 29. Aprendizado mais importante a se ter, segundo os trabalhadores de Belo Horizonte

Sr. Cosme	“Para mim o conhecimento como profissional é saber fazer o trabalho com responsabilidade, conhecer os companheiros, fazer amizade, não trair a categoria, que se o cara é traído pode ser demitido. Tem companheiros que trabalham com você, mas eles traem de outra maneira, aí é o seguinte, você está pensando que ele é seu amigo, ele te ensina o trabalho e ele está traindo você com o encarregado, com o mestre, com o gerente, está entregando você com aquela pessoa lá e você não está sabendo, quando você sabe é quando você é mandado embora porque fulano entregou você, ele compromete sua vida. Quando você está sabendo que ele te entregou, cê já era. Também tem que gostar do trabalho, ir se acostumando ao serviço, que tem poeira, muita coisa, procurar ter melhor qualificação, porque o cara que vem da roça não tem conhecimento de nada”.
Romário	“O mais importante é a questão de saber respeitar os colegas, obedecer a ordem do superior dele, eu acho que aí está tudo, o principal”.
Joaquim	“Acho que um profissional qualificado em um canteiro de obra deve ter conhecimento da segurança, obra tem muito acidente, se a pessoa não tiver aquela cautela a pessoa pode provocar acidente. Então eu acho muito bom o cara ser atencioso, a atenção da pessoa pode evitar acidente”.
Jorge	“Eu acho que o mais importante é se relacionar com as outras pessoas primeiro, a partir do momento que ele aprende a se relacionar com as outras pessoas, a respeitar e a conviver com as outras pessoas aí as coisas ficam mais fáceis”.
Anastácio	“Ter conhecimento, o conhecimento eu acho que é importante, experiência, aprender a trabalhar, a fazer um serviço bem feito. Desenvolver o conhecimento também, que ele é fundamental, por isso que a Escola Popular te ensina e tem curso nesse sentido, pra dar o conhecimento ao trabalhador”.
Otávio	“Tem que estar atualizado, tem que ser humilde, né, respeitar é tudo. Mas tem que se atualizar, tem que se atualizar porque sempre está tendo nova ferramenta, tem que ter disposição, especialmente disposição porque é um trabalho muito pesado, um trabalho difícil, às vezes um trabalho que muitos não gostam de fazer, trabalha porque precisa de dinheiro; então tem que gostar de tudo e tem que ser humilde, ser honesto no trabalho e no que vai fazer, fazer melhor”.
Bruno	“Olha, tem que ter cautela e sabedoria, entendeu, porque aí você vai focar em aprender. Porque eu tenho um irmão que a vida toda ele trabalhou de bombeiro e ele não sabe jogar um tijolo, ele é servente, ele tem quarenta anos de trabalho de servente porque ele não teve interesse, eu acho que ele não teve interesse, porque focou na vida dele e não quis aprender. Eu quando vi a oportunidade de crescer, de ter uma coisa, então tenho que aprender as coisas, eu, graças a deus, eu aprendi a mexer com soldadura, aprendi a trabalhar de pedreiro, de carpinteiro e não tenho estudo nenhum, eu sei escrever meu nome, mas, não consigo escrever uma carta, meu aprendizado é focando naquilo”.
Manoel	“A comunicação, comunicação para mim foi de extrema importância, você saber conversar com a outra pessoa a porta se abre fácil, quando você troca uma comunicação aberta cê não tem mais medo, pelo contrário, você pode chegar com o encarregado como igual, com o engenheiro conversa de igual pra igual. Tem que aprender o que a gente chama de relacionamento pessoal, quando você tem essa oportunidade as coisas ficam mais fácil, porque o

	profissional você já tem, então, agora sua comunicação todos os dias ela muda, tem dia que você vai pegar a pessoa com a cara feliz, outros com a cara fechada, e aí você tem que saber se comunicar para não criar um clima de tensão".

Tabela 30. Aprendizado mais importante a se ter, segundo os trabalhadores da Cidade do México

Gabrile	"Principalmente, seguir las reglas del empleador, en segundo, seguir los procedimientos de edificación, no hacer uno como se le antoja, uno es el empleado y aquellos están pidiendo que lo hagas así, así y así, y entender, te evitas problemas, al rato te vas a echar la, la empresa inmediata encima, eh, eh, en cualquier oportunidad van a decir: cámbienme éste o lo quiero fuera. Tiene uno que llevársela por la derecha, hacer exactamente lo que le están pidiendo a uno que haga porque para eso le están pagando a uno, yo no vine aquí a poner las reglas, las reglas ya están".
Colega de Manuel	"Ser movido, no, tienes que ser meneado a lo que te pongan y sí ves que no hay nada que hacer tú ver algo que hacer. No nada más en la obra, a donde vayas ¡no! Lo más importante de todo es que tengas ganas de trabajar, sino tienes ganas de trabajar nunca vas hacer nada, ni para ti, ni para tu familia".
Cristóbal	"La responsabilidad, la responsabilidad y el comprometerse consigo mismo en el trabajo, porque si no eres responsable no te comprometes y si no tienes compromisos contigo mismo tampoco, tampoco, sales adelante, ni de hacerlo cada vez mejor".
Chuy	"De todo y hacerlo bien hecho, más que nada que lo que te pidan hacer hazlo bien".
Juan	"Tener mucha atención, cuidarse uno de los riesgos, cuidarse, cuidarse mucho, porque si tú te llegas a lastimar, te llega a faltar una parte de tu cuerpo no puedes mantener un trabajo al cien y cualquier dinero que te paguen por mucho que sea no va a compensar el daño que tienes, sea psicológicamente, mentalmente, físicamente. También seguir aprendiendo y echarle ganas al trabajo para que no te falte".
Geovani	"Cuidar de tu salud y de tu alimentación, y siempre cuidar de tu seguridad".
Benito	"Echarle ganas, echarle ánimos, hacer las cosas bien, te van a ver los arquitectos y te van a contratar, hay que hacer las cosas bien para continuar con trabajo".
Julio	"En mi caso, yo creo que ser recibiente, aja, y hasta cierto punto volverte concha porque no vas a cambiar a la gente, no, desgraciadamente *tienes que hacer de tripas corazón"*.

Os aprendizados mais importantes, segundo os argumentos anteriores, expõem as interiorizações que os trabalhadores têm construído ao longo de suas trajetórias sobre sua atividade, espaço de trabalho, sociabilidades e forma de assumir os riscos. Tudo isso evidencia, por um lado, que cada trabalhador tem que tomar para si como seu próprio dever: i) o cuidado com seu emprego, mostrando obediência, conhecimento e responsabilidade; ii) o fomento de uma sociabilidade cordial no entorno do trabalho e das relações entre colegas e superiores, baseadas no companheirismo, no respeito e na comunicação; iii) o cuidado consigo mesmo, tendo conhecimento da segurança que precisa ter no interior do canteiro de obras, tendo atenção ao executar seu trabalho, se cuidando e cuidando dos outros para que não

tenham acidentes. Estas formas de agir se sustentam no aprendizado cotidiano e são as que lhes têm possibilitado sua continuidade no trabalho da construção civil, uma vez que sua experiência lhes tem ensinado as configurações mais acertadas de sua conduta para evitar problemas e riscos no meio laboral.

Por outro lado, suas interiorizações também estão fomentadas pelo que os superiores, profissionais em segurança do trabalho e gestores lhes transmitem – especificamente se se considera que no interior do canteiro de obras, seja no momento da contratação ou em outros, os empregados recebem cursos e palestras sobre esses temas, tal como mencionado pelos entrevistados. Assim, lhes são transmitidos planejamentos sobre como trabalhar, sociabilizar e se cuidar, que correspondem a formas de autoridades e discursos que influenciam a subjetividade do trabalhador (HAIDAR, 2010).

Ambas as formas de aprendizado – o adquirido pela experiência e o transmitido – se conjuntam em uma só prática para seu trabalho e incidem sobre o que significa para eles ser um profissional qualificado da construção civil sem, necessariamente, se enquadrar no que é estipulado pelos modelos e demandas de profissionalização dos agentes que não passam seu cotidiano no interior do canteiro de obras. Apesar disso, cada trabalhador carrega consigo a parte mais pesada da cimentação de sua vida laboral, seja ela a consolidação de sua trajetória profissional; a qual, segundo os argumentos de Dubar (2005), passa por um processo de construção, desconstrução e reconstrução, para poder se tornar ator e ser reconhecido por seus pares e superiores, o que pode dar sentido, direção e significado a essa trajetória. Nesse percurso se conjuntam dois eixos de identificação: um eixo “sincrônico”, ligado a um contexto de ação e a uma definição de situação, em um espaço dado, culturalmente marcado; e um eixo “diacrônico”, ligado a uma trajetória subjetiva e a uma interpretação da história pessoal, socialmente construída (DUBAR, 2005).

Portanto, com este capítulo, se aprecia que a centralidade do trabalho na vida da pessoa não se reduz a “uma simples troca econômica (tempo por salário), nem a uma simples dimensão “estatutária”, exterior à subjetividade”, já que há uma estruturação das posições sociais (alto/baixo, dentro/fora do emprego) e uma temporalidade das trajetórias sociais (estabilidade/mobilidade, continuidade/ruptura) ” (Ibid., p. 156). No entanto, é a população trabalhadora que tem que batalhar para manter a continuidade de sua vida laboral, se responsabilizar pelas decisões que

toma, pelos ricos e pelas consequências do trabalho que realiza e por buscar se dignificar como profissional; além de corresponder a seu papel de chefe de família, que tem a função transcendental de melhorar as condições de vida da mesma. Finalmente, a responsabilidade que tem cada trabalhador/a sobre a cimentação e a edificação de sua vida laboral é um peso que o atual mundo do trabalho tem colocado nas costas destes.

Conclusões

O tema desta pesquisa foi pensado como um processo social no qual se entrelaçam uma série de mudanças (macroeconômicas, políticas e espaciais) que se desenvolveram nas últimas quatro décadas. Se, por um lado, estas transformações conformam a dinâmica da sociedade e do atual mundo do trabalho; por outro, nota-se seus impactos sobre os grupos sociais que historicamente têm enfrentado uma série de desvantagens estruturais. Assim, indagar como estes grupos tentam cimentar uma vida laboral em um setor como o da construção civil foi o propósito principal desta pesquisa e que foi realizado a partir de um estudo sobre trajetórias de trabalhadores engajados nesta área. Enquanto um recurso metodológico que evidencia processos mais amplos, a reconstrução das trajetórias de trabalho se fez a partir de um guia de elementos formulado para evidenciar como se entrelaçam os aspectos sociais, laborais e espaciais da população de interesse em diferentes escalas espaciais e no encontro da dimensão macro e microssocial.

O contexto macrossocial considerado teve um recorte temporal que contempla da década de 1970 à de 2010 – período no qual se reportou o primeiro e o último ingresso na construção civil entre a população entrevistada. Esta marcação temporal também coincide com a introdução de um novo modelo econômico, o Neoliberalismo, que não só provoca transformações nos modelos de produção, como se manifesta a partir da globalização da modelagem da paisagem e funcionalidade das cidades, além de permear diferentes âmbitos da vida social. Ademais, a própria bibliografia consultada sobre trabalhadores da construção civil também reporta estudos a partir da década de 1970. Todos estes fatores contribuíram para a manutenção o recorte dessa temporalidade na pesquisa, delimitando a análise sobre contexto macrossocial no qual está imersa a população entrevistada.

Os processos macrossociais acima mencionados também foram reconhecidos em três escalas diferentes escalas espaciais: a de região, a de cidade e de lugar ou local de trabalho. O ponto de partida da pesquisa foi pensar em uma escala regional – a América Latina. Na qual Brasil e México se aproximam por terem atravessado os impactos dos processos macrossociais introduzidos pela política econômica neoliberal e por ter os mesmos grupos sociais que, historicamente, têm se mantido na periferia do desenvolvimento.

Não é casualidade que hoje em dia continuem sendo a população de origem rural e da periferia urbana, os imigrantes, os jovens e as mulheres os/as afetados/as pelas políticas econômicas, pelas dinâmicas laborais de exploração e precariedade no mercado de trabalho e pelas formas de exclusão social e espacial que lhes limitam uma condição digna de vida e trabalho. Estas vivências se agravam se considerarmos uma perspectiva que inclua a questão da raça/etnia ou interseccional, embora nesta pesquisa não se tenha partido desse ponto.

A outra dimensão espacial utilizada foi a escala de cidade, por ser um espaço de centralidade para os fenômenos da modernização, que vêm sendo gerados ao longo do tempo, e onde se concentram diversos projetos de edificação. É na cidade que novas paisagens são construídas, enquanto se reforcem velhas segregações. Assim, as novas *formas* e *funções* integram outras atividades econômicas antes não existentes, deslocando para as periferias aquelas que deixaram de ser referentes produtivos, assim como a população que não é contemplada nos modelos de "modernização e desenvolvimento". Apesar desse processo, a cidade mantém a concentração da oferta de empregos, desde os mais sofisticados até os mais precários, dados seletivamente segundo a posição que se tem na estrutura social.

A última escala espacial observada, central para essa pesquisa, foi a dos canteiros de obras. Sua importância se dá tanto por ser o lugar de trabalho da população que é o foco desta pesquisa, onde se geram diversas relações e um acúmulo de experiências; quanto por ser onde se materializa um tipo de produção específica, funcional para o modelo urbano das cidades e para a circulação do capital, ainda que seja um produto que fica fixo no espaço. Os canteiros de obras são lugares amplamente dinâmicos, conflituosos e densos em inter-relações e dinâmicas de trabalho, que se fazem mais complexas dependendo do investimento, do destinatário, do executante e do lugar de localização. A partir deles, pode-se observar as mudanças na paisagem, a presença e ausência de atores e o domínio de uns sobre outros. E, uma vez finalizadas as edificações, propiciam novas funcionalidades nas cidades e no local onde estavam situados, além de disputas no espaço de acessibilidade ou rechaço de alguns grupos sociais para seu uso.

Os canteiros de obras também são lugares que, mesmo sendo visíveis aos olhos de transeuntes, são fechados e restritivos para a pesquisa social; ou seja, estes podem estar próximos e imersos no cotidiano de quem quer fazer pesquisa nesse

ambiente, mas, isso não significa que sua presença disseminada seja equivalente às possibilidades de acessá-los como pesquisadora. Essa dinâmica leva a pensar que neles, como em outros espaços de produção, se tenta ocultar o que se suscita dentro do lugar, já que as atividades que aí se realizam são de alto risco e de forte impacto físico e psicológico para a sua mão de obra, absorvendo a vitalidade e o cotidiano de seus trabalhadores/as.

Aparar-se na geografia e pensar essas escalas espaciais, com suas características e com os fenômenos que produzem, possibilitou realizar a pesquisas em Belo Horizonte e na Cidade do México sem ter como propósito fazer um estudo comparativo. Considera-se que esses fenômenos não se expressam de forma idêntica em cada cidade, já que estas, mesmo compartilhando processos e estando imersas em um contexto maior, têm suas próprias *singularidades*. Assim, estas diferentes escalas espaciais, junto com os processos e dinâmicas que lhes impactam e que aí se geram, foram parte para chegar ao cenário principal desta pesquisa, o canteiro de obras.

O contato com a população de interesse dependeu muito das condições e recursos possíveis e disponíveis em cada cidade. Se por um lado foi difícil fazer contato com os trabalhadores/as no interior de seu local de trabalho, por outro lado as formas alternativas deram a possibilidade de me aproximar a outras dimensões de sua vida. Por exemplo, com os estudantes da EPOMG, em Belo Horizonte, foi possível reconhecer seu interesse e esforço por estudar depois das jornadas de trabalho, assim como o trabalho de reflexão sobre como atuar para melhoras laborais; na Cidade do México, com os grupos de trabalhadores/as que compartilharam comigo seus horários de almoço, um *taco* e um copo de refrigerante, tive uma aproximação de suas interações cotidianas, da complexidade de ser mulher nesse meio de trabalho e de suas formas de viver e entender o mundo ao sair do canteiro de obras. Além disso, esses encontros permitiram constatar as continuidades das condições de trabalho e do tipo de população que se emprega na construção civil referidas na bibliografia consultada; assim como identificar que há novas situações de trabalho e um novo perfil das pessoas aí empregadas. Nestes casos, ter considerado a particularidade de cada lugar e canteiro de obras visitado, assim como a questão de gênero e o aspecto geracional foi importante para entender sua presença nesses lugares.

Os relatos de vida da população entrevistada também foram importantes para a identificação dos distintos motivos de entrada dos trabalhadores na construção civil, sempre predominando as condições de desvantagem social. Também foram identificadas distintas trajetórias que se pode ter como trabalhador/a na construção civil e a diversidade de mobilidades laborais e espaciais que efetuam para se manter empregados. E, sobretudo, permitiu visibilizar uma população da qual não se fala nas abordagens sobre a *cidad*e, evidenciando seu papel na construção da mesma e a exclusão que enfrentam no mercado de trabalho por ser um tipo de mão de obra desvalorizada e, portanto, não contemplada - a não ser por sua força de trabalho - para os inovadores projetos de construção que surgem continuamente. Assim, expôs-se o papel que tem a indústria da construção civil como o agente executor das modificações da paisagem das cidades e como setor com uma ampla capacidade de gerar empregos, embora as condições econômicas, políticas e naturais cheguem a interferir.

Pode-se dizer que a construção civil não se reduz a um simples campo laboral que emprega pessoas que buscam nele um salário e possibilidades de melhorar as condições de vida próprias e familiares – ainda que trabalhar nesse setor possa gerar grandes problemáticas de exploração, altos índices de acidentes e mortes. Trata-se, além disso, de uma indústria que se debate entre o arcaico e o moderno e da qual é preciso reconhecer suas próprias particularidades de produção; situação que incide para que alguns padrões dos modelos de produção que surgem em outras indústrias sejam introduzidos de maneira forçosa e nem sempre sejam funcionais para a construção civil. Cabe destacar que a bibliografia consultada sobre as mudanças dos processos produtivos e do amplo mundo do trabalho não contempla esse setor, motivo pelo qual foi um desafio não os generalizar na construção civil, e, particularmente, no subsetor de edificações. Embora o processo de modernização pelo qual está passando a construção civil privilegia uma nova gestão do trabalho e demanda a qualificação da mão de obra, ele também desvaloriza a aquisição dos conhecimentos na prática e mediante o sistema de ofícios, mesmo que poucas mudanças ainda sejam feitas para melhorar as condições de trabalho de sua mão de obra.

Para os/as trabalhadores/as da construção civil – independentemente do tipo de trajetória que tenham nesse setor, seja contínua, de recém ingresso, de reinserção ou temporária – se manter no mercado de trabalho é uma tarefa que demanda obter,

incrementar e cuidar de uma série de recursos, como os aprendizados e as redes de apoio. Além, a forma como interiorizam o trabalho que realizam e a dedicação que colocam no momento de efetuá-lo é mais importante do que ter um certificado ou até mesmo ter ferramenta para realizá-lo. Portanto, o aprendizado, a demonstração de suas capacidades e o enquadramento de seu comportamento às novas demandas laborais é indispensável para se manter empregado.

Às experiências dos trabalhadores, se conjuntam aspectos estruturais e subjetivos que remetem ao tempo, diacrônico, sincrônico e geracional, permitindo construir o que para eles/as são os alicerces – aceitação, procura, disponibilidade e adaptabilidade – que sustentam sua vida laboral. Mesmos que corroboram como uma população que é parte dos grupos que historicamente tem acumulado e enfrentado as desvantagens sociais ao se situar nas cidades continuaram pertencendo ao contingente dos *lentos* e, portanto, ser batalhadores continua sendo seu destino. Assim, ao ser parte da *classe-que-vive-do-trabalho*, os/as trabalhadores/as da construção civil se mantêm enfrentando condições derivadas de seu lugar na estrutura social, a qual lhes leva a ocupar um determinado lugar na divisão social do trabalho e na cidade; além de ter que sofrer as vicissitudes do atual mundo do trabalho e das afetações que as reformas trabalhistas e previdenciárias vão gerar, complicando seu desafio para se manter no mercado de trabalho, para se aposentar e, até, para poder cumprir seu papel de chefes/as de família. O contexto laboral atual está dominado pela incerteza, reforçada pelo Estado com as reformas que se estão gerando, o que demanda que o/a trabalhador/a enfrente com seu esforço e recursos sua manutenção no mercado de trabalho e preveja como sobreviver quando sua força vital diminuía.

Outro aspecto desta população que é importante refletir é a falta de acessibilidade à educação escolarizada que vivenciam desde sua etapa infantil – sendo essa carência uma questão estrutural que leva a discutir o papel do Estado para com esta população – diante da demanda atual por escrever um curriculum, demostrar conhecimentos básicos ou até ter certificado de ensino médio para procurar emprego, além de ter que fazer cursos para se apresentar como um/a trabalhador/a qualificado/a. Embora existam instituições de educação pública que ofereçam cursos de certificação, são outras instâncias as que estão outorgando o serviço educativo básicos para esta população de trabalhadores, tal como o fazia a EPOMG e o faz a Asociación Construyendo y Creciendo. Todavia, nem todos/as trabalhadores/as têm

a possibilidade de se alfabetizar, fazer um curso de ensino fundamental ou de certificação, de modo que a opção para muitos é ter de procurar emprego nas empresas construtoras menos competitivas, aceitar formas de contratação não formalizadas ou mais exploratórias, recorrer a empreiteiros e se amparar em suas redes de apoio.

Nesse sentido, também é importante revalorizar o sistema de ofícios na construção civil, pois continua sendo o meio de aprendizado ainda imperante, embora em progressiva desvalorização pelos agentes que advogam pela modernização do setor. É bem sabido que o canteiro de obras faz a função de uma escola que prepara para uma atividade laboral, o sistema de ofícios é seu método de ensino e supre a ausência de um sistema de ensino formal – do qual careceram a maioria desses trabalhadores/as seja pela falta do serviço, pelas dificuldades de acesso e as condições de pobreza que lhes demandou começar a trabalhar desde crianças e adolescentes. Essa forma de adquirir os conhecimentos das áreas e dos processos de edificação não só são funcionais ao âmbito laboral, já que permite aos trabalhadores/as compensar a falta da trajetória escolar, mas lhes possibilita obter crescimento profissional e dar valor e significado ao seu trabalho. Portanto, avalia-se como importante reconsiderar a utilidade desse sistema na modernização do setor, ao invés de desvalorizá-lo e tentar extingui-lo.

Finalmente – ainda falando de “aprendizados” – esta pesquisa, mesmo tendo momentos de dificuldade, desafios e reconhecendo suas limitações, possibilitou-me uma série conhecimentos na tarefa de fazer pesquisa social. Permitiu ter uma aproximação a um novo espaço de análise: a cidade; assim como de seus fenômenos e da população menos privilegiada que a habita e nela tenta edificar uma vida laboral com expectativas à mobilidade social ascendente, situação tão difícil de alcançar para os grupos mais desfavorecidos, independentemente do lugar no que habitem.

Referências

ÁGUILA, Álvaro del. A través de la yerba mate: etnicidad y racionalidad económica entre los trabajadores rurales paraguayos en la industria de la construcción de Buenos Aires. In**:** **Antípoda**. Revista de Antropología y Arqueología (Enero-Abril) 2014.

_____ Etnicidad y clase social entre migrantes paraguayos en la industria de la construcción del Área Metropolitana de Buenos Aires. **Trabajo y sociedad**. Santiago del Estero, n. 23, p. 439-463, dic. 2014.

_____El que no se la banca, mejor que se dedique a otra cosa: Riesgo, masculinidad y clase social entre trabajadores paraguayos en la industria de la construcción del Área Metropolitana de Buenos Aires. **Runa.** Vol.36, n.1. 2015.

ANDRADE, Alfredo. La fundamentación del núcleo conceptual de la teoría de la estructuración de Anthony Giddens. **Revista Sociología,** no. 40, mayo-agosto, 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho.** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas, São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1998.

_____ **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial. 2009.

ALVES, Paulo Maia. **O ruído nas obras da construção civil e risco de surdez ocupacional.** Teses para obter o grão de Mestre em Engenharia Civil. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. 1999.

ARRETCHE, Marta (org.). **Trajetórias das desigualdades:** como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*.* Editora UNESP, 2015.

Banco de Dados da Câmara Brasileira da Industria da Construção. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/menu/emprego/pesquisa-mensal-de-emprego-ibge> Acesso em: 31 mai. 2017.

BERGER, L. Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** Tratado de sociologia do conhecimento. Editora Vozes, Petrópolis. 1986.

BECK, Ulrich. **La sociedad del riesgo.** Hacia una nueva modernidad*.* Edit. Paidos. 2006.

BERTAUX, Daniel. **Los relatos de vida:** perspectiva etnosociológica. Edicions Bellaterra, 2005.

BLANCO, Mercedes. El enfoque del curso de vida: orígenes y desarrollo. **Revista Latinoamericana de Población**, vol. 5, núm. 8, pp. 5-31, enero-junio, 2011.

BONILLA T, José. Los gremios de albañiles en España y Nueva España. **Imafronte**, no. 12-13, 1998, p. 341-356. Disponível em: <https://revistas.um.es/imafronte/article/view/39271/37751> Acesso em: 6 jun. 2017.

BORGES, Hélia e MARTINS, André. Migração e sofremento psíquico do trabalahador da construção civil: uma leitura psicoanalítica . **PHYSIS: Rev. Saude Coletiva.** Rio de Janeiro, p. 129-146, 2004. jun

BORGES, Livia e TAMAYO, Álvaro. A estrutura cognitiva do significado do trabalho. **rPOT**, vol.1, núm. 2, julho-dezembro, 2001;

BRAGA, Ruy. **A política do precariado**. Do populismo à hegemonia lulista. São Paulo, Boitempo, USP. 2012.

BOTELLO, Triana. Migración y remesas. Algunos indicadores para México (2000-2008). **El Cotidiano**, no. 173, 2012, p. 47-55. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/325/32523131006/> Acesso em: 21 maio 2016.

BOTERO, Luis. Análisis de rendimientos y consumos de mano de obra en actividades de construcción. **Revista Universidad EAFIT**, N. 128, out/dez, 2012. Disponível em: <http://publicaciones.eafit.edu.co/index.php/revista-universidad-eafit/article/view/843/751> Acesso em: 12 fev. 2017.

BUENO, Carmén. **Flor de Andamio.** Los oficios de la construcción de vivienda em la Ciudad de México. México, 1994.

_____ Migración indígena a la construcción de vivienda en la Ciudad de México. **Nueva Antropología,** XIV, p. 7-23, 1994.

Câmara Brasileira da Indústria da Construção. **Projetos**. 2014. Disponível em: <http://www.cbicdados.com.br/media/anexos/070.pdf> Acesso em: 15 maio 2017.

CARDOSO, A.; COMIN; A., GUIMARÃES, N. Os deserdados da indústria: reestruturação produtiva e trajetórias inter-setoriais de trabalhadores demitidos da indústria brasileira. In: GUAIMARÃES, Nádia. & HIRATA, Helena. **Desemprego, trajetórias, identidades, mobilizações**. São Paulo, Editora Senac. 2006.

CARLOS, Ana F. Sao Paulo: del capital industrial al capital financiero. In: DE MATTOS. **Gobernanza, Competitividad y Redes**: La gestión en las ciudades del siglo XX. Chile: Instituto de Estudios Urbanos y Territoriales, Pontificia Universidad Católica de Chile, 2005, p. 93-125.

CAPEL, Horacio. La definición de lo urbano. **Estudios Geográficos**, n. *138-139*, p. 265-301, 1975.

CARRETERO, Reyna; LEÓN Emma. **Indigencia trashumante.** Despojo y búsqueda de sentido en un mundo sin lugar. México, UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias. 2009.

CASTELS, Robert. **La metamorfosis de la cuestión social.** Una crónica del salariado. 1997.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2009.

CASTRO, José M. **Los hijos del camino**: los anclajes y la vida cotidiana de los autotransportistas interestatales. El Colegio de Michoacán, 2013.

CATTANI, Airton. **Recursos informáticos e telemáticos como suporte para formação e qualificação de trabalhadores da construção civ**il. Tese apresentada para obter o título de Doutor em Informática na Educação. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre, junho, 2001.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim.** Editora Unicamp, 2012.

COCKELL, Fernanda & PERTICARRARI, Daniel. Contratos de boca: a institucionalização da precariedade na construção civil. **Cuaderno CRH**, Salvador, v.3, n.60, p. 633-653, Set./Dez., 2010.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL)/Organización Internacional del Trabajo (OIT). Sostenibilidad medioambiental con empleo en América Latina y el Caribe. **Coyuntura Laboral en América Latina y el Caribe**, n. 19 (LC/TS.2018/85), Santiago, 2018. Disponível em: <https://www.cepal.org> Acesso: 16 nov. 2018.

CONOLLY, Priscila. Productividad y relaciones laborales em la industria de la construcción. **Revista *Vivienda***, v. 13, n. 1, México, enero/junio de 1988, pp. 82-99.1988.

CONTRERAS Oscar. Los estudios acerca de la flexibilidad laboral en México: algunas observaciones críticas. **Estudios Sociológicos**, septiembre-diciembre, año/vol. XVIII, núm. 003. El Colegio de México. 2000.

CORBÁN, Débora. **Las tramas del cartón**: trabajo y familia en los sectores populares del gran Buenos Aires. Buenos Aires Gorla. 2014.

COSTA, Everaldo da. Fundamentos de uma emergente patrimonialização global. **Geografia**, Rio Claro, v. 39, n. 2, p. 241-256, mai. /ago. 2014.

COSTA, Luciano R. **Trabalhadores em construção:** mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil. Curitiba, PR: CRV, 2013.

COUTINHO, Ronaldo. **Operário de construção civil**: urbanização, migração e classe operária no Brasil. Rio de Janeiro, 1980.

CUEVAS, Mario F. **Estudio exploratório sobre la motivación del albañil**. México: Tesis Tesis para obtener el grado de maestro en ingeniería con especialidad en administración de la construcción. Universidad Iberoamericana. 2004.

DALCUL, Ane Lisa. **Estratégia de prevenção dos acidentes de trabalho na construção civil**: uma abordagem integrada construída a partir das perspectivas de diferentes atores sociais. Tese para obter o grão de Doutora em Administração. Universidade Federal Rio Grande do Sul, 2001.

DAMASCENO, Livia. **A experiencia da Escola Popular Orocílio Martins Gonçalves e a formação política de trabalhadores da construção civil.** Teses para obter o grau de mestres em Educação. UFMG, Belo Horizonte. 2013.

DEMAZIÈRE, D. e DUBAR, C. Trajetórias profissionais e formas identitárias: uma teorização. In: Guaimarães, N. e Hirata, H. **Desemprego, trajetórias, identidades, mobilizações**. Editora Senac, São Paulo, 2006.

DI MÉO, G. Que voulons-nous dire quand nous parlons d'espace? In Lévy, J.; Lussault, M. (dir.).**Logiques de l'espace, Esprit des Lieux**. Géographies à Cerisy. París, Berlin, 2000.

DUBAR, Claude. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais***.* Martin Fontes, 2005.

_____ **A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional.** Cadernos de pesquisa. V.42, n. 146, maio/agosto 2012.

FAJARDO-ORTIZ, G. Cuatro etapas en la historia del Centro Médico Nacional Siglo XXI del IMSS. **Revista Médica del Instituto Mexicano del Seguro** Social, n.53, p. 657-663, 2015.

FERNANDES, Florestan. **Sociedade de classes e subdesenvolvimento**. ZAHAR EDITORES. Rio de Janeiro. Brasil. 1972.

_____ **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 1978.

FERRAZ, Renato e AQUINO, Simone. Litíase urinária em trabalhadores da construção civil como indicador para a gestão em saúde e melhoria na gestão de pessoas. **Cien Saude Colet**, set., 2013. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/litiase-urinaria-em-trabalhadores-da-construcao-civil-como-indicador-para-a-gestao-em-saude-e-melhoria-na-gestao-de-pessoas/14366?id=14366> Acesso em: 12 ago. 2017.

FERREIRA, Carlos Ernesto. **Construção Civil e Criação de Empregos***.* Rio de Janeiro, Brasil: FVG-Fundação Getulio Vargas. 1976.

FERREIRA, Jane. **A formação ao Longo da Vida** – (FLV). Um estudo sobre a formação profissional de trabalhadores da construção civil. Dissertação apresentada para obter o título de Mestre em Educação Tecnológica. CEFET, MG. Belo Horizonte, 2012.

FERRETTI, Celso. **Opção: Trabalho.** Trajetórias ocupacionais de trabalhadores das classes subalternas*.* Cortez Editora, Autores Associados, São Paulo, 1988.

FILHO, Amador da Luz. **Geografia das cidades: sobre interpretações de operários da construção civil.** Dissertação mestrado em geografia, UFMG. Belo Horizonte, 2012.

FILHO, Bartolino. **Trabalho e saúde: a lombalgia em pedreiros de uma empresa da construção civil na grande Vitória.** Disertação apresentada ao Programa de PóGraduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia . Vitória , 2011.

FIX, Mariana. **Parceiros da exclusão**: duas histórias da construção de uma “nova cidade” em São Paulo. São Paulo, Bointempo, 2001.

_____ **São Paulo cidade global**: fundamentos financeiros de uma miragem. São Paulo, Bointempo, 2007.

FURTADO, Caio. **Análise espaço-temporal da trajetória de carreira de pesquisadores brasileiros.** Teses para obter o grau de Mestre em Ciência da Computação, UFMG, Belo Horizonte, 2015.

GARCÍA M. Adriana. Trabajo infantil en los campos agrícolas de fresa en Zamora, Michoacán. Estudio de caso 2007. In, MESTRIES, Francis (coord.). **Los excluidos de la modernización rural:** migrantes, jornaleros, indígenas y pequeños productores. México, D.F., Universidad Autónoma Metropolitana, Ediciones EÓN, 2010.

_____. **Espacios de vida de los jornaleros agrícolas migrantes en Yurécuaro, Michoacán.** Tesis para optar por el grado de maestra en geografía humana. El Colegio de Michoacán A.C. México. 2013.

GARCÍA, A., GÓMEZ J. En busca de nuevos horizontes: los jóvenes nahuas y sus dinámicas laborales en México. In, CUNHA FILGUEIRAS C., MEDEIROS, R. (org.). **Jovens, trabalho e políticas públicas**: anseios de desafios. Editora PUCMINAS, 2016.

GERMIDIS A. Dimitri. **El trabajo y las relaciones laborales en la industria mexicana de la construcción**. El Colegio de México. 1974.

GIDDENS, Anthony. **La constitución de la sociedad. Bases para la teoría de la estructuración.** Amorrortu Editores. 2006

GONZALES Bravo, Arendo. **Los albañiles en Cuenca** . Cuenca, Ecuador: Instituto de investigaciones sociales de la Universidad de Cuenca. Serie Soporte, No.3, sd.

GLAVAM, Claudia. **Etnomatemática e práticas sociais da construção civil.** Memorias XI CIAEM (PP. 1-13). 2003

GOMES, Angela e PESSANHA, Elina. **Memória da Justiça do Trabalho**: Trajetórias de Juízes. Coleção Justiça e Trabalho: Porto Alegre, 2010.

GOODRUM, Paul e DAI Jiukun. Differences in Occupational Injuries, Illnesses, and Fatalities among Hispanic and Non-Hispanic Construction Workers. **Journal of Construction Engineering and Management**, n.9, vol. 131, 2005.

GUEDES, D. André. **O Trecho, as Mães e os Papéis Movimentos e Durações no Norte de Goiás.** Tese para optar pelo grado de doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. 2011.

GUIMARÃES, Nadya; ANDRADA, Ana Carolina; PICANÇO, Monise e VIEIRA, Priscila. Trajetórias, atributos e relações. Representações sobre redes e obtenção de trabalho. **REDES** - Revista hispana para el análisis de redes sociales, v.22, n.6, jun., 2012.

GUMUCHIAN, Hervé. **Representations et aménagement du Terrritoire**. Antrhopos, Paris, 1991.

HAIDAR, Julieta. La constitución del sujeto “competente”, el caso de los trabajadores de la construcción en Argentina. **Revista Gaceta Laboral**, vol. 16, no. 3. 2012.

HARVEY, David. **El “nuevo” imperialismo: acumulación por desposesión**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20130702120830/harvey.pdf>.

HUGHES, Everett. **Men and their work.** London: The Free Press of Glencoe, 1958.

JARDIM, Chaves Maria. A construção social do mercado de trabalho no setor da construção civil nas obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): consensos e conflitos**. Revista Sociedade e Estado**, vol.30, no. 1, Janeiro/Abril, 2015.

KAUFMANN, Vincent. **Mobility as a Tool for Sociology**. In: Symposium / Moving Boundaries in Mobilities Research. Sociologica, by Società editrice il Mulino, Bologna, jan., 2014.

LABACHE, Lucetti; de SAIN MARTIN, Monique. Fronteiras, trajetórias e experiências de rupturas. **Educação e Sociedade**, vol. 29, núm. 103, Maio-Agosto, 2008.

LARA, Sara. Las obreras agrícolas: un sujeto social en movimiento. **Revista Nueva Antropologí**a, junio, año/vol. XI, n. 39. .México, D.F. pp 99-114, 1991.

LARRADE, C. Adriana. **La configuración socio-espacial del trabajo rural y las relaciones campo-ciudad. Dos localidades del centro de México.** Miguel Ángel Porrúa, Universidad Autónoma Metropolitana-Cuajimalpa, 2011.

LAZZARINI, Rosana et al. **Allergic contact dermatitis among construction workers detected in a clinic that did not specialize in occupational dermatitis**. An. Bras. Dermatol, Rio de Janeiro, v. 87, n. 4, p. 567-571, Aug. 2012.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade.** São Paulo: Editora Centauro, 1991.

LEÑERO, Vicente**. Los albañiles**. México,1963.

LINDÓN, Alicia (2007). Cotidianidad y espacialidad: la experiencia de la precariedad laboral. In: CONTRERAS D. Camilo, NARVÁEZ T. Adolfo B. (coord.). **La experiencia de la ciudad y el trabajo como espacios de vida.** Plaza y Valdés Editores, El Colegio de la Frontera Norte.

LUCCA, Sergio R. de; MENDES, René. Epidemiologia dos acidentes do trabalho fatais em área metropolitana da região sudeste do Brasil, 1979-1989. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 168-176, junho, 1993.

MAURO, Amalia. **Albañiles campesinos. Migración temporal de los obreros de la construcción**. Quito, Ciudad. Ecuador. 1986.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e nova desigualdade**. São Paulo, Paulos, 2ª, ed. 2003.

_____ **Aparição do demônio na fábrica**: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário. 2008.

MENDES, F. Mariana. **A mobilidade territorial dos trabalhadores na construção civil na produção da verticalização no Bairro Aldeota em Fortaleza**. Dissertação de mestrado em geografia/UFC. Fortaleza, 2008.

MELLO, Luiz C e AMORIM de, Sergi, R. Brasil: uma análise comparativa em relação à União Europeia e aos Estados Unidos. **Produção**, v.19, n. 2, maio/agosto. 2009, p. 388-399.

MENDOZA, M., CISCEL, D. H. e SMITH B. E. El Impacto de los Inmigrantes Latinos en la Economía de Memphis, Tennessee. **Revista de Estudios Migratorios Latinoamericanos,** n. 46, 2000, p. 659-675. Disponível em: <http://www.incedes.org.gt/Master/myhlmendozamarcela.pdf> Acesso em: 13 abr. 2016.

MORA, M. e OLIVEIRA, O. Los jóvenes en el inicio de la vida adulta: trayectorias, transiciones y subjetividades. **Estudios Sociológicos**, vol. XXXVII, núm. 79, pp. 267-289, El Colegio de México A.C., 2009.

MORAIS, Dirceu de e SOUZA JUNIOR, Otaniel de. **O perfil da mão de obra da indústria a construção civil, em Boa Vista/Roraima**. In: XXXI Encontro Nacional de Engenheira de Produção, Belo Horizonte, Brasil, de 04 ao 07 de outubro de 2011.

NAVARRO, E. Revisión de la motivación de los trabajadores de la construcción: 1968-2008. In: Revista de la Construcción. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127612584002> Acesso em: 11 fev. 2019.
NIETO Calleja, Raúl. Lo imaginario como articulador de los órdenes laboral y urbano. **Alteridades**, 1998, n. 8 (15): p. 121-129.

_____ La ciudad industrial y la cultura obrera. In: GARCÍA CANCLINI Néstor (coord**.) La Antropología Urbana en México.** México: Conaculta, UAM, FCE, 2005.

NÓBREGA da. **Experiências sindicais dos trabalhadores de Fortaleza 1970-1995.** 2006.

ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL DEL TRABAJO. Disponível em: <https://www.ilo.org/global/lang--es/index.htm> Acesso em: 18 mai 2018.

PADILLA, Dieste Cristina. **Los trabajadores eventuales de la insdustria de la construcción en Jalisco: 3 casos**. Guadalajara, México: Cuadernos de Difusión Cientifica, 28., 1992.

PANAIA, Marta. **El sector de la construcción**: un proceso de industrialización inconcluso. Buenos Aires: Nobuko, 2004.

PARNREITER, Christof. **Ciudad de México: el camino hacia una ciudad globa**/. EURE, Santiago, vol.28, n.85, pp. 89 -119, 2002.

PEREIRA, Doralice; CAMPOS, Laura. A Linha Verde na Região Metropolitana de Belo Horizonte: projetos de modernidade e empreendimentos. **Geografias**. ARTIGOS CIENTIFICOS. Belo Horizonte 05(2) 50-64 julho-dezembro, 2009.

PIGNONI, Maria-Teresa. As trajetórias dos demandantes de emprego e o mercado local de trabalho: a experiência de um painel longitudinal na França. Em GUAIMARÃES, N. e HIRATA, H. **Desemprego, trajetórias, identidades, mobilizações.** Editora Senac, São Paulo, 2006.

REIS JÚNIOR, R. **Cidade, trabalho e memória:** os trabalhadores da construção de Brasília (1956-1960). Tese para obter o título de Mestre em Ciências Sociais. PUC Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

REPÓRTER BRASIL. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br>

RIBEIRO, C., CENEVIVA, R. e ALVES De Brito, M. Estratificação educacional entre jovens no Brasil: 1960 a 2010. Em ARRETCHE, Marta (org.). **Trajetórias das desigualdades:** como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. Editora UNESP, 2015.

RIBEIRO, GUSTAVO. **Bichos–de–Obra**. Fragmentação e Reconstrução de Identidades. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** no. 18: 30–40. 1992.

_____ **O capital da esperança**: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

RIBEIRO, Luiz (org.). **Metrópoles**: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito. São Paulo: Fundação Abreu Abramo/ FASE/ Observatório das Metrópoles, p.17- 40, 2004.

ROBETTE, **Nicolas**. Les espaces de vie individuels : de la géographie à une application empirique en démographie. ***Cybergeo****: European Journal of Geography*. Espacio, Sociedad, Territorio, documento 605, 27 abr. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cybergeo/25332> Acesso em: 12 jun. 2016.

RODRIGUES, Silvia. **Rituais de sofrimento**. Tese apresentada para obter o título de doutora em sociologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SARAVI, Gonzalo A. Biografías de exclusión: desventajas y juventudes en Argentina. **Perfiles Latinoamericanos**, n. 28, pp. 83-116. FLACOSO México, julio-diciembre, 2006.

SÁNCHEZ, A. Armando; GARCÍA, M. Adriana. Política social y migración de jóvenes en comunidades nahuas del norte de Veracruz. **Revista Reflexiones, Economía y Políticas Públicas**. Centro de Investigación y docencias económicas, vol. 18. dic., 2014.

SANTOS, Milton. **A totalidade do diabo:** como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais. Contexto, Hucitec, SP, nov, 1977.

_____ **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e meio técnico-cientifico informacional. Editora Hucitec, SP, 1997.

_____ **Globalização, Território e Política em debate**. Universidade do Vale do Itajai, 2007.

_____ **Da totalidade ao lugar**. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Paulo dos. **Deus lhe pague. A condição servente na construção civil.** Dissertação para obter o título de Mestre em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, G. Yumi. **Mulheres chefes de família entre a autonomia e a dependência: Um estudo comparativo entre Brasil, França e Japão.** Tese para obter o título de Doutora em Sociologia. Universidade de São Paulo, 2008.

SASSEN, Saskia. **As cidades na economia mundial.** Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Estudo Nobel, 1998.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 2009.

SEIXAS, Renato de M; VALENTE, Pedro S.; RIOS, Matheus M.; SANTANA, Wylliam B.; MAUÉSM Luís M. **Perfil do trabalhador da construção civil na cidade de Belém.** In: XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído: Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção. São Paulo, 21 a 23 de setembro de 2016.

SILVA, F. Luis Abel da; NUNES, Q. Silvana. Sujetos del trabajo precario: el caso de los protagonistas del mercado de la construcción en Brasil. **Revista Facultad de Ciencias Económicas**: Investigación y Reflexión, vol. XXI, núm. 1, junio, 2013.

SILVA, María. Arriesgarse para no perder el empleo: las secuelas en la salud de los obreros de la construcción del Mercosur. **Sociologias**, Porto Alegre, a. 4, n.8, jul/dez 2002, p. 358-399.

SODERSTROM, O; Crot, L. The mobile constitution of society. Rethinking the mobility-society nexus. **Maison D´analyse des processus sociaiux**. Working Paper 3. 2010.

SOUSA, Nair de. **Construtores de Brasília: estudo de operários e sua participação política.** Petropolis: Vozes, 1983.

SOUZA, G. Sâmia de. **Vida, trabalho e saúde de mulheres da construção civil da Grande Vitória-ES.** Tese para obter o grau de Mestre em Políticas Públicas e de Desenvolvimento Local. EMESCAM, Vitória, 2011.

SOUZA, Jessé (Org.). **Os Batalhadores Brasileiros**. Nova Classe Média Ou Nova Classe Trabalhadora. Editora UFMG, 2012.

SOUZA, N. de Cristiane. **Corpo, trabalho braçal e equipamento de proteção individual: os significados sobre segurança e risco entre trabalhadores da construção civil.** Tese para obter o grau em Magister Scientiae, Viçosa, Minas Gerais, 2005.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Sete teses equivocadas sobre América Latina. **Sociedade e Cultura**, vol.17, núm. 1, enero-junio, 2014, pp. 159-169. Universidade Federal de Goiás. Goiania, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70340850015> Acesso em: 6 jun. 2018.

SEEWALD, Silvia. **A mão e a mente que fazem a obra**: proposta de programa de treinamento de trabalhadores da construção civil em segurança no trabalho. Dissertação paro obter o grão de Mestre em Engenheira. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

TOMASI, Antônio. Quando uma pedagogia alternativa de formação de adultos ocupa a escola. **Horizontes Interdisciplinares da Gestão**. Belo Horizonte, vol. 1, n. 1, art. 5, p.83-113, novembro, 2017.

VALLE, Cesar del. **Mayo rojo**. Des Informémonos: periodismo de abajo. Disponível em: <https://desinformemonos.org/son-las-primeras-lluvias-las-de-mayo-las-que-nos-indican-que-ya-es-hora/> Acesso em: 24 jan. 2016.

VARGAS, Patricia. **Bolivianos, paraguayos y argentinos en la obra.** Identidades étnico-nacionales entre los trabajadores de la construcción. Editorial Antropofagia. 2005.

VAZQUEZ, M. Laura. Revisión del modelo de sustitución de importaciones: vigencias y algunas reconsideraciones. **Economía Informa**, 404, mayo junio, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0185084917300233> Acesso em: 25 ago. 2018.

VELOSO, Iracema, SANTANA, Vilma e OLIVEIRA, Nelson. Programas de alimentação para o trabalhador e seu impacto sobre ganho de peso e sobrepeso. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 5, p. 769-776, oct. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000500011&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 11 jun. 2017.

VILELA, Nice. **Hipercentro de Belo Horizonte**. Movimentos e transformações espaciais recentes. Dissertação apresentada para obter o título de Mestre em Geografia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ZIRIÓN, P. Antonio. **La construcción del habitar.** Transformación del espacio y cultura albañil en la ciudad de México a principios del siglo XXI. Biblioteca de Alteridades, Univerrsidad Autónoma Metropolitana- Iztapalapa, 2013.

Apêndice

A - Roteiro de entrevista para os/as trabalhadores/as da indústria da construção

Dados gerais

- Nome
- Idade
- Cargo e atividade que realiza

Aspectos familiares e sociais

- Lugar de nascimento e de residência
- Experiência migratória
- Escolaridade
- Família de origem
- Estado civil e aspetos familiares

Trajetória de trabalho

- Idade que começou a trabalhar
- Trabalhos realizados antes da construção civil:

Ano ou idade	Trabalho que realizava	Lugar onde o realizava

- Inserção e experiência de trabalho na construção civil:

Ano	Lugar	Tipo de obra	Tempo que foi contratado	Tipo de contrato	Atividade que realizava

- Como foi acontecendo mudando de cargo e/ou atividade?
- Qual é o canteiro de obras que lembra mais? Por quê?
- Tempo mínimo e máximo que esteve em uma obra?
- O que pensa quando começa e acaba uma obra?
- O que pensa sobre ter que mudar de lugar de trabalho?
- De que maneira procura se manter no mercado do trabalho?
- Se você não tivesse decidido trabalhar na construção civil, em que outra coisa trabalharia?
- Considera que existe uma condição/situação social que leva as pessoas a trabalhar na construção civil?

Estadias de trabalho no canteiro de obra atual

- Tempo nesse canteiro de obras
- Aspectos da contratação, condições e dinâmicas de trabalho
- Previsão de continuidade de trabalho ao concluir essa obra

A formalização/profissionalização do trabalhador

- Opinião sobre aprender na pratica e sobre fazer curso de qualificação
- Qual é sua experiência com o aprendizado na pratica e com fazer curso?
- Participa de algum sindicato ou tem experiência sindical?

A percepção do trabalhador sobre:

- O que significa o canteiro
- Vantagens e desvantagens de trabalhar na construção civil.
- Mudanças percebidas na construção civil.
- Implicações que o trabalho na construção civil tem na sua vida.
- O aprendizado mais importante para um trabalhador da construção civil?